

Débora Bendocchi Alves

Colhedores de café

**Cartas dos imigrantes alemães publicadas
nos jornais da Turíngia**

2006

Agradecimentos

A realização destas traduções foi possível graças à colaboração de Michael e Magda Faust que, pacientemente, me ajudaram a suplantar as dificuldades advindas do idioma alemão do século XIX.

Agradeço ao Prof. Dante Martins Teixeira pelo incansável auxílio em buscar na língua portuguesa a nomenclatura científica e popular das várias espécies vegetais e animais citados ou descritos pelos imigrantes.

Agradeço também à Giulle da Mata e à Dra. Lígia Ferreira pela revisão cuidadosa deste trabalho conseguindo eliminar do meu português o que é próprio da língua germânica.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram e incentivaram a levar adiante este projeto.

Para Béatrice e Julian, Deo e Júlia.

Colônia, abril de 2006

Índice

I. Estudos Preliminares

1. Introdução	7
2. Günther Fröbel e os seus jornais.....	24
2. a. <i>Allgemeine Auswanderungs-Zeitung</i>	25
2. b. <i>Fliegende Blätter für Auswanderer</i>	34
2. c. <i>Rudolstädter Wochenblatt</i>	37
3. As Colônias de parceria no Rio de Janeiro e em São Paulo e as notícias nos jornais de Fröbel.	39
3.a. As Colônias do Rio de Janeiro	39
3. b. As Colônias de São Paulo	43
4. O papel desempenhado pelas cartas no movimento emigratório	50
II. As cartas publicadas	63
Bibliografia e Fontes	163

Estudos Preliminares

1. Introdução

Nas pesquisas que realizei no Arquivo do Estado da Turíngia, encontrei casualmente diversas cartas de emigrantes publicadas nos jornais da cidade de Rudolstadt, os mesmos de propriedade de Günther Fröbel, especializados em emigração como o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, o *Pilot*, o *Fliegende Blätter für Auswanderer* ou o *Rudolstädter Wochenblatt*. Este último, um periódico que, apesar de não tratar exclusivamente do assunto, possuía uma seção destinada à questão. Dentre estas cartas, encontrei 9 provenientes das fazendas de café fluminenses e 11 outras vindas das fazendas paulistas.¹ São cartas publicadas entre os anos de 1852 e 1860 - portanto num período que compreende o início do sistema de parceria até dois anos após a revolta na Fazenda Ibicaba - e utilizadas pelos jornais como meio de incentivo à emigração. Escritas por emigrantes aos seus parentes, as cartas despertavam a confiança dos interessados já que, no entender dos leitores, não se tratava de artigos propaganda de companhias de navegação, de sociedades de colonização, de governos ou agentes, ou mesmo de colonizadores. Em resumo, não eram escritas por pessoas ou organizações com interesses comerciais no movimento migratório, mas por camponeses ou artesãos. Vinham, portanto, numa linguagem simples e acessível, relatavam experiências pessoais, especialmente úteis para aquelas pessoas interessadas em emigrar e que certamente compartilhavam da mesma visão de mundo dos remetentes.

As missivas eram extremamente apreciadas e despertavam confiança nos leitores, fator importante quando se trata de motivar uma decisão, e seu papel como fomento à emigração já era conhecido, na época, não só por Fröbel, mas por muitos outros intelectuais que consideravam perigosa este tipo de informação. Suspeitava-se que as cartas pudessem ser manipuladas e mesmo inventadas por parte dos redatores de jornais que, em nome da

¹ As cartas provenientes das fazendas fluminenses foram publicadas apenas em português, num artigo escrito por mim para a Revista Brasileira de História, vol. 23, n° 45, 2003, p.155 -184. Há também cartas de imigrantes estabelecidos em Blumenau, São Leopoldo, Porto Alegre, Petrópolis etc, mas que, como tratam da imigração para um outro tipo de sistema de trabalho, não foram incluídas nesta seleção.

propaganda, distorceriam as informações ludibriando, assim, o público-leitor. A questão emergente é, pois, em que medida, podemos utilizar tais cartas como documento histórico e, em caso afirmativo, como abordá-las.

Devemos levar em conta que as cartas publicadas devem ser tratadas pelos pesquisadores de maneira diversa das não publicadas, pois, ao passarem da esfera privada para a pública, desempenham uma outra função, a de formar idéias, a de construir imagens de um país desconhecido. O que o futuro emigrante procurava nelas, eram informações que o ajudassem, de alguma forma, a superar as suas angústias frente à perspectiva de mudança para que assim pudesse escolher o país de seu destino. As informações contidas nessas cartas de depoimento pessoal são de cunho subjetivo, portanto eivadas de emoções. Paralelamente ao incentivo à emigração para as fazendas de café, no caso das 20 cartas aqui apresentadas, não deixam de fornecer informações preciosas e bem diversas das encontradas em outros tipos de documentação sobre o tema. Podemos afirmar, pela linguagem empregada, que foram redigidas por pessoas de baixa formação escolar e, graças a pequenos detalhes, depreende-se que as mesmas passaram pela experiência de se estabelecer numa colônia de parceria.² Como há poucos testemunhos das camadas sociais inferiores da Alemanha do século XIX, tais cartas vêm a ser 'as vozes dos atores' daquele fenômeno social e a sua maneira de ver a nova condição de vida. São fontes ricas para uma história social do movimento migratório no século XIX, mas não só. Analisadas como estratégia de propaganda para a emigração, ajudaram igualmente a criar uma imagem do Brasil e do sistema de parceria e, no caso das cartas aqui tratadas, uma imagem positiva desse sistema de trabalho e, por sua vez, do país em questão.

O sistema de parceria, empregado pelos cafeicultores paulistas e fluminenses a partir de meados do século XIX, é um tema bem estudado na historiografia, e vários trabalhos significativos foram publicados tanto no Brasil quanto na Alemanha e Suíça sobre aquela primeira tentativa de introduzir mão-de-obra livre no país.³ Suíços e alemães foram trazidos

² Veremos mais adiante que três cartas foram escritas por colonos cujos nomes constam na lista de imigrantes da Fazenda Santa Justa em Valença e uma quarta carta foi escrita por um turíngio cujo nome encontra-se na carta escrita em 12 de março de 1857 por 19 turíngios da Fazenda Ibicaba a Thomas Davatz. Anexo nº 10 in: Thomas Davatz: Memórias de um Colono no Brasil (1850); p. 279 - 280.

³Holanda, Sérgio Buarque de: *As colônias de parceria*; in: Holanda, S. B. (org.): *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo II, vol. 3. 1976; Prefácio do livro de Thomas Davatz: Memórias de um colono no Brasil ... 1858. Viotti da Costa, Emília: *Da Colônia à Senzala*. São Paulo ... 1982. Lamounier, Maria Lúcia: *Da escravidão*

pela Firma Vergueiro a partir de 1847 para trabalharem nas fazendas de café substituindo, em parte, o escravo.⁴ Não é nosso intuito neste trabalho analisar o sistema de parceria nem tampouco abordar as razões do seu fracasso, mas sim, ressaltar alguns fatos que suscitaram discussão na imprensa alemã em meados do século XIX, isto é, logo após a revolta dos colonos suíços na Fazenda Ibicaba, município de Limeira, propriedade do Senador Vergueiro, ocorrida em fins de 1856, início de 1857 e com isso, possibilitar uma maior compreensão das cartas dos emigrantes publicadas nos jornais de Rudolstadt.

A publicação em 1858, na Suíça, do livro do mestre-escola Thomas Davatz que foi colono em Ibicaba, organizador e porta-voz dos seus colegas⁵, fez com que o debate na imprensa alemã inflamasse e as conseqüências para a imagem do Brasil como país de emigração fosse totalmente abalada. O Rescrito von der Heydt⁶, promulgado pelo governo prussiano em 1859, proibiu em seu território a propaganda e toda a atividade dos agentes ligados à emigração para o Brasil, até mesmo para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde a imigração possuía características totalmente diferentes das encontradas nas províncias do centro-sul.⁷ Antes da

ao Trabalho Livre ... 1988. Dean, Warren: *Rio Claro: A Brazilian Plantation System, 1820 - 1920* ... 1976. Hall, Michael: *The origins of mass immigration in Brazil, 1871 - 1914* ... 1969. Ziegler, Béatrice: *Schweizer statt Sklaven. Schweizerische Auswanderer in den Kaffee-Plantagen von São Paulo (1852 - 1866)* ... 1985. Wagner, Reinhardt: *Deutsche als Ersatz für Sklaven. Arbeitsmigranten aus Deutschland in der brasilianischen Provinz São Paulo 1847 - 1914* ...; 1995. Sobre a opção dos cafeicultores paulistas pelo trabalhador europeu ver: Azevedo, C. M. Marinho de: *Onda negra, medo branco. O Negro no imaginário das elites - Século XIX*...

⁴ Nas fazendas onde o sistema de parceria foi adotado, o trabalho escravo não foi eliminado. Em Ibicaba por exemplo, havia ainda 215 escravos em 1847. De fato, o que havia era uma certa divisão do trabalho. O preparo do solo para o plantio dos novos pés e o processamento do café eram, normalmente, executados pelos escravos. Já o cultivo e a colheita ficavam a cargo dos colonos parceiros; Lamounier: *Da escravidão ao trabalho livre* ... p. 32. Segundo Alencastro, não houve de imediato, com a imigração do proletariado europeu, uma mudança no mercado de trabalho da região cafeeira nem no sistema agrário das províncias do centro-sul. Para ele, a imigração de europeus impediu a concorrência da força de trabalho entre as diferentes regiões do Império fazendo com que a oferta potencial de trabalho existente no interior do país não se tornasse efetiva. Sobre a relação entre imigração, mercado de trabalho 'desterritorializado' e estabilidade do sistema monárquico, ver o artigo de Luiz Felipe de Alencastro: 'L'empire du Brésil'. In: Duverger, M. (org.): *Le concept d'empire* ...

⁵ Davatz, Thomas: *Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz São Paulo und deren Erhebung*... Thomas Davatz emigrou com a sua família para o Brasil na primavera (européia) de 1855; Davatz: *Memórias de um colono no Brasil* ...; p. 48.

⁶ O Barão von der Heydt (1801 - 1874) foi Ministro do Comércio, Indústria e Trabalhos Públicos no Ministério Prussiano de Brandenburg - Manteuffel; Brockhaus Konversations Lexikon, Leipzig 1902.

⁷ Havia duas correntes distintas em relação à política imigrantista empreendida pelo Estado. Uma que defendia a imigração para substituir, nas grandes propriedades, a mão-de-obra escrava, e a outra preocupada com a formação de um povo 'branco e civilizado' que viesse cultivar, em pequenas-propriedades, o solo do país e povoar o vasto território; Viotti da Costa: *Colônias de parceria na lavoura de café: primeiras experiências*; in: Viotti da Costa: *Da Monarquia à República* ... p. 162-193; Alencastro e Renaux: *Caras e modos dos migrantes e imigrantes* ...; p. 292 - 294.

revolta em Ibicaba, alguns intelectuais alemães receavam que os imigrantes-parceiros acabassem se tornando escravos dos cafeicultores devido as suas dívidas, criticavam o sistema de trabalho, o conteúdo do contrato etc. Entretanto, após o levante, muitos passaram a condenar totalmente a emigração para o Brasil, apontando vários aspectos que dificultavam o desenvolvimento do emigrante europeu em terras brasileiras tais como a atitude do governo e das demais autoridades do país para com os imigrantes, a política imigratória em geral, as leis existentes e a sua má aplicação, e, por fim, o 'caráter' dos brasileiros, que seriam favoráveis à escravidão.⁸ Para muitos alemães, o Brasil nunca despertou um sentimento de confiança em relação a sua política imigratória e alguns episódios envolvendo imigrantes alemães como as promessas de Schäffer (1821), o caso dos alemães transportados pela Casa Delrue de Dunkerque (1845), a má sorte dos colonos em Mucuri e Macaé (1846/47), o destino dos soldados alemães do Batalhão de Estrangeiros de 1851 (os 'Brummer'), as epidemias de febre amarela (1852) e de cólera (1855/56), o não reconhecimento por parte das autoridades brasileiras dos casamentos protestantes e mistos, a tão discutida Lei de Terras (1850) e o trabalho escravo ainda existente, eram provas concretas de que o país não tinha condições de receber os alemães.⁹

No Brasil, a revolta dos colonos suíços mobilizou tropas imperiais e diversas investigações foram feitas por parte das autoridades brasileiras e dos enviados diplomáticos suíços.¹⁰ Os pareceres dos representantes do governo suíço, Dr. Heusser e J. J. von Tschudi, foram publicados e divulgados na imprensa suíça e alemã¹¹ e, como já mencionei, vários outros artigos contra a emigração alemã para o Brasil apareceram nos jornais da época. A Firma Vergueiro tentou defender-se das acusações, para assim salvar sua imagem e, principalmente,

⁸ Ver, por exemplo, o artigo '*Brasilianische Menschenjagd in Deutschland*', *Illustrierte Zeitung*, Leipzig, 17. April 1858, Nr. 772; Sobre esse jornal e artigo, Bendocchi Alves: *Das Brasilienbild ...* p. 93 - 114.

⁹ Sudhaus, Fritz: *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien. ...*; p. 55-59, 64, 67, 75, 88, 91, 92. A Lei de Terras foi promulgada a fim de restringir o acesso dos imigrantes às terras públicas impedindo-os assim de se tornarem pequenos-proprietários e obrigando-os a se empregarem nas fazenda. Viotti da Costa: '*Política de terras no Brasil e nos Estados Unidos*'; in: Viotti da Costa: *Da Monarquia à República ...* p. 139 - 161.

¹⁰ Ch. Heusser e J. J. von Tschudi, este último, ministro plenipotenciário no Brasil nomeado pela Confederação Helvética. Por parte do Brasil, fora enviado a visitar as colônias, o Desembargador Manoel de Jesus Valdetaro. Ver: Ziegler, op. cit. cap. IV.

¹¹ *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, Nr. 46, 13. November 1857, '*Der Bericht des Herrn Dr. Heusser*' (segue nos números 47, 48, 49, 50, 51). '*Die Mission des Dr. J. Freiherrn von Tschudi*', Nr. 11, 16. März 1860,



1. Rudolstadt. Praça do Mercado, 1870

seus negócios, utilizando os próprios jornais alemães para inserir artigos que 'esclarecessem' o conteúdo dos contratos de parceria e a atitude da firma perante as queixas dos colonos.¹² Esforços por parte do governo brasileiro para melhorar a imagem do país também foram feitos como, por exemplo, a publicação em 1863 do livro de Joseph Hörmeyer, explicando a política imigratória brasileira tanto para as colônias no sul do país (pequena-propriedade) quanto para as fazendas de café (sistema de parceria).¹³ Mas os efeitos foram mínimos diante do grave dano causado à imagem do Brasil. Aos poucos, os cafeicultores foram abandonando aquele tipo de sistema de trabalho e substituindo-o pela locação de serviço e mesmo pelo trabalho assalariado.¹⁴ Por volta de 1862, dava-se por encerrada a experiência do sistema de parceria nas fazendas fluminenses e paulistas.¹⁵ Como consequência, a opinião alemã sobre o Brasil se dividia entre aqueles que consideravam o país inviável para seus emigrantes e aqueles, mais moderados, que achavam que o país ainda oferecia melhores oportunidades aos alemães mais pobres. **Mas, mesmo para estes últimos, o Brasil passou a ser dividido em dois: o sul, propício para os emigrantes alemães e o norte, isto é, de São Paulo para cima, inadequado aos europeus.**

Com a emigração em massa ocorrida nos Estados Alemães durante o século XIX, sobretudo a partir dos anos 40, surgiu uma série de jornais especializados na questão emigratória.¹⁶ Tratavam do assunto e davam informações precisas sobre os países de destino, data de partida dos navios, preço das passagens, leis de emigração e, em relação ao Brasil, sobre as colônias do sul e sobre o sistema de parceria. Eram jornais destinados a um público específico, com grande interesse em emigrar ou mesmo que já havia tomado a decisão e estava em busca de maiores instruções. Os dois mais importantes jornais especializados e de maior duração na Alemanha foram o *Deutsche Auswanderer-Zeitung* de Bremen, publicado entre 1852 e 1875,

¹² O *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* publicou nos dias 25 de abril, 2 de maio e 16 de maio de 1862 um artigo escrito por José Vergueiro, filho do Senador, com o título '*Die Schweizer-Kolonisten in Brasilien und das Haus Vergueiro*'. Lamounier, op. cit, p. 56, ressalta que a Casa Vergueiro e Theodoro & Cia. importaram 519 colonos europeus, em 1859.

¹³ Hörmeyer, Joseph: *Was Georg seinen deutschen Landsleuten über Brasilien zu erzählen weiß*. Leipzig, 1863.

¹⁴ Lamounier: op. cit. cap. II.

¹⁵ Viotti da Costa: *Da Senzala à Colônia ...*; p. 107. Lamounier nos fornece outras datas para São Paulo: em 1860 havia 29 colônias baseadas no sistema de parceria. Já em 1870 vegetavam apenas 13. op. cit, p. 55.

¹⁶ *Der Auswanderer*, Schneeberg, 1848-1851; *Hansa: Centralorgan für deutsche Auswanderung, Colonisation und überseeischen Verkehr*. Hamburg, 1852-1857; *Der Deutsche Auswanderer: Centralblatt der Deutschen Auswanderung und Colonisirung*. Darmstadt, ab 1848; *Der sächsische Auswandere*, ab 1850. *Deutsche Auswanderer-Zeitung*. Bremen, 1852-1875.

e o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* de Rudolstadt, fundado por Günther Fröbel e publicado entre 1846/47 e em 1871.

O jornal de Bremen, o *Deutsche Auswanderer-Zeitung*, estava a serviço do seu importante porto, pois o comércio transatlântico, durante todo o século XIX, dependia do transporte de emigrantes, sobretudo para os Estados Unidos. Este não foi o caso do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* impresso na pequena cidade de Rudolstadt, na Turíngia, distante de qualquer porto e fora das rotas de passagem dos emigrantes.

A cidade de Rudolstadt fazia parte, na época, de uma região pobre que havia sofrido muito com as mudanças econômicas e sociais ocorridas no século XIX na Alemanha. A pobreza e, principalmente, a falta de perspectiva para os camponeses e artesãos da região, fez com que muitos deles escolhessem a emigração como uma saída para a sua situação. Entre 1834 e 1870, emigraram 5.391 pessoas da região do Principado de Schwarzburg-Rudolstadt para o Novo Mundo sendo apenas de 12 a 15% para o Brasil. O auge do movimento emigratório da região foi entre 1851 e 1855 e, segundo as estatísticas, cerca de 850 - 900 pessoas se dirigiram ao Brasil entre 1852 e 1865.¹⁷ Os tecelões da região viviam em condições deploráveis pois a concorrência, não só com a produção industrial mas também com a importação de tecidos, era grande. Como não tinham condições ou capacidade para mudar os métodos de produção, as horas diárias de trabalho foram aumentadas, o trabalho familiar intensificado ou os salários reduzidos, fazendo com que a insatisfação e a tensão social se tornassem cada vez maiores.¹⁸ A emigração atingiu nesta região, predominantemente, as famílias mais pobres, com um número grande de filhos e sem recursos. Não tendo condições de arcar com as despesas necessárias

¹⁷ Sobre a emigração da região de Schwarzburg-Rudolstadt, ver: Ruhe, Rudolf. *Die Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert und ihre Beweggründe*. I. *Die Auswanderungsbewegung 1834-1870*. Rudolstädter Heimatsheft, Heft 11, 6 Jahrgang, nov. 1960, p. 269-277; II. *Die Beweggründe*. Heft 12, 6 Jahrgang, dez. 1960, p. 301-316.

¹⁸ Unbehaun, L. , Feldrapp, R.: *Rudolstadt ...* p.17.



2. Rudolstadt. Vista da rua Töpfer com o Castelo Heidecksburg
ao fundo, 1860.

para a emigração, muitos escolheram o Brasil, pois os gastos com a viagem eram subvencionados pelo governo brasileiro ou no caso da Firma Vergueiro e da Associação Central de Colonização, adiantados, e os primeiros anos no país, garantidos. A possibilidade de ter os gastos com a viagem e os primeiros anos no Brasil assegurados através de empréstimo junto a fazendeiros ou à Associação provocou uma corrida daqueles desprovidos de capital à agência de Günther Fröbel, sobretudo dos provenientes da região da Floresta da Turíngia. Como as comunidades responsáveis pelos seus pobres e miseráveis tentassem resolver o problema sócio-econômico pagando a emigração desta gente, Fröbel logo se viu rodeado de representantes e funcionários locais.¹⁹ Alguns dados estatísticos podem fornecer uma boa idéia do significado da emigração para a região de Schwarzburg-Rudolstadt. Basta observarmos a variedade de vilarejos mencionados nas cartas dos emigrantes aqui apresentadas, para que possamos ver a perda populacional sofrida por eles. No período entre 1834 e 1870, a cidade de Rudolstadt, com uma população de 5.982, perdeu 3,1 % de seus habitantes com a emigração transatlântica. Blankenburg, no mesmo período, com 1401 habitantes, perdeu 8,9%; Bechstedt (na jurisdição de Königsee), com uma população de apenas 184 pessoas, perdeu 6,6%; Döschnitz perdeu 6,8% dos 350 habitantes; Melenbach 5,7% dos 872 moradores, Sitzendorf 8,4% dentre os 391 habitantes. A pequena aldeia de Fröbitz (não consta nas nossas cartas), na jurisdição de Blankenburg, teve sua população, de apenas 109 almas, reduzida em 23,8%!²⁰

O fato do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* ter sido publicado durante 26 anos em Rudolstadt não pode ser explicado somente pelos problemas sócio-econômicos enfrentados pela região pois havia outras zonas com problemas semelhantes ou ainda piores que não tinham uma 'imprensa' tão significativa. A fundação e a importância deste jornal se devem à pessoa de Günther Fröbel, um homem com idéias e objetivos precisos a respeito da situação sócio-econômica em que viviam os camponeses e artesãos dos Estados alemães.

¹⁹ Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert*. Rudolstädter Heimatheft, 4. Jg. 1958. p. 244 - 251.

²⁰ Ruhe, R.: *Die Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert und ihre Beweggründe*. Rudolstädter Heimathefte, Heft 11, 6. Jg, November 1960; p. 272.

Günther Fröbel (1811-1878) herdou de seu pai, em 1835, a gráfica que desde 1769 publicava o *Rudolstädter Wochenblatt*, um dos jornais mais importante do Principado de Schwarzburg-Rudolstadt. Em 1845, abriu nesta cidade uma agência de emigração na cidade que organizava viagens para a América do Norte e do Sul bem como para a Austrália. Pouco depois, em 1846, fundou o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* que, de início, era publicado uma vez por semana, depois duas vezes e, a partir de 1851, três vezes. Em 1852, sua gráfica passou a publicar folhetos gratuitos para serem distribuídos junto com o *Rudolstädter Wochenblatt*, os *Fliegende Blätter für Auswanderer*. Estes folhetos tiveram vida curta, pois além de serem gratuitos, começaram a circular sem autorização oficial trazendo logo dificuldades para seu responsável. Fröbel estava tão envolvido com a questão da emigração que, em 1855 lançou ainda *Der Pilot*, suplemento semanal do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, publicado até o ano de 1864 e destinado a entreter seus leitores por meio de poesias, cartas de emigrantes, pequenas notícias e anúncios.²¹

As atividades de Günther Fröbel despertaram desconfiança em seus contemporâneos pelo fato de ele ter sido proprietário de uma agência de emigração na cidade de Rudolstadt, a qual organizou entre 1846 e 1874 a viagem de 1264 emigrantes para vários países.²² Dizia-se, na época, que seus jornais estavam a serviço da sua agência e que ele defendia a emigração alemã para o Brasil, inclusive para as fazendas de café, visando atender a interesses particulares. Acusavam-no também de ser pago pelo governo e por particulares, brasileiros, para inserir artigos positivos sobre o Brasil e, sobretudo, sobre o sistema de parceria, além de se utilizar frequentemente das cartas dos emigrantes que, segundo os críticos da época, teriam sido por ele manipuladas ou 'censuradas', já que só as que falavam bem do Brasil eram publicadas.²³ Para os seus contemporâneos, não era possível entender porque Fröbel, opondo-se à maioria, continuava a defender através dos seus periódicos a emigração para o Brasil.

Tive a oportunidade de consultar praticamente todos os exemplares do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* e eles me deram a impressão de estar diante de um jornal

²¹ Sobre Günther Fröbel e os seus jornais ver: Ruhe: op. cit; Bendocchi Alves: *Das Brasilienbild der deutschen Auswanderungswerbung im 19. Jahrhundert ...* p.173 - 192.

²² Ruhe: *Zur Geschichte der übersseseichen Auswanderung ...*; p. 251.

²³ Ver: Kerst, G.: *Ueber Brasilianische Zustände der Gegenwart, mit Bezug auf die deutsche Auswanderung nach Brasilien ...* p. 25; H. Schentke: *Mahnruf gegen die Auswanderung nach Brasilien ...*; p. 8.

especializado de muito bom nível para a época, com informações diversificadas e precisas, com artigos críticos e bem escritos.²⁴ De qualquer forma, tal desconfiança não desmerece o trabalho do redator e o sucesso alcançado por este jornal e os longos anos de publicação são, para mim, provas disto. O fato de Fröbel ter tido sempre bons colaboradores também veio contribuir muito para o nível deste periódico. O seu primeiro redator foi George Moerner von Ross, canadense que viveu durante longo tempo nos EUA antes de morar, entre 1845 e 1852, na Alemanha e que até 1856, ano de sua morte, redigiu o jornal do longínquo Texas. Seu sucessor foi o redator Dr. J. G. Büttner que também residiu nos EUA de 1834 a 1841, mas que desde 1848 em Rudolstadt, já fazia parte da redação do jornal.²⁵ Hermann Blumenau, Friedrich Gerstäcker, Fritz Müller e outros eram os responsáveis pelas informações sobre as colônias no sul do Brasil. Podemos notar que os responsáveis pelos artigos eram homens sérios, que conheciam a realidade dos países sobre os quais escreviam e, com exceção de Hermann Blumenau, não estavam envolvidos comercialmente com o movimento emigratório. Quando era necessário, estes homens mostravam o lado negativo de alguma 'sociedade de colonização', mas nunca se posicionavam contra o país em questão. Esta posição por parte do jornal logicamente despertou animosidade de empreendedores particulares e Fröbel e seus jornais foram alvo de muitos ataques.²⁶

Acredito que o fato de Fröbel ter sempre defendido a emigração para o Brasil, deve-se mais às suas convicções ideológicas, liberais, do que aos seus interesses econômicos. Só a título de exemplo, durante a Revolução Liberal de 1848/49, sua tipografia passou a publicar o *Deutsche Bürgerzeitung* ('Jornal Alemão do Cidadão') e, um pouco mais tarde, as *Konstitutionellen Blätter* ('Folhas Constitucionais').²⁷ Ele fora provavelmente influenciado por intelectuais da época como Friedrich List, W. Roscher²⁸ entre outros que, dentro de uma perspectiva

²⁴ Somente o Museu Britânico em Londres possui todos os exemplares do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*.

²⁵ Schäfer, Peter: *Das Amerikabild in Günther Fröbel "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung", 1846-1871*; in: Mesenhöller (org.): *Mundus Novus ...*; p. 103-112.

²⁶ Ruhe: *Die "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung" - ein Presseerzeugnis des 19. Jahrhunderts aus Rudolstadt*. Rudolstädter Heimathefte, Heft 3/4, 22. Jahrgang, März/April 1976; p. 65 - 69.

²⁷ Ruhe: op. cit, p. 67.

²⁸ List, Fr.: *Die Ackerfassung, die Zwergwirtschaft und die Auswanderung*. 1842; Roscher, W.: *Kolonien, Kolonialpolitik und Auswanderung*. Leipzig, 1856. A influência das teorias de Roscher pode ser notada no artigo "Der deutsche Auswanderer gegenüber den brasilianischen Kolonisationsplänen" publicado em 1857, nos números 40, 42, 43 e 44 onde o autor e sua obra são citados.



3. Rua de Rudolstadt, 1860

cada vez mais nacional, defendiam a necessidade da Alemanha possuir 'territórios ultramarinos' ou colônias econômicas e culturais²⁹ que permanecessem ligadas à 'metrópole' pela língua e pelos usos e costumes, e que viessem a desenvolver trocas comerciais, exportando para a Alemanha produtos que lhe faltavam no mercado e importando desta, produtos industrializados. List defendia a divisão do trabalho entre os países do Norte e os do Sul como algo natural e que os países tropicais - os do sul - , sem prejuízo para si, seriam praticamente obrigados a cooperar com esta divisão. Através da aquisição de colônias ou de entrepostos comerciais haveria uma troca entre a metrópole e os territórios ultramarinos levando a um aumento da navegação e do poder naval, à intensificação da indústria e ao aumento populacional. Friedrich List fez a relação entre política comercial, expansão e prosperidade nacional. Dentro desta perspectiva, ele considerava como necessidade central para as 'nações européias desenvolvidas' e para a América do Norte 'civilizar e colonizar' os países da América do Sul, da África, Ásia e Austrália. Os emigrantes alemães deveriam ir para a América do Sul, onde conservariam a sua nacionalidade e, ao mesmo tempo, contribuiriam para o desenvolvimento daqueles países. Através de uma corrente emigratória significativa, formar-se-iam, naturalmente, colônias nacionais que manteriam ligação com a Alemanha. Para Hans Fenske, List pode ser considerado o primeiro grande propagandista de idéias imperialistas na Alemanha e isto já em meados do século XIX.³⁰ É bom lembrar que na época, havia na opinião pública uma tendência imperialista forte, mas não uma política imperialista, já que ainda não existia o Estado nacional alemão.

Durante 20 anos, Fröbel manteve uma intensa correspondência com Hermann Blumenau, um homem que quis por em prática as idéias vigentes na época e realizar uma 'colonização nacional (alemã)' no sul do Brasil.³¹ Blumenau teve alguns de seus mais importantes livros impressos na gráfica de Fröbel e seus jornais forneciam, com regularidade, notícias da colônia

²⁹ Sobre esta questão ver: Sudhaus, Fr.: *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien* ...; p. 46-54. Fenske, H.: *Imperialistische Tendenzen in Deutschland vor 1866. Auswanderung, überseeische Bestrebung, Weltmachtträume*. Historisches Jahrbuch, 1978; p. 336 - 383.

³⁰ Fenske: op. cit., p. 354 - 355.

³¹ Sudhaus, Fritz: op. cit., p. 46 - 50.

Blumenau, em Santa Catarina.³² Acreditava ele ainda, assim como Tschudi, Henry Lange entre outros, que a emigração era a única solução para diminuir o pauperismo que assolava os Estados Alemães e funcionaria como válvula de escape para impedir uma convulsão social. Além disso, Fröbel via o sistema de parceria como aquele que poderia garantir ao proletariado a sua existência livrando-o da preocupação diária com a sua sobrevivência e a de sua família.³³ Segundo ele, somente este fato já deveria pesar na balança e, para poder ter esta segurança, poder-se-ia aceitar uma certa dependência em relação ao proprietário da fazenda durante os primeiros anos. É certo que os seus jornais continham anúncios da sua agência de emigração. No entanto, uma leitura cuidadosa nos mostra que os periódicos prestaram grande ajuda aos emigrantes fornecendo informações atualizadas que possibilitavam a um camponês, de uma localidade qualquer, organizar toda a sua viagem, da sua aldeia até o porto mais próximo e de lá, com um contrato em mãos, até o destino final. É difícil acreditar que o intuito principal de Fröbel fosse induzir os emigrantes a comprarem passagens na sua agência. Sua preocupação com a sorte dos emigrantes era real e ele tinha o costume de acompanhar um grupo numeroso deles, uma vez por mês, até o porto e mesmo até o navio. Nestes casos, a viagem do grupo iniciava-se em Weimar que, desde 1846, estava ligada à rede ferroviária.³⁴ Fröbel partilhava provavelmente da idéia defendida por muitos, de que a organização da emigração deveria ajudar a diminuir as tensões sociais internas e assim contribuir para garantir a sociedade burguesa.³⁵

Günther Fröbel, através de suas publicações nunca deixou de apoiar a emigração de alemães para as fazendas de café, mesmo após a revolta de Ibicaba, quando a imprensa alemã e suíça passaram a fazer uma crítica acirrada ao sistema de parceria. Várias vezes levantaram-se em defesa dos 'escravos brancos', dos escravizados por dívida, já que o sistema e a má conduta dos proprietários das fazendas não permitiam que os parceiros conseguissem quitar suas dívidas. Fröbel publicou trechos dos relatórios dos enviados suíços Dr. Heusser e J. J. von Tschudi

³² Fröbel era agente de Hermann Blumenau na região de Schwarzburg-Rudolstadt. Ver: Bendocchi Alves, op. cit., p. 182.

³³ Ver *Fliegende Blätter*, n° 9, 1852.

³⁴ Ruhe: Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung ...; p. 250.

³⁵ Fenske: op. cit. p. 378.

assim como uma resenha crítica sobre o livro de Thomas Davatz.³⁶ Ele via falhas no sistema e fez vários comentários a respeito, mas apontava também falhas do lado dos colonos que, como escreveu, muitas vezes nem camponeses eram, incapazes portanto para o trabalho agrícola.³⁷ Mesmo antes da revolta, já em 1853, lembrava aos opositores do sistema de parceria, num artigo publicado no *Rudolstädter Wochenblatt* e assinado por ele, que a maioria dos emigrantes eram pessoas que já haviam decaído tanto na escala social - mendigos e pedintes - que não tinham condições de pagar a sua passagem nem até o porto mais próximo, dependendo totalmente da ajuda das suas comunidades. Fröbel então perguntava aos "filantropos" da emigração, como é que essas pessoas poderiam ser proprietários de terra, ou mesmo desenvolver atividades comerciais no Brasil, se não tinham nem condições de suprir as suas necessidades alimentares básicas. De outro lado, no seu modo de ver, achava que um fazendeiro que havia investido parte de seu capital para buscar e sustentar estes trabalhadores durante alguns anos tinha o direito de exigir que estes cumprissem a sua parte do contrato. Uma vez quitada as suas dívidas, os mesmos seriam homens livres e poderiam ir para onde quisessem.³⁸ Em relação à crítica que alguns faziam sobre as obrigações hereditárias da dívida estipuladas em contrato, lembrava que a existência ainda na Alemanha do sistema medieval de transferência hereditária e de prestação de serviço no campo e na esfera doméstica não incomodava os 'filantropos', e que esta relação não podia ser comparada àquela que se dava entre os colonos e fazendeiros pois, no Brasil, o colono entrava como parceiro na colheita

³⁶ "Der Bericht des Herrn Dr. Heusser", Allgemeine Auswanderungs-Zeitung (AAZ), N° 46, 47, 48, 49, 50, 51 de 1857; "Die Mission des Dr. J. Freiherrn von Tschudi", AAZ, 16 de março de 1860; "Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz S. Paulo in Brasilien und deren Erhebung gegen ihre Bedrücker. Darstellt von dem ehemaligen Kolonisten Thomas Davatz. Chur, 1858", AAZ, N° 28, 9 de junho de 1858. Segundo Davatz, Dr. Heusser chegou à fazenda Ibicaba acompanhado do funcionário consular Diethelm no dia 13 de fevereiro de 1857; Memórias de um colono no Brasil ... ; p. 215.

³⁷ "Die Zustände der Regierungs- und Privatkolonien in Brasilien am Ende des Jahres 1859". AAZ, N° 35, 31 de agosto, N° 36, 7 de setembro e N° 37, 14 de setembro de 1860.

³⁸ Aqui fica claro que, enquanto o colono não quitasse as suas dívidas com o fazendeiro, estava sujeitos a um regime próximo ao da servidão.

gozava de total liberdade.³⁹ Também, continuava ele, não se ouvia crítica quando um alemão era obrigado a aprender dinamarquês, mas sim quando devia aprender português.⁴⁰

O jornal *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* era distribuído não só nas principais cidades alemãs como também em Londres, Paris, Zurique, Moscou, Viena, Nova York etc ⁴¹, o que mostra a importância e a credibilidade que gozava à época. De qualquer maneira, este jornal assim como o *Der Pilot*, o *Fliegende Blätter...* e mesmo o *Rudolstädter Wochenblatt*, são fontes riquíssimas para a história do movimento emigratório alemão em geral e para o Brasil especificamente. Como entre os anos de 1858 e 1863 foram publicados no *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* uma série de artigos e resenhas de livros referentes ao sistema de parceria, selecionei alguns para analisar neste trabalho possibilitando, junto com as cartas, uma melhor compreensão das idéias defendidas por Fröbel e seus colaboradores. Não entrarei no debate travado durante as décadas de 1850, 60 e 70 entre os alemães através da imprensa, pois os livros de Südhaus (1940) e de Jorge Luis da Cunha (1995) analisam detalhadamente o assunto. Por outro lado, não tenho a intenção de defender Günther Fröbel e seus jornais ou de demonstrar se tinha razão ou não. Seus jornais desempenharam um papel importantíssimo para os emigrantes no século XIX e hoje são fontes fundamentais para a história do movimento fornecendo informações inexistentes em outros documentos. As cartas dos emigrantes sobre as colônias de parceria, publicadas nos seus quatro jornais com a função de despertar o interesse do 'proletariado' sem capital, mas disposto a emigrar, vêm enriquecer ainda mais esta história.

³⁹ Sabemos que não era bem assim, mas a 'falta total de liberdade não se dava a perceber através da simples leitura dos contratos de parceria. Sobre os contratos provisórios assinados pelos turíngios ainda na sua terra, Davatz menciona que continham cláusulas bem mais vantajosas do que aqueles que "os mesmos colonos se viram persuadidos a aceitar, em Hamburgo, por ocasião do embarque e que deveriam cumprir no Brasil". Davatz dá a entender que a trapaça não era feita por Fröbel mas sim, pelos representantes da Firma Vergueiro; *Memórias de um colono no Brasil ...*; p. 85 - 86.

⁴⁰ *Beilage zum 21. Stücke des Rudolstädter Wochenblattes*, 21. Mai 1853.

⁴¹ Ruhe analisa bem a importância deste jornal em *Die 'Allgemeine Auswanderungs-Zeitung' - ein Presseerzeugnis des 19. Jahrhundert aus Rudolstadt*. Rudolstädter Heimathefte, 22. Jg., 1964; p. 65-69.



4. Rua em Rudolstadt. Ao fundo, a Porta da Cidade.1850

2. Günther Fröbel e os seus jornais

Pouco se sabe sobre a vida de Günther Fröbel. Ele era sobrinho do grande pedagogo Friedrich Fröbel⁴², pertencia à família do revolucionário Julius Fröbel⁴³ e era filho do Professor Dr. Carl Poppo Fröbel que, em 1816, adquiriu a tipografia Löwesche em Rudolstadt. Günther Fröbel nasceu em Rudolstadt no dia 5 de outubro de 1811 e herdou de seu pai em 1834 a tipografia.⁴⁴ Era um homem de negócios inteligente e com sensibilidade para perceber os problemas sociais da sua época, em especial, a emigração, um fenômeno que, em meados do século XIX, atingiu grandes proporções nos Estados Alemães. Não sabemos ao certo quando Fröbel passou a se interessar pela sorte dos emigrantes e a exercer sua função de informante e de intermediador de passagens e contratos para estes. Podemos apenas dizer que, a partir de 1833, encontram-se anúncios no *Rudolstädter Wochenblatt* sobre livros especializados em emigração e que, em 1845, esta mesma folha passou a imprimir regularmente informes para emigrantes e anúncios de agências de emigração estabelecidas na região. Provavelmente neste mesmo ano, ele abriu sua agência em Rudolstadt, já que em março podemos ler um anúncio para emigrantes da companhia de navegação de Hamburgo, R. M. Sloman, informando que a agência de Günther Fröbel era a sua representante para a cidade de Rudolstadt e arredores.⁴⁵

Em pouco tempo Fröbel passou a ter bons contatos nos portos de Hamburgo e Bremen assim como nos de Amsterdam, Le Havre e Liverpool, neste último através da companhia de

⁴² Friedrich Wilhelm Fröbel (1782-1852) é considerado o fundador dos jardins de infância (Kindergarten). Percebeu a importância do brincar para as crianças na fase pré-escolar. Desenvolveu alguns brinquedos geométricos como esfera, cilindro, cubos etc, para que, brincando, a criança percebesse o seu universo e desenvolvesse a sua criatividade. Fundou em Blankenburg, Turíngia, o primeiro jardim de infância e, desde 1840, tinha a intenção de criar um sistema alemão de 'Kindergarten', nome dado por ele e adotado, mais tarde, no mundo todo. Ele também desenvolveu os fundamentos para a formação dos professores de jardim de infância. Brockhaus Konversations-Lexikon. Leipzig, 1902.

⁴³ Julius Fröbel (1805-1893), liberal democrata, foi membro da Assembléia Nacional de Frankfurt em 1848. Foi condenado a morte junto com Robert Blum por ter participado em Viena da 'Revolta de Outubro' sendo mais tarde perdoado. De 1849 a 1857 viveu nos Estados Unidos de onde escreveu vários artigos para o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. Allgemeine deutsche Bibliographie. Berlin, 1968.

⁴⁴ Sobre Günther Fröbel ver: Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert. Die Auswanderungsagenturen*. Rudolstädter Heimathefte, 10, 4. Jahrgang, Okt. 1958; p. 244-251.

⁴⁵ Op. cit; p. 246. Segundo Ruhe, entre 1835 e 1900, havia 27 agências de emigração ou intermediários no Principado de Schwarzburg-Rudolstadt. Ruhe, op. cit, primeira parte, Rudolstädter Heimatheft, 9, 4. Jahrgang, 1958, p. 214 - 219.

emigração "Union".⁴⁶ Deste modo, Fröbel acabou por montar uma boa rede de informações tão necessária para este tipo de empreendimento. Sua agência intermediava passagens e contratos praticamente para todos os países transatlânticos receptores de emigrantes, mas principalmente para os Estados Unidos, país que recebeu o maior número de alemães durante o século XIX. O editor e também redator percebeu que o movimento migratório, que aumentava anualmente, carecia de uma publicação que tratasse de todas as questões relacionadas à emigração e que fornecesse informações recentes e novas aos interessados. Havia livros que tratavam dos diversos países receptores, mas que, passado alguns anos, não serviam mais como guias confiáveis pois suas informações já se encontravam superadas. Além disso, os emigrantes alemães não eram representados nem protegidos pelos Estados Alemães, pouco preocupados com a sorte daqueles que abandonavam sua terra. Na verdade, muitas comunidades se sentiam aliviadas em se ver livres de seus conterrâneos miseráveis. Não havia ainda àquela época leis ou acordos entre os países que apoiassem ou protegessem os emigrantes, ficando estes expostos à arbitrariedade, exploração e tramóias quando, devido à falta de conhecimento do país de destino, de suas leis e de seus costumes, caíam nas mãos de trapaceiros.⁴⁷ Daí a necessidade de um jornal que se pusesse a serviço desse grupo social específico.

2. a. *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*

No dia 1º de julho de 1846 o Conselho da cidade de Rudolstadt ('Geheime Rats-Collegium') concedeu permissão a Günther Fröbel para fundar seu jornal. Assim, o primeiro número do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*⁴⁸ veio a público no dia 29 de setembro daquele mesmo ano. Neste, o editor expôs com clareza os objetivos do periódico. Ele dizia que havia uma grande quantidade de guias de viagem e de emigração, uns bons outros muito ruins sendo que, mesmo os bons, envelheciam rapidamente e os emigrantes necessitavam de dados informativos recentes e imparciais. Para ele, era surpreendente que até então não houvesse surgido um órgão que se dedicasse a esta tão importante causa e que fornecesse informações confiáveis aos emigrantes. Fröbel ressaltava que, com seu jornal, não desejava de forma

⁴⁶ Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung...*, Rudolstädter Heimatheft, 10. 4 Jg. Okt. 1958; p. 249.

⁴⁷ Ruhe: op. cit., p. 249.

⁴⁸ Tradução livre: 'Jornal Geral de Emigração'.

alguma incentivar ou estimular a emigração, mas, sim, contribuir para que a Alemanha deixasse de ser uma 'madrasta' para aqueles que buscavam e encontravam uma nova pátria no além-mar, já que nada era feito para ajudar e proteger estes 'filhos'. Desejava que o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* fosse um órgão que fizesse a ligação entre o Velho e o Novo Mundo, entre os 'filhos da pátria' que viviam no estrangeiro e os que ficaram, amigos e parentes.⁴⁹

O *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* desempenhou de uma maneira eficiente e séria a missão a que se propôs. O jornal abordava temas como: a) teoria e prática da emigração; b) exposição e descrição de regiões e áreas de povoamento mais favoráveis ou vantajosas; c) publicações de cartas de emigrantes; d) transporte e travessia marítima disponíveis e preços de passagem; e) notícias políticas das regiões de emigração quando as mesmas eram relevantes para os emigrantes; f) leis e decretos relativos à emigração na Europa e ultramar; g) estatísticas; h) anúncios e comentários sobre a literatura destinada aos emigrantes; i) anúncios de particulares.

Os temas eram tratados de maneira crítica e, entre os inúmeros artigos sobre a situação política e econômica de vários países do mundo, encontramos relatos detalhados sobre a fundação, desenvolvimento e mesmo sobre a decadência ou desaparecimento de colônias ou povoamentos. Informações sobre o clima das diferentes regiões, as moedas nacionais, conselhos ou advertências sobre um determinado país, colônia, porto ou agente também eram abordados pelos redatores que tentavam manter seus leitores, da melhor maneira possível, a par de todas as questões que envolviam o movimento emigratório. No início de cada ano, constava ainda uma lista com o nome dos navios e de seus capitães, nome do expedidor, data de partida, o número de emigrantes transportados em cada um (discriminados por sexo e por idade, isto é, entre adultos e crianças acima e abaixo de 10 anos) e o porto de destino. Na maioria das vezes, a lista era sobre o trânsito do porto de Hamburgo, mas havia outras, menos pormenorizadas, que tratavam dos transportes de emigrantes alemães realizados por outros portos como Liverpool ou Havre.⁵⁰

⁴⁹ Ruhe, op. cit., 2º parte, p. 246-247.

⁵⁰ Por exemplo, nº 6, de 5 de fevereiro de 1858, que fazia o balanço do transporte de emigrantes feito pelos portos de Hull, Liverpool e Hamburgo. Os portos ingleses eram extremamente importantes pois eram usados por muitos alemães que viajavam para os Estados Unidos. Era a chamada de viagem indireta. O nº 3, de 20 de Janeiro de 1860, dava a listagem da emigração realizada através do porto de Hamburgo durante o ano de 1859.

De 1851 até os anos de 1865, apareceram em praticamente todos os números deste jornal alguma notícia, artigo ou série de artigos, ou ainda carta de emigrantes, referentes à emigração para o Brasil e à colonização no sul. O Brasil foi muito abordado pelo jornal, pois depois dos Estados Unidos, era o segundo país de destino dos alemães.⁵¹ Esta época coincide exatamente com os anos de maior emigração para o ultramar da região do Principado de Schwarzburg-Rudolstadt. As notícias e artigos publicados são, na sua maioria, sobre as colônias alemãs baseadas na pequena propriedade como Santa Isabel em Santa Catarina, Santa Maria e Santa Isabel no Espírito Santo, Filadélfia em Minas Gerais, São Leopoldo e Santa Cruz no Rio Grande do Sul e, sobretudo, Blumenau e Dona Francisca em Santa Catarina, as duas últimas fundadas por volta de 1850 e administradas por alemães. No caso da Colônia Blumenau, os artigos e as notícias foram escritos pelo próprio Hermann Blumenau e sobre Dona Francisca, pela diretoria da Companhia Hamburguesa de Colonização.⁵² É interessante notar que, apesar de estes artigos terem sido escritos para atrair emigrantes para ambas as colônias, já que faziam parte de empreendimentos particulares, neles não se 'vendia' uma imagem muito atraente das mesmas. No 'Relatório sobre o ano de 1856' de Blumenau, por exemplo, além dos pontos positivos, seu autor aponta problemas ainda não resolvidos ou dificuldades que os emigrantes teriam que enfrentar tais como a falta de um pastor protestante e de uma igreja, a carência de marceneiros e de outros artesãos ou ainda, as dificuldades com transporte entre a colônia e a foz do rio.⁵³ A partir de meados de 1857, o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* passou a incluir nos seus artigos e comentário sobre a emigração alemã para o Brasil e o sistema de parceria devido às notícias publicadas na imprensa alemã e suíça sobre a revolta dos colonos em Ibicaba em dezembro de 1856. Tenta explicar o ocorrido e apresentar versões dos fatos por meio de diferentes autores.

⁵¹ Segundo Mönckmeier emigraram da Alemanha entre 1847 e 1910 4.274.310 pessoas das quais 3.888.767 para os Estados Unidos, 89.268 para o Brasil, 83.227 para o Canadá, 46.689 para o demais países americanos, 55.322 para a Austrália, 17.255 para a África e somente 2.909 para a Ásia. O restante, 190.873 pessoas emigravam sem destino determinado. Mönckmeier: *Die deutsche überseeische Auswanderung...*, p. 194. Nesta estatística, o autor deixa de inserir a primeira metade do século XIX quando um número grande de alemães emigraram para o sul do Brasil.

⁵² 'Die deutschen Ackerbau-Kolonien in Santa Catarina'. AAZ, 18 de novembro de 1859; 'Dona Francisca'. AAZ, 9 de novembro de 1859; 'Brasilien. Kolonie Dona Francisca. AAZ, 7 de novembro de 1862; 'Die Kolonie Philadelphia. AAZ, 17 de agosto de 1860.

⁵³ 'Bericht über das Jahr 1856', AAZ, 22 de maio de 1857.

Até 1857, o sistema de parceria, como uma possibilidade para emigrantes sem condições de arcar com as despesas da sua emigração, fora tratado pelo *Rudolstädter Wochenblatt* e pelos *Fliegende Blätter für Auswanderer*. Depois do ocorrido em Ibicaba, os responsáveis pelo *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* empenharam-se em uma campanha para mostrar que o sistema tinha falhas, que tanto os fazendeiros quanto os próprios colonos tinham sua parcela de culpa nos problemas expostos e que o contrato de parceria apresentava pontos pouco explicitados gerando assim desentendimento entre as partes. Mas, na opinião dos redatores, modificações eram necessárias para suprir as falhas do sistema, porém sem a condenação mesmo que parcial, da emigração para o Brasil.

A partir de 2 de outubro de 1857 o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* passou a publicar o artigo '*Der deutsche Auswanderer gegenüber den brasilianischen Kolonisationsplänen*' dividido em quatro partes publicadas nos números 40 (2 de outubro), 42 (16 de outubro), 43 (23 de outubro) e 44 (30 de outubro). O jornal estava sob a responsabilidade do redator Dr. Büttner e o artigo, não assinado, saía sempre na primeira folha de cada número, o que nos leva a crer que o mesmo fora redigido pelo próprio Büttner. Esse artigo expõe claramente as idéias defendidas pelo jornal e, de forma inteligente, questiona as críticas que eram feitas na imprensa alemã ao sistema de parceria depois da revolta de Ibicaba. Deter-me-ei mais demoradamente no referido artigo, já que os demais, publicados posteriormente, continuaram a defender os mesmos pontos de vista nele expostos.

O redator inicia o texto dizendo que o problema da colonização e emigração alemã era, há anos, insolúvel, em vista da miséria social que atingia a Europa, isso embora o assunto fosse amplamente discutido. Insiste na posição defendida pelo jornal de que não havia um país de destino dos emigrantes que pudesse ser totalmente aconselhável ou desaconselhável, próprio ou impróprio para eles. Como os alemães não possuíam colônias para as quais os emigrantes pudessem se dirigir, teriam de escolher eles mesmos o país conforme necessidades e condições próprias de cada um. O problema da emigração tinha se tornado, com o tempo, cada vez mais difícil para os Estados e para os seus governantes, pois de início, suas causas estavam ligadas a motivos políticos e religiosos, mais tarde, porém, passando o fenômeno a atingir também a classe média que dispunha de certas posses e, logo depois, chegara ao proletariado. Vários 'práticos e teóricos' haviam feito inúmeras propostas para regulamentar a emigração, mas, segundo ele, nenhuma poderia ser implementada. O autor trata, então, do Brasil,

particularmente do sistema de parceria e da fundação da Associação Central de Colonização do Rio de Janeiro, que assinara um contrato com o governo, no qual assumia o compromisso de introduzir no país 50.000 emigrantes. Sobre este contrato, o autor critica um artigo publicado no *Allgemeine Zeitung* de Augsburg, que, não só advertia contra a emigração para o Brasil, mas também tinha o objetivo de levar os governos alemães a tomarem medidas de defesa contra a mesma. O redator passa, então, a explicar que era normal que cada país defendesse seus interesses e que era compreensível que, num primeiro momento, as vantagens coubessem ao Brasil, país tão necessitado de mão-de-obra. Entretanto, conforme as idéias de Roscher expostas na sua obra '*Die Grundlage der Nationalökonomie*', caberia aos descendentes os frutos dos esforços dos primeiros emigrantes. Caso contrário, os emigrantes alemães no Brasil teriam o mesmo destino dos emigrantes nos Estados Unidos: tornar-se-iam 'um povo adubo' ('*Völkerdünger*'), expressão usada por Roscher, segundo o texto, na sua obra '*Kolonie, Kolonialpolitik und Auswanderung*'.⁵⁴ Para ser então coerente, dever-se-ia condenar a emigração para qualquer país pois esta se constituía, do ponto de vista nacional, uma tragédia.

O que o autor considerava importante era distinguir entre os interesses dos emigrantes de uma classe média com algum recurso financeiro e os interesses do proletariado que dependia de ajuda econômica externa. Os primeiros emigravam para os Estados Unidos acalentados por duas grandes esperanças: adquirir independência econômica e as mesmas igualdades políticas e os mesmos direitos dos americanos. Já o proletariado, que apenas trocava uma dependência por outra, visava, antes de tudo, garantir sua sobrevivência no Brasil. Ressaltava que a classe média se frustraria em relação ao seu desejo de obter igualdade política e de direito e, mesmo assim, não se condenava a emigração para os Estados Unidos. Já no Brasil, os proletários tinham a sua sobrevivência garantida e, se era realmente verdade que perdiam para sempre a sua liberdade pessoal, então era obrigação chamar a atenção deles para isto. Mas, talvez fosse necessário levar em conta em relação às queixas dos colonos que, passada a preocupação imediata da subsistência, surgiam no ser humano, outras necessidades, desejos burgueses que, se não fossem atendidos, incitavam animosidade.

⁵⁴ O que o autor quer dizer é que os emigrantes alemães ajudavam os outros países a se desenvolverem. Eram como 'adubo' para as novas nações já que através dos seus esforços e trabalho 'fertilizavam' as novas sociedades.

O texto que continuava no número 42, do dia 16 de outubro, explicava a questão da naturalização dos imigrantes que, conforme a lei brasileira de 18 de setembro de 1850 (artigo 17 e 18) e os seus três artigos complementares de 16 de setembro de 1853, era permitido que os colonos adquirissem a nacionalidade brasileira após dois anos de residência no país. A única restrição prevista por lei, era a de que o naturalizado não poderia ser deputado na câmara do país. O autor dizia que nos Estados Unidos isto não era possível, voltando a comparar os dois países e questionando a falta de vozes críticas com relação à situação dos emigrantes alemães na União. Citando as idéias de Fr. J. Kruger⁵⁵, dizia que a proibição à emigração para o Brasil só levaria a uma perda dos alemães que já se encontravam por lá visto que só através da concentração de um grande número de cidadãos de mesma nacionalidade era que os emigrantes poderiam se unir e defender seus interesses e direitos. Os primeiros emigrantes teriam que estar dispostos a se sacrificar até que se atingisse um número significativo de alemães como era o caso das províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde os alemães já constituíam o sétimo ou oitavo grupo da população branca. Se fossem acrescentados a estes mais 50.000 colonos, os alemães seriam a terceira ou quarta nacionalidade nas duas províncias.⁵⁶ O autor então fazia a seguinte indagação: se dentre esses colonos, apenas 10.000 fossem de homens dispostos a pegar em armas e defender os seus interesses, poderiam eles ser oprimidos, ou mantidos sem seus direitos civis ou ainda tratados, como se dizia, como escravos brancos por um país que não possuía polícia ou força militar no entender de um europeu?

A terceira parte do artigo, publicada no número 43, dedicava-se praticamente a rebater as críticas feita pelo artigo do jornal de Augsburg à nova Associação Central de Colonização fundada no Rio de Janeiro e apoiada pelo governo brasileiro.⁵⁷ Segundo o texto do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, o fato da Associação ser composta por acionistas com fins lucrativos e de oferecer, entre outros contratos, o de parceria e o de aforamento, não significava que os colonos perderiam a sua liberdade caso não conseguissem quitar suas dívidas. O governo brasileiro era acusado no outro jornal, de intencionar uma situação de dependência, de

⁵⁵ Kruger: *Wohin soll der Deutsche auswandern? Entwurf einer deutschen Kolonial-Politik ...* 1857.

⁵⁶ É usado a noção de nacionalidade apesar de na época não existir a Nação Alemã. O que havia era uma identificação cultural e linguística, além da jurídica, entre os Estados que formavam a Confederação dos Estados Alemães (1815-1866).

⁵⁷ Sobre a Associação Central de Colonização, Lamounier: *Da escravidão ao trabalho livre ...* p. 59 - 60.

submissão dos emigrantes. O redator achava que tal situação se devia muito mais aos próprios colonos do que ao governo. Como o Brasil necessitava urgentemente de braços para a lavoura, o governo controlaria a Associação obrigando-a a arcar com suas responsabilidades para que se estabelecesse uma corrente emigratória para o Brasil. Lembrava ainda que as colônias Blumenau, Dona Francisca e outras tinham sido fundadas e estavam se desenvolvendo a partir de contratos feitos entre particulares e o governo. De outro lado, era da opinião de que uma associação de acionistas, com interesses particulares, funcionava melhor para este tipo de empreendimento do que o próprio governo. Sobre a atividade dos agentes brasileiros que, conforme o artigo de Augsburg, objetivavam atrair 80% de camponeses em 5 anos e, conforme previsto no contrato, pessoas fortes e trabalhadoras, o autor do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* entendia isto como totalmente compreensível. O Brasil precisava de mão de obra para a lavoura e era natural que não iria convidar o 'exército de advogados da colonização' ou a legião dos 'meio-artistas' ou ainda 'filósofos transcendentais'. Os Estados Unidos haviam atraído camponeses alemães que ainda possuíam na região de onde vinham algum pedaço de terra, mesmo que pequeno, para cultivar, enquanto o Brasil estaria disposto a receber uma grande parte do proletariado desempregado do campo, desprovido do mínimo necessário para viver.

No exemplar n° 44 de 30 de outubro, fora publicada a última parte deste artigo, na qual o autor ressalta que, em relação aos contratos de parceria, o bom andamento destes dependeria da integridade e da boa vontade das pessoas envolvidas de ambas as partes. Sobre a preocupação com a escravidão negra e sobre a acusação que se fazia ao Brasil de querer substituir o escravo negro pelo escravo branco europeu, o redator explicava que o governo brasileiro já havia proibido, e com sucesso, o tráfico negreiro. E, se não havia ainda acabado com a escravidão, isto se devia ao fato de que, se a abolição fosse feita de uma só vez, o país seria levado à falência, já que toda a produção ali dependia do braço escravo. Mas, a escravidão iria acabar paulatinamente nos próximos decênios e nunca tinha sido a intenção do governo substituir a 'cor da escravidão'. Ofereciam-se ao emigrante pobre subsídios que deveriam ser pagos por este com o seu próprio trabalho. Quando os críticos reclamavam que o novo sistema de colonização fazia nascer um outro tipo de escravidão, a branca, o nosso autor retrucava que isto não era proposital por parte do governo e que, pelo visto, o conceito de 'escravidão' não estava muito claro na cabeça dessas pessoas. No momento em que o trabalhador passasse a receber um salário, cessaria para ele toda e qualquer possibilidade de relação escravista; ele

seria a partir daquele momento um homem livre e este era exatamente o caso dos emigrantes no Brasil. Mas, os queixosos podiam ainda acrescentar que os emigrantes não recebiam o seu salário. Segundo o artigo, era certo que não receberiam em moeda viva enquanto não tivessem quitado os subsídios e empréstimos feitos. Por outro lado, obteriam sim os seus pagamentos, enquanto estivessem abatendo a sua dívida e de outro, enquanto estivessem provendo o seu sustento, exatamente da mesma maneira que os trabalhadores alemães nas fábricas que pediam empréstimos e que só recebiam em mãos, do seu salário, o que necessitavam para o seu sustento. O autor continuava dizendo que ambos os casos não eram ideais, mas que eram, contudo uma forma de ajuda aos necessitados. Lembrava ainda que os emigrantes também poderiam dirigir-se para as províncias do sul do Brasil e que os governos de Santa Catarina e, principalmente, o da Província do Paraná possuíam terras em abundância. Enquanto as queixas de que as terras destinadas aos emigrantes não estavam demarcadas, remetia o autor ao regulamento de 30 de 1854 que legislava sobre o assunto, sendo as reclamações por isso infundadas já que nas províncias do sul, muito recomendáveis aos emigrantes, já havia sido iniciada a demarcação.

O último ponto a ser abordado em razão das críticas feitas no artigo do *Allgemeine Zeitung* de Augsburg, estava relacionado às atividades dos agentes brasileiros na Alemanha. O autor lembra que este não era um problema só do governo brasileiro, pois 'vendedores de almas' havia para todos os países. Era da opinião de que os governos alemães deveriam tomar medidas para impedir os agentes desonestos de agirem, isso através de um controle rígido e da exigência de caução daqueles que quisessem adquirir a concessão para abrir uma agência de emigração. O governo brasileiro deveria instruir os seus cônsules para que fossem atentos às atividades dos seus agentes. Finalizava dizendo que ameaças nestes casos não eram eficazes.

O suplemento extra do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* de 9 de fevereiro de 1858, apresenta três páginas e meia de um texto anônimo, escrito do Rio de Janeiro, que critica o mesmo artigo publicado no dia 23 de setembro de 1857 pelo *Allgemeine Zeitung* de Augsburg. Como já disse, o autor deste praticamente repete os argumentos já expostos na série de artigos acima citados. Gostaria apenas de acrescentar uma das respostas dadas pelo jornal em relação às queixas feitas pelos alemães sobre o casamento protestante não reconhecido pelas leis brasileiras. O autor achava pertinente a crítica sobre a falta de uma lei que legalizasse os casamentos protestantes ou os mistos, e dizia que já havia um projeto de lei sobre esta questão

devendo este, em breve, ser apresentado na Câmara. Não aceitava a acusação de que o brasileiro era intolerante em relação às outras religiões. Segundo ele, não havia outro país católico com tamanha liberdade religiosa.

Vários outros artigos e resenhas de livros foram publicados nos anos seguintes e todos eles vão, em linhas gerais, repetir e defender as idéias expressas nestes dois grandes artigos acima mencionados, que refletem bem a posição de Günther Fröbel em relação a esta problemática. Ele acompanhava os teóricos de sua época e estava a par das principais obras que questionavam a emigração e suas conseqüências sócio-econômicas para os Estados Alemães como a de Friedrich List, W. Roscher e muitos outros. Através da discussão sobre a emigração em geral na Alemanha durante o século XIX que atingiu o seu primeiro ápice nos anos 1840, podemos distinguir três idéias fundamentais: 1. a idéia romântica e mais tarde nacional-ideológica de que a emigração em massa levava a uma sangria nacional-cultural e à perda de poder econômico e de capital; 2. de que a emigração era a única 'válvula de escape' segura contra a 'pressão' social interna causada pela explosão demográfica; 3. de que a emigração, uma necessidade sócio-política, deveria ser protegida, organizada e guiada através de leis, de uma política estatal ou de associações particulares que trouxessem vantagens para os Estados limitando as perdas econômicas e nacional-culturais em que esta implicava. Alguns chegavam mesmo a defender a fundação de uma 'nova Alemanha' no ultramar através da concentração de emigrantes alemães na América do Sul.⁵⁸

Podemos encontrar tais idéias correntes na época, presentes direta ou indiretamente nos artigos do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, o que nos leva a crer que Gunther Fröbel não era um agente e editor sem escrúpulos, interessado apenas em fazer negócio através dos pobres emigrantes. Com a sua agência tentava colaborar com a organização do movimento e com os seus jornais, guiar as levas de emigrantes. Por um lado, acreditava que a emigração era, momentaneamente, a única solução para a situação de penúria que atingia os Estados Alemães; por outro, achava que, já que não era possível mudar os acontecimentos, dever-se-ia tentar não perder por completo os compatriotas e a melhor maneira para isto seria formar regiões onde os alemães pudessem ficar juntos cultivando suas raízes, única forma de permanecerem ligados à

⁵⁸ Bade, Klaus: *Vom Auswanderungsland zum Einwanderungsland? Deutschland 1880-1980 ...*, p. 25-26.

pátria-mãe. Para ele, a formação de centros de imigrantes alemães contribuiria em larga escala para que estes defendessem seus direitos e construíssem uma vida melhor que aquela que um dia possuíram na Alemanha. Entretanto, Fröbel não chegou a advogar a criação de uma 'Nova Alemanha' no sul do Brasil como alguns outros. Sua preocupação também era grande com a pessoa do emigrante que não podia contar com ajuda e proteção de um governo ou mesmo de serviços consulares. Ele manteve as suas atividades como redator, editor e agente até os anos 70, isto é, até a unificação alemã quando o '*Reich*' passou a legislar sobre o assunto.

2. b. *Fliegende Blätter für Auswanderer*

Os *Fliegende Blätter für Auswanderer* ⁵⁹ foram publicados, durante o ano de 1852, como suplemento do *Rudolstädter Wochenblatt*. Como todo folheto, veiculava informações sucintas, claras e objetivas sobre as viagens marítimas mais em conta, preços mais baixos das passagens e, no caso do Brasil, sobre alguma colônia no sul do país ou sobre as fazendas de parceria. O Arquivo Estadual da Turíngia, em Rudolstadt, possui apenas os números 2 (meados de junho), 4 (meados de julho), 5 (fim de julho), 7 (meados de agosto), 8 (fim de agosto) e o 9 (início de setembro) e, segundo Rudolf Ruhe, Fröbel deixou de publicá-los em dezembro do mesmo ano.⁶⁰ Pressuponho então que devem ter sido publicados entre 12 a 14 destes folhetos.

No número 2 dos *Fliegenden Blätter* ... de meados de junho de 1852, Fröbel escreve logo abaixo do cabeçalho que os folhetos seriam publicados conforme a situação demandasse. Deveriam principalmente responder às perguntas a ele endereçadas e seriam enviados aos interessados gratuitamente e livre de franquia. Explicava ainda que, enquanto o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* daria instruções profundas e detalhadas sobre todas as questões relacionadas à emigração e sobre os diversos países de destino dos alemães, o conteúdo dos *Fliegende Blätter*... restringir-se-ia aos transportes marítimos mais econômicos e ao que a eles estivesse relacionado. Neste mesmo número, há uma informação sobre passagens gratuitas para vários portos destinadas a médicos desejosos de trabalhar a bordo ou a pessoas que

⁵⁹ Tradução livre: 'Folhetos para Emigrantes'

⁶⁰ Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft* ... ; p. 244-251.

dominassem bem a língua inglesa, portanto capazes de realizar um trabalho de tradução durante a viagem.

Em todos os exemplares disponíveis dos *Fliegende Blätter* ..., havia notícias gerais sobre o Brasil, sobre colônias no sul que subvencionavam o transporte dos emigrantes, ou sobre uma fazenda de parceria ou ainda, uma carta de emigrante. No n° 2, sob o título 'Sul do Brasil', havia propaganda para as colônias provinciais do Rio Grande do Sul, sobretudo para Santa Cruz. Era explicado que cada pai de família ou mesmo homem solteiro que quisesse se casar logo que chegasse à colônia, assim como cada viúva que tivesse filhos e filhas aptos a trabalharem, receberiam de presente um pedaço de terra de 100.000 braças quadradas, isso se os mesmos fossem admitidos por parte dos representantes do governo provincial e se tivessem munidos dos certificados exigidos.⁶¹ Davam-se ainda informações e conselhos práticos sobre a viagem até o Rio Grande do Sul, assim como o porto de embarque ('só por Hamburgo'), os corretores do navio ('Knöhr e Burchardt'), preço, contrato de emigração ('com o Sr. Kleudgen'⁶²), etc. Para aqueles que tivessem o desejo de conhecer melhor “aquele maravilhoso país”, Fröbel aconselhava a leitura de dois livros, o de H. Blumenau e o de Dr. F. Schmidt, publicados pela sua editora em Rudolstadt.⁶³

No n° 4 de meados de julho de 1852, encontram-se três pequenas notícias sobre o Brasil. A primeira tratava da colônia do Senador Vergueiro em São Paulo e trazia uma pequena e positiva informação sobre esta fazenda de café, ressaltando ainda a vida dos alemães ali

⁶¹ Segundo o artigo n° 8 da Lei Provincial n° 229 de 4 de dezembro de 1851, a doação de terra era feita conforme consta na nota do *Fliegende Blätter*. Mas esta vantagem recebida pelos colonos cessaria com a Lei Provincial de 30 de novembro de 1854 que determinava que a colonização do Rio Grande do Sul deveria ser, a partir daquela data, feita através da venda e não mais da doação de terras. Ver: Índice das leis promulgadas pela Assembléia Legislativa de São Pedro do Rio Grande do Sul desde o ano de 1835 até o de 1851. Porto Alegre, Rio-Grandense, 1872.

⁶² Pedro Kleudgen era agente na Alemanha do governo provincial do Rio Grande do Sul. Escreveu *Die deutsche Kolonie Santa Cruz - Provinz Rio Grande do Sul - Südbrasilien*. Hamburg, Druck von J. I. Nobiling, 1852. Um ano mais tarde surge uma segunda edição com algumas alterações no título. Ver: Borba de Moraes: *Bibliographia Brasiliana* ... Sobre a emigração alemã para o Rio Grande do Sul ver: Cunha, Jorge Luiz da: *Rio Grande do Sul und die Deutsche Kolonisation*. ...

⁶³ De Blumenau: *Südbrasilien in seinen Beziehungen zur deutschen Auswanderung und Kolonisation*. Rudolstadt, 1850; *Die deutsche Kolonie Blumenau in der südbrasilianischen Provinz Sta. Catharina. Eine genaue Beschreibung für Auswanderungslustige*. Rudolstadt, Verlag von G. Froebel, 1851; *Leitende Anweisungen nach der Provinz Sta. Catharina*. Rudolstadt, 1851. Dr. F. Schmidt: *Die geregelte Auswanderung nach Brasilien und ihr erster glänzender Erfolg. Blätter zur Bekämpfung der gegen dieses Land herrschenden Vorurtheile und zu Belehrung der dahin Auswandernden*. Rudolstadt, 1852.

estabelecidos. Segundo a notícia, o cônsul-geral Hinsch em Hamburgo poderia fornecer maiores informações e intermediar o transporte. A segunda notícia era sobre emigrantes de Holstein e da Prússia que haviam chegado bem à Colônia Independência, a 12 léguas de Petrópolis. O Sr. Valle da Gama da Fazenda Fragoso, localizada a meio caminho de Petrópolis, anunciava a feliz chegada dos emigrantes a sua propriedade, os quais haviam sido esperados por 150 muares para seu transporte. Por fim, a última notícia do Brasil era sobre dois navios que deveriam partir em agosto para o Rio Grande do Sul. Constava nesta os nomes das famílias que já haviam assinado o contrato com Fröbel para a viagem marítima.

No n° 5, do fim de julho de 1852, foi publicada a carta do capitão Saabye, endereçada ao capitão M. Valentim de Hamburgo relatando a boa chegada dos emigrantes às colônias Santa Justa, Independência e Santa Rosa, no Rio de Janeiro. Não me deterei nesta carta, pois ela faz parte do *corpus* deste trabalho. Só chamo a atenção para o fato de que o capitão Saabye escreve sobre as mesmas pessoas provenientes de Holstein e da Prússia, já mencionadas na segunda notícia do *Fliegende Blätter* n° 4. No n° 8, encontra-se uma carta de F. Roßbach, colono na fazenda Independência, que tentava rechaçar todos os clichês existentes sobre o sistema de parceria. No n° 9, de inícios de setembro, encontramos trechos de uma carta escrita por Johann Georg Bock a Michael Bock, ambos provenientes de Mellenbach. Georg Bock se estabeleceu na fazenda de café São Mateus, também no Rio de Janeiro.

No n° 7, encontram-se mais notícias da Colônia Santa Cruz no Rio Grande do Sul. Já no folheto n° 8, fora publicado o decreto ministerial bávaro que exigia que os emigrantes com destino à América do Sul fossem advertidos e muito bem informados sobre a situação política insegura na região. No n° 9, Fröbel explica as razões que o levaram a publicar cartas de emigrantes nos folhetos. As missivas eram testemunhos, achava ele, de que a humanidade não precisava se envergonhar da emigração do proletariado alemão para as fazendas de café no Brasil, pois para todos aqueles indivíduos desprovidos de meios e que se encontravam desempregados na sua 'pátria', teriam lá pelo menos uma existência despreocupada no que dissesse respeito à alimentação. Segundo ele, e as cartas podiam comprovar isso, o emigrante, sem fazer grande esforço, poderia diariamente comer com fartura.

Como os *Fliegende Blätter für Auswanderer* passaram a ser publicados sem autorização oficial e, apesar de serem folhetos, eram numerados, foram considerados como periódico

necessitando, portanto, de permissão oficial para circular. Fröbel deu a entrada às formalidades exigidas, mas acabou desistindo, pois achava o procedimento muito trabalhoso uma vez que os folhetos só lhe haviam dado prejuízo.⁶⁴ Para nós hoje, estes folhetos com características de panfleto, isto é, contendo informações sobre um acontecimento especial, marcante e, normalmente, de curta duração, são testemunhos de que a emigração em massa, em meados do século XIX, foi um fenômeno sócio-econômico distinto. Um fenômeno, que está diretamente ligado à passagem do mundo agrário para o industrial, à divisão internacional do trabalho, e que foi acompanhado na época pela expressiva edição de livros, guias, brochuras, literatura de ficção e folhetos que são hoje, além de raros, valiosos testemunhos da dimensão histórica que o movimento emigratório atingiu nos Estados Alemães.

2. c. *Rudolstädter Wochenblatt*

O *Rudolstädter Wochenblatt*⁶⁵, jornal mais antigo editado pela tipografia de Fröbel, foi fundado em 1769 com o nome de *Rudolstädtische Wöchentliche Anzeigen und Nachrichten*. Era também o periódico mais importante de toda a região de Schwarzburg-Rudolstadt e nele podemos encontrar desde 1833 anúncios de livros que tratavam da emigração. Nos anos 1840 e 50, eram inseridos regularmente anúncios de agências e de companhias de navegação como, por exemplo, da Casa Comercial R. M. Sloman, além de cartas de emigrantes ou as colunas 'Beachtung für Auswanderer' (Consideração para Emigrantes) e 'Bekanntmachung' (Aviso). Nesta última, entre outras coisas, constava o nome de cada pessoa que tinha a intenção de emigrar a fim de que a comunidade, em caso de reclamação contra a pessoa ou de alguma infração cometida, pudesse notificar às autoridades.⁶⁶ No n° 10 de 7 de março de 1846, por exemplo, apareceu na coluna 'Bekanntmachung' o seguinte:

⁶⁴ Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung ...*, p. 245-251.

⁶⁵ Tradução livre: 'Semanário de Rudolstadt'. O nome original em 1769 era 'Semanário de Rudolstadt, Anúncios e Notícias'.

⁶⁶ Para se obter os documentos necessários e com isso, a permissão para emigrar, todos eram obrigados a comprovar que não possuíam dívidas, os rapazes, que haviam prestado do serviço militar obrigatório, as mulheres casadas, que estavam acompanhando os seus esposos. Os 'avisos' eram inseridos nos jornais pelas próprias autoridades que, dessa maneira, faziam um levantamento sobre aqueles súditos que desejavam abandonar a sua pátria. A liberdade de emigração foi reconhecida pelos Estados Alemães, seja nas suas constituições ou através de leis, somente em 1803 por Baden, 1815 por Württemberg, 1818 pela Prússia, 1821 por Hessen, 1831 pela Saxônia e em 1868, como o último Estado, a Baviera. Bretting: 'Die Reise'; in: Hoerde, D. und Knauf, D. (ed.): *Aufbruch in den Fremde ...*, p. 78.

"O oficial de alfaiate Christian Bornkessel de Thälendorf pretende em breve emigrar para o Texas. Aqueles que acreditam ter alguma reclamação a lhe fazer, são convidados a notificá-la nas próximas três semanas. Mais tarde esta não poderá mais ser levada em consideração.

Blankenburg, 28 de fevereiro de 1846

Repartição Pública do Principado de Schwarzburg"

Alguns anos mais tarde, a coluna 'Auswanderung' (Emigração) passou também a inserir anúncios de pessoas que tinham a pretensão de emigrar com a mesma finalidade da coluna 'Bekanntmachung'. Em 1853, consta na coluna 'Auswanderung' do exemplar n° 11 de 13 de março, que

"John. Carl Breternitz de Böhlscheiben pretende emigrar para o Brasil acompanhado de sua esposa e de seus filhos. Reivindicações a essas pessoas devem ser notificadas dentro de 3 semanas, pois após esse prazo, os documentos necessários à emigração serão entregues.

Blankenburg, 9 de março de 1853.

A partir de 1846, passaram a constar em cada número desse jornal, anúncios sobre a agência de emigração de Fröbel e, já no mês de julho do mesmo ano, reclame sobre o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* que, como constava escrito, passaria a circular em breve. No n° 29 de 18 de julho de 1846, fora informado aos leitores que a folha de prova do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* já havia sido impressa e que seria fornecida gratuitamente aos interessados. Fröbel pedia também para aqueles que tivessem alguma colaboração a fazer, que a enviassem à redação do jornal na cidade de Rudolstadt.

É através do *Rudolstädter Wochenblatt* que podemos acompanhar o desenrolar do interesse de Günther Fröbel pelo tema emigração, pois foi neste diário que, já nos anos 30, Fröbel passou a se dedicar ao tema. Em 1846, ele fundou o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, mas continuou a inserir pequenas notas destinadas a emigrantes no *Rudolstädter Wochenblatt*, publicado até o ano de 1878.

Sobre o suplemento semanal do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung, Der Pilot*, infelizmente não tenho muitos dados.⁶⁷ Foi publicado entre 1855 e 1864 e seu objetivo era entreter e distrair o público leitor. Poesias, cartas, pequenas notícias assim como anúncios ou notícias sobre a partida, a chegada e o destino dos navios faziam parte do seu conteúdo ('Schiffs-Nachrichten'). Tanto as poesias quanto o conteúdo da coluna 'Miscellen' nem sempre estavam ligados ao tema da emigração. Encontrei no *Der Pilot* algumas cartas de colonos que emigraram para o Brasil e entre elas, algumas contidas neste trabalho, que tratam das fazendas de café.

3. As Colônias de Parceria no Rio de Janeiro e em São Paulo e as notícias nos jornais de Fröbel

3. a. As Colônias do Rio de Janeiro

Poucas são as informações sobre as colônias de parceria fluminenses, e mesmo nos jornais de Günther Fröbel, predominam as notícias sobre as fazendas de São Paulo sobretudo Ibicaba, propriedade do Senador Vergueiro.

Em 1850, algumas fazendas fluminenses, seguindo o modelo adotado pelo Senador Vergueiro, introduziram o sistema de parceria, na maioria das vezes, entretanto, com colonos portugueses. Em março de 1852, chegaram ao Brasil, vindos de Hamburgo, entre 800 e 900 emigrantes alemães que haviam sido solicitados por sete grandes fazendeiros do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo ao representante do Brasil residente em Hamburgo.⁶⁸ Com esta leva de alemães foram fundadas, só na Província do Rio de Janeiro, cinco colônias de parceria. Nicolau Antônio do Vale da Gama fundou a Colônia Independência, Brás Carneiro Bellens, Santa Justa, o Barão de Baependi fundou Santa Rosa; a colônia Coroas foi estabelecida nas terras do Marquês de Valença, e José Cardoso de Menezes fundou Martim de Sá. Segundo Heinrich Handelmann, no seu *Geschichte von Brasilien* de 1860, 172 alemães se estabeleceram na colônia Independência, em Santa Rosa, 132, Santa Justa recebeu 155, Coroas

⁶⁷ *Der Pilot - Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* (,O Piloto - Semanário de Entretenimento do Jornal Geral de Emigração')

⁶⁸ Viotti da Costa: *Da Senzala à Colônia.*, p.102.

143 e Martins de Sá 67.⁶⁹ Os colonos eram naturais da Prússia, de Holstein, Turíngia, Hesse e de Darmstadt.⁷⁰ Alguns anos após a revolta dos colonos suíços em Ibicaba, dava-se por acabada a experiência com o sistema de parceria, tanto nas fazendas fluminenses quanto nas paulistas.⁷¹ Em 1862, tendo liquidado ou não os seus contratos, muitos se dirigiram para as colônias alemãs existentes nas províncias do sul do Brasil na esperança de se tornarem pequenos-proprietários, sonho da maioria dos emigrantes e uma das causas fundamentais da emigração no século XIX. Outros foram tentar a vida nas vilas mais próximas como artesãos ou comerciantes contribuindo assim, como em São Paulo na zona cafeeira, para o aparecimento da pequena indústria na região.⁷²

O *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* n° 44, de 30 de outubro de 1857, publicou sob o título de 'Notícias de Parceiros', trechos de cartas enviadas por imigrantes provenientes da Turíngia, então estabelecidos na colônia de parceria Independência, aos seus parentes em casa. Correspondências datadas do mês de março daquele ano. Como praticamente em todas as cartas de colonos - parceiros, ou dos assim denominados 'Kaffeepflücker' (colhedores de café), o trecho da carta do filho de Simon Jossen explica a seu pai que ele ainda não havia quitado sua dívida, mas esperava poder fazê-lo logo no próximo ano se "Deus o ajudasse dando-lhe saúde". Acrescentava ainda que não se preocupava mais com a sua alimentação, que dinheiro não lhe faltava, e que se não havia pago a sua dívida até então, o motivo era o cafezal que, como qualquer campo na Europa, nem sempre era tão fértil. O montante de sua dívida era de 137 mil réis, mas, continuava ele, isto não lhe preocupava. Já possuía 6 porcos, 1 cabra e cerca de 100 galinhas que lhe davam um rendimento diário bastante satisfatório. Um outro trecho de uma segunda carta, endereçada a Friedrich Hoop e família, residentes em Rabensdamm, fornecia detalhes sobre a colheita de café e o rendimento deste referente ao ano de 1856. Segundo o colono, a colheita dos parceiros fora naquele ano de 20.537 alqueires, dos quais 9.636 arrobas e 8,5 quilos só de café. Receberam por arroba 1.100 réis, o equivalente a cerca

⁶⁹ Handelmann: *Geschichte von Brasilien...*; p. 568 - 569. (1° ed. 1860). Através das cartas dos imigrantes apresentadas neste trabalho, constata-se que há ainda a colônia São Mateus.

⁷⁰ Viotti da Costa nos fornece os seguintes dados: em 1857 a fazenda Independência possuía 175 colonos naturais de Holstein, Prússia, Turíngia, Hesse e Darmstadt. Santa Justa abrigava em 1856, 141 indivíduos. No mesmo ano, Santa Rosa possuía 128 alemães, na sua maioria, turíngios e Coroas contava com 144 alemães; op.cit. p. 102.

⁷¹ Viotti da Costa: op. cit. p. 107.

⁷² Sobre São Paulo ver: Holanda, S. B., prefácio em Thomas Davatz: *Memória de um colono no Brasil ...*

de 11 contos ou 15.000 florins. De uma terceira carta, também endereçada a Simon Jensen, o jornal transcreveu o seguinte trecho: "A minha dívida com a travessia já foi paga até o último tostão e assim posso ver a minha frente um futuro feliz e posso informar-lhes que comprei um cavalo por 60 mil réis. Nossa colônia se encontra em total prosperidade e em um ano tomará vulto se Deus nos der saúde e proteção. Festejaremos também no dia 19 de março o dia da nossa chegada à propriedade, há 5 anos. Muitos colonos de Coroas festejarão conosco e quando a nossa festa terminar, muitos dentre nós irão para lá participar da festa deles no dia 25. (...) Johann Dibbern, meu cunhado, é conhecido do nosso proprietário (Valle da Gama) no Rio e vai muito bem. Seu salário é de 30 mil-réis por mês. ..." A notícia do jornal cita ainda outros trechos de cartas provenientes desta mesma fazenda e sempre com o mesmo tom.

O exemplar nº 8, de 24 de fevereiro de 1860, o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* voltou a dar notícias da Colônia Independência:

“Segundo as últimas notícias de dezembro de 1859 provenientes da Colônia Independência na Província do Rio de Janeiro, que foi fundada em 1852 com 26 famílias alemãs, sob o sistema de parceria, o planejado assentamento é atualmente composto de 73 famílias, isto é, 330 pessoas, das quais 64 nascidas aí, somente 10 pessoas abandonaram a colônia. As famílias que se estabeleceram originalmente nela já liquidaram as suas dívidas, sendo que a maioria já o havia feito antes do término do contrato. Os colonos comportam-se bem, cumprem com as suas obrigações e estão tão satisfeitos com a sua sorte que não deixam a colônia apesar de não haver nenhum obstáculo caso assim o desejem. Entre os moradores desta colônia foram distribuídos para cultivo 250.000 pés de café, isto é, em média 800 pés por pessoa. Como o proprietário, depois de afastadas as dificuldades iniciais, também encontra-se satisfeito com os colonos, está a Colônia Independência, assim, em condições de prosperar e ainda mais, porque os alimentos cultivados pelos colonos e o gado criado por eles pertencem aos mesmos, embora isto não esteja incluído no contrato, mas sim que, após descontado o necessário para o sustento da própria família, a metade do excedente deve ser revertida ao proprietário.”⁷³

O naturalista Johann Jakob von Tschudi, ministro plenipotenciário, que viajou pelo Brasil em 1860 e visitou as fazendas de café para fazer um relato da situação dos colonos suíços após a

⁷³ Tradução feita por mim.

revolta em Ibicaba, estuda bem o sistema de parceria na sua obra *Reise durch Südamerika*, mas faz poucas referências às três colônias fluminenses, dedicando-se minuciosamente às fazendas paulistas.⁷⁴

"As Colônias desse gênero na província do Rio de Janeiro continuaram vegetando até 1860. Em outubro desse ano, 89 famílias abandonaram as três colônias, então existente, depois de haverem saldado suas dívidas, num prazo de 9 anos. (...) Tive ocasião de falar com grande número desses colonos, no Rio de Janeiro e no Sul do país, e então posso ocultar que vários deles, provenientes da fazenda Santa Rosa, elogiavam seu proprietário, o visconde de Baependi, lastimando que se tivessem deixado levar pelos seus patrícios de outras colônias a abandonar a fazenda".⁷⁵

Em nota de rodapé, Tschudi faz algumas observações interessantes sobre estas três fazendas. Ele diz que as queixas apresentadas a ele pelos colonos das fazendas Santa Justa, de propriedade de Braz Carneiro Bellens, e Independência, do Sr. Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama, eram justas, sobretudo as dos parceiros desta última que reclamavam do administrador da fazenda, José Antônio. Ele havia proibido os colonos de plantarem mais do que necessitavam para viver, pois era da opinião de que, plantando mais, vendiam o excedente, pagavam as suas dívidas e acabavam abandonando a fazenda deixando-a sem os colhedores de café ("Kaffeepflücker") trazidos da Alemanha para exercer esta atividade. Através das informações dadas por Tschudi - e a notícia do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* confirma -, os colonos tinham esta possibilidade, a de vender o excedente dos gêneros alimentícios que cultivavam nas suas pequenas hortas, e contavam com isto para aumentar a renda familiar. Gottfried Kerst publicou no ano de 1853 em Berlim um livro criticando, entre outros aspectos, o sistema de parceria, onde transcreve alguns dos artigos do contrato elaborado pelos cinco fazendeiros fluminenses. No § 11 que tratava da produção dos gêneros alimentícios, estipulava que, exceto a quantidade utilizada para o sustento da família, a metade da produção vendida pelo colono deveria ser entregue ao proprietário da fazenda exatamente como deveria ser feito com a produção de café.⁷⁶

⁷⁴ Tschudi, J. J. von: *Reise durch Südamerika*. Bde. 1 - 5. ... vol. 3.

⁷⁵ Tschudi: *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*..., p. 147. (Tradução de Eduardo de Lima Castro)

⁷⁶ Kerst, S. G.: *Ueber Brasilianische Zustände der Gegenwart, mit Bezug auf die deutsche Auswanderung nach Brasilien und das System der brasilianischen Pflanzer, den Mangel an afrikanischen Sklaven durch deutsche*

Como o conhecimento sobre o sistema de parceria empregado nas fazendas de café fluminenses é limitado, considero as nove cartas publicadas por Günther Fröbel de extrema importância, pois nos fornecem, para os anos iniciais (1852/53), alguns dados importantes, mesmo que tenham sido elas usadas como estratégia para motivar o 'proletariado' alemão a emigrar para a atual região de Valença.

3. b. As Colônias em São Paulo

Como existem excelentes trabalhos sobre o sistema de parceria, com imigrantes suíços e alemães nas fazendas paulistas, assim como sobre a revolta dos suíços na fazenda Ibicaba, não deterei minha análise em sua história, ou mesmo no sistema em si ou nas causas que levaram os colonos a se revoltarem. Tampouco seria o caso de discutir as contradições existentes nos contratos ou os motivos que culminaram no abandono do sistema. Entretanto, gostaria de abordar, através de dois livros publicados na Alemanha em 1861 e em 1873, alguns aspectos desta história do ponto de vista de dois autores que, em anos diferentes, condenaram o sistema de parceria e apontaram as causas do seu fracasso.

Em 1861 apareceu no mercado alemão o livro de Emil Lehmann *Die deutsche Auswanderung* ('A emigração alemã') que trata do tema em geral, isto é, dos efeitos positivos e negativos da emigração alemã para os diversos países receptores. O autor trata da emigração para o Brasil da página 35 a 57, fazendo um apanhado da história da imigração alemã no país, desde os seus primórdios até o ano de 1860. Refere-se às colônias de pequenos-proprietários no sul do Brasil assim como às de parceria em São Paulo.

Lehmann, ao fazer o histórico do sistema de parceria, escreve que este foi introduzido para suprir a falta de braço escravo. Como os grandes proprietários necessitassem cada vez mais de mão-de-obra, começaram a atrair suíços e alemães com o intuito de substituir o escravo. Em vez de optarem, como na Austrália, por um sistema de contrato de trabalho, no qual se faria um empréstimo para aqueles que não pudessem pagar a sua passagem e que, através de um

Proletarier zu ersetzen. Berlin 1853; p. 69. Sobre a pessoa de Kerst, ver Holanda in Davatz: *Memórias de um colono no Brasil ...*; p. 236, nota de rodapé.

salário preestabelecido, quitariam as suas dívidas paulatinamente, escolheram um outro sistema que, no entender dos grandes proprietários, trariam maiores vantagens aos imigrantes. Introduziram o sistema de parceria conhecido e empregado com sucesso na Europa do sul, sobretudo no norte da Itália.⁷⁷ O sistema baseava-se na repartição dos lucros obtidos com a colheita de café entre o colono e o proprietário. Para Lehmann, o sistema empregado no Brasil pecava já de princípio pelo fato de só ser utilizado com emigrantes sem capital que, desde o início, viam-se devendo ao proprietário os custos da viagem e que iam aos poucos aumentando cada vez mais suas dívidas com o seu sustento até a primeira colheita. Através de boas colheitas e de muito trabalho por parte dos parceiros, era possível quitar a dívida, o que, porém, só ocorria em alguns casos particulares, pois a maioria acabava caindo na escravidão. Um outro ponto que lhe parecia inaceitável era o fato, previsto no contrato, de que a família toda era responsável pela dívida contraída, até mesmo uma criança poderia herdar a dívida do pai caso o mesmo viesse a falecer.⁷⁸

Lehmann conta que o sistema fora introduzido no Brasil pelo Senador Vergueiro, que no ano de 1847 fundou na sua propriedade Ibicaba, Província de São Paulo, com 400 emigrantes suíços, uma colônia de parceria. Em 1852, seguindo o exemplo de Vergueiro, outras colônias de parceria foram fundadas nas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, colônias como as de Independência, Santa Justa, Santa Rosa, Coroas, São Jerônimo, São Lourenço etc. Mas o sucesso desses empreendimentos não correspondia às expectativas dos grandes proprietários. O número de trabalhadores europeus ainda era insuficiente e perfazia um total de 2500 pessoas considerando todas as fazendas. O autor refere-se à revolta dos colonos na fazenda paulista do Senador Vergueiro e, que veio a definir a posição da imprensa alemã e suíça contra o sistema de parceria e toda a discussão apaixonada em torno do problema, assim como o grande aumento da literatura sobre a emigração para o Brasil (p. 53). Faz o relato do ocorrido, de que à frente dos insatisfeitos estava o mestre-escola Thomas Davatz que afirmava que os colonos haviam sido maltratados e prejudicados. Davatz escreveu para o conselheiro de Estado do Cantão de Zurique que, por sua vez, procurou o agente de emigração Paravicini

⁷⁷ Sobre o emprego do sistema de parceria em outros países e suas variações, Warren Dean: *Rio Claro ...* p. 90-91. Segundo o autor, o parceiro era de fato 'intentured servant' e o sistema de parceria empregado no Brasil era essencialmente diferente da sua versão européia.

⁷⁸ Lehmann, E.: *Die deutsche Auswanderung*. Berlin ... 1861; p. 52.

na cidade de Zurique, responsável pelo transporte dos emigrantes.⁷⁹ O agente, em nome da Casa Vergueiro, explicou que se responsabilizaria pelos custos do transporte de volta do mestre-escola Davatz se alguém fosse enviado para a colônia Ibicaba para verificar as condições e circunstâncias vividas pelos colonos. Desta feita, foi enviado ao Brasil Dr. Heusser conforme a solicitação dos governos de Bern, Unterwalden, Glarus e Aargau. Segundo Lehmann, Heusser chega à conclusão de que, a possibilidade de um emigrante ser feliz nesta colônia era a mesma que ganhar o grande prêmio na loteria. Explica então que o relatório de Heusse provocou dois tipos de reações: uns passaram a condenar a emigração para o Brasil enquanto outros passaram a defendê-la. Ele ainda se refere às investigações feitas por parte do governo brasileiro e o envio do desembargador Manoel de Jesus Valdetaro para visitar as colônias, assim como à missão posterior de von Tschudi no Brasil, enviado pelos governos suíços e alemães. Cita também as publicações na Alemanha de autoria do médico Avé-Lallemant, tendo o este assim como Tschudi criticado e condenado a emigração para as fazendas de café. Lehmann chega a conclusão de que somente a emigração para as 'colônias livres' poderia ser aconselhável e mesmo assim com ressalvas, já que o casamento misto não era reconhecido e havia ainda o problema da nacionalidade e do isolamento físico e espiritual dos colonos que viviam longe da civilização (p. 56). Finalmente, citando Handelmann, conclui que não era possível nas circunstâncias em que se encontrava o Brasil, aconselhar nenhum pai de família a emigrar. O que lamentava, pois, apesar de todos os defeitos, ressaltava ser o país o único politicamente estável da América Central e do Sul, onde com exceção de uma única república, as demais viviam, desde a independência, em completo caos.⁸⁰

O livro de H. Schentke, *Mahnruf gegen die Auswanderung nach Brasilien* ('Advertência contra a emigração para o Brasil'), foi publicado em Berlim em 1873. Esta obra foi escrita numa época onde o sistema de parceria já havia sido praticamente abandonado e ultrapassa em alguns anos, o período das cartas aqui apresentadas. Faço uso desta, pois as suas teses e

⁷⁹ Lehmann dá como data da revolta em Ibicaba, fim de 1855 e início do 1856 e a ida de Dr. Heusser, novembro de 1856. Segundo Davatz, op. cit, e Béatrice Ziegler, *Schweizer statt Sklaven*; p. 286, a revolta ocorreu praticamente um ano mais tarde (dezembro de 1856) e Heusser chegou a São Paulo em fevereiro de 1857.

⁸⁰ Na sua opinião, a exceção era o Chile (p. 57).

argumentos se parecem muito com os escritos dos anos 1850/60.⁸¹ Ao escrevê-lo, Schentke estava imbuído das novas idéias e esperanças suscitadas pela unificação e a formação do '*Deutsche Reich*' (1871) que deveria defender os interesses alemães no mundo. Com a fundação do Império Alemão, houve o despertar de um sentimento nacional já existente desde meados do século, mediante o qual a emigração adquiriu um outro significado. Schentke achava que o dever do Estado era concentrar as forças nacionais, significando a emigração, no seu modo de ver, uma grande perda econômica para a nação.⁸² Dentro desta perspectiva, o objetivo deste seu livro era o de estancar a emigração para todos os países da América do Sul e impedir que o Restrito von der Heydt de 1859, para o Brasil, fosse revogado.

Schentke trata na sua obra dos dois tipos de emigração para o Brasil: aquela feita para as fazendas de café dentro do sistema de parceria, ou as outras para as demais províncias, sobretudo para o sul do país, em pequenas-propriedades. Sua análise é superficial, muitas vezes estereotipada e, como não indica suas fontes, tenho a impressão que ele repete o que leu em livros e artigos de jornais das décadas passadas adaptando as informações colhidas naqueles textos conforme os seus objetivos, para aquele momento histórico. Ele critica praticamente todos aqueles que, de uma forma ou de outra, defenderam o Brasil como foi o caso de Hermann Blumenau, Charles Reybaud, Köhler, A. Jahn e outros, e ataca o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* de Rudolstadt alegando que o mesmo era subvencionado pelo governo brasileiro, sendo as inúmeras cartas de emigrantes ali publicadas, simplesmente montadas. (p. 10).

Caracteriza o sistema de parceria, dado o tipo de contrato, como 'escravidão moderna' e diz que faltaria aos grandes proprietários, habituados a tratar os negros só com chicote, critérios para lidar com a dignidade e os direitos humanos de trabalhadores livres (p. 21).⁸³ Chega à conclusão de que o emigrante europeu difere dos demais escravos no Brasil apenas pela cor de

⁸¹ Ver Kerst, S. G.: *Über brasilianische Zustände der Gegenwart ...*, Berlim 1853; Sturz, J. J.: *Die deutsche Auswanderung und die Verschleppung ...*, Berlim 1868; Avé-Lallement: *Am Mucury. Eine Waldgeschichte aus Brasilien ...*, Hamburg 1859.

⁸² Sudhaus: *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Jahrhundert. ...*, p. 152.

⁸³ Neste aspecto, não estava de todo errado! Sobre os maus tratos sofridos pelos colonos assim como sobre o choque sócio-cultural entre fazendeiros e imigrantes ver: Viotti da Costa: *Da Senzala à colônia ...*; p. 89 - 90; Holanda: Prefácio à obra de Davatz; Zieger: *Schweizer statt Sklaven ...*; p. 228ff; Alencastro e Renaux: *Caras e modos dos migrantes e imigrantes ...*; p. 300 - 301.

sua pele. Enquanto o escravo negro, pouco consciente da sua situação, sente o chicote algumas vezes, o escravo alemão o sente continuamente como dor e martírio moral (p. 24). Aqui fica claro o preconceito do autor: os negros são inconscientes e não possuem moral, sentem apenas dor física!

Sobre as colônias do sul do Brasil, tenta demonstrar que estas também não se desenvolveram conforme o esperado e que o clima de Santa Catarina, subtropical, não seria adequado para a agricultura, sendo que o único produto de exportação que se desenvolveria nas colônias da dita província, um tabaco de qualidade inferior. Registra ainda que a colônia Blumenau encontrava-se em decadência dependendo da subvenção do governo brasileiro. Os produtos para exportação produzidos ali seriam apenas cigarro e algumas pranchas de madeira, tendo os colonos que comprar alimentos, roupa, gado, carne seca, farinha, açúcar e café advindos de outras paragens. Além do problema constante das enchentes, Blumenau ainda seria atacada todos os anos por índios. Para ele, as colônias de Santa Catarina não teriam condições de sobreviver em conseqüência, principalmente, da falta de bons portos, estradas e de uma população no interior que possibilitasse o desenvolvimento de um comércio interno (p. 38). O autor descreve ainda vários episódios para provar que não há no Brasil nenhuma região propícia para os alemães e que outros governos europeus, como o português e o inglês, também tomaram medidas para impedir a emigração dos seus cidadãos para o país (p. 8).⁸⁴ Termina o seu escrito dizendo que o Império Alemão seria sim a primeira potência cultural do mundo, a terceira força comercial da Terra e os seus membros deveriam estar certos de que as asas da poderosa águia alemã pousariam sobre seus filhos que, por sua vez, estariam abrigados pela proteção consular legal e organizada que os protegeria da servidão. Valendo-se das mesmas palavras dos 'orgulhosos ingleses' em relação ao Brasil, conclui dizendo: "Germans never shall be slaves" (p. 50).

⁸⁴ Sobre a posição do governo inglês em relação à emigração para o Brasil, Adalbert Jahn no seu livro *Wichtige Beiträge zur Einwanderung und Kolonisation in Brasilien*, do ano de 1874, rebatendo as idéias de Schentke, explica que, se os ingleses passaram a fazer advertências restritivas em relação o Brasil 'sob o manto da humanidade', isto foi uma manobra para desviar o capital alemão do Brasil já que firmas inglesas estavam construindo a estrada de ferro que ligava Porto Alegre a São Leopoldo, o núcleo e a base da colonização no Rio Grande do Sul. Para Jahn, a permanência do Rescrito Prussiano faria com que outros povos tirassem das mãos dos alemães todo o comércio que já controlavam no Brasil. Ver Sudhaus, op. cit., p. 153.

Estas últimas frases de Schentke demonstram mais um complexo de inferioridade do que necessariamente uma crença na superioridade dos alemães em relação ao resto do mundo. Como a Alemanha não possuía colônias 'antigas', não havia participado da 'divisão do mundo' e era vista como paria entre as grandes potências da época, o componente nacionalista acabou por adquirir um peso maior ali, mais que em outras nações. O vocabulário nacionalista-expansionista tinha a função de compensar o complexo de inferioridade existente e exigia uma equiparação da Alemanha com outras grandes nações.⁸⁵ O 'Reich' deveria desenvolver uma política ultramarina que ajudasse a superar as dificuldades econômicas permitindo um crescimento contínuo da economia e que, por sua vez, contribuísse para estabilizar a estrutura social. Na visão de Schentke, a emigração significava uma perda de capital humano e o objetivo de sua obra era antes de mais nada, persuadir os alemães a não deixarem 'o novo' país. E ele persegue seu objetivo, mesmo que para isso tivesse que distorcer informações.

Voltando ao *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, vê-se, no n° 35 de 31 de agosto de 1860, um esboço da situação, das colônias no Brasil - tanto as do governo quanto as particulares - em fins do ano de 1859. É apresentada resumidamente a situação de cada colônia nas várias províncias. Na relação das colônias de parceria da Província de São Paulo, a situação de cada uma é descrita sem rodeios ou tentativa, por parte do redator, de melhorar os dados. O artigo fora publicado após a revolta em Ibicaba, num momento de crise do sistema de parceria, quando a insatisfação, não só por parte dos colonos, mas também dos proprietários, já era do conhecimento público. Reproduzirei as informações dadas pelo jornal, que são de extrema importância, já que nos fornecem uma idéia do número das fazendas que empregavam mão-de-obra estrangeira. Mão-de-obra composta não somente de parceiros, mas também de assalariados. As informações ainda permitem conclusões sobre a situação financeira dos colonos naquele ano de 1859. Podemos notar que a colônia Ibicaba era a que possuía o maior número de colonos estrangeiros e, tanto nela quanto em Angelina, ambas de propriedade do Senador Vergueiro, os parceiros ou estavam ainda muito endividados ou não conseguiam progredir. Nas colônias onde os proprietários pagavam um preço fixo por alqueire de café colhido ao contrário, a situação dos colonos era satisfatória. Já naquelas onde a colheita e a

⁸⁵ Fenske: op. cit., p. 381.

venda dos gêneros alimentícios pertenciam totalmente aos parceiros, a possibilidade de estes virem a quitar suas dívidas era maior.⁸⁶

S. Luiz da Boa Vista. Sistema de parceria. Regride. 21 habitantes.

Francisco Mariano Galvão Bueno. Parceria. Os 19 colonos que desde 1859 aí se encontram, não quitaram ainda as suas dívidas.

São Joaquim. Metade parceria, metade trabalho assalariado. 185 colonos, dos quais uma grande parte acabou de pagar as suas dívidas e vive em melhores condições.

Boa Vista. Parceria. Os 92 colonos que vivem aí desde 1855 só irão conseguir pagar as suas dívidas daqui a 2 anos.

Laranjal. Parceria. Os 95 colonos, desde 1856 nesta estabelecidos, ainda não estão livres das suas dívidas.

Boa Vista de Campinas. Parceria, mas os gêneros alimentícios cultivados pertencem exclusivamente aos colonos. Quase todos já quitaram suas dívidas.

Sete Quedas. Sistema como o da colônia acima. Os 116 colonos estão satisfeitos.

Bom Retiro. Sistema de parceria e de trabalho assalariado. Os 40 colonos que aqui chegaram no ano de 1856 quitaram quase completamente as suas dívidas.

Boa Esperança. Sistema como em Bom Retiro. Os 32 colonos que chegaram em 1855 estão quase todos livres de dívida.

Dores. Os 12 colonos prepararam-se para abandonar a colônia.

Florence. Só tem 2 famílias com 19 almas, das quais cada uma tem 5000 pés de café para cuidar. Os colonos, em pouco tempo, se livraram das dívidas.

Palmeiras. Parceria mas os colonos vendem ao proprietário o café colhido pelo preço de 400 réis por 2 arrobas. Os 44 colonos devem pouco.

Tapera. Sistema como o de Boa Vista de Campinas. Os 64 colonos quase já liquidaram suas dívidas.

Boa Vista do Tatu. Sistema como o de Boa Vista de Campinas. 36 colonos.

São Jerônimo. Parceria e trabalho assalariado. Os 323 colonos estão quase sem dívidas.

Santa Bárbara. Parceria e trabalho assalariado. Os 244 colonos estão quase sem dívidas.

⁸⁶ O artigo, ao tratar das colônias particulares da Província do Rio de Janeiro, não faz menção às fazendas Independência, Santa Justa, Santa Rosa e Coroas. Cita só a Valão dos Veados que, pelo visto, não era colônia de parceria.

Morro Azul. Parceria e trabalho assalariado. Os 115 estão quase livres de dívida.

Palmira. Parceria e trabalho assalariado. Os 26 colonos estão quase livres de dívida.

Ibicaba. Parceria. 757 colonos, dos quais muito ainda estão endividados.

Itaúna. O proprietário paga aos colonos 480 réis por alqueire de café e cede a eles todos os gêneros alimentícios cultivados pelos próprios. Os 45 colonos, desde 1857 estabelecidos nesta, já pagaram quase toda sua dívida.

Boa Vista do Rio Claro. Parceria. 173 colonos. Aqui reinava a desordem, mas o comissário enviado pelo governo restabeleceu a ordem.

Biri e Cabitinga. Parceria. Apesar deste sistema, o proprietário compra dos colonos o alqueire de café por 400 - 480 réis. Os 126 colonos estão progredindo.

Angélica. Parceria. Os 133 colonos não progridem.

São Lourenço. Parceria. Os 444 colonos estão prosperando e indo para frente.

Santo Antônio. Parceria. 44 colonos. A colônia sofre de uma série de desordens.

Bom Jardim. Parceria e trabalho assalariado. 40 colonos. Bom progresso.

Santo Antônio de Jundiáí. Parceria. Os 75 colonos, estabelecidos desde 1854 nesta, possuem ainda muita dívida.

São José da Lagoa. Parceria. Os 40 colonos estão progredindo.

São Joaquim de Jundiáí. Parceria. 30 colonos. Vai bem.

Segundo os dados acima expostos, havia 3.369 colonos parceiros nas 28 fazendas da Província de São Paulo em fins de 1859, não sendo aí especificada a proveniência dos mesmos.⁸⁷

4. O papel desempenhado pelas cartas no movimento imigratório

Fröbel publicava apenas as cartas dos emigrantes que haviam partido da Turíngia e nunca deixava de citar o nome e o local de residência dos destinatários, tentando assim eliminar possíveis dúvidas sobre a autenticidade das correspondências.⁸⁸ Na introdução que antecede a

⁸⁷ Segundo as pesquisas de Hall, no ano de 1855 havia 3.500 imigrantes de várias nacionalidades em trinta fazendas no interior de São Paulo, *The Orgins of Mass Immigration ...* p.15. Sobre o número e proveniências dos colonos nas principais fazendas, Viotti da Costa: '*Colônias de parceria na lavoura de café ...*'; in: Viotti da Costa: *Da Monarquia à República ...*; p.175 - 176.

⁸⁸ A única exceção na nossa seleção é a carta de Abraham Grob (nº 20), imigrante proveniente do Cantão de Sant Gallen, Suíça.

publicação de duas cartas do Brasil no *Der Pilot*, nº 27, de 2 de julho de 1865, o redator escreve que havia certo tipo de pessoa que não se cansava de atacar a emigração para o Brasil realizada através de empréstimos ou adiantamento dos custos da viagem, enquanto aprovava a emigração no mesmo estilo para a Austrália. Na opinião dele, estava na hora de publicar novamente alguns testemunhos dos "escravos brancos" para que assim os céticos pudessem se dirigir a Bechstedt, perto de Königsee, e se certificar da autenticidade das duas missivas. Entretanto, apesar de Fröbel identificar o destinatário das cartas, a dúvida permanece: Teriam sido elas realmente escritas pelos colonos? Interceptadas pelos fazendeiros, teriam sofrido alterações? Ou ainda, as cartas teriam sido, como muitos afirmavam, escritas pelo próprio redator a fim de servirem de incentivo à emigração?⁸⁹

Era conhecido na época, o papel primordial que as cartas, publicadas ou não, desempenhavam na imagem tanto do movimento emigratório quanto na imagem do país a ser escolhido. O trabalho de Mikoletzky sobre a emigração alemã para os Estados Unidos na literatura de ficção mostra bem a importância das cartas. Presentes em vários romances ou contos que tratavam do tema, as cartas são apresentadas como fator de propulsão para a emigração de um ou vários personagens de suas histórias. Em vários casos, essas cartas fictícias continham, não só as descrições sedutoras das oportunidades de ascensão social e da possibilidade de ganho mais fácil para os recém-chegados nos Estados Unidos, mas também o dinheiro da passagem para aquele que permanecera na Alemanha, mas tinha o desejo ou a intenção de emigrar.⁹⁰

As cartas, em geral prestigiadas pelo leitor simples, eram consideradas uma fonte de informação segura. Todo tipo de informação impressa raramente atingia as camadas sociais mais baixas. Mas talvez com as cartas publicadas ocorresse o mesmo que ocorria com as cartas de 'particulares', de parentes e conhecidos cujas mensagens corriam de mão em mão, eram

⁸⁹ O Museu Pe. Sebastião da Silva Pereira, Rio das Flores, Rio de Janeiro, possui um documento, não catalogado, com a relação numerada dos nomes, idade, profissão, estado civil, renda líquida e residência dos imigrantes da Fazenda Santa Justa em Valença. Constam nesta relação, os nomes dos colonos Georg Schneider (carta nº 5), Georg Neubauer (carta nº 7) e de Johann Rossbach (carta nº 2). No fim do documento encontra-se escrito: Fazenda de Santa Justa, 5 de Dezembro de 1858. Inspetor do 14. Quarteirão da Freguesia de Sta. Thereza, Município de Valença. Gustavo Tomanik. Já o nome do colono Franz Holle (carta nº 13) consta na relação dos nomes de dezoito colonos turíngios que assinaram uma carta endereçada a Thomas Davatz, Ibicaba, 12 de Março de 1857; in: *Memórias de um Colono no Brasil (1850) ... Anexo N° 10*; p. 279 - 280.

⁹⁰ Mikoletzky, Juliane: *Die deutsche Amerika-Auswanderung des 19. Jahrhunderts in der zeitgenössischen fiktionalen Literatur...*; p. 188.

contadas e recontadas e se espalhavam pelos vilarejos formando, aos poucos, nas mentes dos interessados a emigrar, imagens dos países distantes.⁹¹ É claro que os emigrantes retratavam o processo emigratório e o país de destino a partir do seu ponto de vista e, mesmo as cartas não publicadas tentavam provar o sucesso do seu empreendimento. O sonho e a esperança de se ter uma vida melhor era afinal o que levava os descontentes a buscar a sorte em países que, pelo menos teoricamente, tinham mais a oferecer. Talvez esta seja uma das razões para alguns exageros contidos nas primeiras cartas enviadas aos familiares. Era necessário de que a decisão fora acertada e que o emigrado vivia melhor do que aqueles que não o acompanharam. É provável que Fröbel não publicasse trechos relatando aspectos negativos da vida dos parceiros no Brasil, os exageros, entretanto, devem ser atribuídos aos próprios colonos, já que podemos verificar, muitas vezes, algo semelhante nas cartas de alemães, publicadas ou não, que se dirigiram aos Estados Unidos.⁹²

Em relação ao papel que as cartas dos emigrantes, publicadas em jornais, desempenharam em meados do século XIX, registraram-se comentários interessantes de Dr. Heusser e de J. J. Von Tschudi, os quais foram ao Brasil, visitaram as fazendas de café e conversaram com os colonos. O *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* publicou entre novembro e dezembro de 1857 uma resenha do relatório do Dr. Heusser enviado ao diretor de Polícia do Cantão de Zurique e editado na Suíça, naquele mesmo ano, com o título *Os Suíços nas colônias em São Paulo no Brasil*. Conforme pode ser verificado na resenha publicada no jornal, o autor fez observações sobre as cartas de imigrantes somente num dos últimos capítulos. Ele se detém na questão das cartas que chegavam à Suíça e afirma que não haviam sido escritas livremente pelos colonos, mas sim que as mesmas eram submetidas ao controle de um empregado da fazenda. As cartas com notícias negativas não eram remetidas. Como prova para sua afirmação, Thomas Davatz cita a passagem de seu livro onde narra que tivera suas cartas rasuradas e censuradas pelo

⁹¹ Rößler, Horst: *Massenexodus: die Neue Welt des 19. Jahrhunderts*; in: Bade, Klaus (org.): *Deutsche im Ausland, Fremde in Deutschland...*; p. 148 - 157.

⁹² Rößler: *op. cit.*, p. 153; Helbich, Kamphoefner und Sommer, U. (org.): *Briefe aus Amerika. Deutsche Auswandre schreiben aus der Neuen Welt, 1830 - 1930. ...*; Mikoletzky, *Die deutsche Amerika-Auswanderung ...*; p. 188, ressalta que, mesmo nas cartas fictícias existentes nos romances, devido a associações diferentes, muitas situações descritas despertavam impressões inexatas na Alemanha. Se considerarmos as cartas apresentadas neste trabalho, podemos imaginar a indignação de um camponês pobre alemão ao ler que o seu parente já possui um cavalo, que tratava de 6000 pés de café ou que a colônia era maior que o seu vilarejo na Turíngia (carta n° 17).

diretor da colônia Ibicaba.⁹³ Apesar da intimidação, porém, os colonos continuariam escrevendo aos seus familiares e amigos lamentando sua miséria. Só que como estas cartas não chegavam à Suíça, o público não chegava a tomar conhecimento delas. Heusser justifica assim a existência de tantas cartas de emigrantes satisfeitos com a sua nova situação, com o sistema de parceria onde anteviam, com a quitação a curto prazo de suas dívidas, um bom futuro para si e suas famílias. O autor segue levantando suspeitas sobre quais teriam sido as razões que levariam os colonos a não escreverem a verdade, já que ele próprio, não acreditava que um colono pudesse se ver satisfeito com sua condição, tampouco com o montante de suas dívidas e muito menos ainda com os maus-tratos impostos pelos administradores e proprietários das fazendas. Heusser levanta ainda algumas hipóteses, que segundo ele provavelmente justificariam tal comportamento por parte de certo número de colonos. Uma delas seria a leviandade ou mesmoismo dos colonos que, considerando-se em situação invejável, achavam-se no direito de contrair dívidas e viver confortavelmente sem trabalhar, tendo assim, somente vantagens a contar. Uma segunda seria a alienação por parte de muitos que só ressaltavam as vantagens de sua nova condição, deixando de mencionar as desvantagens. E uma terceira hipótese que se justificaria na precipitação de alguns, que, impressionados com a recepção calorosa nas colônias, teriam escrito suas cartas antes de se certificarem das condições reais de vida no novo país. O sentimento de honra equivocado poderia ser ainda um motivo para o tom otimista das cartas, já que muitos colonos desejavam mostrar aos seus amigos que permaneceram em casa e que os tinham desaconselhado a emigrar, de que tinham encontrado êxito em sua decisão. A falta de instrução de alguns também deveria ser um componente a ser considerado, já que as cartas otimistas ao extremo eram escritas de uma maneira tão complicada, que o próprio Dr. Heusser não podia entender seu conteúdo. Heusser era da opinião que um simples emigrante jamais teria condições de redigir uma carta crítica, na qual relatasse sua real situação de vida. Podemos concluir que o Dr. Heusser ressalta tanto fatores pessoais e quanto psicológicos dos emigrantes, os quais teriam influenciado negativamente os remetentes no momento de redigir suas cartas. Seja quando cita o orgulho, a vergonha, inexperiência e ingenuidade, falta de escolarização ou mesmo desonestidade, o que o autor intenta é convencer a opinião pública de que os parceiros se encontravam impossibilitados de se expressarem no que dizia respeito à sua miserável condição. Desse modo, acaba por

⁹³ Ver Davatz: *Memórias de um colono no Brasil*, p. 169, 171-173; Dean: *Rio Claro...*, p. 99. Talvez esteja aqui uma das causas da generalização na época de que todas as cartas dos parceiros eram abertas, lidas ou confiscadas.

sentenciar as cartas como ideologicamente perigosíssimas, até mesmo para os parentes dos remetentes, pois o conteúdo das mesmas poderia gerar naqueles que viessem a lê-las falsas expectativas quanto à emigração. Neste caso, o que o autor faz uma crítica indireta ao próprio Fröbel, que utilizava com frequência em seus jornais, aquele gênero de informação que, segundo Heusser, não poderia ser no seu entendimento considerado fonte fidedigna.⁹⁴

Heusser deixa claro o seu parecer sobre as cartas e, a cabo, podemos concluir que elas exerciam realmente um efeito muito grande sobre seus leitores. Eram, por isso mesmo nos dizeres de Heusser, vistas com ressalva por parte das autoridades alemãs e por pessoas ligadas à emigração para o Brasil.

J. J. von Tschudi faz uma rápida observação sobre as queixas apresentadas a ele pelos colonos de que suas cartas eram rasuradas e censuradas e que contradiz Heusser na essência de sua argumentação :

“Os colonos, quando deixavam de receber a resposta de alguma carta enviada à pátria, logo suspeitavam que a mesma tivesse sido retida, mas na maior parte dos casos não era este o motivo. Uma carta proveniente de uma cidade provinciana do interior do Brasil precisa ter uma boa estrela para chegar às mãos de seu destinatário, na Alemanha ou na Suíça. Os colonos costumam escrever os endereços de modo um tanto quanto ilegível e, na maior parte das vezes, em caracteres góticos. Os funcionários brasileiros ficam, por isso, sem saber o que fazer com tal correspondência e, sem hesitar, colocam tais cartas no saco que se destina ao Rio de Janeiro. A mesma dificuldade se apresenta na repartição desta cidade, o que se repete ainda nos correios ingleses e franceses. Mas, a despeito de tudo, o milagre se opera: a carta chega a seu destino e o destinatário responde, com endereço igualmente ilegível, em que se distingue apenas a palavra 'Brasil'. Como o remetente, geralmente, ignora as taxas de franquia postal, a carta não vai além da Inglaterra, de onde não é expedida. No caso do selo estar certo, o endereço deficiente e difícil cria tais embaraços aos funcionários postais, que nunca chegam a seu destino (...) e se a correspondência dos colonos de parceria é deficiente, não precisamos recorrer a suspeita de retenção ou de uma censura talvez inexistente.”⁹⁵

⁹⁴ *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, n° 51, 18 de dezembro de 1857.

⁹⁵ Tschudi: *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo...*; p. 160 - 161. (Tradução de Eduardo de Lima Castro).

Como se vê, Tschudi não deixa de apontar outros aspectos importantes, como o da pouca escolarização das camadas sociais às quais pertenciam os emigrantes, a diferença existente entre os caracteres alemães do século XIX e o da língua portuguesa, além das dificuldades com a franquia e com o transporte da correspondência etc. A título de exemplo dos problemas abordados por Tschudi, temos a carta de Carl August Müller, de 31 de outubro de 1857 (carta nº 17), na qual o remetente escreve: "Se vocês quiserem enviar uma carta, então, a enderece ao colono Carl A. Müller, na colônia do Sr. Senador Antonius Franziska Souza Chores (sic): São Jerônimo, Província de São Paulo, Brasil, América do Sul." Exemplo que nos permite imaginar o tipo de equívoco que sujeitava uma correspondência até que ela chegasse ao destinatário. Isso tudo fazia com que muitas cartas se extraviassem. Porém, como estamos lidando somente com as cartas publicadas, que a princípio foram escritas por emigrantes de fato e que chegaram às mãos de seus destinatários na Turíngia, é uma questão que não atinge diretamente nosso estudo. O que nos interessa de fato é que as cartas influenciaram a opinião pública alemã da época. Hoje talvez não seja mais possível determinar até que ponto estas cartas foram distorcidas em nome da propaganda ou da intenção de incentivar à emigração. Podemos, contudo, verificar que vários fatores podem ser apontados como responsáveis pelo extravio de algumas das cartas ou para que outras fornecessem apenas imagens positivas do país e da nova vida escolhida pelos seus autores.

Podemos observar que todas as cartas seguem determinado modelo, aproximam-se no que diz respeito a sua estrutura. Há temas que aparecem na maioria delas, tais como o clima do Brasil, as condições de trabalho nas fazendas, a fartura da alimentação, as posses já adquiridas (animais domésticos, cavalo etc), o montante da dívida assumida pelo imigrante. Delas constam ainda alguns esclarecimentos sobre o sistema de parceria, junto à confirmação de que nas colônias, os parceiros não eram escravos, mas sim homens livres. No fim das cartas, os autores não raro tentam motivar alguns dos familiares ou conhecidos a emigrar. E pode-se dizer mais: é através de comparações entre o que se conhecia na Alemanha com o que fora encontrado no Brasil que as observações e comentários são feitos nas missivas. Mesmo para os próprios colonos, a percepção do novo só se realiza através de comparações com o velho, com aquilo que é familiar. E, muitas vezes, para convencer parentes e amigos de que a decisão de emigrar fora acertada, de que a vida melhorara, o remetente vale-se do exagero como recurso de linguagem ou opta pelo realce daqueles aspectos que, a princípio podem parecer mentira,

mas que pode ser perfeitamente interpretado como estratégia discursiva. Por outro lado, não podemos esquecer que os camponeses e artesãos, que se dirigiram às fazendas de café, viviam em condições muito precárias nos vilarejos da Turíngia. O que gera a sensação de que só o fato de haver no Brasil lenha suficiente, ou colheitas de algumas espécies mais de uma vez por ano, ou simplesmente a possibilidade de em pouco tempo, possuir um cavalo, fosse considerado pelo emigrante um grande luxo. Mas, depois de uma leitura mais cuidadosa, percebe-se que, mesmo não criticando o sistema de parceria, nem reclamando da sua sorte, alguns colonos deixam transparecer que o início no país adotado não era fácil, que a viagem marítima era penosa, que os companheiros nem sempre agiam com justiça e correção e por fim, que as saudades eram enormes. É o que podemos apurar da carta de Johann Heinrich Friedrich Harz (carta n° 11), por exemplo.

A referência constante ao clima, podemos atribuir ao receio existente na Alemanha da época de que o clima do Brasil, exceto o do sul, fosse impróprio para os europeus do norte. Temia-se que os emigrantes não se aclimatariam nos trópicos. Julius Frosch escreve que ele bem poderia usar o seu edredão se o tivesse levado para o Brasil (carta n° 12). Não se conformava com o falatório na Alemanha sobre o calor insuportável que reinava no Brasil.⁹⁶ Já Georg Schneider, colono em Santa Justa, na sua carta datada de 1853 (carta n° 5), afirma por sua vez que estavam em pleno inverno mas que podiam andar descalços.⁹⁷

As nove cartas provenientes das fazendas fluminenses foram escritas nos anos de 1852/53, isto é, logo no início da emigração para as fazendas daquela região. Algumas informações importantes podem ser encontradas nessas poucas, em especial no que diz respeito à chegada dos imigrantes e ao primeiro ano na fazenda. Na primeira carta, a do capitão Saabye, são fornecidos os nomes dos navios que transportaram os emigrantes para o Brasil, e na oitava, de Christian Maß, é citado o local de desembarque, Porto da Estrela, no Rio de Janeiro. Saabye, que visitou seus compatriotas nas fazendas logo após sua chegada, relata apenas como os novos parceiros foram recebidos e quais eram as expectativas em relação à moradia, à educação e à vida religiosa. Descreve simplesmente o que ouviu, provavelmente do próprio proprietário da fazenda Santa Justa ou mesmo dos colonos e dá nota de que o Sr. Bellens, dono

⁹⁶ *Der Pilot*, n° 28, de 9 de julho de 1856. (carta n° 12)

⁹⁷ Suplemento do 5° Exemplar do *Rudolstädter Wochenblatt* de 1853. (carta n° 5)

da fazenda, não debitaria na conta dos emigrantes o transporte do Rio de Janeiro à fazenda, o que, a seu ver, demonstrava as boas intenções do fazendeiro. Interessante pois é que alguns anos mais tarde, os colonos de Ibicaba reclamariam exatamente esta questão, não muito clara nos contratos, no que diz respeito a quem caberia os custos da viagem do porto até a fazenda. O intuito da carta de Saabye era provar aos leitores que o sistema de parceria, tão criticado na Alemanha desde a sua implantação, oferecia possibilidade de uma vida melhor aos camponeses alemães. Como descrições da viagem marítima da Alemanha ao Brasil são poucas, e já que o que interessava ao leitor eram 'o novo país e a nova forma de vida', as cartas de F. Roßbach (carta n° 2), de Heinrich Möller (carta n° 4) ou de Christian Maß (carta n° 8) são especialmente interessantes, pois oferecem detalhes da difícil travessia transatlântica. Georg Bock (carta n° 3), por exemplo, escreve que ao chegarem ao Brasil, os colonos não puderam permanecer no porto devido ao risco de infecção pela febre amarela, o que os obrigou a seguir imediatamente após o desembarque para a fazenda.⁹⁸

Outro tema tratado, sobretudo nas cartas de colonos que se estabeleceram no sul do Brasil e que correspondia às idéias discutidas na Alemanha em meados do século XIX, era a possibilidade da formação de uma pequena comunidade alemã na região. Os alemães no Brasil viveriam entre si, podendo desta maneira preservar sua língua, cultura, usos e costumes. O que era visto de forma muito positiva pelos próprios colonos e entendido como grande vantagem no ponto de vista dos intelectuais que defendiam a emigração para o Brasil. O colono Heinrich Möller comenta que, a caminho da fazenda Santa Justa, passaram por Petrópolis, onde foram bem recebidos pelos seus conterrâneos (carta n° 4). Saabye chega a dizer que nas três colônias, Independência, Santa Justa e Santa Rosa, havia mais de 600 alemães.

Como pairava na Alemanha a desconfiança de que o sistema de parceria fosse de fato um tipo de escravidão branca por dívida, nota-se a frequência com que o assunto aparece nas cartas. Os imigrantes afirmavam e insistiam no fato de que não eram escravos, que eram homens livres apesar de terem dívidas. Georg Schneider chega mesmo a confessar que se livrara da escravidão emigrando para o Brasil (carta n° 5); August Müller, em 1858, escreve que ele e a

⁹⁸ A partir de 1850 as epidemias de febre amarela e os surtos de cólera e varíola são frequentes no Império. Alencastro, L. F.: *Vida privada e ordem privada no Império*; in: Alencastro (org.): *História da Vida Privada no Brasil*. ..., p. 67.

sua família viviam na fazenda São Jerônimo "tão livres quanto os pássaros no ar" e, segundo ele, nenhum negro poderia viver assim (carta n° 18). Sobre os escravos, confirma Georg Bock que os mesmos existiam na fazenda São Matheus, mas os colonos não tinham "nada a ver com eles" (carta n° 3). Franz Holle, residente na Fazenda Ibicaba, dizia que a colônia era formada por mais de 800 almas, sendo a maioria alemães, sem contar os negros que eram mais de 400 (carta n° 10). Praticamente não há comentários sobre os brasileiros em geral, a não ser sobre o dono da fazenda, chamado por muitos de 'senhor' (Herr).

A implantação do sistema de parceria com emigrantes europeus não impedia que se continuasse a fazer uso do trabalho escravo nas colônias. O que havia era apenas a separação do espaço físico e do tipo de trabalho atribuído à mão-de-obra dos dois sistemas. Como os colonos viviam isolados nas fazendas, sendo os administradores muitas vezes alemães com o intuito de se facilitar o entendimento entre proprietário e trabalhadores das colônias, os mesmos praticamente não travavam contato com a comunidade brasileira.⁹⁹ Só mais tarde, quando passaram a vender gêneros alimentícios nas vilas mais próximas ou foram viver nas cidades é que o contato com os nacionais passou a ser maior.

A farta alimentação da qual desfrutavam era outro tema presente em todas as cartas dos colonos. Uma descrição tão entusiasmada que não raro passa a impressão de exagero. August Müller, da Fazenda São Jerônimo, descrevendo a festa de batizado do seu filho, contava que teve durante dois dias 24 homens à mesa, quando abateram 16 galinhas e patos. Além disso, havia assado de carne de vaca e de porco, pois no Brasil não era necessário poupar como na Turíngia (carta n° 18). O mesmo colono dizia que no Brasil se dançava para se ter fome, ao contrário de antigamente quando na Alemanha eram obrigados a dançar para passar a fome (carta n° 17). Um tipo de comentário devia impressionar muito os camponeses das regiões

⁹⁹ Béatrice Ziegler, *Schweizer statt Sklaven ...* p. 238, chama a atenção para a relação dos diretores das colônias, na sua maioria alemães, com os imigrantes. O uso de agressão física por parte dos diretores ou administradores não pode ser explicado por possuírem estes 'uma mentalidade escravocrata' como seria o caso dos fazendeiros pois, na sua maioria, eram proveniente da Europa. Para a autora, numa sociedade extremamente hierarquizada, a luta pela ascensão social era muito dura e só poderia ser alcançada às custas dos demais e com o apoio do proprietário da fazenda. Perante os colonos, os diretores eram representantes dos fazendeiros e a sua obrigação era a de fazê-los cumprir as ordens e expectativas dos patrões. O comentário de Davatz sobre os interesses dos dois diretores alemães de Ibicaba, Sr. Jonas e Sr. Schmid, na revolta dos colonos é um bom exemplo do que Ziegler ressalta; *Memórias de um colono no Brasil ...*, p. 179.

mais pobres da Alemanha que, como consta nas cartas, tinham que labutar diariamente contra a carestia.

Há algumas cartas que fazem comentários sobre a revolta ocorrida em Ibicaba. August Müller atribui o acontecimento ao mau caráter dos suíços: "Eram aquele tipo de gente que gosta de comer bem, mas não de trabalhar" (carta n° 18). Abraham Grob, o único suíço entre os autores das cartas, faz em 1860 uma longa observação sobre as facilidades iniciais oferecidas aos parceiros, razão do grande endividamento dos moradores de Ibicaba¹⁰⁰, concluindo o seu comentário da seguinte maneira: "A colônia Ibicaba, chamada de colônia modelo, vai ao encontro da sua completa ruína. Uma grande parte dos moradores endividados até as orelhas, viciados no álcool, no jogo e na ociosidade, não desenvolve a energia necessária para retirar a si próprio e seus filhos desta posição de dependência" (carta n° 20). Carl Graner, em carta datada de agosto de 1856, isto é, antes da revolta, dá uma boa explicação, em linguagem acessível aos camponeses e artesãos, de algumas cláusulas do contrato de parceria (carta n° 13). Mesmo sendo o contrato apresentado aos emigrantes traduzido para o alemão, a linguagem não devia ter sido de fácil compreensão para a maioria dos interessados. Daí a importância desta carta. Na sua segunda carta (n° 19), Graner relata sua versão da revolta e a participação de alguns turíngios na mesma. Fala do documento que, juntos com os suíços, assinaram solicitando um inquérito por parte do governo que lançasse 'luz sobre toda a situação'.¹⁰¹

Geralmente, os colonos finalizavam suas cartas agradecendo sua comunidade pela ajuda recebida como o fizeram Heinrich Möller (carta n° 4) e Christian Maß (carta n° 8). As comunidades alemãs e também as suíças eram materialmente responsáveis por seus membros mais pobres e eram obrigadas a sustentá-los. Muitas delas ajudavam ou pagavam as passagens

¹⁰⁰ Sobre as facilidades oferecidas aos primeiros parceiros na Fazenda Ibicaba ver: Dean: *Rio Claro: A Brazilian Plantation ...*; p. 90 - 91.

¹⁰¹ Podemos ler o documento de 22 de dezembro de 1856 mencionado por Graner, Anexo n° 3 do livro de Davatz, *Memórias de um colono no Brasil ...*; p. 264 - 265. Foi assinado por alguns turíngios tais como Karl Graner, Breternitz, Christian Möller, Franz Holle, Friedrich Harz e Heinrich Morgenroth, autores de algumas das cartas aqui expostas ou tiveram seus nomes citados por um deles. Se compararmos a versão de Graner sobre a participação dos turíngios no movimento com a de Davatz, op. cit. p.185 - 186, podemos observar que para Graner, Davatz foi quem procurou os turíngios para que esses apoiassem os suíços nas suas reivindicações. Já Davatz conta que foram os turíngios que foram lhe procurar e lhe pediram a permissão de aderir ao movimento iniciado pelos suíços.

para que os miseráveis emigrassem, diminuindo, assim, os custos das comunidades e, quem sabe, os riscos de uma possível revolta. O sistema de parceria era o menos oneroso para a comunidade, pois os proprietários das fazendas pagavam, em forma de empréstimo, parte ou o valor total da viagem marítima dos seus futuros parceiros. A Casa Vergueiro, assim como outras sociedades de colonização responsáveis pelo recrutamento de emigrantes na Europa, tinham a obrigação de reembolsar as comunidades no caso de as mesmas terem financiado parte ou o valor total da viagem, à medida que os colonos, uma vez no Brasil, passassem a quitar paulatinamente suas dívidas.

As cartas aqui apresentadas dão ainda outras informações interessantes acerca da quantidade de pés de café conferido a cada família, o preço de mercado por arroba do produto, preços de vários outros gêneros alimentícios, a época de plantio, o que o emigrante deveria trazer consigo da Alemanha para o Brasil etc. Há descrições das casas dos colonos, do regime alimentar e até observações pitorescas como, por exemplo, a dificuldade para se adquirir cerveja ou a maneira de se vestir no país. Joh. Hetzer, por exemplo, escrevendo a sua filha, conta-lhe das roupas novas que receberam ao chegarem à colônia, da festa realizada, quando dançaram durante três dias, e da existência de um coro formado por 13 homens (carta n° 9). Christian Arnold esclarece aos seus pais que, tirando algumas poucas áreas cultivadas, o resto do Brasil era ainda uma selva. Abraham Grob observava que os proprietários das fazendas não aproveitavam a terra de que dispunham. Todo o orgulho deles estava em possuir uma grande extensão e muitos não cultivavam sequer a milésima parte de sua propriedade (carta n° 20). Carl August Müller, assim como outros, achavam que os artesãos tinham muita chance no Brasil, que poderiam ganhar bem, pois havia falta deles no país e seus serviços eram satisfatoriamente remunerados.

Mesmo que as cartas tenham sido publicadas com a finalidade de motivar a emigração para as fazendas de café, e mesmo que Fröbel tenha subtraído delas alguma passagem 'negativa' com relação ao sistema de parceria, elas não deixam de ser documentos ricos no que diz respeito ao movimento emigratório alemão para o Brasil, à vida dos colonos, ao sistema de preços e medidas da época etc. Enfim, oferecem uma imagem do Brasil para os camponeses e artesãos alemães e, ao mesmo tempo, são testemunhos da linguagem de homens simples, de baixa escolaridade, dos seus sonhos e desejos, de suas vozes tão pouco ouvidas na história do século XIX.

Decidi por organizar as cartas de forma cronológica, isto é, enumerando-as de acordo com o ano de publicação, para melhor compreensão do que foi escrito antes e depois da revolta dos colonos em Ibicaba (1856/57). A revolta responsável pelo abalo na credibilidade do sistema de parceria e que prejudicou a imagem do Brasil na Alemanha e na Suíça, não foi, contudo a única demonstração de descontentamento por parte dos colonos.¹⁰² Entretanto, como os ataques por parte dos europeus ao sistema na época foi enorme levando o governo prussiano a aprovar o Restrito von der Heydt (1859), a revolta passou a ser um marco na passagem do sistema de trabalho escravo para o livre. Além de afetar a política de imigração brasileira, o impacto da revolta na opinião pública obrigou ao governo central e das províncias a empreenderem grande esforço na tentativa de melhorar a imagem do Brasil na Europa como país interessado em estabelecer uma corrente emigratória para seu vasto território. Já na Alemanha, aqueles que viam o Brasil como um país propício para os emigrantes alemães também tiveram que assumir posição em relação aos acontecimentos de Ibicaba e, através de publicações e artigos de jornais passaram a apresentar o país dividido em dois: o do sul, adequado para os emigrantes, pequenos proprietários, e o do 'norte', a partir de São Paulo, desaconselhável aos alemães. Fröbel, durante alguns anos ainda, vai tentar, com suas cartas e artigos, construir uma imagem positiva do Brasil e do sistema de parceria, atribuindo o ônus da revolta aos colonos, aos proprietários e mesmo aos contratos, nem sempre claros como deveriam ser, e atribuindo à revolta, caráter isolado, particular à fazenda Ibicaba. O que só vem a reforçar a importância das cartas escritas no período após a revolta, sendo que elas registram a interpretação e a versão dos colonos no que diz respeito a acontecido.

Ao traduzir as cartas, tentei manter o sistema de pontuação e a forma simples de expressão encontradas nos originais. Não substituí vocabulário, optando por preservar o registro de repetições de palavras, o que não deixa de ser valioso para uma análise das mesmas a nível de técnica discursiva. Frases que me pareceram confusas, tentei torná-las mais compreensíveis e mantive, na transcrição em alemão da escrita gótica, a grafia original e os erros ortográficos dos nomes das colônias ou de fazendeiros, assim como de algumas espécies vegetais. Deixo o

¹⁰² Lamounier: *Da escravidão ao trabalho livre*, cita outros casos de tensão como na fazenda São Lourenço em 1854 ou na fazenda Morro Azul em 1855; p. 42 – 43.

registro das cartas em alemão. Assim, para aqueles que dominam o idioma, fica a possibilidade de análise dos originais.

Fliegende Blätter für Auswanderer.

Herausgegeben
von
G. Froebel in Rudolstadt. [Wechsel-Geschäft.]

N^o 8.
Rudolstadt, Ende August
1852.

I. Gute Nachrichten aus Brasilien.

Am den Strumpfwirkerstr. Christoph Münch in Manis.
Kolonie Independenzia, Provinz Rio de Janeiro.

Gott zum Gruß, liebe Aeltern! Daß die gedruckten Briefe, die wir in Manis gelesen haben, nur Wahrheit enthalten, können wir nun versichern. Was ich hier anfangs, das glückt mir. Die Häuser sind verlost worden; ich habe N^o 4 mit der schönsten Caffee-Plantage. Ich und meine Frau pflücken täglich 2 bis 4 Körbe; wir können auf die Arbeit gehen, wenn wir wollen, Niemand sagt uns etwas; arbeiten wir viel, verdienen wir viel, 1—4 Milreis (1 Milreis etwa 25 Sgr.) ein Jeder täglich. Wir leben hier frei wie der Vogel in der Luft, können nebenbei jagen, fischen und thun, was uns beliebt. Alle Sonntage ist Tanzmußik. Meine Frau und Tochter bekamen zum Willkommen goldene Ohrenringe zum Geschenk, und bessere Kleider nach hiesiger Mode haben wir uns gleich gekauft. Wenn wir ausgehen, so begegnet uns Niemand, der zu uns spricht: „Bezahle oder ich verklage dich oder lasse dich auspäfen, du schlechter Kerl!“ wie es in Deutschland so oft geschieht. Selbst die Slaven haben es hier besser als ein Mittelbauer in Deutschland. Meine Hand, die dieses schreibt, und die mein Vater wohl kennt, soll mir abfaulen, wenn dieß nicht die reine Wahrheit ist.

Den 3. März, als wir nach Cahia kamen, ging das Glück schon an. Am 5. brachte uns ein Extrazug in einem Tage nach Hamburg; am 10. schifften wir uns ein und fuhren im Ganzen 8 Wochen. Leider konnten wir das Plattdeutsch der Marrojen nicht verstehen, weshalb dieselben manchmal grob wurden. Meine Tochter sagt fast alle Tage: Vater, was werden die Großeltern machen; wenn sie doch hier wären und mit uns essen könnten! Ebenso unsere Freunde in Gessell und Kilmfa. Es kommt uns vor, als lebten wir im Paradies oder im Himmel. Zwar ist es jetzt Winter hier (Mai, Juni, Juli), aber Heizung brauchen wir nicht, obgleich es Holz in Ueberfluß gibt. Es wird alles abgebrannt. Auf der Reise bis hierher gab es alle Tage zweimal Fleisch, weiß Brod, mitunter auch Bier und Wein. Hier auf der Kolonie ist kein Wirthshaus; wenn freilich der Rathswirth Walther mitgekommen wäre, gäbe es bald auch Bier. Walther, komm, mich dürstet! Doch haben wir gutes

Wasser und guten Caffee, letzteren nicht wie in Deutschland von 14 Bohnen 15 Tassen, sondern meine Frau nimmt ganze Hände voll. Wenn Ihr nur den Caffee hättet, den man hier nicht der Mühe werth hält zu sammeln. Warm ist's hier freilich, aber recht gut zu er leiden. Am Himmelfahrtstag kamen wir auf unserer Fazenda an, und bezogen schon Tags darauf unser Haus. Den ersten Pfingstfeiertag bin ich spazieren geritten mit einem schönen Pferd, und mehrere Andere ritten mit. Bald kamen wir an eine andere Plantage, deren Besizer uns zu Tisch einlad; da gab es 16 Schüsseln und Wein vollauf. Das war eine schöne Aufnahme! Ich danke meinem Gott, daß ich in Brasilien bin; man sagte uns drüben zwar, wir würden Slaven, unsere jetzige Lage aber, verglichen mit der früheren, bezeugt das Gegentheil: draußen waren wir Slaven, hier leben wir im gelobten Lande, besser als die Wohlhabendsten in Manis. Mein Haus ist so groß, daß ihr noch darinnen wohnen könntet, drei große Stuben und eine Küche. Vieh habe ich noch nicht, weil es noch an Ställen fehlt; doch fange ich nun an, Ställe zu bauen, und bekomme dann Vieh soviel als ich will; Pferde, Maultiere, Ochsen, Kühe, Ziegen, Schweine, Hühner, Gänse und viele andere Thiere laufen zu Hunderten frei herum. Unsere Lebensmittel bestehen in Reis, Bohnen, zwei Sorten Mehl, welches wie eine Art Schrot, aber sehr nahrhaft ist, Ochsen- und Schweinefleisch, Zucker, Brantwein, Kartoffeln, Obst, z. B. Apfelfinen und Bananen. Die Kaffeecerte begann am 27. Mai und dauert 3 Monate; dann bekommen wir von allen Sorten Früchte zum Pflanzen; den Boden dazu müssen wir erst urbar machen. Ich sage es noch einmal: was ich schreibe, das ist wahr.

Lebet wohl! Euer getreuer Sohn.
F. Kopsbach und Familie.

II. Bayerische Ministerial-Verordnung.

München, 2. Aug. Einer in der „Augsb. Abend-Ztg.“ mitgetheilten Entscheidung des Kgl. Staatsministerium des Innern zufolge, sollen die Behörden, an welche sich Personen um Bewilligung der Auswanderung nach Südamerika wenden, dieselben ernstlich abmahnen und sie über die unsicheren politischen Zustände, die wenig geordneten agrarischen und commercieellen Verhältnisse, den unge-

Primeira folha do folheto *Fliegende Blätter für Auswanderer*, n^o 8,

Fim de Agosto, 1852

II. As cartas originais

1. *Fliegende Blätter für Auswanderer*, Nr. 5, Ende Juli, 1852.

Cap. L. Saabye, vom Hamb. Schiffe "Lorenz", an Cap. Valentin in Hamburg.

Rio de Janeiro, 12. Juni 1852.

Ich kann es nicht unterlassen, Sie wissen zu lassen, daß ich die mit den letzten drei Schiffen ("Princeß Louise", "Catharine" und Lorenz") gekommenen Passagiere auf ihren Kolonien besucht habe. Da es sehr ordentliche Familien waren, so würde es mir leid gethan haben, wenn sie in ihren Hoffnungen getäuscht worden wären; und da die Meinung darüber zu Hause so verschieden war und die Zeit es mir erlaubte, so entschloß ich mich, mich davon zu überzeugen, und es freut mich nun, Ihnen sagen zu können, daß die Leute sowohl als ich selbst Alles über Erwartung gefunden haben. Die drei Plantagen **Santa Justa**, **Independencia** und **Santa Roza**, wo ich gewesen, liegen ungefähr eine Stunde Ritt auseinander, 3 Tagereisen von Rio de Janeiro, in einer schönen, gebirgigen Gegend. Besonders gefällt mir Santa Justa, bei dessen Eigenthümer, Hrn. Bellens, welcher selbst gegenwärtig war, ich eine überaus freudliche Aufnahme fand; und da er fertig Englisch spricht, konnte ich mich recht gut mit ihm unterhalten. Ich kam spät Abends an, und fand alle meine Thüringer Passagiere bei vollem Tanze in seinem eigenen Haus. Am Pfingstfest hatten sie des Grundbesitzers Wohngebäude mit Kränzen und Laubwerk geschmückt; und Alle waren vergnügt und zufrieden, und sagten mir, daß, wenn sie auch wieder freie Passage nach ihrer Heimath kriegen könnte, sie nicht zurück wollten. Erst am zweiten Pfingsttag haben sie ihre eigene Haushaltung angefangen, da sie vom 17. Mai bis dahin von Hrn. Bellens beköstigt wurden, wie auch die Transportkosten von Rio bis auf die Kolonie ihnen nicht angerechnet werden. Bis jetzt wohnen sie noch in temporären Häusern; später bekommt jede Familie ein Haus mit 4 Zimmern, hübsch angestrichen und mit Ziegeldach versehen, auch so viel Land, als sie bauen wollen und können. Die mit Cap. Behr gekommen Passagiere (Holsten und Preußen) haben schon angefangen, Caffee zu pflücken und Geld zu verdienen, und die Eigenthümer der Pflanzungen thun wirklich Alles, um die Menschen zufrieden zu stellen, was sie auch einsehen.

L. Saabye.

NB. Es ist zu bemerken, daß sämtliche Thüringer Auswanderer auf obigen drei Landgütern geblieben sind, und folglich in einem kleinen Umkreise beisammen wohnen. Im Ganzen sind dort über 600 Köpfe untergebracht, für welche ein Geistlicher und Lehrer angestellt werden wird.

1. *Folhetos para Emigrantes*, N°. 5, Final de julho de 1852.

Carta do Capitão L. Saabye, do navio hamburguês "Lorenz", ao Capitão M. Valentin em Hamburgo.

Rio de Janeiro, 12 de Junho de 1852.

Eu não posso deixar de informar-lhe que fui visitar, nas suas colônias, os passageiros que vieram com os três últimos navios ("Princesa Louise", "Catharina" e "Lorenz"). Como eram famílias muito distintas, eu teria ficado muito sentido se elas tivessem sido frustradas nas suas esperanças; e como as opiniões em casa a respeito eram tão diversas e o tempo me permitiu, resolvi então ir me certificar e, alegre-me muito em poder lhe dizer, que eu mesmo vi e averigüei que as pessoas encontraram, assim como eu mesmo encontrei, tudo melhor do que esperávamos. As três fazendas **Santa Justa, Independência e Santa Rosa**, onde estive, estão localizadas numa bela região montanhosa distando uma da outra, aproximadamente, uma hora a cavalo e, do Rio de Janeiro, três dias de viagem. A que mais me agradou foi a Santa Justa onde fui amigavelmente muito bem recebido na casa do proprietário, Sr. Bellens, que se encontrava presente e, como ele falava inglês, pude conversar bastante bem com ele. Cheguei ao fim da tarde e encontrei todos os meus passageiros da Turíngia dançando na casa do proprietário. Para a festa de Pentecostes eles decoraram a casa do proprietário com coroas e folhagens e todos eles se divertiam e se encontravam satisfeitos. Disseram-me que, mesmo se recebessem gratuitamente passagem de volta para a sua pátria, não desejavam retornar. Somente no segundo dia de Pentecostes é que passaram a arcar com suas despesas domésticas, pois desde 17 de maio até então foram sustentados pelo Sr. Bellens, assim como também os custos com o transporte do Rio de Janeiro até a colônia não serão debitados em suas contas. Até o prezado momento vivem em casas provisórias. Mais tarde cada família receberá uma casa com 4 cômodos, bem pintada e coberta de telha e a quantia de terra que desejarem e puderem cultivar. Os passageiros que vieram com o capitão Behr (de Holstein e da Prússia) já

começaram a colher café e a ganhar dinheiro e os proprietários das fazendas fazem de tudo para satisfazerem as pessoas, o que é reconhecido pelos mesmos.

L. Saabye.

PS Nota-se que todos os emigrantes da Turíngia permaneceram nas três fazendas acima mencionadas e, por conseguinte, moram todos juntos numa pequena área. No total estão aí alojadas mais de 600 cabeças para as quais serão contratados um religioso e um professor.

2. *Fliegende Blätter für Auswanderer*, Nr. 8, Ende August, 1852.

I. Gute Nachrichten aus Brasilien

An den Strumpfwirkerstr. Christoph Münch in Ranis.

Kolonie Independenzia, Provinz Rio de Janeiro.

Gott zum Gruß, liebe Aeltern! Daß die gedruckten Briefe, die wir in Ranis gelesen haben, nur Wahrheit enthalten, können wir nun versichern. Was ich hier anfangs, das glückt mir. Die Häuser sind verlost worden; ich habe No. 4 mit der schönsten Caffee-Plantage. Ich und meine Frau pflücken täglich 2 bis 4 Körbe; wir können auf die Arbeit gehen, wenn wir wollen, Niemand sagt uns etwas; arbeiten wir viel, verdienen wir viel, 1-4 Milreis (1 Milreis etwa 25 Sgr.) ein Jeder täglich. Wir leben hier frei wie der Vogel in der Luft, können nebenbei jagen, fischen und thun, was uns beliebt. Alle Sonntage ist Tanzmusik. Meine Frau und Tochter bekamen zum Willkommen goldene Ohrenringe zum Geschenk, und bessere Kleider nach hiesiger Mode haben wir uns gleich gekauft. Wenn wir ausgehen, so begegnet uns Niemand, der zu uns spricht: "Bezahle oder ich verklage Dich oder lasse Dich auspfänden, du schlechter Kerl!" wie es in Deutschland so oft geschieht. Selbst die Sklaven haben es hier besser als ein Mittelbauer in Deutschland. Meine Hand, die dieses schreibt, und die mein Vater wohl kennt, soll mir abfaulen, wenn dieß nicht die reine Wahrheit ist.

Den 3. März, als wir nach Cahla kamen, ging das Glück schon an. Am 5. brachte uns ein Extrazug in einem Tage nach Hamburg; am 10. schifften wir uns ein und fuhren im Ganzen 8

Wochen. Leider konnten wir das Plattdeutsch der Matrosen nicht verstehen, weshalb dieselben manchmal grob wurden. Meine Tochter sagt fast alle Tage: Vater, was werden die Großeltern machen; wenn sie doch hier wären und mit uns essen könnten! Ebenso unsere Freunde in Gefell und Külmla. Es kömmt uns vor, als lebten wir im Paradies oder im Himmel. Zwar ist es jetzt Winter hier (Mai, Juni, Juli), aber Heizung brauchen wir nicht, obgleich es Holz in Ueberfluß gibt. Es wird alles abgebrannt. Auf der Reise bis hierher gab es alle Tage zweimal Fleisch, weiß Brod, mitunter auch Bier und Wein. Hier auf der Kolonie ist kein Wirthshaus; wenn freilich der Rathswirth Walther mitgekommen wäre, gäbe es bald auch Bier. Walther, komm, mich dürstet! Doch haben wir gutes Wasser und guten Kaffee, letzteren nicht wie in Deutschland von 14 Bohnen 15 Tassen, sondern meine Frau nimmt ganze Hände voll. Wenn Ihr nur den Kaffee hättet, den man hier nicht der Mühe werth hält zu sammeln. Warm ist's hier freilich, aber recht gut zu erleiden. Am Himmelfahrtstag kamen wir auf unserer Facenda an, und bezogen schon Tags darauf unser Haus. Den ersten Pfingstfeiertag bin ich spazieren geritten mit einem schönen Pferd, und mehrere Andere ritten mit. Bald kamen wir an eine andere Plantage, deren Besitzer und zu Tisch einlud; da gab es 16 Schüsseln und Wein vollauf. Das war eine schöne Aufnahme! Ich danke meinem Gott, daß ich in Brasilien bin; man sagte uns drüben zwar, wir würden Slaven, unsere jetzige Lage aber, verglichen mit der früheren, bezeugt das Gegentheil: draußen waren wir Slaven, hier leben wir im gelobten Lande, besser als die Wohlhabendsten in Ranis. Mein Haus ist groß, daß ihr noch darinnen wohnen könntet, drei große Stuben und eine Küche. Vieh habe ich noch nicht, weil es noch an Ställen fehlt; doch fange ich nun an, Ställe zu bauen, und bekomme dann Vieh soviel als ich will; Pferde, Maulthiere, Ochsen, Kühe, Ziegen, Schweine, Hühner, Gänse und viele andere Thiere laufen zu Hunderten frei herum. Unsere Lebensmittel bestehen in Reis, Bohnen, zwei Sorten Mehl, welches wie eine Art Schrot, aber sehr nahrhaft ist, Ochsen- und Schweinefleisch, Zucker, Branntwein, Kartoffeln, Obst, z. B. Apfelsinen und Bananen. Die Kaffeeernte begann am 27. Mai und dauert 3 Monate; dann bekommen wir von allen Sorten Früchte zum Pflanzen; den Boden dazu müssen wir erst urbar machen. Ich sage es noch einmal: was ich schreibe, das ist wahr.

Lebet wohl! Euer getreuer Sohn.

F. Roßbach und Familie.

2. Folhetos para Emigrantes, N.º 8, Final de agosto de 1852

Boas notícias do Brasil.

Ao Sr. Christoph Münch em Ranis na Rua Strumpfwirkerm.

Colônia Independência, Província do Rio de Janeiro.

Louvado seja Deus, queridos pais! Podemos agora afirmar que as cartas impressas que lemos em Ranis só continham verdades. O que eu começo aqui dá certo. As casas foram sorteadas; eu tenho a de n.º 4 com a mais bela plantação de café. Eu e a minha esposa colhemos diariamente de 2 a 4 cestos. Nós podemos trabalhar quando nos apetece. Ninguém nos diz nada; se trabalhamos muito, ganhamos muito, de 1 a 4 mil-réis (1 mil-réis equivale cerca de 25 Sgr.*) diariamente para cada um. Nós vivemos aqui livres como passarinhos; podemos, além disso, caçar, pescar e fazer o que nos agrada. Todos os domingos há música para dançar. Minha esposa e filha receberam de presente de boas-vindas brincos de ouro e nós logo compramos roupas melhores e de acordo com a moda daqui. Quando vamos passear, não nos deparamos com ninguém que nos diga: "Pague, ou eu te processo ou penhoro seus bens, seu cafajeste!" como acontece freqüentemente na Alemanha. Mesmo os escravos vivem aqui melhor do que um camponês mediano na Alemanha. Esta mão que está escrevendo, e que meu pai tão bem conhece, há de apodrecer, se isto não for a pura verdade.

No dia 3 de março, quando chegamos a Cahla, a sorte já começou. No dia 5, um trem suplementar nos transportou, em um dia, para Hamburgo; no dia 10 embarcamos no navio e viajamos um total de 8 semanas. Infelizmente não podíamos entender o dialeto dos marujos, motivo pelo qual eles às vezes eram rudes. Minha filha diz quase todos os dias: "Pai, o que fariam meus avós; ah se eles estivessem aqui e pudessem comer conosco!". Da mesma maneira os nossos amigos em Gefell e Külmla. Temos a impressão de que vivemos no paraíso ou no céu. Apesar de haver madeira em abundância e de ser inverno aqui agora (maio, junho, julho), não precisamos de aquecimento. Toda (a madeira) é queimada. Durante a viagem até aqui recebemos, duas vezes por dia, carne, pão branco, às vezes cerveja e vinho também. Aqui na colônia não há taberna; mas, certamente, se o taberneiro Walther tivesse vindo em breve haveria também cerveja. Walther, venha, tenho sede! Porém, temos boa água e bom café. Este último não é como na Alemanha: de 14 grãos 15 xícaras, mas sim, minha mulher pega mãos

cheias (de grãos). Ah se vocês ao menos tivessem o café que aqui ninguém se dá o trabalho de colher! É verdade que aqui é quente, mas dá para agüentar bem. Nós chegamos à nossa fazenda no dia da Assunção e no dia seguinte já nos instalamos na nossa casa. No primeiro dia do feriado de Pentecostes fui passear montado num lindo cavalo e muitos outros foram juntos. Logo chegamos a uma outra fazenda, cujo proprietário nos convidou para comer; havia 16 tipos de pratos e vinho á vontade. Foi uma bela acolhida! Eu agradeço a Deus por estar no Brasil; diziam-nos lá (na Alemanha) que nós seríamos escravos, mas nossa situação atual, comparada com a de antes, atesta o contrário: lá éramos escravos; aqui vivemos na Terra Prometida, melhor do que os mais abastados em Ranis. Minha casa é grande, podendo vocês morar nela: três grandes aposentos e uma cozinha. Ainda não possuo gado, pois estão faltando os currais; logo começarei a construí-los e, então, receberei a quantidade de cabeças de gado que eu desejar; cavalos, muares, bois, vacas, ovelhas, porcos, galinhas, gansos e muitos outros animais vivem soltos por aí. A nossa alimentação é composta de arroz, feijão, duas espécies de farinha sendo uma, um tipo de trigo, mas muito nutritiva, carne de porco e vaca, açúcar, aguardente, batatas, frutas como, por exemplo, laranjas e bananas. A colheita de café começou no dia 27 de maio e dura 3 meses; então iremos receber todas as espécies de frutas para plantar; primeiro temos que preparar o solo para isso. Digo novamente: é verdade o que escrevo.

Adeus! Seu querido filho.

F. Roßbach e família.¹⁰³

* N. da T.: Sgr: abreviação de 'Silbergroschen', centavos de prata.

¹⁰³ (n° 125) João Pedro Frederico Rossbach, 31 anos, lavrador, casado com filhos, renda líquida de 200\$000, Fazenda Independência; in: Fazenda Santa Justa, 5 de Dezembro de 1858. Inspetor de 14. Quarteirão da Freguesia de Sta. Thereza, Município de Valença. Gustavo Tomanik. Museu Pe. Sebastião da Silva Pereira, Rio das Flores, Rio de Janeiro.

3. *Fliegende Blätter für Auswanderer*, Nr. 9, Anfang September, 1852

Johann Georg Bock aus Mellenbach an Michael Bock das.

São Matheus, 30. Mai 1852.

Grüß Euch Gott! liebe Eltern und Schwägersleute. Wir befinden uns noch alle gesund und wohl, und wünschen herzlich, ein Gleiches von Euch zu hören. Nach Allem, was wir hier bis jetzt vor Augen haben, halten unsere Zukunft für gesicherter als daheim. Vom Hafen, wo wir uns des gelben Fiebers wegen nicht aufhielten, bis auf unsere Fazenda (sic) sind ungefähr 20 Meilen. Unsere Häuser sind noch nicht alle fertig, und müssen wir uns bis dahin mit Zelten behelfen. Um die sieben fertigen wurde gestern geloost, wobei Hanne Sperber einen Treffer erhielt; er will mich einstweilen mit aufnehmen. Hanne Sperbers und Henkels sind gesund; dagegen ist Bernhard Sperber leidend. Wir bedanken uns bei unserer Gemeinde noch viel tausendmal, daß sie uns zu unserer Auswanderung behülflich gewesen. Wollte Gott, es wären alle armen Teufel hier in Brasilien! Nach Pfingsten geht unser Tagewerk an; es ist eine leichte Arbeit, wobei wir gute Kost, z. B. Reis, Maisbrod, Bohnen uns alle Tage Fleisch bekommen. Auch guten Schnaps gibt es, sogar besseren wie bei Euch. Kann Einer vollends ein paar hundert Thaler mit herüberbringen, so richtet er hier wenigstens so viel als bei Euch mit 800 Rl aus, dieß kann ich in Wahrheit behaupten, verlaßt Euch auf mein Ehernwort. In der erst vor 7 Jahren gegründeten Stadt Petropolis wohnen fast lauter Deutsche. Dem Jacob Ehrhardt sage ich: mache Dich auf die Reise, verkaufe Deine alten Steinritschen und komme nach Brasilien; bringe aber ein paar gute Jagdhunde mit, denn es ist hier mit der Jagd etwas zu machen. Hätte ich so viel, meinen Eltern die Reisekosten vorstrecken zu können, ich ließe sie keine Viertelstunde mehr in Eurem ... lande. Hier lebt man ohne Sorgen, uns drückt keine Last. Wenn wir auch Schulden haben, so arbeiten wir sie mit leichter Mühe ab, wenn uns der liebe Gott gesund erhält. Kirche und Schule entbehren wir zwar noch, aber bald werden auch diese in Stand gesetzt werden. Etwas wärmer wie bei Euch ist es allerdings (heute z. B. 24 Grad) aber es ist doch auszuhalten. Hanne Sperber läßt nochmals den Meister Köhler grüßen und er möchte uns doch einmal besuchen; es ist ja nicht weit, sondern höchstens 10.000 Meilen! - Sklaven sind noch da, gehen uns aber nichts an; wir leben frei. Aber selbst die Sklaven haben es hier besser als bei Euch die Bauern; sparen können sie sich zwar nichts, aber auch keine Schulden machen wie bei Euch. Wenn wir nach der Stadt wollen, so nehmen wir einen

Maulesel und reiten; so ist's hier Mode. Schreibt uns nur wieder; es kömmt uns auf ein paar Milreis (d.h. Thaler Porto) nicht an!

Joh. Georg Bock.

3. *Folhetos para Emigrantes*, N^o. 9, início de setembro de 1852.

Johann Georg Bock de Mellenbach para Michael Bock na mesma.

São Matheus, 30 de maio de 1852.

Deus esteja convosco! Queridos pais e cunhados. Nós todos nos encontramos ainda com saúde e bem e, desejamos de coração, ouvir o mesmo de vocês. Depois de tudo que pudemos ver até agora, consideramos o nosso futuro mais assegurado do que aí em casa. Do porto, onde não pudemos permanecer devido à febre amarela, até a nossa fazenda são aproximadamente 20 milhas. As nossas casas ainda não estão todas prontas e, até lá, teremos que nos contentar com barracas. As sete prontas foram sorteadas ontem, sendo Hanne Sperber premiado; ele quer por enquanto me alojar. Hanne Sperber e os Henkels estão com saúde; em contrapartida, Bernhard Sperber está doente. Agradecemos mil vezes à nossa comunidade por nos ter ajudado com a nossa emigração. Quisera Deus que todos os pobres diabos estivessem aqui no Brasil! Depois de Pentecostes iniciaremos o nosso trabalho diário; é um trabalho fácil, durante o qual recebemos boa alimentação, por exemplo, arroz, pão de milho, feijão e, todos os dias, carne. Há também boa aguardente, até melhor do que a de vocês. Se alguém trouxesse para cá alguns cem táleres, ele conseguiria aqui no mínimo o que se consegue aí com 800 Rl; posso, sinceramente, afirmar isso, confiem na minha palavra de honra. Na cidade de Petrópolis, fundada há 7 anos, moram quase só alemães. Ao Jacob Ehrhardt digo: ponha-se a caminho, venda seus velhos escopros e venha para o Brasil; mas traga alguns bons cachorros de caça pois, com a caça dá para se fazer alguma coisa aqui. Se eu tivesse o suficiente para poder adiantar o custo da viagem para os meus pais, não os deixaria nem mais um quarto de hora neste seu país de Aqui se vive sem preocupação, nenhum fardo nos pesa. Mesmo tendo dívidas, pagamo-las com facilidade, enquanto o bom Deus nos mantiver com saúde. Passamos

ainda sem igreja e escola mas logo serão estas estabelecidas. Sem dúvida que aqui faz um pouco mais de calor do que aí (hoje, por exemplo, 24 graus) mas é suportável. Hanne Sperber manda lembranças ao mestre Köhler e é para ele vir nos visitar; não é longe, no máximo 10.000 milhas! Há escravos aqui ainda, mas nós não temos nada a ver com eles; vivemos livres. Mas mesmo os escravos vivem melhor aqui do que os camponeses aí com vocês; é verdade que eles não podem economizar mas também não contraem dívidas como aí. Quando desejamos ir à cidade, pegamos então um burro e saímos montados; é usual aqui. Escrevam-nos novamente; alguns mil-réis (isto é franquia em táler) não nos fazem falta.

Joh. Georg Bock

* N. da T. : Rl: abreviação de 'Reichgulden' (Gulde = florim).

Münzen Lexikon, www.muenzen-lexicon.de

Beilage
zum 5. Stücke des Rudolstädter Wochenblattes 1853.

Briefe aus Brasilien. *)

Kolonie Sta. Justa, 24. Juni 1852.

Lieben Freunde! Wir haben jetzt den dicksten Winter, können aber doch noch barsfuß und in Unterhosen gehen. Meiner Familie wurden 2000 Kaffeebäume überwiesen, kommen auf die Person 500; sie sind nicht höher als daß man sie erlangen kann, und hängen so voll, daß wir sie nur abzustreifen brauchen. Gurken, Kraut, Bohnen, Salat und Kartoffeln sind noch frisch zu haben; wachsen thut aber im Winter nichts. Es ist hier Alles zu bekommen, wie in Deutschland; ich habe mir jedoch außer etlichen Hühnern noch nichts angeschafft, weil wir noch nicht vollständig eingerichtet sind. Seit dem 27. Mai, wo wir auf unsrer Kolonie ankamen, sind wir bis jetzt alle recht gesund und wohl. Liebe Schwägerin, Schwester und Schwager, solltet ihr gesonnen sein, mir nachzuziehen, so gebet mir Nachricht, weil ich vielleicht etwas dazu beitragen kann. Glaubet nicht, daß ihr in Sklaverei kommt (wie es bei meiner Abreise geheißt hat); es kommt uns vielmehr vor, als wären wir derselben entgangen. In ein glückliches Land sind wir gezogen; der Unterschied im Klima ist nicht groß, nur wenig heißer, doch fehlt es im Gebirg auch nicht an gutem Wasser. Ungezieser gibt es wenig, wilde Schweine und Affen in Menge. Fleisch gibt es genug, und Vergnügen können wir uns machen, so viel wir wollen. Am 13. und 20. dieses M. hielten wir Schweineschießen. Jeder Familienvater hat ein Haus mit 3 Stuben und einer Küche. Von unserm Verdienst kann ich noch nicht viel schreiben; unser Herr aber, Namens Belkens, versichert, daß, wer einigermaßen sich dazu halte, binnen 2 Jahren seine Schulden getilgt haben werde. Nach bisherigem Gange kommt

*) Nicht etwa um dem ohnehin allzu starken, auch schon für manche Ortsbehörden zur Qual gewordenen Andrang zur Auswanderung nach Brasilien neue Nahrung zu geben, sondern nur um bis zur Evidenz zu beweisen, daß alle von Gegnern der guten Sache erfundenen Schreckbilder eben nur Popanz sind und nicht Stich halten, — wie mit dem Abdrucke solcher Briefe fortgeföhren. In Königssee z. B. soll ein Eiferer soweit gegangen sein und, mit aufgestrübten Hemdsärmeln in der Positur eines Verers, Leuten die geballte Faust ins Gesicht gehalten haben mit den Worten: „Seht, das ist Quer Loos in Brasilien, wenn Ihr dort nicht arbeitet wie die Eclaven!“ Ein Anderer läst die Ansiedler anstatt des lieben Viehes vor den Pflug spannen, den Pflanzler sie mit der Hegepreische antreiben, und was dgl. Unsinn mehr ist. G. Fr.

auf meine Familie von 4 Personen täglich etwa 3 R. Eine Kirche und eine Schule für unsere 3 Kolonien sind im Bau begriffen. — Auf der Hierherreise kamen folgende Unglücksfälle vor: Am 5. April starb ein kleines Kind von Friedrich Michel aus Rudolstadt, am 23. das von Peter Pröschold, am 4. Mai eins von Friedrich Winkler von Ruppertsdorf, den 7. eins von Appelfeller; am 15. verbrühte sich ein Junge aus Rudolstadt den Kopf. Die Nacht zuvor wären wir beinahe von einem andern Schiffe in den Grund gehohrt worden, weil der Wächter eingeschlafen war. — Heinrich Müller aus Sigendorf ließ auf dem Schiffe taufen. — Mit Freudenthränen über unsere jetzige glückliche Lage schließe ich und wünsche Euch Allen wohl zu leben.

Georg Schneider aus Ludwigstadt.

Kolonie Sta. Justa, 9. Juli 1852.

An Frau Marie Böttcher in Verfa a. S.

Liebe Mutter! So lange wir Deutschland verlassen haben, können wir uns keinen Tag und keine Nacht hinbringen, ohne an Sie zu denken. Plaudern können wir zwar nicht mehr miteinander, aber schreiben wollen wir die reine Wahrheit. Unser Entschluß, nach Brasilien zu gehen, fiel uns schwer genug; aber er hat uns, so wahr Gott lebt, nicht gereut. Unsere Freude bei Ankunft in Rio Janeiro war unbeschreiblich. Als wir auf der Kolonie ankamen, fanden wir schon fast alle Wohnungen in Bereitschaft und auch um Lebensmittel brauchten wir uns nicht zu bekümmern. Zwei Pfund Kaffee, ebensoviel Zucker, 4 Pfd. Speck, 4 Pfd. Fleisch, Reis, Bohnen, Mehl, was in Deutschland kaum in einem Monat aufgehen darf, verbrauche ich jetzt wöchentlich. Ich verdiene mit Frau und Kind wöchentlich 15 Thlr. Wir leben wie Gott in Frankreich *); Abgaben haben wir nicht, Dränger und Bettler kennen wir nicht. Liebe Mutter, wenn Sie kommen sollten, so bringen Sie uns vor allen Dingen Sämereien mit, z. B. gelben Steinklee und Sommergetreide, von jedem etwas; auch blauen und weißen Zwirn und eine Wanduhr. Hier hat schon der Arme so viel, als bei Euch mancher Wohlhabende. Unser Herr ist reich wie ein Fürst. Viele Grüße von uns an alle gute Freunde!

Job. Christoph Gottfried Reinhardt u. Frau a. Dornburg

*) Der geneigte Leser wolle diese naive Aeußerung entschuldigen!

4. *Beilage zum 17. Stücke des Rudolstädter Wochenblattes 1853.*

An den Schultheiß Boigt in Sitzendorf.

Sta. Justa, 9. Nov. 1852.

Lieber Herr Schultheiß! Endlich gewinne ich die Zeit, Euch Nachricht von mir zu geben. Unsere Reise ist wol schon bekannt genug, und ich bemerke nur noch, daß meine Frau unterwegs niederkam und in der Cajüte lebte, wie eine vornehme Wöchnerin. Alle Passagiere wunderten sich über diese außerordentliche Begünstigung. Nachdem wir einen kleinen Sturm überstanden, dessen Schütteln unser Blechgeschirr veranlaßte, die schönste Blechmusik zu machen, war am 25. April Taufe. Der Capitän hielt eine so kräftige Rede, daß Allen die Augen übergingen; das Kind erhielt den Namen des Schiffes: Lorenzine. Dann gab der Capitän einen Kindtaufschmauß in der Cajüte, wie er unser Einem noch nicht vorgekommen, und das Alles kostete mich nichts als herzlichen Dank. Überhaupt hatten wir es während der Seereise insgesamt so gut, daß wir täglich an die in Deutschland zurückgebliebenen Nothleidenden dachten und unsern Ueberfluß denselben zukommen lassen zu können wünschten. Am 18. Mai landeten wir in Port Estrella (sic), kamen durch die deutsche Stadt Petropolis, wo wir von unsern Landsleuten auf's freundlichste aufgenommen, bewirtheet und beschenkt wurden, und trafen am 27. Mai auf der Plantage Sta. Justa ein. Nach einer Woche Ruhe war unsere erste Arbeit die Kaffee-Ernte, welche in die 3 Wintermonate fällt; mir wurden 2500 Bäume übertragen. Die Morgenstunden sind gewöhnlich neblig, die Mittage schön warm und die Nächte kühl. Im September wurde uns Land angewiesen, mit dessen Bepflanzung wir jetzt vollauf beschäftigt sind. Kartoffeln kann man hier jährlich dreimal aushun. Alle Häuser sind mit Kalk getüncht und mit Ziegeln gedeckt, und haben 4 Stuben. Wie habe ich mich in Deutschland Tag für Tag gequält nur ums liebe Brod; ich war nicht im Stande, mir eine Hütte, noch viel weniger ein Haus zu schaffen. Nun endlich habe ich ein glückliches Loos gezogen. Schon jetzt geht es uns sehr gut, nach ein paar Monaten aber, wenn wir erst selbst etwas geerntet haben werden, noch weit besser. Wir essen alle Tage unser Fleisch; kochen wir keins, so ist es unsere eigne Schuld, wir brauchen auch wöchentl. 6 Pfund Speck, ebenso viel Zucker, ohne alles andere Gemüse. An Unannehmlichkeiten, ehe man das Klima gewohnt wird, fehlt es freilich auch nicht; aber an eine Art Sklaverei, wie ihr etwa glaubt, ist nicht zu denken; wir sind ebenso vollkommen freie Leute, als irgend Jemand drüber, der seinem Gläubiger etwas schuldig ist, können thun und lassen, was wir wollen, wissen nichts von Abgaben, und hoffen

unsere Ueberfahrtskosten binnen wenigen Jahren abverdient zu haben. Den Kummerfaden habe ich nun abgelegt, tausche, was mein Haus und schönes Feld betrifft, mit manchem Mittelmann bei Euch nicht, und Niemand wird hier von hartherzigen Gläubigen gedrängt. Wir sind frei von Allem, was euch noch Sorge macht. Ihr habt gedacht, ich verliesse meine Frau und sie käme wieder nach Deutschland, eitle Sorge! ihr werdet sie nicht wieder sehen. Wir sagen der wohllöbl. Gemeinde Sitzendorf und Burkersdorf Dank für alles Gute, was sie an uns gethan, und wünschen ihnen des Himmels reichsten Segen.

Heinrich Möller

4. *Suplemento do 17º Exemplar do Rudolstädter Wochenblatt de 1853.*

Ao Regedor (da comunidade) Boigt em Sitzendorf.

Santa Justa, 9 de Novembro de 1852.

Prezado Sr. Regedor! Enfim consigo tempo para dar-lhe notícias. A nossa viagem já é bem conhecida e eu só chamo a atenção para o fato de que a minha esposa deu à luz durante a mesma e viajou no camarote como uma distinta parturiente. Todos os passageiros admiraram-se desta extraordinária bonificação. Após termos passado por uma pequena tempestade, cuja agitação fez com que os nossos utensílios de lata tocassem a mais bela música de charanga, realizou-se no dia 25 de abril o batizado. O capitão fez um discurso tão substancioso, que todos derramaram lágrimas; a criança recebeu o nome do navio: Lorenzine. O capitão deu uma festa de batizado no camarote nunca vista por nenhum de nós e isso tudo não me custou mais do que um 'muito obrigado'. Aliás, passamos no geral tão bem durante a viagem marítima que diariamente pensávamos nos necessitados que tivessem ficado na Alemanha e desejamos poder enviar-lhes o nosso excesso. No dia 18 de maio aportamos no Porto Estrela, passamos pela cidade alemã de Petrópolis, onde fomos gentilmente recebidos pelos nossos conterrâneos, servidos e presenteados e chegamos no dia 27 de maio à fazenda Santa Justa. Depois de uma semana de descanso nosso primeiro trabalho foi na colheita de café, que ocorre durante os três meses do inverno. A mim foram dadas 2500 árvores. As manhãs são, normalmente, nebulosas, os meios-dias bem quentes e as noites frescas. Em setembro foi-nos

concedido terra, na qual nós nos ocupamos no momento totalmente com plantio. Aqui se podem plantar batatas três vezes por ano. Todas as casas são caiadas e cobertas com telhas e possuem 4 aposentos. Ah, como eu me atormentava na Alemanha só com o pão nosso de cada dia; eu não tinha condições nem de arranjar uma choupana, muito menos uma casa. Enfim, tirei a sorte grande. Já agora estamos muito bem e, daqui alguns meses, quando tivermos nós mesmos colhido algo, estaremos ainda melhor. Comemos diariamente a nossa carne; se por acaso não a cozinhamos, a culpa é toda nossa; usamos também semanalmente 3 quilos de tocinho, a mesma quantidade de açúcar além dos demais legumes. Não falta, decerto, incômodo até se acostumar com o clima; e em alguma forma de escravidão, como na qual vocês possivelmente acreditam, nem pensar; nós somos homens totalmente livres do mesmo modo como qualquer um aí que deva alguma coisa ao seu credor; podemos fazer ou deixar de fazer o que nos apetece; ignoramos tributos e temos a esperança de, em poucos anos, pagar com o nosso trabalho o custo da nossa travessia. Eu depus o 'fardo da preocupação', não troco, no que se refere à minha casa e ao meu lindo campo, com nenhum homem de recurso daí e aqui ninguém é colocado em apuros por um credor impiedoso. Somos livres de tudo que ainda os preocupa. Vocês pensavam que, se eu deixasse, minha mulher voltaria para a Alemanha - pura ilusão! Vocês não a verão mais. Agradecemos às louváveis comunidades Sitzendorf e Burkersdorf por tudo de bom que elas fizeram para nós e desejamos-lhes as mais ricas bênçãos do céu.

Heinrich Möller

5. Beilage zum 5. Stücke des Rudolstädter Wochenblattes 1853

Kolonie Sta. Justa, 24. Juni 1852

Liebe Freunde! Wir haben jetzt den dicksten Winter, können aber doch noch barfuß und in Unterhosen gehen. Meiner Familie wurden 2000 Kaffeebäume überwiesen, kommen auf die Person 500; sie sind nicht höher als daß man sie erlangen kann, und hängen so voll, daß wir sie nur abzustriffeln brauchen. Gurken, Kraut, Bohnen, Salat und Kartoffeln sind noch frisch zu haben; wachsen thut aber im Winter nichts. Es ist hier Alles zu bekommen, wie in Deutsch-

land; ich habe mir jedoch außer etlichen Hühnern noch nichts angeschafft, weil wir noch nicht vollständig eingerichtet sind. Seit dem 27. Mai, wo wir auf unsrer Kolonie ankamen, sind wir bis jetzt alle recht gesund und wohl. Liebe Schwägerin, Schwester und Schwager, solltet ihr gesonnen sein, mir nachzufolgen, so gebet mir Nachricht, weil ich vielleicht etwas dazu beitragen kann. Glaubet nicht, daß ihr in Sklaverei kommt (wie es bei meiner Abreise geheißen hat); es kommt uns vielmehr vor, als wären wir derselben entgangen. In ein glückliches Land sind wir gezogen; der Unterschied im Klima ist nicht groß, nur wenig heißer, doch fehlt es im Gebirge auch nicht an gutem Wasser. Ungeziefer gibt es wenig, wilde Schweine und Affen in Menge. Fleisch gibt es genug, und Vergnügen können wir uns machen, so viel wir wollen. Am 13. und 20. dieses M. hielten wir Schweineschießen. Jeder Familienvater hat ein Haus mit 3 Stuben und einer Küche. Von unserm Verdienst kann ich noch nicht viel schreiben; unser Herr aber, Namens Bellens, versichert, daß, wer einigermaßen sich dazu halte, binnen 2 Jahren seine Schulden getilgt haben werde. Nach bisherigem Gange kömmt auf meine Familie von 4 Personen täglich etwa 3 Rl. Eine Kirche und eine Schule für unsere 3 Kolonien sind in Bau begriffen. - Auf der Hierherreise kamen folgende Unglücksfälle vor: Am 5. April starb ein kleines Kind von Friedrich Michel aus Rudolstadt, am 23. das von Peter Pröschild, am 4. Mai eins von Friedrich Winkler von Ruppertsdorf, den 7. eins von Apperfeller; am 15. verbrühte sich ein Junge aus Rudolstadt den Kopf. Die Nacht zuvor wären wir beinahe von einem andern Schiffe in den Grund gebohrt worden, weil der Wächter eingeschlafen war. - Heinrich Müller aus Sitzendorf ließ auf dem Schiffe taufen. - Mit Freunderthränen über unsere jetzige glückliche Lage schließe ich und wünsche Euch Allen wohl zu leben.

Georg Schneider aus Ludwigsstadt

5. Suplemento do 5º Exemplar do Rudolstädter Wochenblatt de 1853

Colônia Santa Justa, 24 de Junho de 1852.

Caros amigos! Estamos no momento em pleno inverno, mas podemos ainda andar descalços e de cuecas. Para a minha família foram dados 2000 pés de café, montando 500 para cada pessoa; eles não são mais altos do que se pode alcançar e estão tão carregados que basta

passar as mãos. Pepinos, ervas, feijão, alface e batatas podem-se obter ainda frescos; mas no inverno não cresce nada. Como na Alemanha, é possível obter de tudo aqui. Além de algumas galinhas, ainda não comprei nada, pois não estamos completamente instalados. Desde o dia 27 de maio, quando chegamos a nossa colônia, encontramos-nos bem e com saúde. Querida cunhada, irmã e cunhado, se vocês estiverem dispostos a me seguirem, dêem-me notícias porque eu talvez possa contribuir com algo. Não acreditem que se tornarão escravos (como se dizia no momento da minha partida); parece-me muito mais que nós nos livramos da escravidão. Mudamos-nos para um país feliz; a diferença climática não é grande, só um pouco menos quente, porém nas montanhas também não falta água boa. Há pouca bicharada, mas porco do mato e macacos em quantidade. Há carne suficiente e nós podemos nos divertir o quanto quisermos. No dia 13 e 20 deste mês fizemos a brincadeira de atirar no porco. Cada pai de família possui uma casa com 3 cômodos e uma cozinha. Sobre o nosso ganho ainda não posso escrever muito a respeito; mas, o nosso senhor, que se chama Bellens, garante que, quem for em certa medida fiel, conseguirá dentro de 2 anos quitar as suas dívidas. Segundo o curso das coisas até o agora, o custo diário para a minha família de 4 pessoas é aproximadamente de 3 Rl. Uma igreja e uma escola para as nossas 3 colônias estão sendo construídas. - Na viagem de vinda ocorreram os seguintes infortúnios: no dia 5 de abril morreu uma criança pequena do Friedrich Michel de Rudolstadt, no dia 23 a do Peter Pröschold, no dia 4 de maio uma do Friedrich Winkler de Ruppertsdorf, no dia 7 uma do Appelfeller; no dia 15 um menino de Rudolstadt escaldou a cabeça. Na noite anterior quase fomos afundados por um outro navio, pois o faroleiro adormeceu. - Heinrich Müller de Sitzendorf batizou (sua filha) no navio. Com lágrimas de felicidade pela nossa afortunada condição atual termino aqui e desejo a vocês todos tudo de bom na vida.

Georg Schneider de Ludwigsstadt.¹⁰⁴

¹⁰⁴ (n° 74) Jorge Schneider, 43 anos, lavrador, casado com filhos, renda líquida de 300\$000, Santa Justa; in: Fazenda de Santa Justa, 5 de Dezembro de 1858 Gustavo Tomanik. Documento pertencente ao Museu Pe. Sebastião da Silva Pereira ...

6. Beilage zum 5. Stücke des Rudolstädter Wochenblattes 1853.

Kolonie Sta. Justa, 9. Juli 1852.

An Frau Marie Böttcher in Berka a. J.

Liebe Mutter! So lange wir Deutschland verlassen haben, können wir uns keinen Tag und keine Nacht hinbringen, ohne an Sie zu denken. Plaudern können wir zwar nicht mehr miteinander, aber schreiben wollen wir die reine Wahrheit. Unser Entschluß, nach Brasilien zu gehen, fiel uns schwer genug; aber er hat uns, so wahr Gott lebt, nicht gereut. Unsere Freude bei Ankunft in Rio de Janeiro war unbeschreiblich. Als wir auf der Kolonie ankamen, fanden wir schon fast alle Wohnungen in Bereitschaft und auch um Lebensmittel brauchten wir uns nicht zu bekümmern. Zwei Pfund Kaffee, ebensoviel Zucker, 4 Pfd. Speck, 4 Pfd. Fleisch, Reis, Bohnen, Mehl, was in Deutschland kaum in einem Monat aufgehen darf, verbrauche ich jetzt wöchentlich. Ich verdiene mit Frau und Kind wöchentlich 15 Thlr. Wir leben wie Gott in Frankreich; Abgaben haben wir nicht, Dränger und Bettler kennen wir nicht. Liebe Mutter, wenn Sie kommen sollten, so bringen Sie uns vor allen Dingen Sämereien mit, z. B. gelben Steinklee und Sommergetreide, von jedem etwas; auch blauen und weißen Zwirn und eine Wanduhr. Hier hat schon der Arme so viel, als bei Euch mancher Wohlhabende. Unser Herr ist reich wie ein Fürst.

Viele Grüße von uns an alle guten Freunde!

Joh. Christoph Gottfried Reinhardt u. Frau a. Dornburg.

6. Suplemento do 5º Exemplar do Rudolstädter Wochenblatt de 1853.

Colônia Sta. Justa, 9 de Julho de 1852.

Para a Sra. Marie Böttcher em Berka a. J.

Querida mãe! Desde que deixamos a Alemanha, não passamos dia nem noite sequer sem pensar na senhora. É verdade que não podemos mais conversar uns com os outros, mas queremos escrever a pura verdade. A nossa decisão de vir para o Brasil nos foi muito dura;

mas, assim com é verdade que Deus vive, não nos arrependemos. O nosso contentamento ao chegarmos ao Rio de Janeiro era indescritível. Quando chegamos à colônia, encontramos quase todas as casas prontas e não precisamos nos preocupar com gêneros alimentícios. 1 kg. de café, a mesma quantidade de açúcar, 2 kg. de toucinho, 2 kg. de carne, arroz, feijão, farinha, o que na Alemanha mal podia ser consumido em um mês, eu consumo agora em uma semana.* Eu ganho semanalmente, com mulher e filho, 15 táleres. Vivemos como Deus na França**; taxas não temos, não conhecemos pedintes nem mendigos. Querida mãe, se a Senhora vier para cá, traga-nos, sobretudo sementes como, por ex., de melilotus amarelos e cereais de verão, um pouco de cada; também retroses azuis e amarelos e um relógio de parede. O pobre daqui já tem tanto quanto alguns abastados daí. O nosso senhor é rico como um príncipe.

Muitas lembranças nossas a todos os bons amigos!

Joh. Christoph Gottfried Reinhardt e esposa, ex. Dornburg.

* N.da T.: 1 'Pfund' equivale a 500 gramas.

** N. da T.: Expressão popular alemã que significava viver muito bem.

7. *Beilage zum 11. Stücke des Rudolstädter Wochenblattes 1853.*

Kolonie Sta. Justa, 11. Juli 1852

Die Freude unserer Reise- und Schicksalsgefährten über die glückliche Ankunft am Orte unserer Bestimmung wurde bei uns durch unsern Julius getrübt, der gefährlich erkrank war. Der Herr des Gutes und seine Gemahlin waren uns ein Stück entgegengekommen, und um das Kind sehr besorgt; ein Schwarzer mußte es auf den Arm nehmen und in unsre Wohnung tragen, wo es Arznei und alle mögliche Pflege erhielt. Die Krankheit ließ zwar etwas nach, endete aber doch am 23. Juni mit dem Tode. Die Güte der Madame Bellens ging so weit, daß sie

eigenhändig das seine Leichenkleid brachte, dem entseelten Kinde anlegte und es mit den schönsten Blumen schmückte. Schwerlich wird in Deutschland eine so reiche und vornehme Frau sich so weit herablassen. Hier in Brasilien ist der Arme ebenso geachtet wie der Reiche. Das Klima ist gesund. Unsere Nahrung besteht hauptsächlich aus Maisbrod (etwas schwarz und grob), Bohnen und Reis nebst Fleisch. Mit letzterem ist es nicht so, wie das Gespräch zu hause war. Von wilden Kartoffeln, die wir aus dem Walde holen, backen wir Scharbrig und deutsche Klöße, die sehr schön werden. Daß wir geruhiger leben als in Deutschland, ist ausgemacht; von Abgaben wissen wir nichts, und Sonntags haben wir keine Stecken vor unseren Fenstern zu erwarten. Freilich ist in anderer Hinsicht Brasilien noch lange kein Deutschland; für Schwarze war Vieles mehr als gut eingerichtet, was uns Deutschen nicht genügt. Das wird aber bald anders werden, wenn wir erst unsre eigenen Lebensmittel bauen und nach deutscher Ordnung leben. Unser Herr will noch mehr Thüringer haben und hat deßhalb schon nach Hamburg geschrieben. Wir setzten daher darüber, wie wir es hier gefunden, ein Zeugniß auf, welches Alle auf der Kolonie unterschrieben. Ich rede euch weder zu noch ab; denn die Reise ist für Familien sehr beschwerlich; es muß eines Jeden freier Wille sein. Das erwähnte Zeugniß mit unseren Namen darunter werdet ihr im Rudolstädter Wochenblatte lesen. Was mein Brief nicht enthält, werdet ihr in Gevatter Reisen seinem finden. Über Christian Arnoldt kann ich nicht klagen, wir halten ihn wie unser eigenes Kind.

Georg Nicol Neubauer.¹⁰⁵

10. Juli. Liebe Eltern! ... Hier in Brasilien lebt man ohne Sorgen; aber so schöne Thäler und Fluren, wie in Deutschland, hat man freilich nicht; denn Brasilien ist nur kurze Strecken ersts angebaut und im Übrigen noch eine Wildniß. Ich habe manchmal eine große Sehnsucht nach Euch, obgleich es mir bei Neubauers gefällt, die sehr gut auf mich sind; dann tröste ich mich mit dem Gedanken, daß ihr vielleicht noch nachkommt.

Christian Arnoldt.

¹⁰⁵ (n° 76) Jorge Neubauer, 44 anos, lavrador, casado com filhos, renda líquida de 150\$000, Santa Justa; in: Fazenda de Santa Justa, 5 de Dezembro de 1858 Gustavo Tomanik. Documento pertencente ao Museu Pe. Sebastião da Silva Pereira

7. Suplemento do 11º Exemplar do *Rudolstädter Wochenblatt* de 1853

Colônia Sta. Justa, 11 de Junho de 1852

A alegria dos nossos companheiros de viagem e de destino com a chegada feliz ao lugar determinado foi perturbada pelo fato de o nosso Julius ter adoecido gravemente. O proprietário da fazenda e a sua esposa mostraram boa vontade e preocupação com a criança; um negro teve que pegá-la nos braços e carregá-la até a nossa casa, onde recebeu todos os tipos de medicamento e tratamento. Embora a doença tenha abrandado um pouco, (Julius) acabou falecendo no dia 23 de junho. A bondade da Madame Bellens foi tão longe que ela trouxe, com as próprias mãos, a fina mortalha, vestiu a criança sem vida e decorou-a com as mais belas flores. Dificilmente na Alemanha uma senhora tão rica e distinta se deixaria rebaixar tanto. Aqui no Brasil o pobre é tão respeitado quanto o rico. O clima é saudável. A nossa alimentação consiste, principalmente, de pão de milho (um tanto escuro e grosseiro), feijão e arroz acompanhados de carne. Com relação a esta última, não é como se dizia lá em casa. Com as batatas silvestres que colhemos na floresta cozinhamos 'Scharbrig' e 'Klöße*', que ficam bem bonitos. Que vivemos aqui mais tranquilos que na Alemanha, é certo; de impostos não temos notícias e aos domingos não esperamos nenhum 'Stecken**' diante das nossas janelas. Naturalmente que em relação a outras coisas o Brasil está longe de ser a Alemanha; para os negros tudo estava mais que bem organizado, o que para nós alemães não é suficiente. Mas em breve tudo será diferente quando passarmos a cultivar os nossos próprios alimentos e viver conforme a ordem alemã. O nosso senhor deseja mais turíngios e por isso já escreveu para Hamburgo. Nós redigimos um relatório sobre o que encontramos aqui e o mesmo foi assinado por todos da colônia. Eu não pretendo persuadi-los nem mesmo dissuadi-los, até porque a viagem é muito penosa para a família. É preciso decidir de livre vontade. Vocês poderão ler o boletim mencionado com os nossos nomes no 'Rudolstädte Wochenblatt'. O que não contém na minha carta vocês encontrarão na do padrinho Reisen. Não posso reclamar de Christian Arnoldt, nós o consideramos como nosso próprio filho.

Georg Nicol Neubauer

10 de Julho. Queridos Pais!... Aqui no Brasil vive-se sem preocupação; porém, vales e campos tão lindos como na Alemanha não há por aqui, pois o Brasil consiste até agora só de

pequenos trechos cultivados e o restante é ainda uma selva. Às vezes tenho uma saudade enorme de vocês, embora eu goste muito dos Neubauer, que são muito bons para mim; então eu me consolo com a idéia de que vocês talvez ainda venham mais tarde para cá.

Christian Arnoldt

* N. da T. : Espécie de almôndegas ou bolinhos de batata.

** N. da T.: Neste caso aqui significa 'alguém que mete a mão no bolso do outro'. Provavelmente algum funcionário que vem cobrar dívidas ou impostos.

8. *Beilage zum 11. Stücke des Rudolstädter Wochenblattes 1853.*

An den Tischlermeister Joh. Mich. Ludwig in Mellenbach.

Kolonie Sta. Justa, 4. November (1852).

Die Reise nach Süden ist bei weitem nicht so schlimm, als wir dachten. Durch den Canal hatten wir zwar einige Nächte Sturm, so daß mehrere Kisten im Zwischendeck umrammelten; aber je weiter wir südlich kamen, desto ruhiger wurde das Meer. Windstille hatten wir im Ganzen 21 Tage, nahe beim Aequator lagen wir 7 Tage hinter einander still und die größte Hitze war 30 bis 40 Grad. Nach einer Reise von 67 Tagen landeten wir glücklich in Port Estrella (sic.). Um Nachtquartier und Zehrung hatten wir uns nicht zu bekümmern, weil der Kolonieverwalter unsers Herrn uns schon erwartete; er ist ein Kurhesse und sorgte für uns bis an Ort und Stelle. Die Landreise war zwar etwas beschwerlich, aber bei der freundschaftlichen Aufnahme, die wir fanden, bald wieder vergessen. Nicht lange nach unserer Ankunft erkrankte ich am Klimafieber, welches mehr oder weniger jeden Neuankommenden heimsucht. Doch litt ich dieserhalb keine Noth; ich erhielt Speisen von des Herrn Tische und meine Frau konnte Lebensmittel holen so viel sie nur wollte. Wir waren 1000 Stück Kaffeebäume übertragen, welche ich leider kaum zur Hälfte pflücken konnte. Im September wurde uns Land angewie-

sen, wo wir jetzt noch mit Pflanzen beschäftigt sind. Die von Deutschland mitgebrachten Sämereien sind bereits schön aufgegangen; doch müssen wir erst abwarten, was daraus wird. So süß, wie wir gedacht, haben wir es nicht gefunden; die erste Einrichtung kostet viele Mühe. Sind wir aber erst eingerichtet, dann können wir das ganze Jahr hindurch pflanzen und ernten. In der Winterzeit sind die Morgenstunden größtentheils nebelig, die Mittagsstunden schön warm, so daß man sich gern in Schatten setzt, und die Nächte kühl. Manche Früchte, z. B. Kartoffeln, gedeihen 3 - 4 Mal. Wir fangen erst im Kleinen an und müssen sie Pfundweise bezahlen, das Pfund 6 Vintem oder 3 Sgr. Schon jetzt essen wir selbstgebaute grüne Bohnen. Glaubts etwa nicht, daß wir Sklaven wären; wir leben nicht nur als freie Leute, sondern auch sorgenfrei. Es verlangt uns Niemand etwas ab. Unsere Reisekosten hoffen wir bald abzutragen. Aus dem Wald holen wir, was uns gefällt. Ich esse alle Tage mein Pfund Fleisch, wöchentlich 4 Pfund Speck und 2 Pfd. Zucker, ohne das andere Gemüse. Von Getränken läßt sich nicht viel schreiben; es gibt nur Schnaps. Wollen wir zu Biere gehen, so müßten wir 10 Meilen weit nach Petropolis, wo deutsche Bauereien sind. Von unserm Verdienst kann ich auch noch nichts Genaues angeben, weil die Vorräthe erst nur zum Theil verkauft sind. Mit der Wärme ist nicht so schlimm, wie viele in Deutschland glauben; es hat uns schon oft gefroren. Grüßt unsere ganze Freundschaft u. s. w., auch den Ortsvorstand und den Hrn. Pfarrer. Für Alles, was sie an mir gethan, bleibe ich ihnen dankbar. Ich wünschte, daß der Herr Pfarrer unsern Dank in der Kirche abstattete, und daß es alle Nothleidende so gut haben möchten, wie wir.

Euer Sohn und Bruder Christian Maß.

8. *Suplemento do 11º Exemplar do Rudolstädter Wochenblatt de 1853.*

Ao carpinteiro Joh. Mich. Ludwig em Mellenbach

Colônia Sta. Justa, 4 de Novembro

A viagem para o sul não é assim tão ruim como pensávamos. É verdade que durante a travessia do canal tivemos algumas noites de tempestade fazendo com que muitas caixas na entre coberta (do navio) virassem. Mas quanto mais para o sul nós nos dirigíamos, mais calmo

ia ficando o mar. Tivemos ao todo 21 dias de calma, perto do Equador permanecemos parados 7 dias seguidos e nos momentos mais quentes (a temperatura) era de 30 a 40 graus. Após uma viagem de 67 dias, desembarcamos no Porto Estrela. Não tivemos que nos preocupar com alojamento e alimentação, pois o administrador da colônia do nosso senhor já estava nos esperando; ele é um Kurhessen e cuidou de nós até estar tudo no seu lugar. A viagem terrestre foi um tanto penosa, mas com o acolhimento amistoso que encontramos, logo a esquecemos. Não muito depois da nossa chegada, adoeci do 'mal do clima', que castiga mais ou menos todos os recém-chegados. Porém não passei nenhuma necessidade por causa disso; recebi as refeições da mesa do proprietário e a minha esposa podia ir buscar quanto alimento desejasse. Foram-nos entregues 1000 pés de café, dos quais, infelizmente, não pude colher nem a metade. Em setembro nos foi confiada terra na qual ainda nos ocupamos com o plantio. As sementes trazidas da Alemanha acabaram de brotar; mas precisamos primeiramente aguardar para ver o que vai dar. Não foi tão fácil como esperávamos; a primeira preparação (do solo) custa muito esforço. Mas, uma vez preparado, podemos então plantar e colher durante o ano todo. No inverno, as primeiras horas matutinas são, na sua maioria, nebulosas; ao meio-dia já está bem quente, de modo que se sinta de preferência à sombra, e as noites são frias. Alguns frutos como a batata, por exemplo, dão de 3 a 4 vezes (ao ano). Partimos do nada e temos que pagar por meio-quilo de batata 6 vinténs ou 3 Sgr. Já estamos comendo feijão verde plantado por nós mesmos. Não acreditem que sejamos escravos; não só vivemos como homens livres, mas também despreocupados. Ninguém exige nada de nós. A despesa com a nossa viagem esperamos pagar logo. Da floresta retiramos o que queremos. Como diariamente o meu meio-quilo de carne, por semana 2 quilos de tocinho e 1 quilo de açúcar sem contar os demais legumes. Sobre as bebidas, não há muito que escrever; só há aguardente. Se quisermos beber cerveja, temos então que ir até Petrópolis, a 10 milhas de distância, onde há cervejaria alemãs. Sobre os nossos ganhos não posso dizer nada ao certo ainda, pois as mercadorias (armazenadas) só foram parcialmente vendidas. O calor não é tão ruim como muitos na Alemanha acreditam; já sentimos frio várias vezes. Dê lembranças a todos os nossos amigos etc., também ao redor e ao senhor pároco. Por tudo o que eles fizeram por mim, lhes serei sempre muito grato. Desejo que o senhor pároco apresente o nosso agradecimento na igreja e que todos os sofredores tenham a nossa sorte.

Seu filho e irmão Christian Maß

9. Beilage zum 14. Stücke des Rudolstädter Wochenblattes 1853.

Santa Justa (Südbrasilien) 27. Dec. 1852.

Geliebte Tochter! Wir haben zwar, seitdem wir Abschied von Dir nahmen, viel erfahren, und während der Seereise manches Unangenehme, was uns nicht gefallen hat, überstehen müssen; doch wird der Vater im Himmel, der uns bis hierher beschützt und erhalten, gewiß auch weiter helfen und uns segnen. Bei unserer Ankunft in Santa Justa, am 27. Mai, wurden wir von unserer jetzigen Herrschaft auf das Freundlichste aufgenommen. Weil die Häuser noch nicht alle fertig waren, wohnten wir bis vor Kurzem auf der Facenda (sic); aber jetzt habe ich mit Friedrich Appelfeller aus Deesbach ein Haus bekommen, welches in 4 Stuben besteht, einen schönen, ungefähr 1/2 Acker großen Gemüsegarten daran, ein Stück Kaffeeberg mit 2000 Bäumen und 2 Acker Mais- und Bohnenberg. Das Alles will freilich mit vieler Sorgfalt gepflegt sein, und ich habe mit Deinen 3 Geschwistern viel, sehr viel Arbeit. Aber Alles, was ich baue, ist mein, und ich werde gewiß meine Schulden abgetragen haben, ehe die vier Jahre vergangen sind, wenn wir gesund bleiben. Hier lebt man ohne Sorgen. Ich brauche mich nicht zu fragen: was werde ich heute oder morgen essen? womit werde ich meine Kinder sättigen? Nein, hier lebe ich als Mensch. Also ist es nicht, wie in Deutschland gesagt werden: wir würden Sklaven werden, wir würden eingespannt in ein Joch! Dieses könnte wol jetzt umgedreht werden, da wir in Zeitungen gelesen haben, daß bei Euch große Noth sein soll. Ich baue Gemüse jeder Art, Bohnen, Reis, Mais und Alles, was zu unserem Lebensunterhalt gehört, ziemlich das ganze Jahr hindurch; denn es ist hier kein Winter, sondern es grünt und blüht fast beständig.

Wenn wieder Leute auf solche Contracte verlangt werden, so säumet nicht, wenn Ihr Euch stark genug fühlt, diese schwere Reise anzutreten. So viel Sorgen, als wir, da wir noch wenig von Brasilien wußten, habt ihr ja doch nicht! Getrost könnet Ihr darauf bauen, daß es so ist, wie ich schreibe. Unsere Herrschaft ist sehr gut, wir sind zufrieden in jeder Hinsicht. Der Verwalter des Gutes, Namens G. Schmidt, ist ein Hanoveraner. Der Kutscher des Gutsherrn, ein Hessen-Darmstädter, Namens Johann Kahl, ist schon 10 Jahr in diesem Dienst und hat sich ein hübsches Vermögen gesammelt. Wenn Ihr zu mir wollt, so schreibt es so bald als möglich; für Kleidung braucht Ihr nicht zu sorgen, damit kann ich dienen; aber habt die Güte ein paar Ellen Zeug zu Kartoffelsäcken mitzubringen, damit wir die Kartoffeln auspressen und

Klöße kochen können. Ich habe schon so viel mir erworben, daß ich eine Familie ernähren kann.

- Grüßet alle Freunde und Bekannte von mir!

Werthe Herrn rathsmitglieder, Sie werden es mir nicht übel nehmen, daß ich so frei bin und diesen Brief an E. E. Rath adressire, indem meine Tochter dieses Porto nicht leisten kann.

Liebe Tochter, was ich noch in Erwähnung bringe, ist, daß alle von unserer Kolonie ein neues Kleid von unserer Herrschaft erhalten und ein großes Fest gefeiert haben, wobei unsere Mitbrüder und Schwestern von den benachbarten Kolonien zugegen waren und 3 Tage lang getanzt wurde. Eduard Bourbot ist Musikmeister der 13 Männer starken Musikchors.

Joh. Wilhelmine Hetzer.

9. Suplemento do 14º Exemplar do Rudolstädter Wochenblatt de 1853.

Santa Justa (sul do Brasil), 27 de Dezembro de 1852.

Querida filha! Sofremos muito desde que nos despedimos de você e, durante a viagem marítima, tivemos que passar por alguns momentos desagradáveis, que não foram do nosso gosto; porém, o Pai que está no céu, que até agora nos protegeu e guardou, certamente continuará a nos ajudar e abençoar. Na nossa chegada em Santa Justa, em 27 de maio, fomos acolhidos da maneira mais cordial pelos nossos atuais senhores. Como nem todas as casas estavam prontas, moramos, até pouco tempo, na fazenda; mas agora recebi com Friedrich Appelfeller de Deesbach uma casa composta de 4 cômodos, uma horta de aproximadamente meio acre e, além disso, um cafezal com 2000 pés e 2 acres de milho e feijão. Tudo isso precisa ser tratado cuidadosamente e eu tenho com os seus três irmãos muito, muito trabalho. Mas tudo que construo é meu e, se continuarmos saudáveis, seguramente terei pago as minhas dívidas antes que os quatro anos tenham se passado. Aqui se vive sem preocupação. Não preciso me perguntar: o que vou comer hoje ou amanhã? Como saciarei os meus filhos? Não, aqui vivo como ser humano. Portanto, não é como se diz na Alemanha: que seríamos escravos, que seríamos atrelados a uma canga! Isto poderia ser agora invertido já que lemos

nos jornais que aí há muita miséria. Eu planto quase o ano todo toda espécie de legumes, feijão, arroz, milho e tudo que faz parte da nossa alimentação, pois aqui não há inverno, mas sim verdeja e floresce quase o tempo todo.

Se forem novamente requeridas pessoas com este tipo de contrato, não hesitem se se sentirem suficientemente fortes para esta viagem difícil. Tanta preocupação como nós tivemos (já que sabíamos muito pouco sobre o Brasil) vocês não terão! Podem ficar descansados que é como eu escrevo. O nosso senhor é muito bom, estamos satisfeitos em todos os sentidos. O administrador da propriedade que se chama G. Schmidt é de Hannover. O condutor de carroça do dono da propriedade é de Hessen-Darmstadt, de nome Johann Kahl; já está há 10 anos neste serviço e construiu um bom patrimônio. Se vocês quiserem vir para cá, escrevam-me então o mais breve possível; não precisam se preocupar com a roupa, posso lhes servir, mas tenham a bondade de trazer algumas varas de tecido de saco de batata para que possamos espremer as batatas e fazer 'Klöße'*. Eu já ganhei tanto que posso alimentar uma família.

Mandem lembranças minhas a todos os amigos e conhecidos!

Prezadíssimo senhores membros da prefeitura, não me levem a mal por eu ter tomado a liberdade de endereçar esta carta ao Exmo. Sr. Prefeito, mas é que a minha filha não pode pagar esta franquia.

Querida filha, o que ainda quero mencionar é que todos da nossa colônia receberam uma roupa nova do nosso senhor e fizeram uma grande festa, na qual os nossos irmãos e irmãs da colônia vizinha estavam presentes e dançou-se durante 3 dias inteiros. Eduard Bourdot é o regente do coro formado por 13 homens.

Joh. Wilhelmine Hetzer.

* * N. da T.: Espécie de almôndegas ou bolinhos de batata.

Nudolstadt,
7. April.

Abonnementpreis:
a) incl. der Abg.-Numm.-Bzg.
2 Rthl. 20 Gr. od. 4 R. 48 Gr.
b) „Pilot“ apart 1 1/2 Rthl.
oder 2 R. 24 Gr. pr. Jahr.
gang.

Der Pilot.

Belletristisches Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Beilage.

Redigirt unter Verantwortlichkeit des Verlegers.

1863. — N. 14.

Insertions-Gebühr:
3 — 4 kreuz. Zeilen-Zeilen und
gem. Schrift 7/8 Egr., jede
Zeile darüber 1 Egr., mit ver-
hältnismäßigem Aufschlag für
Werbungen.

Uebersetzungs-Depositen
bis 6 Zeilen gratis,
für Beförderung derselben an
die betr. Adressen 2 1/2 R.

Ein Picknick.

(Schluß.)

„Doch, kehren wir zu Potoki zurück. Auch für ihn sollte dieses unschuldige Picknick zu einem Lebensschicksale werden. Er war nicht eben in der besten Laune von dem improvisirten Frühstücke aufgestanden, da ihm keine der anwesenden Personen mehr als gewöhnlich angesprochen, und hiebt bereits sein Stützband auf einer einsamen, ziemlich entfernten Anhöhe hervorgezogen, als er in seiner Nähe ein Geräusch wahrnahm und die Tochter Albions, ebenfalls zeichnend, erblickte. Sie hatte ihn nicht gesehen; vertieft in ihre Beschäftigung sah sie da, der Hut lag zu ihren Füßen, und die sich blendenden Flechten umspielten in reizender Abwechslung bald der Schatten der Pinie, bald die Sonne, welche sich durch deren Aeste Bahn gebrochen. Unbekannt mit der Gefahr, in einem heißen Lande die Sonne auf das umgeschickte Haupt krennen zu lassen, sah sie da; Wangen und Stirn, sonst vom zartesten Weiß, jetzt geröthet durch die Hitze des Tages und den Eifer ihrer Arbeit, und die träumerisch milden, hellgrauen Augen schauten bald nach dem malerischen Ufer, dem Gegenstande ihrer Zeichnung, bald folgten sie der gewandten Bleiseder, die in waldigen Strichen die Stütze förderte. Von Zeit zu Zeit flog ein zuckendes Lächeln über die regelmäßigen Züge und gab der Einfachheit ein unbenutztes Reiz. Potoki stand lange Zeit da, ohne sich durch die leiseste Bewegung zu verrathen. Das wehlich milde Wesen dieses Mädchens war ihm schon am Morgen aufgefallen, doch hatte er sie wieder über der Fülle von Ansprüchen vergessen, welche andere Damen an seine Gefälligkeit gemacht. Jetzt konnte er einen Augenblick einen ungehörten Traum träumen, wie ihn seine liebedürstige Seele lange unbewußt in sich getragen; — er konnte dieses holde, sanfte Wesen gewinnen, ihre Augen wenigstens mit so viel Wärme auf sich gerichtet glauben, wie sie jetzt die Landschaft betrachteten, konnte seiner treuen, theuern Mutter eine Tochter in die Arme führen, die in geistiger Harmonie mit dieser zusammenpaßte. — Immer süßer, immer lieber wurde ihm dieser wache Traum, immer mehr schmolz die Kinde ängstlichen Verantwärtens vor der Hoffnung einer besseren Zukunft. Er war allerdings süß, zu süß dieser Traum, besonders einem Mädchen gegenüber, dessen Name ihm kaum bekannt war; aber eine innere Offenbarung wird auch über solchen von der Natur zurückgesetzten Menschen, und so sollte Potoki nicht zu grausamer Täuschung erwachen. — Um die junge Dame nicht zu erschrecken, näherte er sich mit einigem Geräusch, doch, als sie, aufblickend, nur den buckligen Fremden gewahrte, der in einem gewissen Tone der Brüderlichkeit mit allen Damen der Bekanntschaft verkehrte, wandte sie sich ohne Verlegenheit mit großer Freundschaftlichkeit an ihn und bat um seinen Rath zur Stellung einer gewissen Baumgruppe im Vordergrund ihrer Stütze. Zu seinem Elemente, sobald von Kunst die Rede war, gab Potoki sogleich den gewünschten Aufschluß und setzte sich zu größerer Bequemlichkeit neben seine Schülerin, deren gut aufgefaßter Zeichnung ein aufrichtiges Lob zollend. Ohne weib-

liche Ziererei überließ sie ihm ihr Album zum Durchblättern und erhielt das seinige dagegen, was zu mannichfachen Berührungspunkten, zu Erklärungen und Erzählungen aus Beider Leben führte und sie die ganze Welt um sich in unschuldvoller Heiterkeit vergessen ließ.

Eine ganze, gemüthvolle Stunde verfloß Beiden, die schönste in Potoki's bisherigem Leben. Seine Gefährtin sah ihn so offen und lieb in die Augen, wenn er von der fernem Mutter erzählte, von den Reizen, die er gemacht, von den Schönheiten der Natur, die sein Gemüth tief in sich aufgenommen! Susanna bemerkte nichts von seinen äußern Unvollkommenheiten; er fühlte und sah, wie ihre ganze Seele die seinige aufsuchte und ihm das lang entbehrt Verlangen seines Wesens entgegenbrachte.

Auch sie ließ ihn in ihr Inneres blicken, in die unschuldigen Mädchenfreuden, die sie genoßen, die ungehörte, natürliche Entwicklung, welche ihr unter den Augen verständiger Eltern, in Mitte mehrerer Schwestern zu Theil geworden.

— Es war nichts Interessantes in dieser Erzählung, aber der junge Mann folgte mit Entzücken dem schlichten und doch so anmüthigen Kinde in die Blumenauen einer unverbitterten Jugend.

— Doch, auch die schönste Stunde hat ein Ende; sie hörten das ferne Horn zum Aufbruch blasen, und erhoben sich, in keitem Gespräche zu der Gesellschaft zurückkehrend. Hätte Potoki noch Augen gehabt für die Uebrigen, so würde ihm sicher aufgefallen sein, daß sein Freund alle Aufmerksamkeit an das dunkelaugige Generalstünd verschwendete und die Französin mit seinem Klammchen, das etwas verstimmt ausah, gänzlich sich selbst überließ. Allein der glückliche Bursche hatte einmal in seinem Leben an sich selbst und seinen Gegenstand zu denken, und ließ darum die Welt um sich her Welt sein, wie und wo sie wollte.

Niemand hatte etwas dagegen, daß er die Engländerin unter seinen ausschließlichen Schutz nahm, und diese überließ sich seiner Sorge mit schwesterlicher Vertraulichkeit. Allein kaum in Villafraanca angekommen, wechselte sie mehrmals die Farbe und klagte über ein unerträgliches Kopfweh. Jetzt erst erinnerte sich Potoki an ihre Unvorsichtigkeit, in dem heißen Lande Mittags ohne Hut in dem unvollkommenen Schatten des Baumes zu sitzen, und an seine Vergeßlichkeit, sie davor zu warnen. Eine bange Ahnung kommenden Unglücks überschlich den kurz vorher noch so glücklichen jungen Mann, und mit steigender Angst sah er die von Minute zu Minute unmöglicher werdende ängere Fassung Susannens einem halb bewußtlosen, halb fieberhaften Zustande weichen. Mit ängstlicher Neugier umstand sie der größere Theil der Gesellschaft, die Einen gute Rathschläge ertheilend, die Andern ihre Unbesonnenheit beklagend. Die beiden Baronessen und der Vater waren in Verwirrung und ungewiß, ob sie es wagen dürften, die junge Leidende nach Hause zu transportieren. „Zur Mutter, zur Mutter,“ schienen jetzt die brennenden Lippen zu kispeln, während die weissen Hände sich in krampfhaftem Schmerz an die Schläfe drückten; und Potoki hatte den Laut verstanden, aber schnell, wie der Gedanke, faßte er die Kranke in seine Arme und trug sie in seinen bereit stehenden Wagen. Sobald dieser Aus-

schlag gegeben war, folgten Alle seinem Beispiele, und die schnaubenden Pferde eilten der Stadt auf dem kürzesten Wege zu. Potoki's leichte Kalesche enthielt nur zwei bequeme Vorderbänke, und kaum hatte er Vater und Tochter dort sorgsam placirt, so nahm er selbst die Zügel und spornete die Pferde zu geflügeltem Laufe. Kein Wort wurde gewechselt in dieser kurzen halben Stunde; Susanna schien sich leicht zu fühlen im Bewußtsein, keine lästigen Zuschauerangen mehr auf sich gerichtet zu sehen. Potoki wechselte nur mit dem ängstlich die Tochter bewachenden Vater zuweilen einen bedeutungsvollen Blick, während Susanna's Augen sich nur ein einziges Mal öffneten, um sich vor dem noch immer grellen Sonnenlichte sogleich schmerzhaft wieder zu schließen. Jetzt hielt der Wagen vor ihrer Wohnung; der Vater eilte, die Mutter auf die Erscheinung der Leidenden vorzubereiten, Potoki hob sie sorgsam heraus und trug seine köstliche Last die Marmortreppe hinauf, sie auf der letzten Stufe in leidenschaftlicher Erregtheit eine Secunde an seine klopfende Brust drückend. „Potoki, Dank,“ lächelte ihre freundliche Stimme, und das hellgraue Augenpaar blickte noch einmal mit dem ruhrenden Vertrauen in die seinigen, welches sie ihm so theuer gemacht hatte.

Bald jedoch lag sie auf ihrem schneeweissen Lager, den Kopf in kühlende Umschläge gebunden, und Potoki, der Fremde im Hause, konnte ein längeres Verweilen mit keinem anständigen Grunde rechtfertigen. Er ging, zwar von den heftigen Dankesworten der Eltern begleitet, aber mit dem Gefühle, als ob er sein Theuerstes auf Erden an dieser Stätte zurückgelassen hätte. Er verbrachte eine peinlich ruhelose Nacht, in welcher er, der vergebllichen Verjuche, Schlaf zu finden, überdrüssig, sich endlich an den Schreibisch setzte, seiner einzigen Vertrauten auf dieser Welt, der fernem Mutter, sein Herz zu öffnen, und die Wonne wie die Dual dieser ersten Liebe in ihr Mutterherz auszusüßten. Sobald es am Morgen der Engländerin, sich nach ihrem Befinden zu erkundigen. Er erhielt benruhigenden Bericht: die Kranke war nie mehr zum Bewußtsein erwacht; das Fieber nahm während der Nacht so zu, daß mehrere Wärterinnen sie im Bette halten mußten; jetzt war sie ruhig, aber anscheinend gänzlich theilnahmslos gegen die Außenwelt. Der Vater, die strenge Etikette eines englischen Hauses beobachtend, wollte den jungen Mann mit diesem Bescheide entlassen. — Das scharfe Mutterauge aber mochte in den todtenbleichen Zügen, in den angstvoll auf sie gerichteten Augen Potoki's, vielleicht auch aus den Fieberphantasien Susanna's etwas mehr gelernt haben. Sie nahm mit einfacher Würde seinen Arm und sprach: „Mein Herr, Sie haben uns gestern durch Ihr tactvolles und entschlossenes Benehmen den letzten Trost ermöglicht, das Kind im Elternhause pflegen zu dürfen, wollen Sie Ihren Schützling nicht noch einmal sehen, ehe die Schatten des Todes ganz über ihn hereingebröchen sind?“ Mit diesen Worten zog sie den auf's Tiefste erschütterten jungen Mann hinein ins dunkel verhängte Krankenzimmer, wo Susanna mit fieberhaft gerötheten Wangen und über dem Kopfe zusammengefallenen Händen regungslos dalag. Welch eine

10. *Der Pilot*. *Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgemeinen Auswanderungs-Zeitung*. Nr. 27, 2. Juli 1856.

An Christoph Weise in Bechstedt.

Ibicaba, 1. Febr. 1856.

Lieber Freund und gewesener Nachbar! Von Franke aus Unterköditz habe ich erfahren, daß er meinen Brief gelesen und daß meine Schwiegermutter geäußert haben soll, sie wüßte nicht, ob ihre Tochter noch lebe oder nicht. Julius und Hanne leben noch beide glücklich und vergnügt, besser als in ihrer Nähe, zumal mein Schwager, der steht sich wie ein Herr; er hat die schönsten Kleidungsstücke und ein schönes Reitpferd. Ich lüge nicht, liebe Schwiegereltern; Ihr würdet gewiß laut vor Freude weinen, wenn Ihr ihn in Euren alten Tagen nur noch einmal sehen solltet. Wären doch Leonhardt und Gottfried auch hier und hätten das erste Jahr, welches das schlimmste ist, mit durchgemacht; dann wäre gewiß für sie gesorgt; dann wären sie gewiß mancher Noth und Sorge entgangen, wie wir auch. Und jetzt fällt mir mein alter guter Camerad, Nicol Specht, auch noch ein. Freund, wenn Du glücklich mit Deiner Familie herinkämost, so würdest Du in 4 bis 5 Monaten Deine 7 - 800 Milreis in Kaffeepflücken verdienen. Im Mai geht die Kaffee-Ernte an und im September die Pflanzzeit, da pflanzt man seine Früchte und wenn das vorbei ist, fängt man Kaffee und Früchte auszuputzen an; denn das Gras wächst während der Regenzeit hier ellenhoch.

Mit dem Sägeschärfen, lieber Freund Weise, wäre hier nichts zu schaffen. Kaffeepflücken fällt ebenso leicht und besser aus. Aber der Kaffee macht's auch nicht allein, sondern man muß sich in jedes Fach schicken, Pflanzen und Früchte aller Art bauen, Schweine mästen und anders Vieh halten. Dann nehmen wir es, obgleich Kolonisten, mit dem reichsten Bauer in Deutschland auf. Faulen geht es freilich nicht so. Denn hier muß man die Hacke schwingen lernen, wie draußen die Sense. Dennoch fällt es mir leichter; obgleich es hier etwas wärmer ist, so schwitze ich doch eben nicht mehr als in Bechstedt mit der Sense. Mit jedem Jahre fühle ich besser, daß ich meine alte Lage mit der neuen verbessert habe. Ich danke es meinem lieben Gott, daß er mich so geführt! Auch dem Agenten Froebel in Rudolstadt bin ich dankbar. Freilich ehe die Natur sich ändert, drückt das erste Jahr ein wenig auf, und wer ungesund ist, muß wol auch ins Gras beißen. Einen greift es mehr, den andern weniger an. Meiner Frau und meinem Schwager hat es fast gar nichts gethan; sie sind bis heute ganz frisch und wohl,

so auch mein kleiner August, den wir auf der See bekommen haben. Mich hat es ein wenig geschüttelt. Das ist nun vergessen und ich lebe wie es einem ehrlichen Menschen geziemt. Ich habe meine Ordnung in der Arbeit, aber auch im Essen und Trinken, und zwar nicht so spärlich wie draußen, wo wir bei strenger Arbeit Hunger litten, die Schultern mit Kummer und Sorge beladen, daß wir von Angst nicht wußten wohin. Hier wird Schulden halber Niemand gepeinigt. Kolonisten z. B., die unserm Hrn. Vergueiro 4000 Milreis schuldig sind, gelten in seinen Augen ebensoviel, wie andere, die ebensoviel Capital bei ihm stehen haben, wenn sie nur ordentlich, brav und arbeitsam sind. Unsere Kolonie besteht aus über 800 Seelen, meistens Deutsch, ohne die Neger, deren Zahl über 400 beträgt.

Noch mal also: Ich lebe hier glücklich und zufrieden; besser kann man's nichts verlangen. Was Ihr noch wissen wollt, das schreibt mir; darüber gebe ich die reine Auskunft.

Franz Holle.¹

10. *O Piloto*. *Semanário de Entretenimento do Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. N°. 27, 2 de Julho de 1856.

Para Christoph Weise em Bechstedt.

Ibicaba, 1° de Fevereiro de 1856

Caro amigo e ex-vizinho! Através do Franke de Unterköditz fiquei sabendo que ele havia lido a minha carta e que a minha sogra teria comentado que ela não sabia ao certo se a sua filha ainda vivia. Julius e Hanne vivem ambos felizes e satisfeitos, melhor do que quando estavam perto dela, sobretudo o meu cunhado que vive como um senhor (respeitável); ele possui belas

¹ Na Relação de colonos da Fazenda Ibicaba há o nome do colono Franz Helle que pode vir a ser Franz Holle da carta n° 10. Esta relação incompleta, nos fornece o nome de 100 colonos de várias procedências havendo um número maior de suíços e turíngios: 46 suíços, 29 turíngios, 5 prussianos, 2 de Schleswig-Holstein, 3 bávaros, 3 renanos, 7 de Hessen, 3 belgas, 1 de Luxemburgo e 1 da Holanda.

Disponível em: www.rootsweb.com/~brawgw/alemanha/FamiliasSP.htm

peças de roupa e um belo cavalo de montar. Eu não estou mentindo, caros sogros. Vocês certamente chorariam copiosamente de alegria se, na sua idade, o vissem mais uma vez. Ah se o Leonhardt e o Gottfried estivessem aqui e se agüentassem o primeiro ano, que é o pior, então certamente tudo teria se arranjado para eles, teriam escapado, decerto, de vários sofrimentos também assim como nós. E agora, ainda me vem à mente, o meu bom camarada Nicol Specht. Amigo, se você chegasse com a sua família aqui são e salvo, então você ganharia em 4, até 5 meses com a colheita de café os seus 700 - 800 mil-réis. Em maio inicia-se a colheita de café e, em setembro, a época do plantio, aí se planta as suas frutas que se quer e, quando acaba isso, começa-se a limpar o café e o pomar, pois o mato aqui, durante o período de chuva, cresce muito alto.

Como afiador de serra, caro amigo Weise, não se consegue nada aqui. A colheita de café é igualmente fácil e até melhor. Mas só o café não é suficiente. É preciso ser apto em todos os ramos, cultivar todos os tipos de plantas e frutas, engordar porcos e criar outros animais. Assim, mesmo sendo colono, podemos concorrer com o camponês mais rico na Alemanha. Os preguiçosos não vão, com certeza, tão bem assim, pois aqui é preciso aprender a manejar a enxada como aí a foice. Contudo, é fácil. Embora seja aqui um pouco mais quente, eu não sou mais do que em Bechstedt com a foice. Cada ano, percebo melhor que a minha nova situação, em relação à antiga, melhorou. Agradeço ao meu querido Nosso Senhor por ter me conduzido assim! Também sou grato ao agente Froebel em Rudolstadt. Antes que o corpo se transforme, o primeiro ano pesa um pouco e aqueles que não são muito saudáveis acabam morrendo. Uns são mais atingidos outros menos. Minha esposa e o meu cunhado praticamente não sentiram nada; até hoje eles se sentem cheios de energia e bem, assim como o meu pequeno August que tivemos em alto-mar. Eu fui um pouco atingido. Bem, já passou e eu vivo como convém a um homem honesto. Tenho as minhas regras no trabalho, mas também no comer e beber, que (aqui) não é tão escasso como aí, onde durante o árduo trabalho passávamos fome, quando tínhamos os ombros sobrecarregados de desgosto e preocupação e, que de medo não sabíamos o que fazer. Aqui ninguém é atormentado por causa de dívidas. Colonos, por exemplo, que devem ao nosso Senhor Vergueiro 4000 mil réis têm, perante os seus olhos, se forem ordeiros, bem comportados e trabalhadores, tanto valor quanto aqueles que têm este equivalente de capital depositado com ele. A nossa colônia é formada por mais de 800 almas, na sua maioria, alemães, além dos negros, cujo número monta a mais de 400.

Mais uma vez: eu vivo feliz e satisfeito aqui; melhor não se pode exigir. Escrevam-me sobre o que mais vocês querem saber; dar-lhes-ei informações verdadeiras.

Franz Holle.

11. *Der Pilot*, Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Zeitung. Nr. 33, 13. August 1856.

An Heinrich Harz in Horba bei Königsee.

Ibicaba, Prov. San Paulo, 10. Febr. 1856

Innig geliebte Eltern und Geschwister! Am 22. October 1855 erhielt ich durch Franke aus Unterköditz, welche bereits einen Monat lang in der Stadt Campinas liegt und noch keine Arbeit hat, Euren Brief, auf den ich sehnsuchtsvoll so lange habe warten müssen. Als es hier bekannt wurde, daß Deutsche in Campinas angekommen wären, gingen Neubauer aus Oberschöbling, Grahner aus Wittgendorf und eine Tochter von Bock aus Oberweißbach hin, sie zu besuchen, und brachten mir Euren Brief mit, über welchen wir alle vor Freude weinen mußten, obgleich auch traurige Nachrichten darin stehen. Wenn ich meinem Bruder helfen könnte, sollte es geschehen, und wenn es meinen letzten Blutstropfen kostete; aber für jetzt kann ich nicht, denn ich habe selbst noch Schulden. Besser habe ich es freilich wie Ihr; wenn ich gesund bin, habe ich keine solchen Nahrungssorgen, wie in Deutschland. Genug Mal habe ich gesagt: wenn Ihr es nur alle so hättet! Doch ich will Keinem rathen, auszuwandern; wer halbweg sein Auskommen hat, soll zu Hause bleiben; denn Manchen greift das Klima sehr hart an und die Sandflöhe sind eine große Plage. Diese Flöhe sind kleiner als der Erdflöh bei Euch und treffen sich bei Leuten, die nicht genug säubern, in die Füße ein, so daß sie, so lange sie noch deutsches Blut haben, nicht mehr auftreten möchten. Wir haben jetzt nicht so viel mehr und sind auch nicht mehr so empfindlich. Mein Schwager in Schwarzburg wundert sich, von mir nicht aufgefordert zu werden, daß er kommen soll. Es ist bald gesagt: "ich wandre aus", aber es auszuführen, ist etwas Schweres. Alles, was Einem hier schwer fällt, wieder anzuschaffen, muß man drüben verkaufen. Ein so schönes Haus bekommst Du hier nicht. Auch die Reise soll sich Keiner so leicht vorstellen, sei es zu Wasser oder zu Lande. In Brasilien gibt es keine Nachtquartiere wie

in Deutschland; nur Hütten sind unterwegs anzutreffen. Auf Halbpacht-Kolonien kann Niemand Grundstück-Eigenthum erwerben, sondern wer Etwas erspart, muß sich anderswo ankaufen. Meine Frau war ziemlich ein Jahr lang am Gallenfieber krank; außerdem sind wir noch alle gesund. Unsere Lebensmittel sind Bohnen, Reis, Kraut, Gurken und Salat. Kartoffeln und ähnliche Knollengewächse gibt es viererlei, die zum Theil so groß und noch größer werden als Kohlrüben. Dieß Alles und auch Mais bauen wir selbst. Unser Brot ist etwas rauh, aber so weiß wie von Weizenmehl; die Mühlen sind noch unvollkommen. Auch was ich von Obst brauche, baue ich selbst. Ich habe z. B. 40 Stück Bananenbäume gepflanzt, welche sich in Jahr und Tag stark vermehren werden; sie stehen hinter dem Hause und ist Alles eingezäunt. Wenn wir kein Vieh hätten, brauchten wir nicht so viel zu bauen. Wir hatten schon drei Schweine im Stall, jetzt aber nur zwei. So oft eins verzehrt ist, wird wieder eins geschlachtet und ein anderes gekauft. Zu 3 Ziegen hoffen wir bald noch eine Kuh zu bekommen. Auch haben wir alle Wochen frisches Rindfleisch, oder Enten, oder Hühner. Wenn meine Frau nicht immer so krank gewesen wäre, so hätten wir es nicht besser haben wollen.

Ihr habt mir geschrieben von Sklaverei. Laßt Euch doch nichts weiß machen! Wir sind frei, so gewiß das meine Hand geschrieben hat. Wohl haben wir gehört, daß einige Böhlener schlecht geschrieben hätten; sie haben mir es selbst gesagt. Aber entweder ist ein Mensch, der so etwas schreibt, nicht bei Sinnen, oder er taugt selber nichts. Schon auf dem Schiffe haben sich Leute schlecht aufgeführt, gestohlen und Schlägerei angefangen, so daß Einer sogar an den Mastbaum angeschlossen werden mußte.

Auf unserer Kolonie ist auch Musik; der Gutsherr läßt uns auf seiner Fazenda tanzen und bewirthen. In zwei Jahren soll, wenn sein Vater noch lebt, der dann 80 Jahre alt wird, ein Jubelfest gefeiert werden. Da sollen wir acht Tage lang nichts arbeiten und zu essen und zu trinken bekommen, so viel wir wollen.

Ich verbleibe Euer Sohn und Bruder

Johann Heinrich Friedrich Harz.¹

¹ Nome que consta na Relação de colonos da Fazenda Ibicaba. Disponível em: www.rootsweb.com/~brawgw/alemanha/FamiliasSP.htm

11. *O Piloto*. *Semanário de Entretenimento do Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. N.º. 33, 13 de agosto de 1856.

Para Heinrich Harz em Horba perto de Königsee

Ibicaba, Prov. de São Paulo, 10 de Fevereiro de 1856

Tão queridos pais e irmãos! No dia 22 de outubro de 1855 recebi através do Franke, de Unterköditz, o qual já está há um mês na cidade de Campinas e ainda sem trabalho, vossa carta pela qual tive que esperar ansiosamente tanto tempo. Quando se ficou sabendo aqui, que alemães haviam chegado à Campinas, Neubauer de Oberschöbling, Grahner de Wittgendorf e uma filha de Bock de Oberweißbach foram até lá visitá-los e me trouxeram a vossa carta sobre a qual todos nós choramos de alegria se bem que nela também continham notícias tristes. Se eu pudesse ajudar o meu irmão, faria, e mesmo se isto custasse a minha última gota de sangue; mas no momento não posso, pois eu mesmo, ainda tenho dívidas. Sem dúvida estou melhor que vocês; se eu continuar saudável, não terei aquela preocupação com alimentação como na Alemanha. Já falei várias vezes: ah se vocês tivessem tudo assim! Mas não quero aconselhar ninguém a emigrar; quem tiver de forma razoável o necessário para viver, deve ficar em casa; pois alguns são atingidos fortemente pelo clima, e os bichos-de-pé são uma grande praga. Estas pulgas são menores do que as pulgas-da-terra* de vocês e corroem os pés das pessoas que não se lavam suficientemente, de tal forma que, enquanto essas (pessoas) tiverem sangue alemão, não querem mais por os pés no chão. Nós não temos mais tantos e nem somos mais tão sensíveis. O meu cunhado em Schwarzburg admira-se de eu não o convidar para vir para cá. Facilmente se diz: "vou emigrar", mas, realizar é uma coisa mais difícil. Tudo que aqui custa tanto para se adquirir, tem que ser vendido aí. Uma tão bela casa, você não consegue aqui. Mesmo a viagem, ninguém deve imaginá-la tão fácil, seja por mar ou por terra. No Brasil não há alojamentos como na Alemanha; no caminho só se encontram cabanas. Nas colônias de parceria ninguém pode adquirir a propriedade de um lote de terra, mas quem conseguir poupar alguma coisa, tem que comprar em outro lugar. Minha esposa esteve durante um ano bastante doente de febre biliosa; fora isso, estamos todos ainda com saúde. Feijão, arroz, couve, pepinos e alface são (a base) da nossa alimentação. Há quatro tipos de batata e plantas semelhantes que, às vezes, se tornam tão grandes e ainda maiores que nabo. Tudo isso e também milho, plantamos nós mesmos. Nosso pão é um pouco mais grosseiro, porém tão

branco quanto o de farinha de trigo; os moinhos são ainda imperfeitos. O que necessito no que diz respeito à fruta, eu mesmo planto. Plantei, por exemplo, 40 pés de bananeira, as quais se multiplicarão dia e noite; elas estão atrás da casa e está tudo cercado. Se não tivéssemos gado, não precisaríamos construir tanto (sic). Já tivemos três porcos no chiqueiro, agora, porém, estamos somente com dois. Cada vez que um é consumido, um é abatido e um outro comprado. Além das três cabras, esperamos em breve ter uma vaca. Além disso, temos carne de vaca fresca ou patos ou galinhas todas as semanas. Se minha esposa não tivesse ficado sempre tão doente, não poderíamos ter querido melhor.

Vocês me escreveram sobre escravidão. Não se deixem tapear! Nós somos livres, tão certo quanto o que a minha mão escreve. Mas escutamos dizer que alguns de Böhlen escreveram falando mal; eles mesmos me contaram. Mas, um homem que escreve uma coisa dessas, ou não é bom da cabeça ou não presta. Já no navio as pessoas se comportaram mal, roubaram e começaram a brigar de tal forma que um teve que ser amarrado no mastro.

Na nossa colônia também há música; o proprietário deixa-nos dançar na sua fazenda e somos servidos (de comida e bebida). Daqui a dois anos, se o seu pai ainda viver, então completará 80 anos, quando deverá ser feita uma grande festa para comemorar. Nesta ocasião, não deveremos trabalhar durante oito dias e receberemos o de comer e o de beber o tanto quanto quisermos.

Seu fiel filho e irmão.
Johann Heinrich Friedrich Harz.

* N. da T.: Segundo o Prof. Dante Martins Teixeira, "Erdflöh" no original (literalmente "pulga-da-terra") é a designação aplicada a vários coleópteros (Chrysomelidae, Halticini) capazes de saltar com grande desenvoltura. Semelhante capacidade teria dado origem ao nome popular alemão, malgrado estes insetos não guardarem qualquer parentesco com as verdadeiras pulgas (Siphonaptera), grupo que inclui tanto a pulga comum (*Pulex irritans*), quanto o bicho-do-pé (*Tunga penetrans*). No Brasil, tais besouros são conhecidos como "vaquinhas" ou mesmo "pulga-da terra", denominação que parece constituir um germanismo de uso bastante restrito.

12. *Der Pilot*. Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Zeitung. Nr. 28, 9. Juli 1856.

An Friedrich Frosch in Bechstedt.

São João do Rio Clara (sic), 31. März 1856.

Wertheeste Eltern und Geschwister! Am Osterfeste habe ich mit Christian Franke aus Unterköditz gesprochen, welcher mit den andern Thüringer Straßenbauern 4 bis 6 Stunden von hier entfernt, von Campinas bis nach Limeira am Straßenbau beschäftigt ist. Dieser Christian Franke war unbeschreiblich froh, als er mich gesund und froh wieder sprechen konnte, indem er gar nicht gehofft hatte, Thüringer Landsleute anzutreffen. Auch ich habe mich königlich gefreut, als ich hörte, daß meine Eltern und Brüder noch am Leben wären. Von den anderen Thüringern, die ich gesprochen habe, nenne ich nur Werlich auch Böhlen, die übrigen waren aus Herschdorf und Deesbach.

Ich schreibe nun schon den zweiten Brief an Euch, um Antwort zu erhalten, wie es mit meinen Brüdern geht. Mein Bruder Gottfried würde hier als Tischler nicht so überflüssig sein, als drüben, und seine Frau und Kinder könnten in Kaffee arbeiten. Werkzeug soll er mitbringen, es ist hier sehr theuer. Dasselbe ist mit Kleidungsstücken, Wäsche und Betten der Fall. Wer nach Brasilien auswandern will, der verkaufe etwa der zu großen Wärme wegen seine Federbetten ja nicht. Glaubt mir; was ich schreibe, ist die Wahrheit. Ich könnte mein gutes Federbett, wenn ich es hier hätte, sehr gut gebrauchen. Und dennoch hört man in Deutschland nicht auf, von der unausstehlichen Hitze zu plappern, die in Brasilien herrschen soll! Weniger rathsam sind viele leinene Hemden mitzunehmen; man kaufe sich lieber ein Stück feines weißes Baumwollenzug und lasse sich die Hemden erst hier machen, wo die Mode ganz anders ist. Frauenspersonen sollten ihre Kopftücher, Röcke mit Miedern, und Schürzen zu Hause verkaufen; solche zu tragen ist hier unschicklich. Weibspersonen tragen hier Kleider von Kattun oder Baumwolle aus dem Ganzen gemacht. Diese Stoffe sind hier wenigstens noch einmal so theuer wie in Deutschland.

Was mich anbelangt, so bin ich, Gott sei Dank! noch immer recht gesund und wohl; mein Schwager nebst Frau und Sohn, welcher auf dem Schiffe 'Kolonist' zur Welt gekommen, desgleichen. Ich selbst wohne nicht auf der Kolonie, komme aber mit einem meiner Neben-

Gesellen monatlich wenigstens einmal zu Pferde dahin, ein hübscher Spazierritt von etwa 6 deutschen Weges-Stunden. Nach 1 bis 3 Tagen Aufenthalt, je nachdem meine Geschäfte es erlauben, kehren wir an unsre Tischlerei zurück. Obgleich ich drüben nicht viel auf Profession gearbeitet und wenig begriffen habe, so konnte ich doch hier, gleich zu Anfang meiner Lehrzeit in Brasilien, monatlich 12 Milreis erübrigen, wozu in Deutschland schon ein geschickter Tischler gehört.

Richard Bock aus Allendorf könnte ebenfalls kommen, er könnte gleich auf 3 bis 4 Jahre Arbeit bei mir haben und es würde ihn nicht gereuen, da in Deutschland die Tischlerei von Tag zu Tag mehr in Verfall geräth. Gott sei Dank, daß ich nicht mehr bei so armseligen Meistern, die nicht einmal einen Gulden Lohn auf einmal auszuzahlen im Stande sind, zu arbeiten brauche! Mein hiesiger Meister ist ein Hessen-Darmstädter und seit 1847 in Brasilien. Wir verarbeiten in unserm Geschäft lauter schönes Holz, Capiano und Oleo, wovon lauter polirte Möbel, alles massiv, gefertigt werden; bei dem geringen Unterschiede im Holzpreise denkt man nur selten aus Fourniren. Die gewöhnlichsten Möbelpreise sind: für eine feine Commode 64 Milreis, für einen runden Tisch 40 Milreis, eine französische Bettstelle 40 - 44, ein feiner Rohrstuhl 8 bis 9 Milreis u. Und wir können immer nicht genug fertig bringen.

Weiter weiß ich euch jetzt noch nichts zu schreiben; denn ich bin erst wenig im Lande herumgekommen. Auch Geld kann ich euch noch nicht schicken, weil ich noch für mich selbst zu sorgen habe, und Kleidungsstücke und Wäsche theuer sind. Alles, was ich mir anschaffte, habe ich nötig gebraucht. Pferd, Sattel mit Reitdecken und Zaun kosten mir gegen 100 Milreis.

Liebe Eltern, ob ich zu euch zurückkehren werde, weiß ich noch nicht; denn ich gedenke mich wenigstens noch 4 bis 5 Jahre in diesem Lande aufzuhalten. Drum grüßet mir alle meine Freunde und Verwandte und lebet recht wohl. - Euer treuer Sohn und Bruder

Julius Frosch.

12. *O Piloto*. *Semanário de Entretenimento do Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. N°. 28, 9. Juli 1856.

Para Fridrich Frosch em Beschstedt.

São João do Rio Claro, 31 de março de 1856.

Estimadíssimos pais e irmãos! Na Páscoa falei com Christian Franke de Unterköditz que, junto com outros turíngios operários, trabalha na construção de uma estrada de Campinas a Limeira, distante daqui de 4 a 6 horas. Este Christian Franke ficou indescritivelmente feliz quando ele, com saúde e alegre, pôde falar de novo comigo, já que não tinha nenhuma esperança de encontrar compatriotas turíngios. Também fiquei realmente feliz quando ouvi que meus pais e irmãos continuavam vivos. Dos outros turíngios com quem falei, menciono somente Werlich e também Böhlen. Os demais eram de Herschdorf e Deesbach.

Bem, eu já lhes escrevo a segunda carta para obter resposta sobre como vão os meus irmãos. Meu irmão Gottfried, como marceneiro, não seria aqui tão supérfluo quanto aí e sua esposa e filhos poderiam trabalhar na plantação de café. Ele deve trazer ferramentas, pois aqui elas são muito caras. A mesma coisa em relação às peças de roupa, roupa íntima e de cama. Quem desejar emigrar para o Brasil, não deve, de forma alguma, vender o seu edredão pensando no grande calor. Acreditem; o que escrevo é a verdade. Eu poderia usar muito bem o meu edredão se eu o tivesse aqui. E assim mesmo não se pára de tagarelar na Alemanha sobre o calor insuportável que supostamente reinaria no Brasil! Menos aconselhável é trazer muitas camisas de linho; é melhor comprar uma peça de tecido de algodão fino e branco e mandar fazer aqui as camisas, onde a moda é bem outra. As mulheres deveriam vender em casa os seus lenços de cabeça, saias com espartilhos e aventais; não é usual vestir estes por aqui. Aqui, o mulherio usa vestidos todos feitos de chita ou de algodão. Os tecidos são aqui no mínimo o dobro mais caro do que na Alemanha.

Quanto a mim, graças a Deus, ainda ando com saúde e bem; do mesmo modo o meu cunhado juntamente com a esposa e o filho, que veio ao mundo no navio 'Kolonist'. Eu mesmo não vivo na colônia, mas, pelo menos uma vez por mês vou até lá, a cavalo, junto com um companheiro de trabalho, um passeio de cerca de 6 horas de 'caminhada alemã'. Após 1 até 3

dias de estadia, conforme os meus negócios permitam, voltamos a nossa marcenaria. Apesar de eu não ter trabalhado muito aí na profissão e ter aprendido pouco, pude assim mesmo, logo no início de minha temporada de treino no Brasil, poupar mensalmente 12 mil-réis, o que na Alemanha só um marceneiro habilidoso faz.

Richard Bock de Allendorf também poderia vir. Ele poderia logo de início trabalhar por 3, 4 anos comigo. Ele não se arrependeria, pois na Alemanha o ofício de marceneiro decai dia após dia. Graças a Deus que eu não preciso mais trabalhar para mestres pobres que não têm condições de pagar de uma só vez um salário de um florim!* O meu mestre** atual é de Hessen-Darmstadt e está desde 1847 no Brasil. Nós empregamos no nosso negócio somente madeiras nobres como capiano e óleo, das quais são fabricados muitos móveis polidos, todos maciços. Em caso de uma pequena diferença no preço da madeira, raramente se pensa em folheado. Os preços habituais dos móveis são: de uma bela cômoda 64 mil-réis, de uma mesa redonda 40 mil-réis, de uma armação de cama francesa 40, 44, de uma boa cadeira de palhinha de 8 até 9 mil-réis, etc. e nunca é suficiente o que produzimos.

Além disso, não sei mais o que lhes escrever, pois eu, por enquanto viajei pouco pelo país. Também não posso lhes enviar dinheiro, pois tenho ainda que cuidar de mim e, peças de vestuário e roupa branca são muito caras. Tudo que comprei para mim, realmente precisava. Cavalo, sela com manta de proteção e rédeas me custaram 100 mil-réis.

Queridos pais, se voltarei, ainda não sei, pois penso em permanecer neste país no mínimo de 4 a 5 anos. Sendo assim, mandem lembranças minhas a todos os meus amigos e parentes e adeus. Seu fiel filho e irmão

Julius Frosch.

* N. da T.: 'Gulde' = florim. De 1500 até o século XIX, moeda de prata alemã.

** N. da T.: 'Meister' = mestre: artesão que, depois do período de formação, é aprovado num exame estatal o que lhe dá o direito de formar aprendizes.

13. *Der Pilot*. Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Zeitung. Nr. 11, 17. März 1857.

Kolonist Carl Graner aus Döschnitz bei Königsee an Regine Graner daselbst.

Kolonie Ibicaba, Prov. San Paulo (Brasilien), 20. August 1856

Vielgeliebte Geschwister und Mutter! Beinahe hatte ich die Hoffnung, einen zweiten Brief von Euch zu erhalten, schon aufgegeben, als der ersehnte Tag, es war der 5. August, uns ein Kistchen mit sämtlichen Briefen von Euch brachte. Das war eine Freude! Wir fanden Alles in Ordnung bis auf Tabakspfeife und Spitzen, die gerade zu passe kamen, da ich von meiner eben den letzten Ringel abgebissen hatte, und sage Euch meinen herzlichen Dank dafür,

Liebe Schwester, aus Deinem Briefe sehe ich, daß es Dein ernstlicher Wille ist, zu mir zu kommen, was ich auch von Herzen wünsche und Dir und allen andern, welche es ermöglichen können, dazu rathe; jedoch wünsche ich auch, daß Du mir keine Vorwürfe machst, wenn Dir's etwa im ersten Jahre nicht sogleich recht gefallen will; denn man hat auch hier erst so manches Unangenehme durchzumachen, z. B. die Sandflöhe, beinahe unsichtbare Thierchen, welche sich an den Füßen zwischen Fleisch und Haut einfressen, Durchfall und geschwollene Füße. Jedoch sind nicht alle Menschen damit geplagt; wir blieben ziemlich davon verschont und die Sandflöhe sind nur für Leichtsinige, die nicht darauf achten, von schlimmeren Folgen. Man muß nur alle Tage danach sehen und sich verhalten. Auch die Kost will im Anfange nicht recht schmecken; aber vor alle dem braucht sich Niemand zu fürchten. Wir sind nun schon drei Jahre hier und haben uns ziemlich wie in unserer früheren Heimat eingerichtet. Von unsern brasilianischen Kartoffeln kochen wir Klöße, Scharbrich, kurz Alles wie zu Hause auch; wir mußten's aber erst hin und her probiren. Nun schmeckt es uns besser als in Deutschland die kranken Kartoffeln, und diese hatten wir nicht einmal. Ich danke meinem lieben Gott, daß es sich so geschickt hat; meine jetzige Lage würde ich mit so manchem halben Gutsbesitzer in Döschnitz nicht vertauschen. Ich habe jetzt 2 Kühe, 1 Kalbe, 1 Kalb, 6 Schweine, 1 Ziege, Hühner und Enten. Lebensmittel bauen wir so viel als wir brauchen. Dieses Jahr habe ich über 100 Alqueires Mais, wovon viel dem Viehe gefüttert wird, 3000 Stück Kürbisse (nur Viehfutter), 8 Alq. Bohnen gebaut. Die Kaffee-Ernte, welche im vor. Jahre von unseren Bäumen nur 223 Alq. betrug, wird dieses Jahr gut, ungefähr 1500 Alq.

So Mancher wird sprechen: "es ist nicht wahr!" macht aber nichts aus. Von sich selber kömmt's freilich nicht; wir müssen alle tüchtig arbeiten. Aber hier gehe ich mit Frau und Kindern sowohl an die Arbeit als auch zu Tische; denn ich brauche nicht wie in Deutschland einem Jeden sein Stückchen Brod in die Hände zu schneiden und darüber nachzudenken, woher morgen Brod für die Kinder nehmen. Vielmehr habe ich meine Freude daran, wenn sie hinterm Tische sitzen wie die Orgelpfeifen und tüchtig einhauen. Auch macht es Spaß, wenn wir einmal in einer Woche 100 Alqueiren Kaffee pflücken. Freilich haben wir an unsern Schulden noch ein paar Jahre abzarbeiten; durch die wachsende Einwanderung wird Alles theuer, und eine große Familie nur in Kleidung zu erhalten, kostet viel Geld. Ein Paar Schuhe für mich z.B. kosten 4, ein ordinärer Filzhut 2, ein ganz feiner 20-25 Milreis (den Werth des Geldes wißt Ihr schon). Ein Maß Branntwein kostete im ersten Jahre 3 Vintem, jetzt 7, Speck früher 6, jetzt 12 Vintem u. so fort.

Was unsere contractlichen Verhältnisse betrifft, so thue ich am besten, die wichtigsten Punkte Euch mitzuthemen. 1) Sobald der Kolonist in Santos ankömmt, muß er sich zur Gesellschaft Vergueiro verfügen, welche ihn zu empfangen, zu verpflegen und an seinen Bestimmungsort zu bringen hat. 2) Was er zu seinem Lebensunterhalte nöthig hat so lange, bis er im Stande ist, es selbst zu erlangen, muß sie ihm gewähren. 3) Sind ihm so viel Kaffeebäume anzuweisen, als er bebauen, pflegen und pflücken kann. 4) Desgl. so viel Pflanzfeld, als zu seinem Unterhalte nöthig ist; der Ertrag desselben gehört dem Kolonisten allein. Dagegen verpflichtet sich der Kolonist, 1) sich friedfertig zu betragen; 2) die angewiesenen Kaffeebäume gehörig zu pflegen und zu pflücken, wie es gebräuchlich ist; 3) hat der Kolonist Antheil an der Zubereitung des Kaffee, bis er zum Verlaufe fertig ist; 4) die Vorschüsse mit 6 Procent zu verzinzen und solidarisch dafür zu haften; 5) die Hälfte des Erlöses aus dem Kaffee der Gesellschaft zu überlassen; die andere Hälfte gehört ihm; 6) nur nach ein Jahr vorher angebrachter Kündigung und nach Bezahlung seiner Schulden von der Kolonie auszuscheiden. So lange der Kolonist seine Pflichten erfüllt, ist die Gesellschaft an den Contract gebunden; wir können also, wenn wir wollen, lebenslänglich dieses Verhältniß fortsetzen. Wer ohne vorherige Kündigung und Abtrag seiner Schulden die Kolonie verläßt, fällt in 50 Milreis Strafe. Die übrigen Artikel interessiren Euch weniger; Ihr könnt nun schon darüber urtheilen.

Was auf der Reise zu beobachten ist, wißt Ihr schon. Nur Eins noch. Wenn Du nach Santos

kommst, so kaufe Dir noch Brod auf einige Tage; denn bis Campinas gibt's keines mehr. Fehlt Dir's an Geld, so lass Dir ungefähr 5 Milreis vorschießen, damit wirst Du langen. Das ist nur so nebenbei, denn Du erhältst vom Zugführer jeden Tag Deine Kost.

In diesem Briefe findest Du einen 10 Milreisschein; dafür kaufe eine gute messingene Wanduhr, eine oder zwei Sichel, eine Kuhkette, ein Wiegemesser, einen Wetzstein, eine Wetzschale zum Barbiermesser, 8 Paar Ohrringel für meine Mädchen, ein blaues Kopftuch für meine Frau und wenn es Dir möglich ist, ein Wenig getrocknete Hefen; wir wollen einen Versuch machen und Bier brauen von Reis oder Mais. Reicht das Geld hierzu nicht aus, so mache ich, was Du zubüßest, hier schon wieder gleich. Bis Du erst auf dem Schiffe, so hast Du ausgesorgt. Gern hätte ich mehr Geld geschickt; aber ich habe eben erst eine Kuh gekauft für 35 Milreis. Hast Du Geld übrig, so bring 3 gute Haarkämme mit für meine Mädchen. Solltest Du aber nicht kommen, so schicke mir wenigstens die Uhr, in einem besonderen Kistchen wohlverpackt.

Mein Schwager Breternitz befinde sich wohl; der Heinrich aber ist vorm Jahre an der Auszehrung gestorben. Uebrigens sind sie noch immer die alten d. h. keine fleißigen Arbeiter; wenn sie nur durchkommen, ist's ihnen schon recht; schuldenfrei zu werden, ist ihre geringste Sorge. Wir sind nun 3 Jahre hier, und wenige Tage nur sind vergangen, daß wir nicht von Euch und der alten Heimat gesprochen haben. Grüßet Alle, welche sich meiner freundschaftlich erinnern. Euer getreuer und aufrichtiger Bruder

Carl Graner.

PS. An meinen Gevatter Carl Bergmann.

Unsern alten Blücher habe ich von Dir lassen grüßen; er ist ungefähr 7 Stunden von mir entfernt und treibt Straßenarbeit, wobei er täglich so viel wie einen Preußischen Thaler verdient. Leider liebt er auch die Schnapsflasche noch immer und hat schon verschiedenes Unglück sich dadurch zugezogen. Als er in Campinas ankam, hatte ich einen Marsch von 1 1/2 Tagen darangewendet und ihn besucht. Er hatte Lust, bei der Gesellschaft Vergueiro auf unserer Kolonie als Gärtner ins Dienst zu treten. Aber als ich ihn ein bißchen vermahnnte, daß er seinen Durst dort mäßigen müsse, besann er sich anders und blieb, welches auch mein Glück war; denn ich hatte keine Ehre davon. Die andern Straßen-Arbeiter aus Eurer Gegend, na-

mentlich die Schwarzburger, haben mich schon manchmal besucht, Blücher aber noch nicht. Julius Breternitz hat Rost's Carolinen aus Stadt Remda geheirathet.

D. O.

* N. da T.: Encontrei duas cartas do colono Carl Graner. Esta aqui, publicada em 1856 no suplemento *Der Pilot* e a outra, escrita em novembro de 1858 (carta n° 19), publicada no jornal *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. Esta última, escrita alguns meses após a revolta em Ibicaba, é uma tentativa de explicação das causas do levante por parte de uma 'testemunha'.

13. *O Piloto. Semanário de Entretenimento do Allgemeine Auswanderungs-Zeitung.* N°. 11, 17. Março 1857.

Colono Carl Graner de Döschnitz nos arredores de Königsee para Regine Graner nesse mesmo lugar.

Colônia Ibicaba, Província de São Paulo (Brasil), 20 de Agosto de 1856.

Queridíssimos irmãos e mãe! Pouco faltou para que eu perdesse a esperança de receber da parte de vocês uma segunda carta, quando no tão esperado dia, 5 de agosto, nos trouxeram uma pequena caixa com todas as suas cartas. Ah, que alegria! Encontramos tudo em ordem até o cachimbo e a boquilha que chegaram no momento certo, visto que mordi o último anel do meu e, agradeço-lhes de coração por isso.

Cara irmã, vejo pela sua carta que você deseja seriamente vir para cá o que eu também desejo de coração e é o que lhe aconselho e a todos os outros que assim puderem fazer. No entanto, desejo também que você não me repreenda se, no primeiro ano, alguma coisa não te agradar logo de início, pois também aqui é preciso passar por coisas desagradáveis como, por exemplo, o bicho-de-pé, um bichinho quase invisível que corrói os pés, entre a carne e a pele, a diarreia e os pés inchados. Porém, nem todo mundo é molestado com isso; nós fomos praticamente poupados disso e os bichos-de-pé são para os descuidados que não se

preocupam com as conseqüências danosas. Só é preciso conferir todos os dias (para ver se acha o bicho) e reagir (retirando-o). Também a alimentação não apetece logo de início; mas ninguém precisa ter medo disto tudo. Nós já estamos há 3 anos aqui e nos acomodamos quase como em nossa antiga terra natal. Da nossa batata brasileira fazemos 'Klöße', 'Scharbrich'*, enfim, tudo como aí em casa. Mas primeiro tivemos que experimentar de um jeito, de outro. Agora as batatas doentes** nos apetezem mais do que na Alemanha e olha que nem mesmo as tínhamos aí. Agradeço a meu Nosso Senhor por ter enviado assim. Não trocaria a minha situação atual com nenhum pequeno-proprietário em Döschnitz. Tenho no momento 2 vacas, 1 novilha, 1 bezerro, 6 porcos, 1 cabra, galinhas e patos. Gêneros alimentícios, plantamos o quanto necessitamos. Neste ano cultivei mais de 100 alqueires de milho, muitos dos quais para alimentar o gado, 3000 abóboras (somente ração de gado), 8 alqueires de feijão. A colheita dos nossos pés de café que no ano passado montou apenas 223 alq. será boa este ano, aproximadamente de 1500 alq.

Muitos vão assim dizer: "não é verdade!". Mas não faz mal. Nada acontece por si só; nós todos precisamos trabalhar a valer. Mas aqui eu vou com a (minha) esposa e filhos tanto para o trabalho quanto para a mesa, pois não preciso, como na Alemanha, cortar o pão na mão de cada um e refletir de onde irei tirar amanhã pão para as crianças. Tenho muito mais a satisfação em vê-los sentados à mesa em escadinha*** comendo com muita vontade. Também é bom quando colhemos em uma semana apenas 100 alqueires de café. É certo que ainda temos que trabalhar alguns anos para pagar nossas dívidas. Devido ao crescimento da imigração tudo está ficando mais caro e apenas para vestir uma família grande custa muito dinheiro. Um par de sapatos para mim, por exemplo, custa 4 mil-réis, um chapéu de feltro ordinário 2, um bom de 20 a 25 mil-réis (vocês já sabem o valor da moeda). Um litro de aguardente custava no primeiro ano 3 vinténs, agora 7, toucinho antigamente custava 6, atualmente 12 vinténs e assim por diante.

No que diz respeito a nossa relação contratual, é melhor que eu os informe sobre os principais pontos. 1) Logo que o colono chegar a Santos deve se dirigir à firma Vergueiro que é obrigada a recebê-lo, alimentá-lo e transportá-lo ao seu local de destino. 2) O que ele necessitar para o seu sustento até que tenha condições de obter por conta própria, a firma está obrigada a proporcioná-lo. 3) Ao colono tem que ser dado tantos pés de café quanto for capaz de cultivar, cuidar e colher. 4) Do mesmo modo, o tanto de terra boa para plantar o quanto for

necessário para a sua subsistência; o rendimento da mesma pertence somente ao colono. Em compensação o colono se compromete a: 1) a se comportar pacificamente; 2) a cultivar e colher os pés de café que lhe foram destinados como é usual; 3) o colono tem que participar da preparação do café até que esteja pronto para o processamento; 4) a pagar juros de 6% pelo empréstimo e, solidariamente, se responsabilizar por isso; 5) a deixar aos cuidados da firma a metade dos rendimentos provenientes do café; a outra metade lhe pertence; 6) a deixar de fazer parte da colônia só após ter se apresentado um ano antes a rescisão do contrato e de ter quitado suas dívidas. Enquanto o colono cumprir as suas obrigações, fica a firma atada ao contrato. Por tanto, se desejarmos, podemos continuar com esta relação para a vida toda. Quem abandonar a colônia sem aviso prévio e pagamento das suas dívidas, será multado de 50 mil-réis. Os artigos restantes, pouco lhes interessam; vocês já podem julgar então a respeito.

Você já sabe o que deve ser observado durante a viagem. Só uma coisa mais. Quando você chegar a Santos, compre pão para alguns dias, pois até Campinas não há mais nada. Falta-lhe dinheiro, então peça mais ou menos 5 mil-réis emprestados, isto será o suficiente. Digo isto só de passagem, pois você recebe todos os dias a sua alimentação do guia do grupo.

Nesta carta você encontrará uma nota de 10 mil-réis; em troca, compre um bom relógio de parede de latão, uma ou duas foices, uma corrente para vaca, um picador****, uma pedra de amolar, uma cumbuca de pedra para afiar a navalha, 8 pares de brincos para as minhas meninas, um lenço de cabeça azul para a minha mulher e, se lhe for possível, um pouco de fermento seco; queremos fazer uma tentativa de fabricar cerveja de arroz ou milho. Se o dinheiro não bastar para isso, eu te reembolso aqui o que você deu a mais. Quando você tiver no navio, estará despreocupada. Eu teria, com prazer, enviado mais dinheiro, mas acabei de comprar uma vaca por 35 mil-réis. Se você tiver dinheiro sobrando, traga 3 bons pentes de cabelo para as minhas meninas. Mas se você não vier, mande-me, ao menos, o relógio numa caixa especial bem empacotada.

Meu cunhado Breternitz¹ está passando bem; mas o Heinrich morreu de tuberculose há um ano. Aliás, eles ainda são os mesmos isto é, não são trabalhadores assíduos; já se darão por satisfeitos se só sobreviverem. A menor preocupação deles é ficar livre das dívidas. Nós já estamos há 3 anos aqui e só poucos dias se passaram sem que não falássemos de vocês e da velha pátria. Dê lembranças a todos aqueles que se lembram de mim com amizade. Seu fiel e sincero irmão.

Carl Graner.

PS. Ao meu padrinho Carl Bergmann.

Eu mandei as suas lembranças para o nosso velho Blücher; ele está cerca de 7 horas de distância de onde eu moro e trabalha na construção de estrada onde ganha diariamente o equivalente a um táler prussiano. Infelizmente ele ainda gosta de uma garrafa de aguardente e por causa disso já atraiu várias desgraças para si. Quando ele chegou em Campinas, fiz uma caminhada de um dia e meio e o visitei. Ele quis entrar para a firma Vergueiro para trabalhar como jardineiro na nossa colônia. Mas quando eu chamei um pouco sua atenção no sentido de que ele teria lá que moderar a sua sede, ele hesitou e permaneceu (onde estava), o que foi a minha sorte também pois eu não teria nenhuma honra com isso. Os outros trabalhadores na construção de estrada da redondeza de vocês, sobretudo os de Schwarzburger, já me visitaram algumas vezes mas Blücher ainda não. Julius Breternitz casou-se com a Caroline dos Rost's da cidade de Remba.

O mesmo.

* N. da T. : 'Klöße' e 'Scharbrich': espécie de bolinhos ou almôndegas de batata.

** N. da T.: 'kranke Kartoffeln': significado desconhecido por mim. Não sei se se trata de uma espécie de batata ou do seu estado.

*** N. da T.: 'Wie die Orgelpfeifen' = como os tubos de um órgão.

**** N. da T.: 'Wiegemesser': 'chopping knife' em inglês, 'hachoir' em francês. Lâmina semicircular, contendo nas extremidade cabos e utilizada para picar alimentos.

¹ Na relação dos assinantes do 'Texto da Deliberação' escrito por Davatz em 22 de dezembro de 1856, há dois colonos Breternitz, Karl e Julius; Davatz: *Memória de um colono no Brasil ... Anexo nº 3*, p. 264 - 265.

14. **Der Pilot.** *Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Zeitung.* Nr. 12, 24. März 1857.

Johann Carl Danneberg* aus Schaala bei Rudolstadt an den Schäfer Caspar Meister, pr. adr. Schultheiß Abt.

(Datum fehlt)

Lieber Caspar!

So leb denn wohl und vielgeliebt!

Dieß wünsch' ich ach wie oft und gern.

Ogleich ich mich um Dich betrübt,

Hilftes doch nichts, es ist so fern.

Drum rufe ich zu Gott empor,

Daß er Dich nicht verläßt,

Bis einst in seinem Himmels-Chor

Du hältst Dein Erntefest.

Gott zum Gruß an alle meine lieben Freunde und Bekannte. Ich bin bis jetzt noch recht gesund und wohl und hoffe ein Gleiches von euch. Ich bin hier bei einem deutschen Consul, Namens Leopold Diettrich, Gärtner und habe es sehr gut. So feine und ordentliche Herrschaften, wie die meinige, gibt es in Deutschland wol wenige. Fehlt mir im Geringsten etwas, so darf ich es nur sagen - sogleich ist es da. Ficht mich ein Unwohlsein an, so muß ein Neger gleich den Doctor holen, welches auch ein Deutscher und sehr freundlicher Mann ist. Ich habe meine gute Kost; des Morgens Kaffee und etwa für 3 Xr. Semmeln dazu, um 10 Uhr Frühstück, um 5 Uhr Mittag, zweimal täglich Fleisch, welches nicht ausgetheilt, sondern beliebig zugelangt wird. Auch Wäsche habe ich frei. Mein Lohn beträgt vorerst 15 Milreis, nach eurem Gelde etwa 12 preußische Thaler (monatlich?); mein Herr will aber, wenn ich länger hier bleibe, ein paar Thaler zulegen. Ich bin nunmehr 1 Jahr hier und gehe, wenn mich Gott gesund erhält, nicht weg. Das Klima ist hier ganz gesund; in der wärmsten Zeit im December und Januar geht immer ein frischer Luftzug. Im Juli gefriert es manchmal. Gutes, frisches Wasser hat man immerwährend. Lebensmittel, namentlich Gemüse und Obst, gibt es wie bei euch in Deutschland; außerdem aber auch Citronen, Apfelsinen, Ananas, Kaffee, Reis und dergl. Blumen aller Art. Unser gewöhnlicher Trunk ist Wasser mit etwas Schnaps von Zu-

ckerrohr vermischt; Zucker thun wir hinein, so viel ein Jeder will. Wein oder englisches Bier trinke ich nicht eher, als bis ich einmal zur 2 Stunden entfernten Stadt (Santos) gehe; die Flasche kostet 1/2 Thlr. Hier gebrautes Bier kostet 7 Sgr. und ist wie bei euch das ordinäre. Wolle ist theurer, Seide und Baumwolle wohlfeiler wie bei euch. Daher sollte, wer gute Tuchkleider hat und hierher auswandert, dieselben ja nicht verkaufen, sondern nebst Schuhwerk und Betten mitbringen. Auch besorge er sich ein paar schöne Bücher und vergesse die Bibel nicht; diese stärkt den Muth, wenn große Wasserberge das Schiff einerschleudern. Obgleich ich manchmal beinahe Hals und Beine gebrochen hätte, so machte ich doch Spaß mit den Leuten. Weinten und schrienen sie: wir sind verloren! so schrie ich wieder: aber erst wollen wir noch 120 Jahre in Brasilien leben.

Von wilden Thieren kann ich dir nicht viel schreiben; die findet man nur weit im Lande drin, z. B. die Klapperschlange und große Riesenschlange; die meisten kleineren Schlangen sind nicht giftig; auch gibt es Scorpionen und Tausendfüße, deren Stich wol sehr empfindlich aber nicht tödtlich ist. Unsere Gegend ist sehr angenehm; schöne grüne Palmbäume und grüne belaubte Berge mit Gesang der Vögel das ganze Jahr hindurch.

Hat jemand von meinen Freunden Lust, zu mir zu kommen, so werde ich für ihn sorgen und wenn er weiter gar nichts mitbringt als Treue, Fleiß und Höflichkeit. Doch wer sein Brod hat in Deutschland, der bleibe im Lande und nähere sich redlich; aber ich kehre nicht wieder um. Sobald ihr wieder geschrieben habt, werde ich noch ausführlicher antworten und auch Dir, lieber Caspar, und meinen lieben Pathen ein schönes Andenken schicken. Ich will dich zwar nicht überreden, herüberzukommen; geht es dir aber schlecht, so nehme deine Zuflucht zu Gott und komme; sind doch so viele alte Leute mit mir herübergekommen, welche sich hier ganz gesund fühlen. Ich bedanke mich noch viel tausendmal bei Dir, der Du von meiner ersten Kindheit bis in meine spätern Jahre so treulich für mich gesorgt hast; Thränen brechen mir aus dem Auge, so oft ich daran denke.

Herrschende Religion ist hier die katholische; ein jedes Fest wird streng gefeiert; am Charfreitag dürfen nicht einmal die Thurmuhren schlagen.

Diese paar Zeilen schreibe ich euch jetzt nur in der Eile; das Packetschiff ist schnell angekommen und bleibt nur einen Tag hier und alle Briefe müssen heute eingeliefert werden.

* Wanderte im Herbst 1855 mit Vorschuß nach Brasilien aus. Schiffs-Expedient: Hr. Aug. Bolten, in Auftrag des Hern. Theod. Wille.

D. Red.

14. **O Piloto.** *Semanário de Entretenimento do Allgemeine Auswanderungs-Zeitung.* N.º. 12, 24 março de 1857.

De Johann Carl Danneberg* de Schaala perto de Rudolstadt para o Pastor Caspar Meister, endereço particular, Repartição do Regedor.

(sem data)

Caro Caspar!

Então, viva bem e muito amado!

Isto eu desejo freqüentemente e com prazer.

Ainda que eu me aflija por ti,

Não adianta nada, é tão distante.

Por isso clamo a Deus,

Para que Ele não te abandone,

Até que um dia, no Seu coro celestial

Tu participes da tua festa da colheita.

Louvados sejam todos os meus caros amigos e parentes. Até agora estou bem e saudável e espero o mesmo de vocês. Aqui sou jardineiro na casa de um cônsul alemão, que se chama Leopold Dietrich e estou muito bem. Senhores tão finos e respeitáveis como os meus, acredito há muito poucos na Alemanha. Se me falta qualquer coisa mínima, só preciso dizer - imediatamente adquiro-a. Se for acometido de uma indisposição, um negro vai então na mesma hora buscar o médico, que também é alemão e muito atencioso. Tenho minha boa alimentação: pela manhã o café e ainda pãezinhos equivalente a 3 Xr.***, às 10 horas o café da manhã, às 5 horas o almoço, duas vezes por dia carne que não é distribuída mas sim, que se serve à vontade. Também tenho roupa de graça. Meu salário monta, por enquanto, 15 mil-réis, no valor de vocês cerca de 12 táleres prussianos (por mês?***); mas o meu patrão quer me dar alguns táleres a mais se eu ficar mais tempo aqui. Eu estou há 1 ano aqui e, se Deus me

der saúde, não vou embora. O clima aqui é bem saudável; no período mais quente, dezembro e janeiro, sempre há uma brisa fresca. Algumas vezes gela em julho. Água boa e fresca se tem permanentemente. Gêneros alimentícios, sobretudo legumes e frutas, há como aí na Alemanha; mas, além disso, também (há) limões, laranjas, abacaxi, café, arroz e semelhantes. Flores de todas as espécies. A nossa bebida habitual é água misturada com um pouco de aguardente de cana-de-açúcar; acrescentamos açúcar conforme cada um deseja. Vinho ou cerveja inglesa não tomo se não vou à cidade (Santos), 2 horas de distância daqui. A garrafa custa 1/2 táler. A cerveja fabricada aqui custa 7 Sgr.**** e é igual à comum daí. Lã é mais cara, seda e algodão mais baratos como aí com vocês. Por isso, quem tiver roupas feitas de bom tecido e que emigre para cá, não deve vendê-las, mas sim trazê-las juntamente com calçados e roupa de cama. Também deve arranjar alguns bons livros e não se esquecer da Bíblia; esta fortalece a coragem quando grandes montanhas de água lançarem o navio de um lado para o outro. Embora eu tenha, às vezes, quase quebrado o pescoço e as pernas, fazia brincadeira com as pessoas. Quando elas choravam e gritavam: "estamos perdidos!" então eu respondia: "mas primeiro queremos viver 120 anos no Brasil."

Não posso lhe escrever muito sobre animais selvagens; eles só se encontram bem no interior do país, por ex., as cascavéis e as jibóias. A maioria das cobras pequenas não é venenosa. Também há escorpiões e centopéias cuja picada é muito desagradável, porém não mortal. A nossa região é muito agradável; lindas palmeiras verdes e montanhas cobertas de verde com o gorjeio dos pássaros durante o ano todo.

Se um dos meus amigos tiver vontade de vir para cá, então cuidarei dele mesmo se ele não trouxer nada consigo a não ser fidelidade, esforço e cortesia. Mas quem ganhar o seu pão na Alemanha, deve ficar no país e levar uma vida honrada. Eu, no entanto, não retorno mais. Logo que vocês me escreverem novamente, responderei minuciosamente e enviarei também a você, caro Caspar, e aos meus queridos padrinhos uma bela lembrança. Eu não quero lhe convencer a vir para cá; mas se você não estiver bem, então recorra a Deus e venha. Muitas pessoas idosas que vieram para cá comigo, se sentem muito bem aqui. Eu te agradeço mil vezes por ter, desde a minha infância até os meus últimos anos, cuidado fielmente de mim. Lágrimas brotam dos meus olhos sempre que penso nisso.

A religião dominante aqui é a católica; cada data religiosa é rigorosamente festejada; na

Sexta-feira Santa nem mesmo os relógios das torres podem bater.

Estas poucas linhas, escrevo-lhes agora rapidamente; o navio de carga chegou depressa e vai permanecer aqui só um dia e todas as cartas precisam ser entregues até hoje.

* Emigrou no outono de 1855 com empréstimo para o Brasil. Expedicionário do navio: Senhor Aug. Bolten, por incumbência do senhor Theod. Wille.

O Redator

** N. da T.: Xr ou Xer: abreviação para 'Kreuzer', moeda de cobre corrente nos Estados Alemães até a introdução do 'Reichsmark' em 1871. 1 táler = ca. 100 Kreuzer; Münzen Lexikon, www.muenzenlexikon.de

*** N. da T.: Observação feita, provavelmente, pelo editor.

**** N. da T.: Sgr.: abreviação para 'Silbergroschen' (centavos de prata). Münzen Lexikon, no site www.muenzenlexikon.de

15. *Der Pilot. Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Zeitung.* Nr. 45. 10. Nov. 1857.

Kolonie Rio Blanco bei Santos, 30. Aug. 1857.

Liebe Eltern! Zum ersten Mal ergreife ich die Feder, um Euch Nachricht zu ertheilen, wie es uns seit dem Abschiede von Euch ergangen. Gott sei Dank! ich bin noch gesund und wohl. Unsere Kolonie ist zwar mehrentheils noch nicht urbar; stellt euch aber die Arbeit nicht so schwer vor, im Gegenteil. Wenn ein Arbeiter bei euch mit solchen Werkzeuge, wie hier, auf das Feld käme, so würde ihn der Bauer damit fortjagen. Denk nicht, daß wir Noth leiden; es gibt alle Tage zweimal Fleisch, zum Frühstück und Mittag. Früh sechs Uhr gehen wir an die Arbeit und Abends 6 Uhr ist Feierabend (die Mittagstunden abgerechnet). Unser Patron ist mit uns 23 Deutschen sehr zufrieden, worunter eine Familie aus Döschnitz und 3 Mann aus Döllstedt bei Stadtilm. Außerdem arbeiten hier lauter ledige Mannspersonen, worunter 30 Portugiesen, mit denen wir aber keine Gemeinschaft halten. Unter andern haben wir Orangenbäume niederzuhauen, die so dicht stehen, daß man kaum durchkommen kann.

(Nun folgt eine Beschreibung der Seereise, aus welcher wir nur den Fang dreier Schildkröten, zwischen 60 - 100 Pfund eine jede, und die daraus bereitete "köstliche Mittagsmahlzeit", sowie das Passiren der Sonnenlinie (20. Juli), sowie es "bei weitem nicht so warm, als wir uns vorstellen", als erwähnenswerth hervorheben).

Am 4. August waren wir vor Santos angekommen; ein Arzt untersuchte, ob wir noch alle gesund wären. Niemand war krank, auch ist unterwegs kein Mensch gestorben.

Am 6. übernachteten wir in Santos in einem großen Saale. Des andern Tages wurden wir zu Wasser auf die Kolonie befördert, die 5 Stunden von Santos liegt. Weiter kann ich euch jetzt nicht schreiben; aber schreibt mir sobald als möglich wieder und schickt mir 1 Dutzend Pfeifenspitzen mit kleinen Gewinden, sowie 4 elastische Rohre; das Uebrige werdet ihr noch erfahren. Etwas Geld hätte ich gleich mitgeschickt; aber ich muß erst sehen, ob dieser Brief hinauskommt. Geld gibt's hier wie Schlamm.

Euer dankbarer Sohn

Fridolin Buchmann *

* Aus Cumbach bei Rudolstadt, wurde Anf. Juni mittelst Vorschuß der Ueberfahrtskosten nach Santos befördert.

D. Red.

15. *O Piloto. Semanário de Entretenimento do Allgemeine Auswanderungs-Zeitung.* N°. 45. 10 de novembro de 1857.

Colônia Rio Blanco (sic), próximo de Santos, 30 de agosto de 1857

Queridos pais! Pela primeira vez pego na pena para dar-lhes notícias de como temos passado depois que nós nos despedimos de vocês. Graças a Deus, ainda estou com saúde e bem. A nossa colônia tem muitas áreas ainda não cultivadas, porém não imaginem que o trabalho seja

muito árduo, ao contrário. Se um trabalhador daí chegasse ao campo com ferramentas como as daqui, o camponês o mandaria embora com elas. Não pensem que passamos necessidade; há duas vezes por dia carne, no café da manhã e no almoço. Às seis horas da manhã começamos a trabalhar e às seis horas da tarde é o fim da jornada de trabalho (deduzindo a hora do almoço). O nosso patrão está muito satisfeito conosco, 23 alemães, dos quais uma família de Döschnitz e 3 homens de Döllstedt perto de Stadtilm. Além disso, aqui trabalham muitos homens solteiros, dos quais 30 portugueses, mas com os quais não temos contato. Entre outras coisas, temos que cortar pés de laranja que estão tão espessos que quase não dá para passar por eles.

(Segue então uma descrição da viagem marítima da qual nós salientamos como merecedoras de serem mencionadas a pesca de três tartarugas, de 30 - 50 quilos cada, e a "deliciosa refeição" preparada com elas, assim como a passagem pela linha do Equador (20 de julho) que, por sinal "nem de longe é tão quente quanto imaginávamos").

No dia 4 de agosto chegamos a Santos; um médico nos examinou para ver se nós todos ainda estávamos com saúde. Ninguém estava doente e mesmo durante a viagem ninguém morreu.

No dia 6 pernoitamos em Santos numa grande sala. No dia seguinte fomos transportados por água até a colônia que fica a 5 horas (de distância) de Santos. Não posso continuar agora a lhes escrever; mas escrevam-me o quanto antes e enviem-me 1 dúzia de boquilha de cachimbo com pequenas roscas assim como 4 tubos elásticos; o restante vocês ainda vão ficar sabendo. Eu já poderia ter mandado aqui junto um pouco de dinheiro, mas primeiro preciso ver se esta carta chega aí. Há dinheiro aqui como lama.

Seu agradecido filho

Fridolin Buchmann*

* De Cumbach perto de Rudolstadt, foi para Santos no início de junho através de empréstimo para as despesas com a travessia.

O Redator

16. *Der Pilot.* Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Zeitung. Nr. 8, 23. Februar 1858.

An Dorothee Reichardt in Döllstedt bei Stadtilm.

Kolonie Rio Blanco, 20. Sept. 1857

Liebe Mutter und Geschwister, Freunde und Bekannte! Obgleich wir auf eine Kolonie gekommen sind, die mehrentheils noch nicht urbar ist, sondern zum Theil noch aus Urwald besteht, sind wir doch alle beide gesund und wohl. Stellt euch die Arbeit nicht so schwer vor; es ist hier leichter zu arbeiten als in Deutschland; wenn bei euch ein Arbeiter mit solchem Werkzeuge wie hier auf das Feld käme, so würde ihn der Bauer gewiß damit fortjagen. Denkt nicht, daß wir hier Noth haben; es gibt hier alle Tage zweimal Fleisch, zum Frühstück Schweinefleisch, Mittags Rindfleisch. Früh 6 Uhr gehen wir an die Arbeit und Abends 6 Uhr ist Feierabend. Der Gutsherr ist ganz zufrieden mit uns Deutschen; wir sind an der Zahl 23, worunter eine Familie aus Döschnitz, ich und meine Frau, die übrigen ledige Mannspersonen; mit den übrigen 30 Mann Portugiesen, halten wir keine Gemeinschaft. In der ersten Nacht wurden mir auf dem Saale, wo sämmtliche 75 Passagiere von unserm Schiffe waren, 5 Milreis gestohlen. Auch Heinrich Müller ist hier, betrügt sich aber gegen seine Cameraden schlecht, und Christiane Biel von Wittgendorf. Santos, wo unser Brodherr, Namens Wedekind, wohnt, ist 6 Stunden von hier, und man kann auf dem Kahne hinfahren. Wir sind ungefähr drittelhalb tausend Meilen von euch entfernt, die wir gemacht haben, um Unterkommen und Brod zu finden, befinden uns aber doch ganz wohl in unserer neuen Heimat. Nicht einmal gehen wir an die Arbeit oder setzen uns an den Tisch, ohne an Euch zu denken. Liebe Mutter, wenn Ihr bei uns wäret, so würde Euch in Euren alten Tagen geholfen sein. Seid so gefällig und schickt mir folgende Sämereien: etwas Sallat, Gurkenkerne, Kohl, Kohlrabi, Kohlrüben, Zwiebeln, Runkelkerne, Porrée, eine Tabakspfeife nebst 1 Dutzend Pfeifenspitzen und ebensoviel weißen Pfeifenköpfen mit Beschlag, einige Kämmе, ein Dutzend Schuhahlen, einen Brief Haarnadeln, etwas Schweineborsten, 2 Nösel guten Lein und 1 Nösel Raps.

Wenn meine Mutter und Geschwister herein wollen, so will ich für das Anzahlungsgeld sorgen; denn es gibt hier Geld in Ueberfluß und wenn ich 300 Thlr. haben will, so heißt es: Hier sind sie! Folget mir; wir haben Euch die Bahn gebrochen zum Wohlergehen; hier verdienen

schon Kinder Geld. Abgaben haben wir nicht. Wenn ich 300 Thaler Schulden hätte, so würde ich wetten, daß sie in 2 Jahren bezahlt sein sollen; bis jetzt betragen meine Schulden aber nur 140 Thalr. Wer hätte in Deutschland mir eine solche Summe geborgt? Kein Mensch! Und Euch wird auch Niemand so viel borgen. - Das schöne Holz, welches hier niedergehauen und verbrannt wird, wäre für Wagner und Tischler sehr gut. Der Kolonist ist froh, wenn das Holz wegkommt und die Arbeit wird sehr theuer bezahlt.

Lieber Mutter! denkt nicht, das Ihr zu alt dazu wäret, die Reise zu vollenden; auf unserem Schiffe waren Personen von 66 Jahren, die noch 15 Tagereisen weiter gehen mußten, als wir. (Aus der nun folgenden Reisebeschreibung heben wir nur ein paar Stellen als bemerkenswerth hervor.)

Am 4. August kamen wir in Brasilien an und die Anker wurden geworfen. Den andern Tag kam der Doctor und fragte, ob alle Passagiere noch gesund wären? Unser Capitän gab zur Antwort: "27 Jahre auf der See gefahren und keine solche glückliche Reise gehabt." Am 6. landeten wir in Santos, und den anderen Tag pr. Kahn in Rio Blanco. Unser liebevoller Capitän kam mit ein paar Matrosen und Untersteuermann zu uns auf Besuch und logirte in unserer eigenen Wohnung.

Für die Sämereien, die ihr wol so gut seid, uns zu schicken, legen wir einige Milreis bei. Im nächsten Briefe schicke und schreibe ich mehr.

Christian Reichardt (aus Döllstedt bei Stadtilm).

Obiger Brief-Auszug ist, mit Ausnahme der verbesserten groben Schreibfehler, dem Originale treu wiedergegeben, und wir sprechen wiederholt den Wunsch aus, daß Zweifler an der Echtheit sich durch Erkundigungen bei der Adressatin davon überzeugen möchten.

D. Red.

16. *O Piloto. Semanário de Entretenimento do Allgem. Auswanderungs-Zeitung.* N.º. 8, 23 de fevereiro de 1858.

Para Dorothee Reichardt em Döllstedt perto de Stadtilm.

Colônia Rio Blanco (sic), 20 de setembro de 1857

Querida mãe e irmãos, amigos e conhecidos! Embora tenhamos chegado numa colônia, a qual a maior parte ainda não é cultivada, mas sim, há espaços que ainda consistem em floresta virgem, encontramos-nos ambos saudáveis e bem. Não imaginem que o trabalho seja tão duro assim; é mais fácil trabalhar aqui do que na Alemanha; se um trabalhador* fosse aí para o campo com ferramentas semelhantes às daqui, o camponês seguramente o despediria. Não pensem que passamos necessidade; aqui há todos os dias, duas vezes carne, no café da manhã carne de porco, ao meio dia carne de vaca. De manhã cedo, às 6 horas, vamos para o trabalho e à noite, às 6 horas, pára-se de trabalhar. O proprietário está bem satisfeito conosco, os alemães; somos 23, entre os quais uma família de Döschnitz, eu e minha esposa, o restante, homens solteiros; com os demais, 30 homens portugueses, não temos contato. Na primeira noite, na sala onde estavam todos os 75 passageiros do nosso navio, roubaram-me 5 mil réis. Heinrich Müller também está aqui, mas comporta-se mal para com seus camaradas, e Christiane Biel de Wittgendorf. Santos, onde mora o nosso senhor**, chamado Wedekind, fica à 6 horas daqui e pode-se ir de barco até lá. Nós estamos cerca de três mil milhas e meia de distância de vocês, distância que percorremos para achar abrigo e pão, porém encontramos bastante bem na nossa nova pátria. Nenhuma vez começamos o trabalho ou sentamos à mesa sem pensar em vocês. Querida mãe, se a senhora estivesse aqui conosco, seria amparada na sua velhice. Tenha o obséquio de enviar-me as seguintes sementes de: um pouco de alface, pepino, couve, rábano, nabo, cebolas, beterraba'***, alho-poró, também um cachimbo com uma dúzia de boquilha e a mesma quantidade de forninhos brancos para cachimbo com guarnição, alguns pentes, uma dúzia de sovela, uma cartela de grampos de cabelo, um pouco de cerda de porco, 900 ml de bom óleo de linhaça e 450 ml de óleo de colza.****

Se minha mãe e meus irmãos desejarem vir para cá, providenciarei então o dinheiro da passagem; pois há aqui dinheiro em abundância e se eu quiser 300 táleres, então é dito: aqui estão! Sigam-me; nós abrimos para vocês o caminho para a prosperidade; aqui crianças já

ganham dinheiro. Não temos taxas. Se eu tivesse 300 táleres de dívida, apostaria que ela estaria paga em 2 anos; até agora as minhas dívidas só montam a 140 táleres. Quem teria me emprestado esta soma na Alemanha? Ninguém! E a vocês ninguém também emprestará tanto. A bela madeira que aqui é derrubada e queimada, seria muito boa para segeiro e carpinteiro. O colono fica satisfeito quando a madeira é retirada e paga-se caro pelo trabalho.

Querida mãe! Não pense que a senhora estaria muito velha para concluir a viagem; no nosso navio havia pessoas de 66 anos que tinham 15 dias de viagem a mais do que nós.

(Da descrição de viagem que se segue, salientamos apenas algumas passagens que são dignas de nota)

No dia 4 de agosto chegamos ao Brasil e a âncora foi jogada. No dia seguinte, o médico chegou e perguntou se todos os passageiros ainda se encontravam com saúde. O nosso capitão respondeu: "27 anos viajando pelos mares e nenhuma viagem foi tão feliz como esta." No dia 6 aportamos em Santos e no dia seguinte, de barco em Rio Blanco. O nosso bondoso capitão veio nos visitar com alguns marujos e com o segundo timoneiro, e hospedou-se em nossa casa.

Para as sementes que vocês terão a bondade de nos enviar, enviamos juntos alguns mil réis . Na próxima carta mando e escrevo mais.

Christian Reichardt (de Döllstedt perto de Stadtilm)

Com exceção das correções dos erros ortográficos graves, o extrato da carta acima foi exatamente reproduzido como no original e nós manifestamos reiteradamente o desejo de que, cépticos quanto à autenticidade da mesma, queiram se convencer disto através de informações com a destinatária.

O Redator

* N. da T.: No caso, um trabalhador rural não proprietário.

** N. da T. 'Brodherr' no texto original. A tradução literal seria 'o senhor que nos dá o pão'.

*** N. da T.: 'Runkel': várias fontes tratam 'Runkel' como sinônimo de 'Runkelrübe', que vem a ser a nossa beterraba (*Beta vulgaris*), espécie pertencente à família Chenopodiaceae; Novo Dicionário da Língua Portuguesa e Alemã. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1934. No Brockhaus' Konversations-Lexikon, Leipzig 190i, consta que 'Runkelrübe' é utilizada para ração de animal (beterraba de forragem).

**** N. da T.: Nösel: uma unidade métrica usada até o século XIX para medir líquido e peso, equivalente a cerca de 450 ml.

17. *Der Pilot*. *Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgemeinen Auswanderungs-Zeitung*. Nr 15, 13. April 1858.

Carl August Müller in San Jeronimo an seinen Schwager Johann Nicol Bauer in Döschnitz.¹

San Jeronimo, 31. Oct. 1857

Am 5. August ging unser Schiff in Santos vor Anker. Unser Capitän landete mit dem Boote und brachte einen Sack Apfelsinen und Bananen mit und theilte sie unter und aus. Ihr könnt euch keinen Begriff davon machen, was das für gute Früchte waren; man darf aber nicht viel davon essen, bis man es erst gewohnt ist*. In dem großen Empfangshause welches uns nach der Landung aufnahm, ließen wir es uns vortrefflich schmecken. Hier mußte ich meine zwei Kisten in der Mitte entzwei sägen, weil sie für Maulthiere zu groß waren, welches mir viel Arbeit machte. Darum lasse, wer herein will, die Kisten nicht länger als 4 Fuß, nicht höher und breiter als 1 1/2 Fuß machen; auch dürfen sie nicht schwerer als ungefähr 100 Pfund sein; denn von Santos landeinwärts werden dieselben durch Lastthiere transportiert, die Reise dauert 14 Tage und die Wege sind nicht überall gut. Jedes Thier trägt auf beiden Seiten zwei Kisten. Besser also, ein paar Kisten mehr als eine zu große haben. Kleine Kinder werden auf dieselbe Weise fortgebracht, je zwei in einer Kiste. Wenn langes Werkzeug, z. B. Schrotsäge, Hobel u. dergl. das angegebene Maß einzuhalten nicht gestattet, so muß an Breite und Höhe abgenommen werden, was die Länge überschreitet.

¹ Fröbel publicou duas cartas do colono C. August Müller. Esta, de 31 de outubro de 1857 no suplemento *Der Pilot* e, praticamente um ano mais tarde, no jornal *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, a próxima (nº 18), de 23 de novembro de 1858.

Ehe wir nun die Landreise antraten, mußten wir Familienväter sämmtlich auf die Regierung, unsere Contracte vorlegen und dieselben nochmals confirmiren lassen, womit alle zufrieden waren. Am 8. ging der Zug von Santos ab und erreichte nach einem Marsche von ungefähr 4 Stunden das erste Nachtlager, wo wir durch Regenwetter noch einen ganzen Tag aufgehalten wurden. Hier mußten auch unsere Weiber die Küche wieder übernehmen, hatten aber beinahe Alles vergessen, weil sie 10 Wochen lang sich um nichts zu bekümmern hatten. Die Lebensmittel lieferte unser Zugführer, Alles satt und genug. Am 10. ging es bei schönem Wetter weiter; schon am 11. trafen wir deutsche Straßenarbeiter. Ein gewisser Linke aus Oberweißbach kam uns zu Pferde entgegen; er ist Aufseher und bekommt einen guten Lohn. Wir mußten bei ihm übernachten, wo wir aufgewartet bekamen; er hat eine Tochter von Wenzel aus Schwarzburg zur Frau. Auch August Keller aus Schwarzburg kam in unser Nachtlager und ließ tapfer einschenken. Außerdem trafen wir noch Mönch aus Blankenburg, welcher auch guten Verdienst hat, unsern alten "Blücher" Heinr. Biel aus Wittgendorf, Krauß aus Schwarzburg, Puff aus Lichte b. Königsee, und den Straßenoberaufseher Riemann aus Rudolstadt, welcher monatlich 190 Milreis bekommt. Das war eine Freude! und Branntwein gab es die Fülle. Unser Blücher und sein Bruder Gottlieb Biel sollten mit auf unsere Kolonie; er bekam aber auf der Straße einen sehr guten Lohn und war schon schuldenfrei. Den 16. passierten wir die Stadt Campinas. Als wir am 19. Rast hielten, da kam ein Reiter auf einem schönen Schimmel herangesprengt, und wer war es? Mein Schwager Carl Grahner! Die Freude kann ich euch nicht beschreiben. Er brachte eine Flache Wein und ein Bündel Brod aus Limoeira mit. Von einem Schweizer, der seiner Liebsten, unserer Reisegefährtin, entgegengeritten war, hatte er es erfahren. Der Schweizer war schon 2 1/2 Jahr auf der Kolonie Ibicaba, treibt aber jetzt seine Profession, womit er schönes Geld verdient, so daß er seiner Liebsten das Reisegeld schicken konnte.

Am 20. kamen wir auf unserer Kolonie an und wurden vom Director sowie von den Schweizern, Holsteinern und Thüringen, welche schon Jahre lang hier sind, freundlich empfangen. Die Kolonie ist größer als Döschitz. Die Wohnungen wurden verloost; Biel zog N^o 4, welche fertig, ich N^o 8, welche noch nicht ausgebaut war. Da halfen aber die alten Kolonisten, jeder seinen Landsleuten aus; mich nahm Traugott Weichold aus Blankenburg in sein Haus auf, wo wir 6 Wochen lang friedlich und freundschaftlich zusammenwohnten. Er hat sein Reitpferd, eine Kuh, eine Kalbe, Ziegen, Hühner und Enten, arbeitet in der Ziegelei und verdient schönes Geld. Am 25 Sept. war mein Haus fertig und ich zog ein. Ihr denkt vielleicht an Block-

häuser und Kohlhütten; aber es sind hübsche, große Häuser mit Fenstern und Thüren und vielem Platz. Die Lebensmittel werden jeder Familie geliefert, Kochspeisen aller Art, Mehl zum Brod und Kuchenbacken. Ich und Biel schlachteten gleich Anfangs ein Schwein mit einander, welches 200 Pfd. wog; Biel meinte für ein halbes Jahr genug zu haben, aber in 8 Wochen mußten wir schon wieder schlachten. Die Schweine sind hier fetter als bei euch, und leichter zu füttern, weil kein Futter gekocht wird. Mais, Bohnen und Reis sind das gewöhnlich Viehfutter. Das Pfund Schweinefleisch kostet hier 6 Vintems (sic) oder etwas 9 Xr. nach eurem Gelde. Früher war es billiger, es steigt aber mit der Einwanderung. Jeder Kolonist hat sein Reitpferd, ein oder zwei Kühe, Ziegen, 8 - 10 Schweine, Hühner und Enten sind unzählbar. Ibicaba liegt nur 4 Stunden von hier, so daß mein Schwager uns, und wir ihn schon dreimal besuchen konnten. Dort fanden wir Wenzel aus Schwarzburg (hat ein neues Haus), Obstfelder aus Unterweißbach (hat einen Handel), die Dorothe aus Burkersdorf, welche auf dem Brauhofe diente (hat einen Mann aus Stadtrenda, Names Morgenroth und befindet sich auch gut), Arnold aus Döschnitz (hat eine Schweizerin geheirathet und befindet sich mit seinem Sohne wohl). Ich kann sie euch gar nicht alle beschreiben. Und was bekamen wir nicht alles aufgetragen! So einen freundschaftlichen Besuch glaubt ihr nicht, wenn ich es auch schreibe. Wir haben auch 2 Tage nach einander getanzt; hier ist das nicht so auffällig wie in Döschnitz, wo sich Jeder darüber aufhielt. Hier tanzt man, um Hunger zu bekommen; früher mußten wir manchmal tanzen, daß der Hunger verging. In Brasilien ist aller Hunger und Kummer verschwunden. Hiermit will ich unsere Reisebeschreibung enden, auf der andern Seite aber Alles heraussetzen, wie die Verhältnisse hier sind.

(Forts. folgt.)

*Strengste Mäßigkeit im Genusse der Südfrüchte ist jedem Einwanderer in wärmere Himmelsstriche unerlässlich; Diätsünden rächen sich nirgends so verderblich als dort.

D. Herausg.

17. *O Piloto*. *Semanário de Entretenimento do Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, N° 15, 13 de abril de 1858.

Carl August Müller ao seu cunhado, o alfaiate Johann Nicol Bauer em Döschnitz

São Jerônimo, 31 de outubro de 1857

No dia 5 de agosto, nosso navio ancorou em Santos. O capitão aportou com o barco e trouxe um saco de laranja e banana e dividiu-as entre nós. Vocês não podem fazer idéia que boas frutas estas eram; não se deve comê-las demais até que se tenha acostumado primeiro*. No grande albergue, no qual fomos recebidos depois do desembarque, comemos excelentemente. Lá fui obrigado a serrar meus dois baús ao meio, o que me deu muito trabalho, pois eram muito grandes para as mulas. Por causa disso, aqueles que quiserem vir para cá, não façam os baús mais compridos do que 4 pés, nem mais altos e largos do que 1 1/2 pé; não devem ser mais pesados que 50 quilos** aproximadamente; pois de Santos terra adentro, serão transportados em animais de carga, a viagem dura 14 dias e as estradas não são boas por toda parte. Cada animal carrega em ambos os lados dois baús. É melhor então ter alguns baús a mais do que um muito grande. Crianças pequenas são levadas desta mesma maneira, duas em cada baú. Se as ferramentas longas como, por exemplo, serra grande, plaina e similares não respeitarem as medidas dadas, então é necessário tirar na largura e na altura o que ultrapassa no comprimento.

Antes de iniciarmos a viagem por terra, todos nós, pais de família, tivemos que ir ao governo apresentar nossos contratos e confirmá-los novamente, fato que deixou a todos satisfeitos. No dia 8 o grupo partiu de Santos e alcançou depois de uma marcha de aproximadamente 4 horas a primeira pousada onde, devido ao tempo chuvoso, ficamos detidos ainda um dia inteiro a mais. Aqui nossas mulheres foram obrigadas a assumir novamente a cozinha, mas tinham quase se esquecido de tudo, pois durante 10 semanas, não tiveram que se ocupar de absolutamente nada. Os alimentos foram fornecidos pelo nosso condutor de viagem, tudo em abundância e suficiente. No dia 10 prosseguimos viagem com o tempo bom; já no dia 11 encontramos calceteiros alemães. Um certo Linke de Oberweißbach veio a cavalo ao nosso encontro; ele é capataz e recebe um bom salário. Tivemos que pernoitar em sua casa onde fomos (bem) servidos: ele é casado com uma filha do Wenzel de Schwarzburg. Também August Keller de Schwarzburg veio a nossa pousada e deixou encher com fartura os copos.

Além disso, encontramos ainda o Mönch de Blankenburg que também ganha bem, o nosso velho 'Blücher' Heinr. Biel de Wittgendorf, o Krautze de Schwarzburg, o Puff de Lichte perto de Königsee e o calceteiro-chefe Riemann de Rudolstadt que recebe mensalmente 190 mil-réis. Isto foi uma alegria! E aguardente tinha em abundância. O nosso 'Blücher' e o seu irmão Gottlieb Biel deveriam ir para a nossa colônia; mas ele recebeu nas estradas um salário muito bom e já está livre da dívida. No dia 16, passamos pela cidade de Campinas. Quando paramos no dia 19 para descansar, aí apareceu a galope um cavaleiro montado num belo cavalo branco, e quem era? O meu cunhado Carl Grahner! Não posso descrever-lhes a alegria. Ele trouxe consigo uma garrafa de vinho e um embrulho de pão de Limoeira (sic)***. Ele soube da nossa chegada através de um suíço que veio a cavalo ao encontro da sua amada, nossa companheira de viagem. O suíço já esteve 2 1/2 anos na colônia Ibicaba, mas agora exerce a sua profissão com a qual ganha um bom dinheiro, de tal forma que pôde enviar a sua amada o dinheiro da viagem.

No dia 20 chegamos a nossa colônia e fomos recebidos cordialmente pelo diretor assim como pelos suíços, os de Holstein e os da Turíngia que já estão há anos aqui. A colônia é maior do que Döschnitz. As casas foram sorteadas; o Biel tirou a n° 4 que está pronta, eu a n° 8 que não está ainda terminada. Aí os antigos colonos ajudaram os seus compatriotas. Traugott Weichold de Blankenburg acolheu-me na sua casa, onde moramos juntos, durante 6 semanas, em paz e amigavelmente. Ele possui o seu animal de montaria, uma vaca, um bezerro, cabras, galinhas e patos, trabalha na olaria e ganha um bom dinheiro. No dia 25 de setembro, a minha casa ficou pronta e eu me mudei. Vocês talvez estejam pensando em casas de madeira e choupanas de carvoeiros; mas são casas bonitas, grandes, com janelas e portas e com muito espaço. Os gêneros alimentícios são fornecidos a cada família, alimentos de todos os tipos para cozinhar, farinha para fazer pão e bolo. Logo de início, eu e o Biel abatemos juntos um porco, que pesava 100 quilos; Biel pensava ter o suficiente para meio ano mas, já dali a 8 meses, tivemos que abater novamente. Os porcos aqui são mais gordos do que aí e são alimentados de forma mais fácil por não comerem nada cozido. Milho, feijão e arroz é a forragem habitual. O meio-quilo de carne de porco custa aqui 6 vinténs ou cerca de 9 Xr. Segundo o dinheiro de vocês. Antes era mais barato, mas com a emigração, está encarecendo. Cada colono tem o seu cavalo, uma ou duas vacas, cabras, 8 - 10 porcos, galinhas e patos são incontáveis. Ibicaba fica só a 4 horas daqui de tal maneira que o meu cunhado já pôde nos visitar e nós a ele três vezes. Lá encontramos o Wenzel de Schwarzburg (possui uma casa

nova), o Obstfelder¹ de Unterweißbach (tem um comércio), a Dorothe de Burkersdorf que serve na fazenda (tem um marido de Stadtremba chamado Morgenroth e está bem), o Arnold de Döschnitz (casou-se com uma suíça e, junto com o seu filho, vai bem). Não posso descrever todos eles para vocês. E quanto nos foi servido! Vocês não podem acreditar numa visita tão amigável mesmo que eu escreva. Também dançamos dois dias seguidos; aqui isto não dá tanto na vista como em Döschnitz, onde todo mundo se queixa a respeito. Aqui se dança para ter fome; antigamente éramos obrigados, às vezes, a dançar para passar a fome. No Brasil toda a fome e preocupação desapareceram. Aqui quero terminar a nossa descrição de viagem, mas na outra página, expor como são as condições de vida aqui.

(segue a continuação)

* Moderação rigorosa no gozo das frutas do sul é imprescindível para cada imigrante nas regiões mais quentes; em nenhum lugar os pecados alimentares se vingam de forma tão desastrosa do que lá.

O editor

** N. da T.: 1 Pfund = 500 gramas.

*** N. da T.: Trata-se seguramente da cidade de Limeira.

(17) *Der Pilot. Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Zeitung.* Nr. 16, 20. April 1858.

II

(Fortsetzung)

Wenn Euch mein Brief so gesund antrifft, wie er uns verlassen hat, so soll es uns herzlich freuen. Wollt ihr zu uns herein, so geht zu demselben Agenten, der uns befördert hat und der

¹ Consta na Relação de colonos da Fazenda Ibicaba o nome de Cristian Wenzel e de Christopher Wenzel, provavelmente se trata do mesmo, e de Gottfried Obsfelder. Disponível em: www.rootsweb.com/~brawgw/alemanha/FamiliaSP.htm

für Auswanderer nach Brasilien am besten sorgt.* Grüßet ihn von mir und meiner Frau vielmal und sagt ihm meinen herzlichen Dank, und er möge uns doch auch einmal besuchen; es ist ja nicht weit, ungefähr 2000 Meilen. Unser Director, sowie der Gutsherr, ist bereit, euch aufzunehmen. Hier ist es besser für euch, hier könnt ihr zu etwas kommen, wenn ihr arbeiten wollt wie in Deutschland. Ich danke meinem lieben Gott, daß ich ausgewandert bin. Die Arbeit an 2400 Kaffeebäumen, welche ich übernahm, gefällt mir, und ich hoffe in 3 - 4 Jahren meine Schulden davon zu bezahlen. Auf dem Pflanzfelde, welches ich bekommen habe, kann ich reichlich mein Brod bauen. Es steht jetzt Alles im schönsten Wachstume da und zu Weihnachten geht schon unsere Ernte an. Wir bauen viererlei Kartoffeln. Die **Cara** treibt einen Hopfenstengel und die sehr große Knolle wird zu allen Speisen benutzt. Die **Margareten** wachsen wie die deutschen Kartoffeln, werden aber nicht so groß und hängen alle um den Stock herum, Kraut wie Spinat. Die dritte Art gleicht den deutschen Kartoffeln noch mehr, schmeckt aber süßlich. **Mandiocca** treibt einen Holzstengel, welcher auch wieder in die Erde gelegt wird und so viel Knollen ansetzt, daß an einem einzigen Stocke 3 - 4 Mann sich satt essen können. Das feine Mehl, welches daraus gewonnen wird, ist mir lieber als euer Weißbrodmehl. Einen schönen Gemüßgarten habe ich dicht am Hause, wo ich Salat, Kohl, Petersilie, Sellerie, Knoblauch, Ingwer, Zwiebeln, Erbsen, Kümmel und Gurken bauen kann. Letztere tragen hundertfältig. Im Hofe fange ich jetzt an, Schweineställe, Hühnerhaus und Scheune zu bauen. Hühner habe ich erst 24 Stück, hoffe aber später so viele zu halten, daß ich sie nicht mehr zählen kann. Auch Enten habe ich bis jetzt nicht viel, eine Ziege zur Kaffee-Milch, werde mir aber bald eine Kuh kaufen, damit ich Käse und Butter bekomme. Ich wohne auf der Past (Weide), wo Kühe und Pferde sich selbst weiden; sie ist ungefähr so groß wie die ganze Döschnitzer Flur. Da stehen unsere 6 neuen Häuser, die andern stehen ungefähr hundert Schritte von uns entfernt, wir haben aber die schönste Aussicht. Die Früchte der hier häufigen Bananen- und Apfelsinenbäume schmecken mir besser als eure Aepfel, Birnen und Zwetschen; jedoch soll auch deutsches Obst in unserer Provinz gut gedeihen.

Unser Gutsherr ist gegen Die Kolonisten sehr freundlich und liebeich.

Nun, lieben Kindern, habe ich euch geschrieben, wie es hier steht; urtheilt nun selbst. In Deutschland bringt ihr es nicht so weit, und könnt euch nicht jederzeit heirathen wie hier. Ich und meine Frau wünschen uns nicht wieder hinaus, unsere Söhne erst recht nicht.

Wenn ihr auf das Schiff kommt, so sucht mit jedem Passagier so viel als möglich in Ruh und Einigkeit zu leben; die Mädchen sollen sich aber hüten, mit Matrosen, dem Steuermanne oder gar mit dem Capitän sich einzulassen; denn die sich bethören lassen, werden hinterher von der Mannschaft nur ausgelacht.

Auch dir, lieber Schwager, habe ich versprochen, die Wahrheit zu schreiben. Ein Schneider verdient hier viel mehr als in Deutschland; einen Rock zu machen kostet z. B. 4 Thlr., ein Paar Hosen 1 Thlr. Aber jeder Professionist, heiße er wie er will, muß als Kolonist auswandern. Kaffeebäume kann Jeder übernehmen und Vieh halten, so viel er will. Lasset euch also, wenn ihr auswandern wolltet, nicht irre machen, horcht auf Niemanden, sondern fasset einen festen Entschluß. Denn die Leute, welche von Brasilien abreden, haben ganz falsche Gedanken; sie sagen, ihr würdet Sklaven. Glaubet doch so etwas nicht! Ein Jeder von uns hat seinen freien Willen. Auch sagen sie, die Deutschen würden hier nicht alt von wegen der Hitze. Ich aber habe bis jetzt noch keine große Hitze verspürt, sehe vielmehr alte Männer und Frauen, welche schon vor 30 Jahren hierher ausgewandert und jetzt 60 - 70 Jahre alt sind. Unsere Bettdecken konnten wir bis jetzt noch recht gut gebrauchen. Daraus könnt ihr schließen, daß es hier nicht übermäßig warm ist. Nun auch einige Bitten! Bestellt mir bei Herrn L. Häußler 2 Dutzend Lebensöl, 2 Dutzend Liquor, 2 Dutzend Pflaster, 1 Dutzend Balsam, 2 Dutzend Stoc-tum und 1 Pfund Wurmpulver; das möchte er mir schicken und die Rechnung dazu. Sollte er mir aber nicht trauen, so sagt wol mein Schwager einstweilen gut oder bezahlt die Rechnung; hier wird dann Alles in Ordnung gebracht. Unser Director möchte diese Arzneien gern kennen lernen und wird gewiß mehr bestellen, wenn er sie erst kennt; denn er ist zugleich Kolonie-Director, hat so eine Art Apotheke, und hilft, wo er helfen kann.

Lieber Heinrich Schöler, jetzt denke ich auch an Deinen Auftrag. Auch für Dich nebst Frau und Kindern wäre es hier besser. Hier ist mehr Freiheit als in Deutschland. Hier kann Jeder auf die Jagd gehen, wenn er Zeit hat. Jeder Familienvater hat hier wegen Brod für seine Kinder ausgesorgt, und ein geschickter Professionen verdient nebenbei noch schönes Geld. Für einen Tisch, wozu ich die Bretter gab, mußte ich 2 1/2 Thlr. Macherlohn geben und für zwei Bettstellen 4 Thlr. und die Breiter. Freilich ist das Holz schöner und besser als bei euch, meist Cedern, dient aber zugleich als Brennholz auf dem Herde. Oefen in den Stuben gibt es nicht; dagegen wird in eigenen Backöfen zweimal wöchentlich gebacken, damit das Brod nicht zu altbacken wird. Auch macht das Backen nicht so viel Arbeit als in Deutschland. Wer herein will zu uns, der muß sich bemühen und danach gehen. Habt ihr aber vielleicht jetzt bessere

Zeiten als früher, und ein paar Säcke Kartoffeln gebaut, so werdet ihr euch schwerlich so viel Muth fassen, als ich mir gefaßt habe, sondern denken: mag Brasilien liegen wo es will, wollen lieber in Döschnitz bleiben; bis euch erst die Noth wieder dazu drängt, wo es aber vielleicht zu spät ist.

(Schluß folgt.)

* Der im Briefe genannte Name thut hier wol nichts zur Sache.

D. Red.

(17) *O Piloto. Semanário de Entretenimento do Allgemeine Auswanderungs-Zeitung.* N°. 16, 20 de abril de 1858.

II

(continuação)

Se a minha carta encontrá-los tão saudáveis como ela nos deixou, então isto nos deixará muito feliz. Se vocês quiserem vir para cá, dirijam-se ao mesmo agente que nos transportou e que melhor se ocupa dos emigrantes com destino ao Brasil.* Dêem-lhe muitas lembranças minhas e de minha mulher e transmitam-lhe meus cordiais agradecimentos, e que ele também venha um dia nos visitar; não é tão longe assim, aproximadamente 2000 milhas. O nosso diretor, assim como o fazendeiro, está disposto a recebê-los. Aqui é melhor para vocês, aqui podem progredir se quiserem trabalhar como na Alemanha. Agradeço a Deus por ter emigrado. O trabalho nos 2400 pés de café que assumi me agrada e espero poder com eles pagar em 3 - 4 anos as minhas dívidas. Com as terras cultiváveis que recebi, posso colher o suficiente para o pão de cada dia. Tudo está agora ali crescendo da forma mais linda e na época do Natal, já começará a nossa colheita. Nós plantamos quatro espécies de batata. No **cará** brota um caule (como o) do lúpulo e este grande tubérculo é usado para acompanhar todas as comidas. Os **mangaritos**** crescem como as batatas alemãs, mas não se tornam tão grandes e (os bulbinhos) ficam penduradas em volta de um tubérculo central, uma hortaliça como espinafre. A terceira espécie parece ainda mais com a batata alemã, mas tem um gosto adocicado. A

mandioca brota num tolete, que é colocada novamente na terra, no qual crescem tantos tubérculos que, de um único pé, de 3 a 4 homens podem ficar satisfeitos. A farinha fina que é extraída dela agrada-me mais do que a farinha de trigo de vocês. Tenho uma bela horta junto à casa onde posso plantar alface, couve, salsa, aipo, alho, gengibre, ervilhas, cominho e pepinos. Os últimos dão centenas de vezes. Comecei a construir agora no terreiro chiqueiros, galinheiro e celeiro. Galinhas, tenho só 24, mas espero ter mais tarde tantas, que não poderei contá-las. Patos, também não tenho muitos, uma cabra que dá o leite para o café, mas vou em breve comprar uma vaca para obter queijo e manteiga. Eu moro no campo onde vacas e cavalos pastam por si sós; ele é tão grande quanto os campos todos de Döschnitz. Aí estão as nossas 6 novas casas, as outras se encontram aproximadamente a cem passos de distância das nossas, nós, porém, temos a vista mais bonita. As frutas das muitas bananeiras e laranjeiras daqui me apeteçam mais do que as suas maçãs, pêras e ameixas; todavia parece que as frutas alemãs também prosperam bem na nossa província.

O nosso fazendeiro é muito amável e afável para com os colonos.

Bom, caros filhos, escrevi-lhes como são as coisas por aqui; julguem por si mesmos. Na Alemanha vocês não progridem tanto e não podem se casar quando bem entenderem como aqui. Eu e a minha mulher não desejamos mais voltar, muito menos nossos filhos.

Quando vocês estiverem no navio, procurem viver o tanto quanto possível em paz e harmonia com todos os passageiros; mas as meninas devem ter cautela em meter-se com marinheiros, com o timoneiro e mesmo com o capitão; pois se se deixam seduzir, serão, por conseguinte, zombadas pela tripulação.

Também a você, caro cunhado, prometi escrever a verdade. Um alfaiate ganha aqui muito mais do que na Alemanha; um paletó custa aqui, por exemplo, 4 táleres, um par de calças 1 táler. Mas todos os profissionais, seja ele o que for, tem que emigrar como colono. Cada um pode receber quantos pés de café e criar quantas vacas quiser. Se vocês desejarem emigrar, não se atrapalhem, não escutem ninguém, mas sim, tomem uma decisão sólida, pois as pessoas que desaconselham o Brasil, têm idéias totalmente erradas; elas dizem que vocês serão escravos. Mas, não acreditem nisto! Cada um de nós tem livre arbítrio. Também dizem, que os alemães aqui, devido ao intenso calor, não atingem a velhice. Até o momento, não

senti nenhum grande calor, vejo pelo contrário, homens e mulheres idosos que emigraram para cá há 30 anos e agora estão com 60 - 70 anos. Pudemos usar muito bem de as nossas cobertas até agora. Disso, vocês podem deduzir que aqui não faz calor excessivo. Agora alguns pedidos! Por favor, encomendem ao Sr. L. Häußler 2 dúzias de 'Lebensöl'***, 2 dúzias de licor, 2 dúzias de emplastro, 1 dúzia de bálsamo, 2 dúzias de 'Stoctum'**** e meio quilo de vermífugo; queira ele me enviar isto e a conta junto. Caso ele não confie em mim, então o meu cunhado poderá por enquanto se responsabilizar ou pagar a conta; aqui será então tudo arranjado. O nosso diretor quer conhecer estes medicamentos e certamente encomendará mais depois de conhecê-los; pois ele é ao mesmo tempo médico da colônia, tem um tipo de farmácia e ajuda onde pode.

Caro Heinrich Schöler, agora penso também no seu pedido. Também para você, juntamente com mulher e filhos, seria aqui melhor. Aqui há mais liberdade do que na Alemanha. Todo mundo pode ir caçar quando tiver tempo. Todo pai de família aqui já não se preocupa mais com o pão para seus filhos e um profissional habilidoso ganha um bom dinheiro extra. Para uma mesa, para a qual forneci a madeira, tive que dar pelo preço de feitiço 2 1/2 táleres e para duas camas 4 táleres e mais as tábuas. Decerto a madeira é mais bonita e melhor do que as daí, a maioria cedro, que serve ao mesmo tempo de lenha para o fogão. Não há estufa***** nos cômodos; em compensação duas vezes por semana cose-se o seu próprio forno para que o pão não fique velho. Também fazer pão não dá tanto trabalho como na Alemanha. Quem quiser vir para cá precisa se esforçar e depois partir. Mas talvez vocês agora estejam passando por tempos melhores do que outrora e cultivaram alguns sacos de batata. Então, vai ser difícil para vocês ter tanta coragem, como eu tive, e vão pensar: pode o Brasil estar onde estiver, preferimos ficar em Döschnitz; até que a necessidade os empurrem para isto, mas talvez aí seja tarde.

(Segue o fim)

* O nome citado na carta não vem ao caso aqui.

O Redator

** N. da T.: Mangaritos: no original 'Margareten': baseado tanto na descrição da planta quanto na similaridade dos termos, o Prof. Dante Teixeira chegou a conclusão de que só poderia ser 'mangaritos', palavra portuguesa utilizada para designar certas espécies da família *araceae*

pertencentes ao gênero *xanthosoma*. Também chamados de 'taiobas' ou 'mangarás', são plantas herbáceas de pequeno porte com rizomas tuberosos comestíveis, o que explica a comparação feita com as batatas alemãs.

*** N. da T.: 'Lebensöl': mistura oleosa balsâmica (mistura de óleo de lavanda, de cravo, de canela, de limão, de tomilho e mais outros ingredientes como ethanol.). Era usado no tratamento de catarro crônico; Volkstümliche Namen der Arzneimittel, Drogen, Heilkräuter und Chemikalien. Bearbeitet von Dr. J. Arends. Berlin, Springer-Verlag, 1958.

**** N. da T.: 'Stoctum': medicamento não identificado.

***** N. da T. : Fogão de ferro fixo, para aquecimento de quartos, salas, etc. Lello, Novo Dicionario Encyclopédico Luso-Brasileiro. Porto (sem data).

(17) *Der Pilot*. *Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgem. Auswanderungs-Zeitung*. Nr.17, 27. April 1858

III

(Schluß)

Nun, lieber Freund Wilhelm Kirchner, nach der Schmiede-Arbeit habe ich mich ebenfalls erkundigt. Auf der Fazenda in Ibicaba traf ich einen Gesellen, der ein Pferdegebiß machte und auf Befragen, wie viel Lohn er das Jahr bekomme, antwortete: 400 Rl und auch die Kost. Die Schmiede war aber groß, daß vier Feuer gingen, die durch ein Rohr geblasen wurden, und auch eine Eisengießerei damit in Verbindung stand. Wenn du bei uns wärest, würdest du hier besser leben, als zu Hause, zumal wenn es bei dir noch nicht besser geworden ist.

Auch meinen Freund Ludwig Griebhammer habe ich nicht vergessen. Es würde Dir wohl gefallen, wenn Du bei uns wärest, und Du würdest es weiter bringen, wenn Du hier arbeitetest wie in Döschnitz. Hier hast Du Deine Arbeit im Kaffeeberge und in Deinen Felder, aber keine Sorgen um die Nahrung. Denn Vieh kann Jeder halten, so viel er will, und an Futter ist kein Mangel. - Und wenn die Liese hier wäre, so könnte sie bessern Kaffee kochen wie zu Hause; hier werden nicht von 15 Bohnen 16 Tassen gemacht, sondern es werden ganze Hände voll genommen.

Habt ihr nach dem, was ich euch über Brasilien geschrieben, Lust zu kommen, so säumet nicht und leidet nicht länger Noth; aber einen festen Grundsatz müßt ihr fassen. Die Reise ist zwar beschwerlich, aber nicht gefährlich. Auf unserem Schiffe waren 75 Passagiere, wobei Kinder, die erst 14 Tage alt waren, und Greise. 23 davon, darunter Ludwig Victor, Georg Graf, zwei Döllstädter Möller, zwei Buchmanne aus Cumbach und Reinhard mit seiner Al-lendorfern, sind auf die Kolonie Rio Blanco bei Santos gekommen.

Traget keine Sorge mehr um mich, meine Frau und Kinder; wir befinden uns in einem besse- ren Zustande, als ihr vielleicht denkt. Viele Grüße an M., F. und H. Möller und ich hätte mich erkundigt von wegen der Kuhhäute, es wäre aber nichts zum machen. Hier sind die Häute theurer als bei euch. Mein Schwager schlachtet alle 8 Tage einen Ochsen oder eine Kuh und verkauft die Häute a 7 - 8 Milreis (zu 25 Silbergroschen). Das Rindvieh ist aber viel größer als bei euch. Schiefertafeln, Schieferstifte und Wetzschalen könnte ich wol gut absetzen. - Gebet diesen Brief allen meinen guten Freunden zu lesen; er wird ihnen gewiß Freude ma- chen. Sollet ihr auswandern und meine Kinder wollen mit, so traget Sorge für sie, wie wenn ich als Vater dabei wäre; ich vergüte euch Alles wieder. Hat Eins oder das Andere mehr Geld, so helfet einander aus; hier auf der Kolonie wir Alles wieder bezahlt. Es war auch bei uns ein Mann, der hat zwei Familien Geld vorgeschossen, 25 und 30 Thaler, und hier Alles wieder bekommen. Verkauft eure Wirtschaftssachen nicht für ein Spottgeld, sondern nehmet mit herein, was ihr einpacken könnt,* denn hier ist Alles zu brauchen, selbst warme Kleider und Federbetten.

Bald hätte ich Hrn. Pfarrer Elsässer vergessen, welcher sich um meine Auswanderung so ver- dient gemacht hat, wofür ich mich noch vielmal bedanken, zumal für die heilige Schrift, die er uns aus der Kirche holte, worin wir uns so oft erbaut haben. Lieber Herr Pfarrer, Kirche und Schule haben wir auch hier, und wir gehen fleißig hinein, denn unser Herr sieht gar sehr darauf; wenn wir nur Sie noch als Prediger hier hätten!

Wenn ihr einen Brief schreibt, so adressirt ihn an den Kolonisten Carl August Müller auf der Kolonie des Hrn. Senador Antonius Franziska Souza Chorez: San Jeronimo, Provinz San Paulo, Brasilien, Südamerika.

* **NB.** mit Ausschluß alles Dessen, was die Ueberfracht unverhältnißmäßig vertheuern würde. Vgl. die vortrefflichen und sehr ausführlichen "Leitenden Anweisungen für Auswanderer nach Süd-Brasilien von Dr. Herm. Blumenau". Preis 5 Sgr.

(17) *O Piloto. Semanário de Entretenimento do Allgemeine Auswanderungs-Zeitung.* N°.17, 27 de abril de 1858

III

(Fim)

Pois bem, caro Wilhelm Kirchner, também me informei sobre o trabalho de ferreiro. Na fazenda em Ibicaba, encontrei um aprendiz, que fazia um freio (para cavalo) e que respondeu à pergunta de quanto ganhava por ano: 400 RI* e também a alimentação. A ferraria era tão grande que funcionavam quatro fogos que eram ativados por um tubo, assim como uma fundição de ferro ligada a esta. Se você estivesse aqui conosco, viveria melhor do que em casa, sobretudo já que as coisas ainda não melhoraram para você.

Também não me esqueci do meu amigo Ludwig Gießhammer. Você também iria gostar se estivesse aqui conosco e iria longe se trabalhasse como em Döschnitz. Aqui você tem o seu trabalho no cafezal e nos seus campos, porém nenhuma preocupação com a alimentação. Pois gado todo mundo pode criar o quanto quiser e não há falta de forragem. - E se a Liese estivesse aqui, poderia então fazer café melhor do que em casa; aqui não se faz de 15 grãos 16 xícaras mas sim, pegam-se mãos cheias.

Se vocês tiverem vontade de vir para o Brasil depois de tudo que escrevi, então não hesitem e não fiquem mais tempo passando necessidade; mas precisam tomar uma decisão firme. A viagem é sem dúvida penosa, mas não perigosa. No nosso navio havia 75 passageiros, dos quais crianças de somente 14 dias e idosos. 23 desses, entre eles Ludwig Victor, Georg Graf, dois Möller de Döllstadt, dois Buchmann de Cumbach e Reinhard com os seus de Allemdorfer foram para a colônia Rio Blanco (sic) perto de Santos .

Não se preocupem mais comigo, minha mulher e com o meu filho: nós nos encontramos em melhor situação do que vocês talvez possam imaginar. Muitas lembranças a M., F. e H. Möller e diga que me informei sobre o couro de vaca, mas não há o que fazer. O couro aqui é mais caro do que aí. O meu cunhado mata a cada 8 dias um boi ou uma vaca e vende o couro a 7 - 8 mil réis (25 moedas de prata). O gado é muito maior do que o daí. Pode-se vender bem as lousas, os lápis de ardósia e as pedras para afiar. - Passem esta carta a todos os meus bons amigos para que leiam; ela lhes dará certamente prazer. Se vocês emigrarem e os meus filhos quiserem vir, então cuidem deles como se eu, o pai, estivesse presente; eu os reembolso tudo de novo. Se um tiver mais dinheiro que o outro, ajudem uns aos outros; aqui na colônia será tudo novamente pago. Havia um homem entre nós que adiantou dinheiro a duas famílias, 25 e 30 táleres, e que recebeu aqui tudo de volta. Não vendam por um preço irrisório suas coisas de casa, mas sim tragam para cá tudo que puderem empacotar** pois aqui utiliza-se tudo, mesmo roupas quentes e edredons.

Quase me esqueci do Sr. Pastor que tanto se ocupou com a minha emigração, pelo que eu muito agradeço, tanto mais pela Escritura Sagrada que ele apanhou da igreja para nós, na qual tantas vezes nos edificamos. Caro Sr. Pastor, igreja e escola também temos aqui e freqüentamo-nas assiduamente pois o nosso patrão dá muita atenção a isto; ah se tivéssemos o senhor aqui como pregador!

Se vocês quiserem escrever uma carta então enderecem-na ao colono Carl August Müller na colônia do Sr. Senador Antonius Franziska Souza Chores***: São Jerônimo, província de São Paulo, Brasil, América do Sul.

* N. da T.: RI: abreviação de 'Reichgulde' ('Gulden' = florim).

* Obs. À exceção de tudo aquilo que encarece desproporcionadamente o excesso de bagagem. Conferir nas excelentes e muito pormenorizadas 'Instruções para Emigrantes com destino à América do Sul do Dr. Herm. Blumenau'. Preço 5 Sgr. (O Redator)

** N. da T.: O proprietário da colônia São Jerônimo era o Senador Francisco Antônio de Souza Queiroz. É interessante verificar como o colono, através da tentativa de transcrição fonética se esforçava por escrever os nomes. Em alemão o 'ch' no início de uma palavra tem o som de 'k' ou, neste caso, de 'que'. Há ainda uma troca das vogais no nome Queiroz que tanto pode ter sido feita pelo colono quanto pelo tipógrafo do jornal.

Allgem. Auswanderungs-Zeitung.

Unter Verantwortlichkeit des Verlegers
redigirt von

Dr. Büttner.

Nebst

einem belletristischen Beiblatte

zwölfter Jahrgang.

Mudolstadt, den 4. Juni



Halbjährlicher Abonnementspreis:

a) im Postvereinsgebiete 1 1/3 Thlr. oder
2 Fl. 24 Kr.

b) in frankirten Wochenlieferungen, unter
Adresse, 2 Thlr. od. 3 Fl. 36 Kr.

c) dito überseisch § 2.

1858.

N^o 23.

Inhalt. Brasilien. Die Kolonie Vergueiro nach den Untersuchungen von brasilianischer Seite. Antwort des Kaiserlichen Cabinets auf eine Note der schweizerischen Gesandtschaft. Schudl's Briefe. — Innsbruck: Abwehr eines plumpen Angriffs auf eine ganze Classe von Geschäftleuten. — Schweiz: 1857er Auswanderung. — Liverpool: Auswanderung nach Australien. Fingerzeige für Passagiere via England. — Bremen: Ankauf des ersten norddeutschen Lloyd-Dampfers. — Schiffs-Nachrichten. — Anzeigen. —

Die Kolonie Vergueiro

nach den Untersuchungen von Brasilianischer Seite.

(Fortsetzung.)

Der zehnte Artikel klagt über falsches Maß und Gewicht. Der Berichterstatter fand sowohl die Maße und Gewichte, mit denen den Kolonisten die von der Fazenda bezogenen Nahrungsmittel zugemessen wurden, als auch die Maaleeren zum Messen des rohen Kaffees gestempelt. Die Angabe, daß eines der Maße beschliffen wurde, ist richtig; aber nach den Aussagen des gegenwärtigen Directors, des Böttchers, welcher das Maß fertigte und beschliff, sowie eines alten Kolonisten stellte sich Folgendes heraus: der frühere Director hatte das Maß fertigen lassen und die genauen Dimensionen angegeben; aber später, beim Messen des von den Kolonisten eingelieferten Kaffees fand man, daß das Maß zu groß war, und man kürzte dasselbe um etwa 1/4 Zoll. Auch die geachteten Maße wurden sorgfältig unter einander verglichen, und es fand sich eine unbedeutende Differenz zwischen dem halben Quart und dem Quart, so daß kein beabsichtigter Betrug sich herausstellte, vielmehr klar zu Tage lag, wie nur Unkenntniß oder Nachlässigkeit des mit diesem Dienste Beauftragten die Schuld der Abweichungen trug¹⁾. Hinsichtlich der ersten Klage, die Zahl und Beschaffenheit der angewiesenen Kaffeebäume betreffend, bezieht sich der Berichterstatter auf das zur achten Klage Bemerkte. Der besonders in der Klage aufgeführte Fall bezieht sich auf den Schullehrer Dawatz²⁾, den Leiter der im Decemter 1856 ausgebrochenen Unruhen; dieser erhielt 3500 Kaffeebäume, ließ aber dieselben bis auf 1700 einzeln und beklagte sich dann über die Mangelhaftigkeit der Ernte, welche er selbst verschuldet hatte³⁾. Auch die Klage über den feinkigen Boden und den dadurch verursachten Schaden der Kolonisten an zerfallenen Pöcken zc. war ungegründet; der Berichterstatter fand an Ort und Stelle wenige Steine, die weder den Anbau erschweren, noch den Ertrag der Pflanzungen beeinträchtigen konnten⁴⁾. In Bezug auf die zwölfte Klage ergab sich aus den Rechnungsbüchern, daß die Eigenthümer keine Zinsen von den während des laufenden Jahres gelieferten Nahrungsmitteln oder gezahlten Geldern nahmen, sondern nur von dem Saldo der Schuld, welche von dem laufenden Jahre am Ende des Jahres die diesen nach dem Contracte zukommende Hälfte des Verdienstes vom geräuterten Kaffee nicht ganz bar auszahlten, so geschah dieses, weil die Kolonisten während des Jahres an Nahrungsmitteln und Geld bereits mehr als die Hälfte erhalten hatten. Wichtiger ist die dreizehnte Klage über den bei dem Verkaufe der Nahrungsmittel getriebenen Wucher. Die Preise wurden nach dem nächsten Orte regulirt und nach den Zeugnissen von zwei Kaufleuten, die von 14 zu 14 Tagen eingefandt wurden, angeschlagen; mit diesen stimmten die in den Büchern der Kolonisten verzeichneten Preise größtent-

theils, nur waren dieselben mehrmals geringer, niemals aber höher angesetzt. Manchmal waren einige Waaren auf andern Fazendas oder Seiten wohlfeiler, wenn nämlich diese dieselben selbst erzeugten und nicht zu kaufen brauchten, also auch Frucht zc. nicht zu zahlen hatten, und die Kolonisten haben nicht nur vollkommene Freiheit gehabt, an solchen Orten ihre Bedürfnisse einzukaufen, sondern sie haben dieselbe auch vielfach benützt. Dessen die Eigenthümer nur verpflichtet sind, die Kolonisten mit dem Nothwendigen zum Lebensunterhalte, soweit sie denselben nicht beschaffen können, zu versehen, so unterliegen sie dieselben doch, so weit sie können, sämtlich jeden Monat mit Nahrungsmitteln und einer Summe Geldes. Es scheint, daß, wenn sich die Kolonisten, falls sie nicht neu angekommene oder durch Krankheit und andere Anfälle an der Arbeit verhindert waren, den Preisen der Fazenda unterwerfen, sie es recht wohl konnten und keinen Grund zur Klage haben. Auch ergab sich bei Vielen, welche Pflanzland genug erhalten zu haben erklärten und gute Ernten gehabt hatten, aus deren Büchern, daß sie auch fortbin Geld und Lebensmittel von der Fazenda gezogen hatten. Zu Klage 14 wird bemerkt, daß im Anfange den Kolonisten nach Ausweis ihrer Bücher Kaffee erster Sorte zu 90—110 Reis per Pfund geliefert und der empfangene Kaffee ihnen dann von dem ihnen zukommenden Theile der Ernte abgezogen wurde. Der Kaffee, welchen der Berichterstatter im Magazine sich zeigen ließ, war Auslese und schön. Um zu sehen, welchen Grund die Kolonisten zu der fünfzehnten Klage über ihnen unbegreifliche, in ihre Schuldbücher eingetragene Schuldposten, Zerbrücher oder Betrügereien in der Rechnung hätten, wurden diese Bücher untersucht und mit dem Hauptbuche auf der Kolonie verglichen; aber es fand sich Alles in Nichtigkeit und die Bücher der Kolonisten stimmten durchweg mit dem Hauptbuche. Und in Wahrheit ist bei dem angenommenen Verfahren jeder Betrug und jede Täuschung beinahe geradezu unmöglich. Bedarf nämlich der Kolonist Waaren oder Geld, so wendet er sich an den Director; dieser trägt einzeln die Gegenstände auf ein gedrucktes Billet ein, bemerkt dann dasselbe im Hauptbuche und im Schuldbuche des Kolonisten, und übergibt das Billet dem letztern; der Kolonist bezieht sich mit dem Zettel zum Magazine der Fazenda und erhält dort pünktlich die auf dem Billet verzeichneten Gegenstände; am Ende des Monats werden die drei schriftlichen Documente nochmals verglichen, und dann kommt der Zettel in das Archiv der Fazenda. Gehenverwegen beargwöhnt war die sechszehnte Klage über die Bezahlung des Arztes⁵⁾. Durch Record mit den Kolonisten verpflichtete sich ein Arzt, dieselben für sechs Milreis jährlich in Krankheitsfällen zu behandeln. Der Arzt ging im zweiten Jahre fort, als der Director jene Schuld in den Rechnungsbüchern schon notirt hatte; allein die Schuld wurde auf gemachte Reclamation getilgt und sie hatten nicht den geringsten Nachtheil dabei. Der Kolonist, von dem die siebenzehnte Klage handelt, ist ein Ausländer. Er kam mit einem besondern Contracte an, um in seinem Lebensberufe Beschäftigung zu finden; aber es fand sich in der Kolonie keine Beschäftigung für ihn. So wurde er auf einer Fazenda auf Lohn untergebracht; aber es gefiel ihm dort nicht und er kehrte in die Kolonie zurück. Hier wurde ihm vorgeschlagen, er möge den allgemeinen Contract der Kolonisten eingehen; allein er lebte diesen Vorschlag ab und hielt sich eine Zeitlang auf, ohne zu arbeiten, unterhalten von den Grundeigenthümern, bis er zu Jose Estanilao de Oliveira kam, dessen Fazenda 2 1/2 (brasilianische) Meilen von St. Joao und kaum eine Meile von der Kolonie Angelika entfernt ist⁶⁾. Es wurde

¹⁾ Auch hier stimmt der Berichterstatter mit Heuser, und es ergibt sich aus diesem Punkte nichts weiter, als daß man in Brasilien, wie hier und da in Europa sogar, in der Berechnung des Inhalts von Waagen irren kann. D. Ned.
²⁾ Im Originale Dawatz, wofür nur Deutschler. D. Ned.
³⁾ Ueber beide erwähnte Punkte schreibt Heuser, der überhaupt für Dawatz in auffallender Weise Partei nimmt, ganz und gar. D. Ned.

⁴⁾ Gerade diese Klage fand Heuser „in allen Punkten richtig.“ D. Ned.
⁵⁾ Es ergibt sich hieraus sonnenklar, wie verkehrt und unwarhaft der Punkt der Klage ist, daß sich der Querulant fern von allem Rath und Beistand befunden habe, fern von jeder Gelegenheit, seine Kinder unterrichten zu lassen. Heuser geht auf diesen Punkt gar nicht ein. Selbst daß sich die Grundeigenthümer des Mannes in seiner Bedrängniß annahmen und ihn unterhielten, wird nicht erwähnt; nur daß die Klage über den Fazendetro, zu dem der neue Kolonist habe kommen sollen, ganz un begründet sei, wird von ihm angegeben. Wie die Sachlage gewesen, erfahren wir erst durch den brasilianischen Bericht. D. Ned.

Primeira página do jornal *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*,

n^o 23, 4 de Junho de 1858

San Jeronymo, den 23. Nov. 1858.

Lieber Schwager und Schwägerin! Wenn euch mein Brief so gesund antrifft, wie er uns verlassen hat, so soll es uns herzlich freuen; wir sind, Gott sei Dank, noch alle gesund und wohl, und muß dir zugleich auch melden, daß meine Frau einen kleinen Sohn erhalten hat. Er wurde geboren den 7. Juni 1858 und getauft den 17. Juli, wo er schon zu Pferde nach der Stadt Limeira geritten (sic!) wurde. denn hier wird jede Kindtaufe zu Pferde gemacht. Die Tochter meines Schwagers Carl Granert, Bertha, hat den Ernst Escher gereirathet, wo die Hochzeit den 22. Januar 1858 gehalten wurde. Hier werden die Hochzeiten bei den Kolonisten höher gefeiert wie in Deutschland bei den reichsten Bauern. An meiner Kindtaufe hatte ich 24 Mann zwei Tage zu Tische, wo wir 16 Stück Hühner und Enten geschlachtet hatten; auch Rindsbraten und Schweinebraten gab es in Fülle; denn hier braucht man sich nicht so einzuschränken wie bei euch zu Hause. Nun, lieber Schwager, Deinen Brief, den du am 18. April geschrieben hast, wo von Herrn Pfarrer Elsässer auch ein Briefchen darin lag, habe ich richtig erhalten, und habe darin ersehen, daß der Zehn-Thalerschein richtig an meine Kinder gekommen ist. Wir haben schon dieses Jahr nicht anders geglaubt, es werden Leute aus Döschnitz (1) mit dem Schiffe 'Willing' kommen, welches dieses Jahr nach Brasilien gefahren ist. Wir hatten es in Brasilien erfahren, daß es den 15. August von Hamburg abgefahren war mit Auswanderern und in 7 Wochen nach einer schnellen Seefahrt in Santos gelandet ist. Die Landreise dauert 12 - 14 Tage bis auf unsere Kolonie S. Jeronymo. Nun bin ich ihnen mit vielen Kolonisten entgegen geritten, weil ich noch immer glaubte, es wären Bekannte oder Kinder wären dabei. Aber wie ich sie in Augenschein nahm, da sah ich auch nicht einen Bekannten: es waren nämlich lauter Schlesier, welche schon Befreundete hier auf der Kolonie hatten, die ihnen schon das Jahr zuvor geschrieben hatten. Außerdem war noch Morgenroth aus Stadt Remda (2) mit seiner Frau und Kinde dabei. Weil nun kein Bekannter aus meinem Orte Döschnitz dabei war, so nahm ich auch einstweilen mit Morgenroth vorlieb und nahm ihn freundschaftlich auf. Da hat mir der Morgenroth erzählt, daß von dem Geheimen Rath in Berlin (3) eine Schmähchrift durch Deutschland gegangen wäre, wo Brasilien sehr geschildert wäre; weil der schwarze Negerhandel nicht mehr geduldet wäre, so handelten sie jetzt mit weißen. Aber ich muß euch selbst mit Wahrheit schreiben, daß dieses alles erlogen ist. Wir leben hier so frei wie der Vogel in der Luft; dieses kann kein Neger thun. Wir haben, jeder Kolonist, sein Wohnhaus, Garten, Feld

und Kaffee, welches wir bearbeiten; aber Niemand sieht sich nach unserm Thun und Treiben um, zumal wenn wir den Kaffee rein geputzt haben. Ich und meine Frau und meine zwei Söhne, wir wünschen uns nicht wieder nach Deutschland; wir sehen ein, daß wir hier eher zu etwas kommen können, wie in Deutschland.... Den ersten Brief erhielt ich, wie die neuen Einwanderer kamen; es war den 23. Oct. Den 26. November war ich bei meinem Schwager in Ibicaba, den 27. bin ich wieder nach Hause geritten. Da war der Brief da von eurem Befinden. Aber mit welchem Schrecken habe ich den Brief gelesen, was ihr mir von meinem guten Schwager Carl Granert schreibt. O, ihr lieben Menschen in Döschnitz, laßt euch doch nicht solche große Lügen vorschwatzen, daß mein lieber Schwager Carl Granert sollte gehenkt sein! Das wird wahrscheinlich verhört worden sein, weil er alle Woche einen Ochsen oder Kuh schlachtet, die er aufhängt, so werden die Leute vielleicht das Vieh meinen. Was aber meinen Schwager mit seiner Familie anbetrifft, so befinden sie sich noch alle gesund und wohl, welches ich euch aber schreibe, wo mein Schwager nichts davon weiß; wie ich dieses geschrieben habe, wußte er die Nachricht aus Deutschland noch nicht. Ich habe aber gleich ein Briefchen an ihn geschickt mit der traurigen Botschaft.

Nun, lieber Schwager Nicol Bauer, weil ich nun doch in deinem Briefe gelesen habe, daß du Vaterstelle an meinen Kindern gethan hast, zumal an Christinan und Pauline, so werde ich dir auch dankbar sein dafür. Daß aber Heinrich und Louis nicht einmal gekommen sind, weil ich an sie geschrieben habe, das kränket mich aber auch um desto mehr. Habe ich denn als Vater nicht mehr verdient von solchen Kindern? habe ich denn nicht Gut und Blut aufgeopfert, um das Wohl der Kinder zu fördern? wollte ich mir denn diesen Nachruf lassen nachsagen, wie bei euch gesprochen wurde: diese Familie fällt auch der Gemeinde zu? Hier in Brasilien heißt es aber nicht so; hier kann jeder gleich seine eigene Wirtschaft antreten und kann auch eher zu etwas kommen, eher wie in Deutschland. Nun, lieber Schwager, bitte ich dich doch auch noch einmal, daß du mir zum wenigsten den zwei unmündigen Kindern nach Brasilien behilflich bist, wenn die großen nicht mit herein wollen. Ich werde gewiß meine Vaterstelle noch immer an ihnen vertreten. (Folgen Familien-Verhältnissen und ein großes Lob für die Stiefmutter, welche den einen Stiefsohn, den der Vater mit sich genommen, ganz als eigenes Kind behandelt.) Nun, ihr lieben Kinder, laßt euch nicht mehr zurückhalten, bei mir zu kommen; ihr gehet einer glücklichen Zukunft entgegen. Hier braucht ihr bei keinem Herrn mehr zu dienen, wie in Deutschland; ich habe Brod genug für euch. - Ueber die Schweizer nun, wo du geschrieben hast, daß sie im 'Beobachter'(4) gestanden haben, daß sie stürmen wollten in Brasilien auf der

Kolonie Ibicaba. Sie hatten dazu gar keine Ursache; denn dieses wird in Brasilien auch nicht geduldet, wie in Deutschland auch. Die sind von der Kolonie gejagt worden, und ist lange wieder Ruhe und Ordnung hergestellt. Es waren nämlich solche Leute, die gut essen und nichts arbeiten wollten. Nun urtheilt ihr als verständige Männer selbst darüber, ob Das zusammen stimmt. Von den 13 Thüringern ist gar keine Rede, daß sie mitgestürmt hätten; denn sonst würden die Kolonieherrn gewiß keine Thüringer verlangen. Schweizer verlangt kein Kolonieherr mehr, und wenn gleich das Kaffeepflücken sollte liegen bleiben. (Abermals Familiennachrichten.) Nun wundert ihr euch auch alle, daß ich so viel Schweinefleisch brauche, weil ich in einer Kürze zweimal geschlachtet habe, und das Pfund zu 9 Xr. Aber das will ich euch auch auseinander setzen. Das ist nämlich so: unser Herr hat die fetten Schweine zu Hunderten stehen, und wenn wir nun ein fettes Schwein brauchen, so gehen wir bei unsern Herrn und sagen: unser Speck ist alle. So kriegen wir ein fettes Schwein, es mag wiegen 100 oder 200 oder so fort, und wenn es gewogen ist, so kriegen wir das Geld für das Schwein in unser Schuldbuch geschrieben. Ich habe bloß drei Stück fette Schweine von der Fazenda geschlachtet, weil ich mich so viel wie möglich vor dem vielen Schuldenmachen hüte. Da werdet ihr mich auch von zu Hause aus kennen, daß ich kein Freund von vielem Schuldenmachen bin. Und ich beflleißige mich der Feldarbeit, pflanze tüchtig Bohnen aus; diese verkaufe ich und habe in einem Jahre für 50 Thaler Bohnen verkauft. Dafür kaufe ich mir dürre (5) Schweine, je nachdem sie sind, für 4 Milreis, für 8 Milreis das Stück. Diese mache ich mir so mit Gelegenheit fett, daß ich immer aus meinen Ställen Schweine schlachte. Ich habe in dieser Zeit, daß ich auf der Kolonie bin, mein Tagebuch geführt, wo ich alles pünktlich aufschreibe, was bei mir von Schweinefleisch aufgeht. So habe ich zusammengerechnet; da brachte ich bis jetzt 700 Pfd. zusammen, ohne Rindfleisch und Hühner und Enten. Dieß wird euch wundern und es werden viele ungläubige Leute sagen: Das ist nicht wahr und es sind Lügen. Aber es thut nichts; ich bin auch noch nicht fertig mit Großthun oder auf Deutsch, mit Lügen: ich will euch jetzt meinen Viehstand schreiben. Ich habe eine Kuh und ein Kalb, eine Ziege, 7 Schweine, 70 Stück Hühner, 20 Stück Enten. Die Enten halte ich bloß dem Braten wegen, weil die großen Herren in Deutschland den Entenbraten vor allem Fleische vorziehen. Nun will ich euch aber auch meine Schulden schreiben. Ich habe bis jetzt schon 800 Milreis (6); höher möchte ich aber nicht hinauf. Denn ich habe mich jetzt besser eingerichtet als in Deutschland. Aber ich arbeite auch tüchtig, das darf ich auch nicht vergessen, da ich nun wirklich die Wahrheit geschrieben habe, welches ihr alles für Lüge haltet; denn das weiß ich, daß ihr das glauben thut. Ich habe auch jetzt schon eine Kaffeeernte mit durchgemacht, wo ich aus meinen 2400 Bäu-

men 220 Alqueire Kaffee gepflückt habe. Das Alqueir (sic) 1 Milreis kostet, so macht es 220 Milreis, und davon bekomme ich die Hälfte als Halbpachter. Dieß macht 110 Milreis; die 110 Milreis werden mir von meinen Schulden gekürzt, den ich pflücke, sonst weiter kein Produkt. Verkaufe ich an meinen Herrn eine Kuh oder ein Schwein oder Reis oder Bohnen, so sagt er nicht zu mir: hören Sie, Müller, ich will das Geld für das Produkt an den Schulden kürzen, sondern er zahlt mir das Geld dafür aus. Das nächste Jahr getraue ich mir aber mehr Kaffee zu pflücken, zum wenigsten 600 Alqueiren; denn es beugen sich jetzt schon die Bäume vor Blüten. Die eigentliche Berechnung ist vom Baum 1/2 Alqueire; aber ich habe noch viele kleine darunter. Aber so mich Gott gesund erhält, traue ich mir doch, die Schuld in drei, höchstens vier Jahren zu tilgen. Schulden machen aber auch hier zu Lande gar keine Sorge; denn es mahnt uns Niemand darum. (Folgen Familien- und Privatnachrichten, sowie eine genaue Angabe der Personen und Quantitäten, an die und in welchen die vier Arroben (7) Kaffee, welche der Briefschreiber und dessen Schwager als Geschenk sendete, vertheilt werden sollen; dann kommt der Verfasser nochmals auf seine Kinder zurück, welche zu ihm herüberkommen sollen.) Sie sollen aber ihre Kleider oder was sie sonst haben, nicht verkaufen, sondern sollen alles mit herein bringen, es mögen warme Kleider sein oder nicht. Es ist bei uns auch nicht so warm, wie ihr zu Hause denkt; wir haben in den ... Jahren unsere Bettdecken noch immer gebraucht. Wir haben hier ein Klima, welches ich in meinem Leben noch nicht gesunder gefunden habe. Schnee haben wir freilich noch nicht gehabt; aber hier verbrennt auch der Rasen nicht, wie bei euch, wenn es auch in 8 Wochen nicht regnet. Die Kinder bekommen ihr Auswanderungsgeld so gut wie andere auch. Sollte aber von den Familien aus Döschnitz Niemand auswandern, daß sich die Kinder an eine Familie anschließen könnten, so sehe zu, daß du sie an eine andere Familie aufschließe, wenn sie auch anderwärts her sind. Bloß gib jeder Familie, wo sie sich anschließen, Auftrag, Vaterstelle auf der Reise zu vertreten; denn ich thue es bloß von wegen der Schiffsreise, weil so ein Mädchen leicht verführt werden kann. (Dank an den Agenten, der den Briefschreiber und dessen Familie beförderte, Grüße an die früheren Bekannten und die Versicherung, daß alle Armen in der frühern Heimat wohl thun würden, nach St. Jeronymo zu kommen, wo durch Fleiß und Arbeitsamkeit eine sichere, glückliche Zukunft ihrer warte, schließen den Brief.)*

C. August Müller.

D. Red.

- (1) ursprünglicher Heimatort des Briefschreibers im Fürstenth. Schwarzburg-Rudolstadt.
- (2) Städtchen im Großh. Sachsen-Weimar.
- (3) Es ist offenbar Kerst gemeint
- (4) Ein in Rudolstadt erscheinendes Unterhaltungsblatt.
- (5) d. h. ungemästete.
- (6) Der Briefschreiber wanderte im Frühlinge des Jahres 1857 aus.
- (7) = 120 Pfd.

* N. da T.: Como podemos notar, o redator cortou algumas passagens desta carta quando, ao seu ver, o assunto era muito familiar e não interessando ao leitor.

18. *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. N°. 34, 26 de agosto de 1859.

São Jeronymo, 23 de Novembro de 1858

Caros cunhado e cunhada! Se a minha carta encontrá-los tão saudáveis como quando ela nos deixou, então nos alegraremos de todo o coração. Graças a Deus, nós todos estamos saudáveis e bem e tenho logo que lhes informar que minha esposa deu a luz a um pequeno filho. Ele nasceu no dia 7 de junho de 1858 e foi batizado no dia 17 de julho, quando foi levado a cavalo para a cidade de Limeira, pois aqui toda criança a ser batizada é conduzida a cavalo. A filha do meu cunhado Carl Granert, Bertha, casou-se com o Ernst Escher tendo sido o casamento realizado no dia 22 de janeiro de 1858. Aqui os casamentos dos colonos são mais comemorados do que entre os camponeses mais ricos da Alemanha. No batizado do meu filho tive, durante dois dias, 24 homens à mesa quando abatemos 16 galinhas e patos; também havia uma grande quantidade de assados de carne de vaca e de porco, pois aqui não é preciso poupar como aí entre vocês. Bom, caro cunhado, eu recebi sua carta escrita no dia 18 de abril onde o senhor Pastor Elsässer colocou junto uma cartinha e pude concluir que a nota de 10 táleres chegou corretamente às mãos dos meus filhos. Nós não deixamos de acreditar que neste ano viriam pessoas de Döschnitz (1) com o navio 'Willing' que partiu, este ano, para o Brasil. Ficamos sabendo aqui no Brasil que ele partiu de Hamburg com emigrantes no dia 15 de

agosto e que, em 7 semanas, depois de uma viagem marítima rápida, aportou em Santos. A viagem terrestre até a nossa colônia São Jeronimo dura de 12 a 14 dias. Eu e muitos colonos cavalgamos em direção a eles, pois, eu ainda tinha a esperança de que conhecidos ou meus filhos estariam entre eles. Como notei, não vi nenhum conhecido: é que eram somente silesianos que tinham conhecidos aqui na colônia que, no ano passado, já lhes haviam escrito. Além disso, havia ainda Morgenroth da cidade de Remda (2) com a sua mulher e filho. Como não havia entre eles nenhum conhecido da minha cidade Döschnitz, então me contentei, provisoriamente, com Morgenroth** e os acolhi amigavelmente. Foi aí que Morgenroth me contou que um panfleto difamatório escrito pelo conselheiro de Berlin (3), no qual o Brasil teria sido muito descrito, teria circulado pela Alemanha toda; como o tráfico de escravo não é mais permitido, se comercializaria agora, então, com brancos. Mas eu mesmo preciso escrever-lhes a verdade, de que tudo isso é mentira. Nós vivemos aqui tão livres como o pássaro no ar; nenhum negro pode fazer isso. Nós temos, como cada colono, uma casa, jardim, campo e café, que lavramos. Mas ninguém fica olhando os nossos afazeres e atividades, sobretudo, se limpamos bem o café. Eu, minha esposa e os meus dois filhos não desejamos retornar mais à Alemanha; nós compreendemos que podemos alcançar aqui mais do que na Alemanha... Eu recebi a primeira carta com a chegada dos novos emigrantes; era 23 de outubro. No dia 26 de novembro estive com o meu cunhado em Ibicaba, no dia 27 voltei a cavalo para casa. Lá se encontrava a carta de vocês. Mas, com que susto li o que vocês escreveram sobre o meu cunhado Carl Granert. Oh, cara gente em Döschnitz, não deixe que lhes contem essas grandes mentiras como a de que o meu cunhado teria sido enforcado! Provavelmente houve um mal entendido já que ele, toda semana, abate um boi ou uma vaca e os pendura (4). Talvez as pessoas tenham se referido ao gado. Em relação ao meu cunhado e a sua família, todos estão bem e saudáveis. Mas o que lhes escrevo não é do conhecimento do meu cunhado, pois no momento em que escrevo esta (carta), ele ainda não sabia da notícia da Alemanha. Mas lhe envie logo uma cartinha com a triste mensagem.

Bom, caro cunhado Nicol Bauer, como li na sua carta que você assumiu o papel de pai para os meus filhos, sobretudo para Christian e Pauline, quero então lhe agradecer por isso. Magoa-me demais o fato de Heinrich e Louis não terem vindo como eu havia escrito. Como pai, não mereço mais destas crianças? Não sacrifiquei propriedade e sangue para o bem delas? Devo deixar que me caluniem com estas maledicências que correm entre vocês, de que esta família estaria sob a responsabilidade da comuna? Aqui no Brasil não é assim; aqui cada um pode

começar logo com seu próprio negócio e adquirir mais do que na Alemanha. Bom, caro cunhado, peço-lhe mais uma vez que me ajude a trazer para o Brasil, pelo menos, as duas crianças menores já que as duas maiores não querem vir. Seguramente ainda representarei o meu papel de pai a eles. (Seguem notícias familiares e um grande elogio à madrastra, que trata de um enteado, que o pai manteve consigo, como se fosse o seu próprio). Bom, queridos filhos, não hesitem em vir para junto de mim; ao encontro de vocês, virá um futuro feliz. Aqui vocês não precisam mais servir a nenhum senhor como na Alemanha; tenho pão suficiente para vocês. - Agora sobre os suíços que foram noticiados no *Beobachter* (5) como você escreveu, que quiseram fazer tumulto no Brasil, na colônia Ibicaba. Eles não tiveram nenhum motivo para isso; pois tal coisa não é tolerada no Brasil assim como também não o é na Alemanha. Eles foram expulsos da colônia e há muito foi restabelecida a calma e a ordem. Eram aquele tipo de gente que gosta de comer bem, mas não de trabalhar. Bem, como homens sensatos julguem vocês mesmos se está correto. Nem se cogita a participação dos 13 turíngios na revolta, porque se assim fosse os senhores das colônias certamente não pediriam mais turíngios. Nenhum proprietário de colônia quer mais suíços mesmo se a colheita de café não for feita. (Novamente notícias de família). Bem, vocês todos devem se surpreender de eu precisar tanto de carne de porco porque abati duas vezes em pouco tempo, e o meio quilo a 9 Xr.*** Mas quero lhes explicar. É o seguinte: o nosso senhor tem centenas de porcos gordos e quando nós temos a necessidade de um porco gordo vamos então até o nosso senhor e dizemos que o nosso toicinho acabou. Assim, recebemos um porco gordo que pode pesar 100 ou 200 ou mais e então, quando ele é pesado, a quantia do porco é debitada na nossa caderneta de dívidas. Eu só matei três porcos gordos da fazenda, pois eu quero me poupar, o mais possível, de contrair muitas dívidas. Nisto vocês me conhecem também de casa, de que não sou amigo de dívidas. E dedico-me ao trabalho no campo, planto muito feijão; este eu vendo e num ano vendi 50 táleres de feijão. Em contrapartida, compro um número grande de porcos por 4 mil-réis, por 8 mil-réis a peça dependendo do seu tamanho. Engordo-os de tal maneira a poder abater sempre um porco da minha pocilga. Durante esse tempo todo em que me encontro na colônia, escrevo um diário onde escrituro, detalhadamente, o consumo de carne de porco em minha casa. Então somando tudo: até o momento juntei 700 Pfd. (350 kg.), sem contar a carne de vaca, as galinhas e os patos. Isto os surpreenderá e, muita gente incrédula, vai dizer: isto não é verdade e sim mentira. Mas não faz mal; também não acabei com a gabarolice ou, em alemão, com as mentiras: vou descrever-lhes a situação em relação ao meu gado. Eu possuo uma vaca e um bezerro, uma cabra, 7 porcos, 70 galinhas e 20 patos. Mantenho os patos só

para assá-los, pois os grandes senhores na Alemanha preferem pato assado à todas as outras carnes. Bem, também quero lhes expor as minhas dívidas. Até o prezado momento já tenho 800 mil-réis (6); não quero aumentá-la mais que isso, pois já estou melhor instalado aqui do que na Alemanha. Mas também trabalho a valer, disto também não posso me esquecer, já que eu realmente escrevi a verdade o que vocês todos consideram mentira; eu bem sei que não acreditam nisso. Também já passei por uma colheita de café quando colhi 220 alqueires dos meus 2400 pés. O alqueire corresponde aí para vocês a um quarto rudolstädtiano. Como o alqueire custa 1 mil-réis, o montante é de 220 mil-réis dos quais recebo a metade como parceiro, isto é, 110 mil-réis; os outros 110 mil-réis são para ir abatendo as minhas dívidas. As dívidas são abatidas só do café que colho e de nenhum produto mais. Se vendo ao meu senhor uma vaca ou um porco ou ainda, arroz ou feijão, ele não me diz: ouça senhor Müller, eu quero o dinheiro do produto para diminuir as dívidas, mas sim, paga-me a quantia correspondente. No próximo ano pretendo colher mais café, no mínimo 600 alqueires; pois agora os pés de café já se curvam de tanta flor. O cálculo, com efeito, é de meio alqueire por pé, mas eu tenho entre eles, muitos que ainda são pequenos. Mas, se Deus me mantiver com saúde, ousou propor-me sim a quitar a dívida em três, no máximo em quatro anos. Aqui, dívidas não trazem preocupação, pois ninguém nos repreende por causa disso. (Seguem notícias familiares e particulares assim como uma informação precisa sobre para quem e em quantas partes devem ser divididas as quatro arrobas (7) de café enviadas como presente pelo autor da carta ao seu cunhado. Daí volta o autor novamente a se referir aos seus filhos, que deverão ser mandados para o Brasil.) Eles não devem vender suas vestimentas ou ainda seus demais pertences e sim trazê-los consigo, mesmo sendo roupas quentes ou não. Aqui não é tão quente assim como vocês pensam. Neste 2/4 de ano ainda fizemos uso das nossas mantas. Eu nunca vi um clima tão saudável como este, que temos aqui. Todavia, ainda não tivemos neve; mas aqui a grama não queima como aí mesmo não chovendo durante 8 semanas. As crianças recebem, como os demais, o dinheiro destinado aos imigrantes. Mas, se de uma família de Döschnitz ninguém emigrar para que as crianças possam ser agregadas a esta, então, veja se consegue juntá-las a uma outra família mesmo sendo esta de um outro lugar. Dê a cada família, na qual elas se juntarem apenas o encargo de, durante a viagem, desempenharem o papel de pai; eu peço isso por causa da viagem marítima pois, é fácil seduzir uma menina.

(Agradecimento ao agente que foi responsável pelo transporte do autor da carta e de sua família, lembranças aos antigos conhecidos e a afirmação de que todos os pobres da antiga

pátria fariam bem em ir para São Jeronymo onde, com disciplina e trabalho, um futuro seguro e feliz os espera, termina a carta.)

C. August Müller

Notas do redator.

(1) Lugar de origem do autor da carta no Principado de Schwarzburg-Rudolstadt.

(2) Cidadezinha no Grão-Ducado da Saxônia-Weimar.

(3) Pelo visto se trata de Kerst.

(4) Em alemão tanto o verbo 'henken' como o 'aufhängen' podem significar enforcar sendo que o último também quer dizer pendurar. Daí o possível mal-entendido. (nota da tradutora).

(5) Um jornal popular publicado em Rudolstadt.

(6) O autor da carta emigrou na primavera do ano de 1857. (ca. maio).

(7) = 120 Pfd.

* N. da T.: Rl: abreviação de 'Reichgulden'. Gulde = florim.

** N. da T.: Nome que consta na lista de assinantes do 'Texto da Deliberação' escrito no dia 22 de dezembro de 1856 por Davatz; Davatz: *Memórias de um Colono no Brasil ...*, Anexo nº 3, p. 264 - 265.

*** N. da T.: Xr.: abreviação de 'Kreuzer'. 60 Kreuzer correspondia a 1 Gulden; Münzen Lexikon, www.muenzen-lexikon.de

19. *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. Nr. 33, 2. September 1859.

Wir lassen den Brief des Kolonisten Graner, welcher im Jahre 1853 auswanderte, folgen. Die Orthographie dieses Briefes ist schwächer als die des vorhergehenden; außer dieser und der Interpunction erlauben wir uns keine Aenderung.

Ibicaba, den 30. November 1858.

"Liebe Geschwister und Schwägersleute! Grüß euch Gott von uns allen; denn selbst können

wir euch doch nicht grüßen. Obgleich mein Schwager Carl Müller mich in seinem Briefe schon bemerkt haben wird, so kann ich doch nicht unterlassen, auch ein paar Zeilen einzuschicken, dieweil er gestern Abends mir erst ein Briefchen zugeschickt hat, worüber ich ganz erstaunt bin, nämlich über die großen mächtigen Lügen, die von mir in Deutschland gesprochen werden und wol gar in öffentlichen Blättern gedruckt sind, nämlich daß ich mit unter den Aufrührern der Kolonie in öffentlichen Blättern gedruckt stände und das Gespräch sogar wäre, ich wäre aufgehängt worden. Dieß laßt euch aber nur nicht weiß mache; denn gerade das Gegentheil war ich und habe immer hie und da zum Guten gesprochen; und aufgehängt bin ich gar nicht, das werdet ihr an meinem Schreiben bemerken. Doch wäre es besser, es wäre so mancher Taugenichts schon in Deutschland oder vielmehr in der Schweiz aufgehängt worden, als daß sie nach Brasilien geschickt worden sind. Denn Viele sind hier, die nur gut leben wollen und nichts arbeiten. Ich will euch nun aber die gründliche Wahrheit einigermaßen schreiben über den Aufruhr der Kolonie. Die Einwanderung der Schweizer war einige Jahre stark, und diese Leute sind mehrstens alle auf Vorschuß der Gemeinden hereingekommen, welches aber mehrstens Leute waren, die keine schwere Arbeit gewohnt waren, z. B. Fabriksleute, Soldaten und auch sogar welche, die dort weiter nichts gethan haben als gebettelt. Diesen Leuten gefiel es nun natürlich nicht und sie haben nun einen schlechten Brief um den andern nach Hause geschrieben, und es entstand eine große Unzufriedenheit gegen den Herrn und die Verwaltung. Endlich kam noch Oel ins Feuer, nämlich der Schullehrer Davatz, welcher sagte, er wäre von der Schweiz abgeschickt, um die Sache zu untersuchen, was die Schweizer nach Hause geschrieben hatten. Nun wurden Zusammenkünfte gehalten und Berathschlagungen. Endlich 1856 kurz vor Weihnachten wurden wir Thüringer auch verlangt, und der Lehrer Davatz stellte uns die Sache vor, wie sie es anfangen wollten, daß wir wenig oder gar keine Schulden behielten. Ich hielt ihm zwar in manchen Punkten Widerpart; sie aber behaupteten, es wäre Betrügerei. Jetzt wurde uns nun ein schriftlicher Aufsatz vorgelesen, welcher uns auf keine Art zum Nachtheile sein konnte. Der Inhalt desselben war weiter gar nichts, als sie verlangten eine kaiserliche Untersuchung, dieweil sie glaubten, sie würden betrogen. Unter diesen Aufsatz mußte sich ein Jeder unterschreiben, Schweizer sowohl wie Thüringer. Wenn ich nicht irre, so waren es beinahe hundert Personen. Hierauf wurde der Davatz zum Herrn berufen, höchst wahrscheinlich die Sache abzumachen und den Aufruhr zu vermeiden. Aber die Schweizer glaubten, sie wollten ihn fangen und ins Kathe oder Zuchthaus bringen. Jetzt auf einmal wurde ein Leben und ein Spectakel auf der Straße, und Alles lief mit Flinten, Pistolen, Spießen, Mistgabeln auf die Fazende los, und es hieß: wir reißen die Fazenden

de ein, erschießen den Herrn und Director. Jetzt nun was mache ich? Nicht den geringsten Aerger hatte ich gegen den Herrn noch gegen den Director; doch aus Furcht vor den Schweizern gehe ich auch langsam hinten nach, aber ohne Stock und ohne Gewehr, nur daß es hieß, ich wäre dabei. Es kam aber nicht zum Angriffe; denn Davatz kam von der Fazende zurück und hat die Rebellen auf dem Wege wider beruhigt. Davatz sein Benehmen war sehr sanft und gelassen. Noch habe ich zu bemerken, daß ich mich zweier Punkte wegen unterschrieben habe, welche mir bedenklich waren. Dieses erstens waren die vielen Reise- und Aufenthaltskosten von Santos bis hierher, und zweitens glaubten wir, es würde zu wenig bezahlt für den Kaffee, weil es immer hieß, auf andern Kolonien kostete er mehr. Befand aber dieses die Untersuchung für richtig, so waren wir zufrieden und sind zufrieden. Darauf sind nachher drei Untersuchungen gekommen, wovon aber die erste von den Kolonisten nicht angenommen wurde. Es ist nun einigen Kolonisten in ihrer Rechnung etwas zu gute gekommen, aber nur wenigen. Davatz hat die Kolonie verlassen müssen, sowie die andern Rebellen auch. Sieben Familien haben kaiserliches Land verlangt, haben es auch erhalten, sind aber gestorben bis auf 3 Mann. Dieses war natürlich eine sehr ungesunde Gegend. Die andern sind zerstreut; ich weiß sie nicht alle zusammenzusuchen und ist ihnen schlecht ergangen, seit sie die Kolonie verlassen haben müssen. Auch sind viele Familien hier, die so sehr böse nicht waren. Es sind Familien hier, die 2500 Milreis Schulden haben und wenig arbeiten, auch wenig oder gar nichts pflanzen, obgleich sie Pflanzland bekommen so viel wie sie wollen; auch bekommen sie noch immer von der Fazende so viel was sie für Lebensnothdurft brauchen, und sind auch mit mir ins Land gekommen. Welcher Herr würde dieß wohl thun in Deutschland?

Ich will nun aufhören mit der Rebellions-Geschichte; ihr wißt doch wenigstens nun, daß ich nicht aufgehängt worden bin. Ich befinde mich Gott sei Dank mit meiner Familie gesund und wohl und wünsche aber auch, daß es euch allen so ergehen möchte wie uns. Auch sind unsere Schulden immer viel weniger und nicht mehr, wie bei Vielen der Fall ist. Künftige Kaffeerechnung wird wenig oder gar nichts übrig bleiben, obgleich die Schuld die ersten drei Jahre auf 1600 Milreis gelaufen war. Auch habe ich jetzt ein Pferd und Geschirre, vier Kühe, eine im Stalle zur Milch und drei auf der Weide. Auch treibe ich die Schlachtereie und schlachte jede Woche ein, auch wohl zwei Rindstücke. Da geht das Fleisch aber schneller ab als wie bei euch; denn wenn ich Vormittags mit meinen zwei Jungen, Berthold und Hermann, ein Stück schlachte, auf den Abend habe ich schon kein Fleisch mehr. Meine Bertha ist seit einem Jahre verheirathet mit Ernst Escher aus Remptendorf und stehen sich sehr gut. Auch hat

sie schon einen kleinen Sohn, welcher den 27. d. M. getauft worden ist. An ihrer Hochzeit ist es sehr lustig zugegangen, wo wir gewiß 30 Personen Hochzeitsgäste drei Tage zu Tische gehabt haben. Würde ich dieses in Deutschland auch haben machen können? Diejenigen, die auswandern wollen, brauchen nicht vielleicht zu denken, daß, wenn sie nach Brasilien kommen, sie es gleich so haben, wie ich schreibe. Nein, es glückt nicht Allen; denn es hat immer eine Familie mehr durchzumachen als die andere; auch kann sich nicht ein Jeder in Alles schicken wie ich. Du, liebe Schwester und Schwager, wie mir mein Schwager Carl gesagt hat, so willst du auch zu uns kommen. Darum lobe ich dich; bleibe fest stehen an deinem Vorsatze und laß dich nicht abschrecken und ziehe noch länger an dem Hungerkarren. Denn was ich euch schreibe ist Wahrheit; denn wenn es schlecht wäre wie zu Hause, so würde ich euch erstens nicht herein haben wollen und zweitens würden wir nicht mehr leben. Noch etwas an dich, liebe Bruder. Schon einigemal habe ich mit unserm Herrn von dir gesprochen, und er wünschte dich als Wagnermeister auf seine Fazenda. Es sind zwar schon zwei Wagner da, aber nur Pfuscher; das eine ist ein Zimmermann und das andere ein Tischler. Er verspricht dir einen vorläufigen jährlichen Lohn von 700 Milreis oder 1050 Gulden, freie Wohnung, freie Kost, eine Kuh zur Milch, auf die Weide auch ein oder zwei Pferde. Die Kost ist nämlich auf die ganze Familie, wenn du welche hast. Mit der Kost ist es so: du holst Alles auf der Fazenda, was du brauchst, und deine Frau kann nachher selber kochen, wie sie will. Solltest du und deine Frau vielleicht Lust haben, zu uns herüber zu kommen, so besinne dich nicht lange; verkauf dein bißchen Sachen, und ich glaube doch, daß es hier für dich und deine Kinder vortheilhafter ist als in Deutschland. Denn gewiß in wenigen Jahren wirst du, wenn du gesund bist, ein schönes Vermögen verdient haben. Und wenn unsere Schwester Ricke auch noch hereinkommen sollte, dann wären wir doch alle beisammen. Ueberlege dir es und komme herein. Ob ich mir gleich schon einen neuen Wagen bestellt habe auf S. Jeronymo, so will ich es aber wieder aussagen und erwarten, bis du vielleicht kommen solltest. Denn wenn du mir einen machen würdest, der würde mir doch weit lieber sein als von einem Andern. Dein bestes Werkzeug könntest du mitnehmen, hauptsächlich die großen Radbohrer. Du bekommst zwar alles Werkzeug auch von der Fazenda, aber es ist doch besser, wenn du eigenes hast. Versieh dich gut mit Schuhwerk, aber leichtes; denn das Schuhwerk ist hier sehr theuer: ein Paar Schuhe für dich 7 Milreis. Nimm auch deinen Mantel mit, wenn er noch gut ist; denn dieser ist hier auch was werth. (Er soll auch Schuhe für den Bruder mitbringen.) Christian würde auch viel Geld verdienen können als Schuhmacher, wenn er zu uns käme; denn die Schuhmacher sind hier sehr rar und sehr theuer. Ich hatte dir einmal geschrieben, daß man das

Biertrinken hier sich abgewöhnen müßte. Dieses ist wohl wahr; aber wenn man Geld verdient, wie du hier würdest verdienen, dann fragt man auch nichts danach, wenn die Flasche Bier oder Wein einen Thaler kostet, man kann doch auch zu Zeiten eine Flasche Bier oder Wein trinken. Hier geht man aber nicht zu Fuße zum Biere, sondern man setzt sich auf sein Pferd und reitet in die Stadt, wer nämlich eins hat. Auch nicht Alle haben Pferd. (Folgen Rathschläge für den Fall, daß die Verwandten nach Brasilien kämen. besonders über mitzunehmende Gegenstände.) Alle Nationen Menschen sind hier; ich will sie euch nennen, die mehrsten. Es sind hier: Schweizer, Thüringer, Preußen, Polen, Portugaller, Franzosen, Spanier, Belgier, Rheinländer, und katholischen, protestantischen und jüdischen Glaubens. Auch sind noch Holsteiner da. Bringt einen Schullehrer mit, der fehlt uns immer noch; wenn er auch nicht lang so gelehrt ist, wie sie in Deutschland müssen sein: das kommt hier nicht so darauf an. Wir hatten zwar schon welche, aber jeden nicht lange; der eine war ein Trinker, und Davatz war ein tüchtiger Lehrer, mußte aber der Unruhe wegen wieder fort. Der Davatz hatte einen freiwilligen Besold, welcher sich auf 500 Milreis belief, und sein Pflanzland dabei; denn seine Familie war stark. Ich auf meine Person habe ihm bewilligt 10 Milreis jährlich. (Folgen Grüße an Bekannte.) Ob ich gleich schon über 5 Jahre in Brasilien bin und es viel besser als in Deutschland, so kann ich doch mein Vaterland nicht vergessen, und ich wünsche immer: wenn ich nur noch einmal nach Deutschland kommen sollte, daß ich mit meinen Freunden und Verwandten sprechen könnte! Aber draußen bleiben möchte ich doch nicht. Ich muß gestehen, daß ich der fleißigste Kirchengänger nicht war; aber wie oft habe ich mir schon gewünscht: wenn du doch nur noch einmal in die Döschnitzer Kirche kommen solltest und die Orgel und den Pfarrer Elsässer hörtest!

(Folgen Familienangelegenheiten, Bestimmungen über den Kaffee, welchen der Verfasser des Briefes zum Geschenk sendet, und Grüße zum Schluß.)"

Carl Graner¹

¹ Na Relação de colonos da Fazenda Ibicaba encontra-se o nome de Carl Graner mas escrito de outra maneira: Karl Grahner; www.rootweb.com/~brawgw/alemanha/FamiliasSP.htm

19. *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. N°. 33, 2 de setembro de 1859.

Deixamos que siga a carta do colono Graner, que emigrou no ano de 1853. A ortografia desta carta é bem mais fraca que a do anterior; além das modificações com relação a isto e à pontuação não nos permitimos nenhuma outra modificação.

Ibicaba, 30 de novembro de 1858

Caros irmãos e cunhados! Deus os abençoe de nossa parte, pois não podemos saudá-los pessoalmente. Ainda que o meu cunhado Carl Müller já tenha escrito em sua carta a meu respeito, não posso deixar também de mandar algumas linhas, pois só ontem à noite ele me enviou uma cartinha sobre a qual me surpreendi muito, isto é, sobre a grande mentira falada a meu respeito na Alemanha e mesmo impressa nos jornais, a saber, de que nos jornais publicados, eu me encontrava entre os revoltosos da colônia e comentava-se mesmo de que eu havia sido enforcado. Não acreditem, pois foi exatamente o contrário disso, sempre falando aqui e ali para o bem e, enforcado não fui mesmo, como vocês poderão perceber através da minha carta. Seria sim melhor se alguns patifes fossem enforcados na Alemanha ou mesmo antes na Suíça do que serem enviados para o Brasil, pois muitos dos que aqui estão só querem viver bem e não trabalhar. Mas vou lhes escrever, em certa medida, a verdade profunda sobre a revolta da colônia. A imigração de suíços foi grande durante alguns anos e a maioria dessas pessoas veio com empréstimo feito pelas comunidades, mas eram pessoas que não estavam acostumadas com o trabalho árduo como, por exemplo, trabalhadores de fábrica, soldados e mesmo tais que lá não faziam nada a não ser mendigar. Esta gente, naturalmente, não gostou de nada aqui e, então, escreveu para casa uma carta má atrás da outra dando origem a uma grande insatisfação contra o senhor proprietário e a administração. Finalmente ainda foi jogado óleo na fogueira, a saber, o professor primário Davatz que dissera ter sido enviado pela Suíça para averiguar as coisas sobre as quais os suíços haviam escrito. Foram feitas reuniões e conselhos. Finalmente, em 1856, um pouco antes do Natal, nós os turíngios fomos chamados e o professor Davatz nos expôs como eles desejavam fazer para que nós tivéssemos menos ou nenhuma dívida. É verdade que discordei em alguns pontos, mas eles (sic) afirmavam que tudo era enganação. Daí nos foi lido um documento, que não podia nos ser, de maneira alguma, prejudicial. O conteúdo do mesmo não era nada mais do que a exigência de uma

investigação imperial, pois os colonos acreditavam estarem sendo enganados. No fim deste documento, todos tinham que assinar, tanto suíços quanto turíngios. Se não me engano, eram quase cem pessoas. Davatz foi chamado, em seguida, pelo senhor (proprietário da fazenda) provavelmente para arranjar as coisas e evitar a revolta. Mas os suíços pensaram que eles quisessem prendê-lo e levá-lo para uma cabana ou uma prisão. De uma hora para a outra iniciou-se um movimento e agitação na rua e todo mundo começou a correr em direção à fazenda com espingarda, pistola, lança, forcado e dizia-se: vamos destruir a fazenda, balar o dono e o diretor. E agora, o que devo fazer? Eu não tinha a mínima queixa contra o dono nem contra o diretor, mas sim, por medo dos suíços, fui indo de vagar atrás deles, mas sem pau e sem arma, só para que dissessem que eu estava junto. Não se chegou ao ataque, pois Davatz voltou da fazenda e acalmou novamente os rebeldes pelo caminho. O comportamento de Davatz foi muito brando e calmo. Ainda tenho que assinalar, que assinei (o documento) devido a dois pontos que me pareceram duvidosos. O primeiro era relativo aos custos demasiado alto da viagem e do alojamento de Santos até aqui, e o segundo, achávamos que se pagava muito pouco pelo café, pois sempre se dizia que nas outras colônias este custava mais. Mas, se a investigação julgasse que isto estava certo, ficaríamos assim satisfeitos e estamos satisfeitos. Logo em seguida, foram realizadas três investigações, das quais a primeira não foi aprovada pelos colonos. Bem, alguns colonos receberam benefícios em suas contas, mas muito poucos. Davatz teve que abandonar a colônia assim como os outros rebeldes também. Sete famílias exigiram terras pertencentes ao Império, o que obtiveram, mas todos morreram com exceção de 3 homens. Estas terras se encontravam numa região muito insalubre. Os outros se dispersaram; eu não saberia onde procurá-los, mas eles têm passado mal desde que foram obrigados a abandonar a colônia. Também há ainda aqui muitas famílias que não são tão más assim. Há famílias aqui que contraíram 2500 mil-réis de dívida e pouco trabalham, plantam pouco ou absolutamente nada, apesar de poderem receber o tanto de terra arável que desejarem. Receberam da fazenda, até agora, o tanto que necessitavam para viver e vieram para cá comigo. Que senhor faria isso na Alemanha?

Bem, chega de história sobre a revolta; vocês, pelo menos, agora sabem que eu não fui enforcado. Graças a Deus me encontro, juntamente com a minha família, com saúde e bem e desejo também que vocês todos estejam tão bem quanto nós. As nossas dívidas também estão cada vez menores e não maiores como é o caso de muitos. Depois do próximo acerto de contas do café, ficarão menores ou não vai sobrar nada, embora a dívida dos três primeiros

anos tivesse chegado a 1600 réis. Também já tenho um cavalo e arreio, quatro vacas, uma no curral para leite e três no pasto. Possuo também um matadouro e abato todas as semanas uma, até mesmo duas cabeças de gado. A carne aqui vai embora mais rapidamente do que aí entre vocês; pois quando eu com os meus dois filhos, Berthold e Hermann, abatemos um boi pela manhã, à noite já não tenho mais carne. Minha Bertha está casada há um ano com Ernst Escher de Remptendorf e estão muito bem de vida. Ela já tem o seu filhinho, que foi batizado no dia 27 deste mês. No seu casamento tivemos à mesa 30 pessoas como convidados durante 3 dias. Será que eu poderia ter feito isso na Alemanha? Aqueles que quiserem emigrar não devem pensar porventura que, ao chegarem ao Brasil, será logo tudo como eu escrevo. Não, nem todos são bem sucedidos. Há sempre uma família que sofre mais que as outras; também nem todo mundo pode se conformar com tudo como eu. Como o meu cunhado Carl me disse, você, querida irmã e cunhado, também você deseja vir para cá. Por causa disso louvo vocês; fiquem firmes no teu propósito e não se deixem desanimar, não puxem ainda por mais tempo a carroça da fome. O que lhes escrevo é a verdade, pois se fosse tão ruim quanto aí em casa, eu, primeiro, não os quereria aqui e, segundo, nós não viveríamos mais. Ainda mais uma coisa para você, querido irmão. Já algumas vezes falei com o nosso senhor sobre você e ele o quer como fabricante de carroça na sua fazenda. É verdade que já há dois fabricantes de carroça aqui, mas só charlatões; um é carpinteiro e o outro marceneiro. Ele promete de início a você um salário anual de 700 mil-réis ou 1050 florins, moradia gratuita, alimentação gratuita, uma vaca leiteira e um ou dois cavalos no pasto. A alimentação, a saber, é para toda a família se você tiver uma. Com a alimentação é o seguinte: você pega tudo o que necessita da fazenda e a sua esposa pode depois fazer ela própria a comida como desejar. Se você e a sua esposa talvez tiverem vontade de vir nos encontrar, não pense muito; venda os seus poucos pertences e eu acho mesmo que, para você e para a sua família aqui é mais vantajoso do que na Alemanha pois você, com certeza, terá ganho um bela fortuna em poucos anos se permanecer saudável. E se a nossa irmã Ricke ainda quiser vir, então ficaríamos todos juntos. Pense e venha. Apesar de eu já ter encomendado uma nova carroça aqui em São Jerônimo, vou desencomendá-la e esperar até que você, quem sabe, venha, pois se você me fizesse uma, ela seria muito mais do meu gosto do que uma feita por um outro qualquer. Deve trazer as suas melhores ferramentas principalmente a sua furadeira manual. Embora você receba todas as ferramentas da fazenda assim mesmo é melhor ter as suas próprias. Abasteça-se bem de calçados, mas leves, pois aqui os calçados são muito caros: um par de sapatos para você custa 7 mil-réis. Traga também o seu casaco se ainda estiver bom, pois este aqui também tem

valor. (Ele também deve levar sapatos para o irmão.)

Christian também poderia ganhar muito dinheiro como sapateiro se ele viesse para cá porque sapateiro aqui é muito raro e caro. Eu havia escrito para você anteriormente que era preciso aqui se desacostumar de beber cerveja. Isto é verdade, mas, ganhando dinheiro como você aqui ganharia, ninguém se importa mais se a garrafa de cerveja ou vinho custar um táler e se pode, de tempos em tempos, tomar uma garrafa de cerveja ou vinho. Aqui não se vai a pé tomar cerveja, mas sim, monta-se num cavalo quem o tiver e se vai cavalgando para a cidade. Nem todos possuem cavalos. (Seguem-se conselhos se por acaso os parentes quiserem ir para o Brasil, sobretudo, sobre os objetos a serem levados.) Homens de todas as nacionalidades vivem aqui; eu vou mencioná-los. Há aqui: suíços, turíngios, prussianos, poloneses, portugueses, franceses, espanhóis, belgas, renanos e de crença católica, protestante e judaica. Também há (pessoas de) Holstein. Traga um professor primário que sempre nos falta aqui, mesmo que ele não seja muito erudito como é necessário na Alemanha. Isto aqui não é importante. Nós já tivemos alguns, mas todos por pouco tempo; um deles era um beberrão e Davatz era um professor muito capaz, mas devido à revolta, teve que partir. Davatz tinha um pagamento voluntário que montava a 500 mil-réis e mais terra arável, pois sua família era numerosa. Com respeito a mim, dava-lhe anualmente 10 mil-réis. (Seguem saudações a conhecidos.) Apesar de eu já estar a mais de 5 anos no Brasil e de estar bem melhor do que na Alemanha, não consigo me esquecer da minha pátria e eu sempre desejo: ah, se eu pudesse ir só mais uma vez para a Alemanha para conversar com os meus amigos e parentes! Mas, ficar por lá, isso eu não queria. Eu preciso confessar que nunca fui um fiel árduo e praticante, mas quantas vezes eu já desejei: ah, se eu pudesse ir novamente à igreja de Döschnitzer e ouvir o órgão e o padre Elsässer!

(Seguem assuntos familiares, determinação sobre o café que o autor da carta envia como presente e saudações finais.)

Carl Gräner

20. *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. Nr. 38, 21. September 1860.

Ein Brief aus Brasilien von der Familie Grob aus dem Schönenberg, Gemeinde Wattwyl, Canton St. Gallen.

San Joze, bei San Joao do Rio Clara, am 20. Mai 1860.

Liebe Unsrige! Schon lange fühlten wir und sagten davon, daß es an der Zeit wäre, wieder einmal heimzuschreiben; sie werden daheim gewiß glauben, daß wir Alle zu Grunde gegangen seien. Einige Notizen von Herrn Kuhn werden Euch aber das Gegentheile bewiesen haben; denn so lange derselbe in Rio war, standen wir mit ihm in schriftlichem Verkehre.

Wir alle sind Gottlob! recht gesund und wohl, arbeiten tüchtig und essen wacker. Nein, Ihr müßt in keiner Beziehung um uns besorgt sein. Das menschliche Wünschen und Begehren geht zwar weit, besonders im fremden Lande, aber wir sind doch recht zufrieden so, wie es uns geht. Wir sind zwar immer noch Söldner und haben noch kein eigen Land gekauft, einestheils weil wir so recht ordentlich verdienen können und nicht zu gebunden sind, und andertheils weil Anwesen, wie wir sie wünschen, nicht leicht zu erhalten sind. Ich habe, wie ich glaube, schon im ersten Briefe hierüber Mittheilung gemacht. Die Landbesitzer verstehen es hier nicht, jede Handbreit Erde zu benutzen; ihr größter Stolz besteht darin, recht viel zu besitzen. Es gibt sehr viele, die nicht den tausendsten Theil ihres Landes cultiviren. Nur in der Nähe der Ortschaften taxirt man das Maß des Landes nach Alqueiras (sic) (eine Alqueira ist gleich 6 Jucharten), sonst sagt man: der und der besitzt $1/2$, $1/4$ oder 1 Legua Land (eine Legua hat einen Umfang von $1\ 1/2$ Stunden). Bei Ibicaba wohnt Einer, dessen Landbesitz sich 7 Leguas in die Länge und $1\ 1/2$ Legua in die Breite ausdehnt, und es sind gar Viele, die nach Euren Begriffen eine ganze Gemeinde besitzen. Nach dem Absterben der jetzigen Generation wird sich dieses Verhältniß aber schon anders gestalten, wenn einmal die Kinder diese großen Güter untereinander vertheilen. Kinder haben sie sehr viele, meistens 8, 10, 12, 14 und mehr.

Wie schon oben bemerkt, verdienen wir hier ordentlich: letztes Jahr pflückten wir 1650 Alqueiren Kaffee; von jeder Alqueire wurden uns 400 Reis bezahlt (340 -350 Reis sind ungefähr 1 Fr). Die bevorstehende Ernte wird ungefähr wieder das Gleiche liefern. Es kostet freilich Arbeit, bis ein Stück Kaffee von 6000 Bäumen 4 - 5 Mal des Jahres gehackt, gereinigt und ge-

erntet ist; aber 1900 - 2000 Fr. sind auch nicht auf der Straße aufzulesen; dann können wir noch über unsere Bedürfnisse hinaus anpflanzen, was auch wieder mehrer 100 Fr. einbringt. Zu kaufen brauchen wir nichts als Kleider, nämlich für Jeden 2 Paar Hosen, 3 Hemden und einen Strohhut, das ist Alles. Unser Mehl bereiten wir uns selbst von Mandioca, halten einige Schweine und haben eigene Milch und Eier. Ich habe mich nun auch auf das Pflanzen von Kabis, Kohlrüben und Rübli verlegt und verspreche mir dadurch einen Gewinn von mehr als 200 Fr.; denn für einen ordentlichen Kabiskopf bekomme ich gern einen halben Franken, oft 60 - 70 Rp. Ebenso habe ich einen Blumengarten angelegt und die hiesigen Frucht- und Obstsorten gesammelt. Ananas, Bananen, Orangen, Zitronen, Granatäpfel, Jambos und Rosenäpfel, Gujaven, Feigen und noch andere Früchte, deren Namen ich nicht kenne. Dann an Wurzelfrüchten: Mandioca, Kara, Kartoffeln, Arrowroot, woraus man Mehl macht und das Pfd. zu 1 Fr. 20 Rp. verkauft.

(Fortsetzung folgt.)

20. *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*; Nr. 38, 21 de setembro de 1860.

Uma carta do Brasil da família Grob de Schönenberg, comuna de Wattwyl, Cantão Sant Gallen.

São José, próximo de São João do Rio Claro, 20 de maio de 1860.

Nossos queridos ! Há tempos que sentimos e falamos muito, que estaria na hora de escrevermos novamente para casa; eles devem achar, certamente, que nós todos fomos parar no fundo do poço. Algumas notícias do senhor Kuhn lhes darão prova do contrário; pois enquanto estive no Rio, mantínhamos, por escrito, contato com ele.

Graças a Deus, estamos todos com boa saúde e bem, trabalhamos muito e comemos dignamente. Não, vocês não precisam de maneira alguma se preocupar conosco. É verdade que os desejos e as ambições humanas vão longe, principalmente em países estranhos, mas

estamos bem satisfeitos assim como nos encontramos. Ainda somos, é certo, assalariados e não compramos ainda a nossa própria terra porque, por um lado, podemos assim ganhar bastante e não temos muito compromisso e, de outro, não é fácil obter propriedade como desejamos. Acredito já ter mencionado sobre isso na primeira carta. Os fazendeiros aqui não sabem usar toda a terra de que dispõem; todo o seu orgulho está em possuir muito. Há muitos deles que não cultivam nem uma milésima parte das suas terras. Somente nas redondezas de lugarejos é que se mede a terra em alqueires (um alqueire corresponde a 6 Juchart), e não se diz: tal e tal pessoa possui 1/2, 1/4 ou 1 légua de terra (uma légua tem uma extensão de 1 1/2 hora). Perto de Ibicaba mora um sujeito, cuja propriedade se estende por 7 léguas de comprimento e uma légua e meia de largura e há mesmo muitos que, no entender de vocês, possuem uma comunidade inteira. Depois da morte da atual geração esta relação tomará outra forma, quando os filhos dividirem entre si essas grandes propriedades. Eles têm muitos filhos, na maioria 8, 10, 12, 14 e mais ainda.

Como já mencionei acima, nós aqui ganhamos bem: no ano passado colhemos 1650 alqueires de café; para cada alqueire nos foi pago 400 réis (340 - 350 réis equivale cerca de 1 franco). A próxima colheita dará aproximadamente o mesmo. Dá, certamente, trabalho até que um lote de café com 6000 pés seja de 4 a 5 vezes por ano sachado, limpo e colhido; mas 1900, 2000 francos não se acha na rua. Podemos ainda plantar além do que necessitamos, o que rende mais de 100 francos. Não precisamos comprar nada além de roupa, isto é, para cada um, 2 pares de calça, 3 camisas e um chapéu de palha e isso é tudo. A nossa farinha, nós mesmos preparamos da mandioca, criamos alguns porcos e temos o nosso próprio leite e ovos. Eu me dedico também à plantação de repolho, de beterraba e nabo e espero com isso um rendimento de mais de 200 francos, pois por uma cabeça de tamanho considerável de repolho, ganho bem meio franco, freqüentemente 60 - 70 Rp.*** Além disso, plantei um jardim de flores e juntei (em um pomar) as espécies de frutos e frutas daqui: abacaxis, bananas, laranjas, limões, romãs, jambos e maçãs rosas, goiabas, figos e outras frutas, cujo nome desconheço. Depois os frutos de raízes: mandioca, cará, batatas, arrowroot**** de onde se faz farinha e se vende o meio-quilo por 1 franco e 20 Rp.

(segue continuação)

* N. da T.: medida de terra usada na Suíça. 1 Juchart corresponde a 34-47 ha.

** N. da T.: 1 hora corresponde de 4 a 5 km.

*** N. da T.: Rappen = centavos de franco suíço.

**** N. da T.: em inglês no original. Trata-se da araruta, *Maranta arundinacea*, erva perene com ampla distribuição na América tropical, de cujo rizoma se extrai uma fécula branca utilizada na alimentação; Oxford English Dictionary.

(20) *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. Nr. 39, 28. Sept. 1860.

Ein Brief aus Brasilien von der Familie Grob aus dem Schönenberg.

(Fortsetzung)

Die Lebensmittelpreise sind ungefähr folgende: (die Alqueire ist ein Hohlmaß von ungefähr 1 1/2 Fuß Cubikinhalte.) 1 Alqueire Bohnen kostet 8 Milreis, 1 Alq. Reis 1 -3 Milr., 1 Alq. Mandiocamehl 4 - 10 Milr., Mais 1 Milr., Speck, der sehr stark gesalzen werden muß, um ihn vor Ungeziefer zu schützen, die Arroba oder 32 Pfd. zu 10 Milr., (Schweineschmalz ist hier unbekannt). Zucker, der jetzt sehr theuer ist, 8 Milr. die Arroba, frische Butter 80 Reis das Pfd., Weizenmehl 360 Reis das Pfd., Rindfleisch 80 Reis, Unschlitt 8 - 10 Milr. die Arroba, 1 Flasche Wein 1 - 2 Milr., Champagner 5 Milreis, Bier 500 Reis die Flasche, Essig 600 Reis die Flasche, Branntwein 400 Reis. Die Preise der Landeserzeugnisse sind immer sehr schwankend, steigen sehr bald um das Zwei- und Dreifache des gewöhnlichen Preises, wenn Mangel vorhanden ist, und fallen ebenso, wenn Ueberfluß ist. Die aus dem Auslande bezogenen Produkte, wie Wein und Bier, haben dagegen immer die gleichen Preise. - Die Kartoffeln gerathen in der Regel hier nicht gut, werden auch selten mehlig, können aber des Jahres zweimal gepflanzt werden. 70 - 80 Pfd. gelten ungefähr 9 Fr.

Dieser hohe Preis aller Lebensmittel läßt begreiflich auch hohe Arbeitslöhne voraussetzen. Für weniger als 1 Milreis per Tag wird selten gearbeitet, Handwerker beziehen 2 - 3 Milreis

und noch mehr. Klingende Münze ist hier selten, die Zahlungen geschehen meistens mit Papiergeld von der Staatsbank. Im Kleinverkehre hat man Kupfer, sehr schwer, wovon 2 Fr. auf ein Pfund gehen.

Neue Kolonisten sind seit 3 Jahren nur sehr wenige oder bereits keine angekommen. Mit denjenigen, die hier waren, wurde ein anderer Weg eingeschlagen, d. h. man behandelt sie ganz anders als früher. Einst wurde ihnen gegeben, was sie beehrten, Geld mit vollen Händen, Lebensmittel und Kleider in Hülle und Fülle, so daß sich die Leute an Nachlässigkeit und Bequemlichkeit gewöhnten, nicht arbeiten, in Schulden geriethen und so abhängig wurden, daß sie sich nie mehr frei machen können. Ich kenne Familien, die auf solche Weise eine Schuldenlast von 4000, 5000 bis 8000 Fr. erhielten. Mit diesen Geldspenden wollte man der Kolonie Credit verschaffen, oder besser gesagt, daß noch recht viele Kolonisten durch günstige Berichte herbeigelockt werden. Seit der bekannten Revolution hat sich aber dieses Verhältniß geändert. Jetzt braucht man diesen Köder nicht mehr, weil es nicht mehr zu fangen gibt, d. h. weil das Unglück der Veführten allgemein bekannt ist. Von den armen verschuldeten Kolonisten sucht man jetzt nur den größtmöglichen Vortheil zu erhaschen! man gibt ihnen nur das Allernothwendigste, um sie wenigstens vor dem Stehlen abzuhalten. Wäre diese Methode von Anfang an beobachtet worden, wahrhaftig, die Halbpachtkolonien stünden in größerem Credit! Jetzt sind sie überfüllt mit armen, verschuldeten - Sklaven.

In Angelina gedeiht eine junge Kolonie Vergueiros vortrefflich, weil die Kolonisten dort ganz anders behandelt werden und die Leute nicht zum Schuldenmachen verleitet wurden. Schon dieses Jahr werden einzelne Familien ganz schuldenfrei und haben sie sich den Grund einer unabhängigen Existenz gelegt. Es wohnen dort hauptsächlich Schweizer (Glarner, Bündtner und Argauer). Die Kolonie Ibicaba (sogenannte Musterkolonie) geht ihrem gänzlichen Zerfallen entgegen. Eine größtentheils bis über die Ohren verschuldete, an Schnaps, Spiel und Müßiggang gewöhnte Bevölkerung entwickelt nicht mehr die gehörige Thatkraft, um sich und ihre Kinder aus der abhängigen Stellung herauszuarbeiten. Das sage ich frei und offen: wer ohne Schulden, vielleicht noch mit etwas Geld nach Brasilien kommt und einigermaßen anständig ist, kann sich gut durchbringen. Nicht daß ich mit diesem das Auswanderungsfieber anfachen wollte, nein, da sei Gott vor! Ich möchte nicht die Flüche von nichterfüllten Hoffnungen und Erwartungen auf mich laden.

(Schluß folgt)

(20) *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. N.º. 39, 28 setembro de 1860.

Uma carta do Brasil da família Grob de Schöenberg.

(continuação)

Os preços dos gêneros alimentícios são aproximadamente o seguinte: (o alqueire é uma medida de capacidade de aproximadamente 1 1/2 pé de volume cúbico) 1 alqueire de feijão custa 8 mil-réis, 1 alq. de arroz de 1 a 3 mil-réis, 1 alq. de farinha de mandioca de 4 a 10 mil-réis., milho 1 mil-réis, toucinho, que tem que ser muito salgado para protegê-lo de bichos, custa o arroba ou 16 quilos* 10 mil-réis, (aqui é desconhecida a banha de porco). Açúcar, que no momento anda muito caro, custa 8 mil-réis o arroba, manteiga fresca 80 réis o meio quilo, farinha de trigo 360 réis o meio quilo, carne de vaca 80 réis, sebo 8 - 10 mil-réis a arroba, 1 garrafa de vinho 1 - 2 mil-réis, champagne 5 mil-réis, cerveja 500 réis a garrafa, vinagre 600 réis a garrafa, aguardente 400 réis. Os preços dos produtos nacionais são sempre muito instáveis, sobem logo ao dobro e ao triplo do preço habitual se houver ameaça de falta e caem, do mesmo modo, se houver abundância. Os produtos comprados no exterior, como vinho e cerveja, mantêm, em compensação, sempre os mesmos preços. - As batatas, via de regra, não dão bem aqui, raramente também ficam farinhentas, mas podem ser plantadas duas vezes ao ano. 35 - 40 kg valem aproximadamente 9 fr. Esse preço alto dos produtos alimentícios pressupõe também um alto salário. Por menos de 1 mil-réis por dia raramente se trabalha, artesãos recebem de 2 a 3 mil-réis e mais ainda. Moedas são raras aqui, os pagamentos são feitos, na maioria das vezes, em papel-moeda do Banco do Estado. Em transações pequenas se usa o cobre, muito pesado, do qual 1 quilo vale 4 francos.

Nos últimos 3 anos, chegaram muito poucos novos colonos ou nenhum. Com aqueles que estavam aqui, foi tomado um outro caminho, isto é, são tratados de forma bem diferente do que foram antigamente. Outrora lhes fora dado o que desejavam, dinheiro à vontade, alimento e vestimenta em abundância de modo que, as pessoas se habituaram à negligência e à comodidade, a não trabalhar, em se endividar e se tornaram tão dependentes que não poderão mais se libertar. Eu conheço famílias que desta maneira acabaram por adquirir uma dívida de 4000, 5000 até 8000 francos. Com esta liberação de dinheiro o que se pretendia era dar credibilidade à colônia, ou melhor, atrair muitos colonos através de notícias favoráveis. Desde

a conhecida revolução, tal relação sofreu mudanças. Agora não é mais necessário esta isca, pois não há mais nada para pescar, isto é, a infelicidade dos seduzidos é conhecida. Dos pobres colonos endividados tenta-se agora tirar a maior vantagem possível! Só lhes é dado o mínimo necessário para pelo menos impedi-los de roubar. Se este método fosse seguido desde o começo, as colônias de parceria teriam realmente credibilidade! Agora estão apinhadas de pobres e endividados - escravos.

Em Angelina, uma nova colônia Vergueiro está prosperando excelentemente pois lá os colonos são tratados de maneira bem diferente e as pessoas não foram conduzidas a contrair dívidas. Já neste ano algumas famílias estarão totalmente isentas de dívidas e lançaram os fundamentos para uma existência independente. Lá moram principalmente suíços (de Glânes, Bündte e Aargau). A colônia Ibicaba (chamada colônia modelo) vai ao encontro da sua completa ruína. Uma grande parte dos moradores, endividados até as orelhas, viciados em álcool, em jogo e na ociosidade não possui energia necessária para retirar a si próprio e seus filhos desta posição de dependência. Eu digo livre e abertamente: quem vier para o Brasil sem dívida e talvez com um pouco de dinheiro e for razoavelmente jeitoso, pode ganhar bem a vida. Não que eu queira com isso atizar a febre da emigração, não, Deus me livre. Não quero que as maldições das esperanças e expectativas não realizadas caiam sobre mim.

* N. da T.: 1 Pfund = 500 gr

(segue a continuação)

(20) *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. Nr. 40, 5. Oktober 1860.

Ein Brief aus Brasilien von der Familie Grob aus dem Schönenberg.

(Schluß)

Was das sittliche und religiöse Leben betrifft, so muß ich gestehen, daß noch dunkle Wolken und finstere Schatten über Brasilien lagern. Eine Bevölkerung ohne Bildung und Schule (die mittlere und untere Classe wenigstens) ist vollständig der Willkür der Geistlichen preisgegeben. Die Geistlichen aber selbst sind nicht das, was sie sein sollten. Viele von ihnen führen

einen durchaus unmoralischen Lebenswandel. So liegen viele Beispiele vor, dass Pfaffen nicht Zeit hatten, ihre kirchlichen Functionen (Copulationen und Taufe) zu verrichten, weil sie im Kartenspiele begriffen waren, und die Betreffenden, die vielleicht 2 - 3 Stunden weit hergekommen waren, bis den andern Tag warten mußten. Hier in San Joao hatten wie einen Geistlichen, der einem Manne seine Frau entführt hatte und mit ihr zusammenlebte. Ein anderer legte seinen Beichtkindern zur Sühnung ihrer Sünden die Buße auf, daß sie mehrere Tage unentgeltlich auf seinem Guten arbeiten mußten. Religionsunterricht wird den Kindern keiner ertheilt, und Predigten werden nur gehalten, wenn man den Geistlichen wenigstens 50 Milreis für eine solche bezahlt; begreiflich daher, daß hier das Volk unwissend ist. Daß es Protestanten gibt, wissen viele Brasilianer gar nicht, und Andere glauben, sie seien Ungetaufte. Wenn einer kein Christ, kein Jude, kein Türke ist, so ist er ein Protestant. Weiß man, daß Einer ein Protestant ist, so wird er nicht auf dem Kirchhofe, sondern auf dem Campo beerdigt. Hurerei ist in Brasilien etwas Gewöhnliches und wird bei offenen Thüren und Fenstern getrieben; wie man mir gesagt hat, soll selbst die Kirche Abends während des Rosenkranzes mit solch unsittlichen Handlungen entheiligt werden. Auch haben die Aerzte meistens nur Solche zu behandeln, die durch ausschweifendes, unsittliches Lebens ihre Gesundheit ruinirt haben.

Im letzten Herbste kam ein protestantischer Geistlicher von S. Paulo hier an, um auf den Kolonien zu predigen, zu taufen, zu confirmiren und zu copuliren. Auf Ibicaba wurden Verheirathete, die schon große Kinder hatten, confirmirt, weil sie sonst das heil. Abendmahl nicht hätten genießen dürfen. Bei Vielen war es seit 12 Jahren das erstemal, daß sie diese heilige Handlung begehen konnte; auch war es das erstemal, daß ein protestantischer Geistlicher hier war. Nach meinem Dafürhalten wäre es sehr am Platze, wenn der protestantische Hilfsverein seinen Wirkungskreis auch auf Brasilien ausdehnte. Denn hier wächst eine Generation auf ohne Schule, ohne Bildung, ohne Religionsunterricht, so daß sich demjenigen, der sich nur einigermaßen um die Würde des Menschen bekümmert, der Wunsch aufdrängt, es möchte hier auch in dieser Beziehung Etwas gethan werden. Von sich aus können die wenigsten hier wohnenden Deutschen etwas thun, ihre magern finanziellen Kräfte erlauben es nicht. Kommt nicht Hilfe von außen, so bleibt der Zustand wie er war und ist, und werden die Protestanten genöthigt, sich nach und nach dem katholischen Cultus anzuschließen.

Seine kirchlichen Feste, deren viele gefeiert werden, begeht der Brasilianer sehr geräuschvoll. Der Vorabend von heiligen Festen und Tagen wird immer mit Bällen, Tänzten und Festgela-

gen begangen: Feuerwerke der mannigfachsten Art und Geschützendonner charakterisiren diese Feste. Oftmals geben einzelne Reiche solche Kirchenfeste von sich aus, d. h. sie bestreiten alle und jede Ausgaben, die sich oft auf 20.000 bis 30.000 Fr. belaufen, je nachdem Einer Stolz hat. Oft werden aber auch Beiträge für solche Feste auf den Straßen gebettelt.

Nun ist mein Vorrath an Interessantem ziemlich erschöpft. Wünscht Ihr über Dieses oder Jenes mehr Auskunft, so bin ich gern bereit, sie Euch zu ertheilen; jedenfalls werde ich in Zukunft fleißiger an Euch schreiben.

Euer Wunsch, uns wieder bei Euch zu sehen, ist insoweit kein eitler, als wir unsere liebe alte Heimat noch nicht vergessen haben, und der Wunsch, wieder zurückzukehren, noch nicht erstorben ist. Wie bald dieß aber geschehen wird, können wir nicht sagen, wenigstens vor der Hand nicht. Jetzt können wir, wie schon gesagt, ordentlich verdienen, haben wenig Bedürfnisse, und unser Geld, das wir sicher angelegt haben, erträgt uns jährlich 12 Procent Zinsen. (Zwölf Procent sind die kleinsten Zinsen, es gibt Solche, die sich ihr Geld mit 24 - 30 Procent verzinsen lassen; in diesen Fällen ist dann aber das Capital nicht sicher untergebracht.) Ueberdieß befindet sich unser Vater sehr gut hier; so viel, sagt er, habe er in seinem Leben nie verdient wie hier, und ich glaube, daß er nicht der Erste wäre sich zu entschließen, nach der Heimat zurückzukehren. Was man verdient, verbleibt einem auch; man hat gar keine Steuern und Abgaben zu bezahlen, wenigstens der Fremde nicht, und wird man auch nicht ohne Schuhe und Strümpfe vom Winter überrascht.

Was das Verhältniß der hiesigen Deutschen zu einander betrifft, so erinnere ich mich oftmals an die Worte einer Frau im Riken, die da sagte: "ein wüsteres Volk als im Riken gibt es in der ganzen Welt nicht, sie mißgönnen einander die Sonne." Die Frau hatte nicht Recht; denn man trifft überall in der ganzen Welt, wo sich Deutsche befinden, also auch in Brasilien, noch Leute, die einander ihr Glück und sogar die Sonne mißgönnen.

Abraham Grob.

(20) *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. N.º. 40, 5 outubro de 1860.

Uma carta do Brasil da família Grob de Schöenberg.

(Fim)

Quanto à vida moral e religiosa, preciso confessar que ainda pairam sobre o Brasil nuvens pretas e sombras escuras. Uma população sem educação e escolarização (pelo menos as classes média e baixa) fica inteiramente abandonada à arbitrariedade do clero. Os clérigos mesmo, não são o que deveriam ser. Muitos entre eles levam uma vida completamente imoral. Há vários exemplos de padrecos que não tinham tempo de cumprir as suas funções religiosas (celebrar casamento e batismo) porque ficavam jogando baralho e os interessados, que muitas vezes viajaram 2 - 3 horas até lá, eram obrigados a aguardar até o dia seguinte. Tínhamos aqui em São João um sacerdote que roubou a mulher de um homem e passou a viver com ela. Um outro impôs aos seus confessados, como sacrifício pelos seus pecados, a penitência de ter que trabalhar vários dias, sem remuneração, nas terras dele. Aula de religião não é ministrada às crianças e sermões só são feitos se forem pagos aos clérigos no mínimo 50 mil-réis cada; compreende-se daí, que o povo aqui é ignorante. Muitos brasileiros não sabem que existem protestantes e outros acreditam que estes não são batizados. Se uma pessoa não é cristã, nem judia, nem turca, então, é um protestante. Sabe-se que alguém é protestante ele então não será enterrado no cemitério, mas sim no campo. No Brasil prostituição é algo usual e é praticada com portas e janelas abertas. Como disseram a mim, mesmo as igrejas à tardinha, durante o rosário, são profanadas com esses feitos imorais. Médicos, também só se tem para tratar tais pessoas que arruinaram a sua saúde através de uma vida libertina e imoral.

No último outono chegou de São Paulo um pastor protestante para pregar, batizar, confirmar e realizar casamentos nas colônias. Em Ibicaba, pessoas casadas que já tinham filhos grandes foram confirmadas porque senão não teriam podido participar da Eucaristia. Para muitos foi a primeira vez, após 12 anos, que puderam celebrar este ato religioso. Também foi a primeira vez que um pastor protestante veio aqui. A meu ver, seria muito oportuno se a associação protestante beneficente expandisse também no Brasil a sua esfera de atividades, pois aqui cresce uma geração sem escola, sem educação, sem aula de religião, de modo que, para aquele que tem uma certa preocupação com a dignidade do homem, impõem-se o desejo de que aqui também seja feito algo em relação a isso. Só poucos alemães que moram aqui

podem fazer algo por conta própria, pois as suas magras forças financeiras não lhes permitem. Se não vier ajuda externa então a situação permanece como era e é, e os protestantes serão obrigados, pouco a pouco, a aderir ao culto católico.

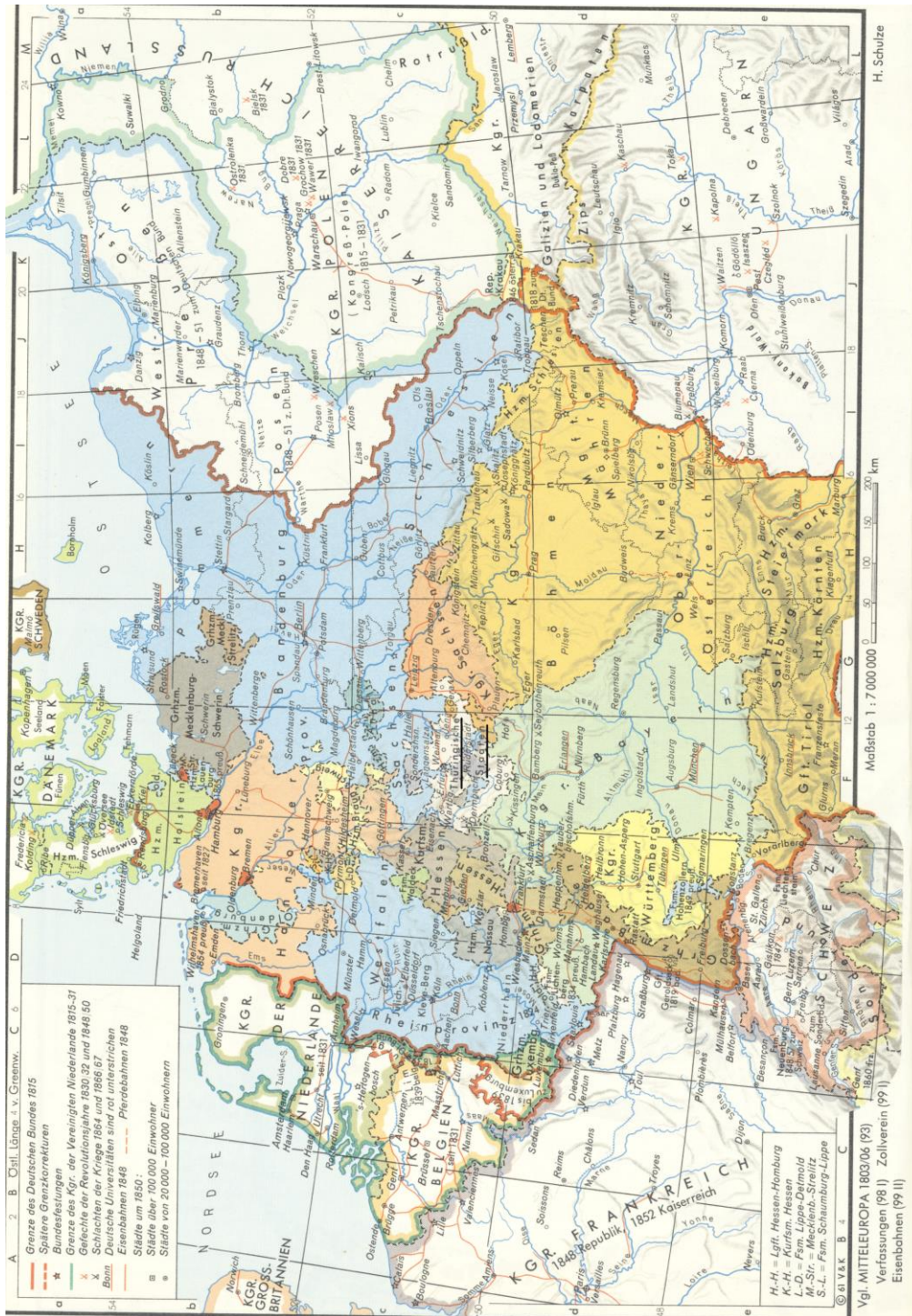
Os brasileiros praticam as suas festas religiosas, das quais muitas são festejadas, com muito barulho. As vésperas de festas e dias religiosos são comemoradas sempre com bailes, danças e festim; fogos de artifício de várias qualidades e, o ribombar de canhão caracterizam essas festas. Frequentemente alguns ricos dão essas festas religiosas, isto é, custeiam todas as despesas que montam muitas vezes a 20.000 - 30.000 francos, conforme o orgulho de cada um. Muitas vezes também são pedidas nas ruas contribuições para essas festas.

Pois bem, o meu estoque de coisas interessantes está bastante esgotado. Se vocês desejarem mais informações sobre isto ou aquilo, estou disposto, de bom grado, a lhes dar. Em todo caso, no futuro escrever-lhes-ei assiduamente.

O vosso desejo de nos ver novamente junto de vocês é muito nobre, já que nós ainda não nos esquecemos da nossa querida pátria e o desejo de regressar ainda não tenha morrido. Mas quão logo isto ocorrerá, por enquanto não podemos dizer. No momento, como já foi dito, podemos ganhar consideravelmente, temos poucas necessidades e o nosso dinheiro, que aplicamos com segurança, nos rende de juros anualmente 12 %. (12% são os juros mais baixos. Há aqueles que deixam o seu dinheiro render juros de 24 a 30%. Nestes casos, o capital não é guardado com segurança.) Além disso, o nosso pai se encontra muito bem aqui; ele diz que nunca ganhou tanto em sua vida como aqui e eu acredito que ele não seria o primeiro a decidir a voltar para sua pátria. O que se ganha fica para si mesmo; não se tem de pagar nenhum imposto e taxas, pelo menos os estrangeiros e não se é surpreendido pelo inverno sem sapatos e meias.

Sobre a relação dos alemães daqui, lembro-me frequentemente das palavras de uma mulher em Riken que dizia: "um povo tão brutal como em Riken não há no mundo todo, eles invejam o sol uns dos outros" A mulher não tinha razão, pois no mundo todo onde há alemães, isto é, também no Brasil, encontram-se pessoas que invejam umas das outras a sua sorte e até mesmo o sol.

Abraham Grob



Europa Central, 1815 – 1866. F. W. Putzger : Historischer Weltatlas.

Berlin, Velhagen und Klasing, 1965

Bibliografia

Alencastro, Luiz Felipe de : *L'empire du Brésil*. In: Duverger, M. (org.): *Le concept d'empire*. Paris, PUF, 1980; p. 301-309.

___ *Vida privada e ordem privada no Império*; in: Alencastro (org. do volume): *História da Vida Privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997; vol. 2, p. 67- 93.

___ & Maria Luiza Renaux: *Caras e modos dos migrantes e imigrantes* , in: Alencastro (org. do volume): *História da Vida Privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997; vol. 2, p. 291 - 335.

Azevedo, Celia Maria Marinho de: *Onda negra, medo branco. O Negro no imaginário das elites - Século XIX*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Bendocchi Alves, Débora: *Das Brasilienbild der deutschen Auswanderungswerbung im 19. Jahrhundert*. Berlin, WVB, 2000.

___ *Cartas de imigrantes como fonte para o historiador*. *Revista Brasileira de História*, vol. 23, n° 45, 2003. p.155 - 184.

Bade, Klaus: *Vom Auswanderungsland zum Einwanderungsland? Deutschland 1880-1980*. Berlin, Colloquium Verlag, 1983.

___ (org.): *Deutsche im Ausland, Fremde in Deutschland. Migration in Geschichte und Gegenwart*. München, Beck, 1992.

Bretting, A: *Die Reise*; in: Hoerde, Dirk und Knauf, Diethelm (ed.): *Aufbruch in den Fremde. Europäische Auswanderung nach Übersee*. Bremen, Ed. Temmen, 1992.

Cunha, Jorge Luiz da: *Rio Grande do Sul und die Deutsche Kolonisation*. Santa Cruz do Sul, UNISC, 1995.

Davatz, Thomas: *Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz São Paulo und deren Erhebung gegen ihre Bedrücker*. Chur, Druck v. Leon Hitz, 1858.

Dean, Warren: *Rio Claro: A Brazilian Plantation System, 1820 - 1920*. Stanford, Stanford University Press, 1976.

Fenske, H.: *Imperialistische Tendenzen in Deutschland vor 1866. Auswanderung, überseeische Bestrebung, Weltmachtträume*. *Historisches Jahrbuch*, 1978. p. 336 - 383.

Hall, Michael: *The origins of mass immigration in Brazil, 1871 - 1914*. Washington, tese de

doutoramento, Columbia University, 1969.

Handelmann, Heinrich : *Geschichte von Brasilien*. Zürich, Manesse Verlag, 1987; (1° ed. 1860).

Helbich, W., Kamphoefner, W. D. und Sommer, U. (org.): *Briefe aus Amerika. Deutsche Auswanderer schreiben aus der Neuen Welt, 1830 - 1930*. München, Beck, 1988.

Holanda, Sérgio Buarque de: *As colônias de parceria*; in: Holanda, S. B. (org.): *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo II, O Brasil Monárquico, vol. 3. São Paulo /Rio de Janeiro, DIFEL, 1976.

___ Prefácio do livro de Thomas Davatz: *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. (Reconquista do Brasil; n°. sér.; vol.11)

Kerst, S. Gottfried: *Ueber Brasilianische Zustände der Gegenwart, mit Bezug auf die deutsche Auswanderung nach Brasilien und das System der brasilianischen Pflanzer, den Mangel an afrikanischen Sklaven durch deutsche Proletarier zu ersetzen, zugleich zur Abfertigung der Schrift des kaiserl. bras. Prof. Dr. Gade*. Berlin 1853.

Kruger: *Wohin soll der Deutsche auswandern? Entwurf einer deutschen Kolonial-Politik*. Hamburg, Schuberth, 1857.

Lamounier, Maria Lúcia: *Da escravidão ao Trabalho Livre*. Campinas, Papyrus, 1988.

Lehmann, E.: *Die deutsche Auswanderung*. Berlin, Verlag von Georg Reimer, 1861.

List, Friedrich.: *Die Ackerverfassung, die Zwergwirtschaft und die Auswanderung*. 1842.

Lista dos Imigrantes das Fazendas Santa Justa. Fazenda de Santa Justa, 5 de Dezembro de 1858. Inspetor do 14. Quarteirão da Freguesia de Sta Thereza, Município de Valença. Gustavo Tomanik. Documento pertencente ao Museu Pe. Sebastião da Silva Pereira, Rio das Flores, Rio de Janeiro.

Marschalck, Peter: *Deutsche Überseewanderung im 19. Jahrhundert*. Stuttgart, Ernst Klett Verlag, 1973. (Industrielle Welt, Band 14).

Mikoletzky, Juliane: *Die deutsche Amerika-Auswanderung des 19. Jahrhunderts in der zeitgenössischen fiktionalen Literatur*. Tübingen, Max Niemeyer, 1988.

Mönckmeier, Wilhelm: *Die deutsche überseeische Auswanderung*. Jena, 1912.

Moraes, Borba de: *Bibliographia Brasiliana*. University of California, L. A.; Rio de Janeiro, Kosmo, 1983.

Roscher, W.: *Kolonien, Kolonialpolitik und Auswanderung*. Leipzig, 1856.

Ruhe, Rudolf. *Die Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert und ihre Beweggründe. I. Die Auswanderungs-*

bewegung 1834-1870. Rudolstädter Heimatsheft, Heft 11, 6 Jahrgang, nov. 1960, p. 269-277;

II. *Die Beweggründe*. Heft 12, 6 Jahrgang, dez. 1960, p. 301-316.

— *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert*. Rudolstädter Heimatheft, 4. Jg. 1958. p. 244 - 251.

— *Die "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung" - ein Presseerzeugnis des 19. Jahrhunderts aus Rudolstadt*. Rudolstädter Heimathefte, Heft 3/4, 22. Jahrgang, März/April 1976; p. 65 - 69.

Schäfer, Peter: *Das Amerikabild in Günther Fröbel "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung", 1846-1871*; in: Mesenhöller (org.): *Mundus Novus. Amerika oder Die Entdeckung des Bekannten*. Essen, Klartext, 1992.

Schentke, H. : *Mahnruf gegen die Auswanderung nach Brasilien*. Berlin, 1873.

Sudhaus, Fritz: *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien*. Hamburg, Hans Christians Verlag, 1940.

Tschudi, J. J. von: *Reise durch Südamerika*. Bde. 1 - 5. Leipzig, 1866 - 1869. Unveränderter Neudruck: Stuttgart, Brockhaus, 1971.

— *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980, p. 147. Tradução de Eduardo de Lima Castro. (Coleção Reconquista do Brasil; Nova Série, vol. 14).

Unbehaun, L. , Feldrapp, R.: *Rudostadt*. Bindlach, Gondrom, 1993.

Viotti da Costa, Emília: *Da Colônia à Senzala*. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1982.

— *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Wagner, Reinhardt: *Deutsche als Ersatz für Sklaven. Arbeitsmigranten aus Deutschland in der brasilianischen Provinz São Paulo 1847 - 1914*. Frankfurt, 1995.

Ziegler, Béatrice: *Schweizer statt Sklaven. Schweizerische Auswanderer in den Kaffee-Plantagen von São Paulo (1852 - 1866)*. Stuttgart, Steiner-Verlag-Wiesbaden, 1985.

Artigos de Jornais

Allgemeine Auswanderungs-Zeitung.

- "Der Bericht des Herrn Dr. Heusser", Nr. 46, 13. November 1857 (segue nos números 47, 48, 49, 50, 51).
- "Bericht über das Jahr 1856", 22 de maio de 1857.
- "Der deutsche Auswanderer gegenüber den brasilianischen Kolonisationsplänen", Nr. 40, 2. October 1857 (segue nos números 42, 43, 44)
- "Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz S. Paulo in Brasilien und deren Erhebung gegen ihre Bedrücker. Darstellt von dem ehemaligen Kolonisten Thomas Davatz. Chur, 1858", N° 28, 9. Juni 1858.
- "Die Kolonie Vergueiro nach den Untersuchungen von Brasilianischer Seite", Nr. 22, 28. Mai 1858 (segue nos números 23, 24, 25, 26).
- "Dona Francisca". Nr. 41, 14 October 1859;
- "Die Mission des Dr. J. Freiherrn von Tschudi", Nr. 11, 16. März 1860.
- "Die Zustände der Regierungs- und Privatkolonien in Brasilien am Ende des Jahres 1859", Nr. 35, 31. August; Nr. 36, 7. September; Nr. 37, 14 September 1860.
- "Die deutschen Ackerbau-Kolonien in Santa Catarina". Nr. 46, 18. November 1859. (segue nos números 47, 48, 49, 50)
- "Die Kolonie Philadelphia", Nr. 33, 17. August 1860.
- "Die Schweizer-Kolonisten in Brasilien und das Haus Vergueiro" (José Vergueiro), Nr. 17, 25. April; Nr 18, 2. Mai; 16. Mai 1862.
- "Brasilien. Kolonie Dona Francisca". Bericht des Hamburger Kolonisationsvereins für das Jahr 1862, Nr. 45, 7. November 1862;

Fotografias

As quatro fotos antigas da cidade de Rudolstadt foram feitas por Eduard Lösche, reproduzidas a partir do livro de Dieter Lösche, Lutz Unbehaun e Jens Henkel, *Schönes altes Rudolstadt*, Rudolstadt, Hain Verlag, 1994, e cedidas gentilmente pelo seu bisneto Dieter Lösche.